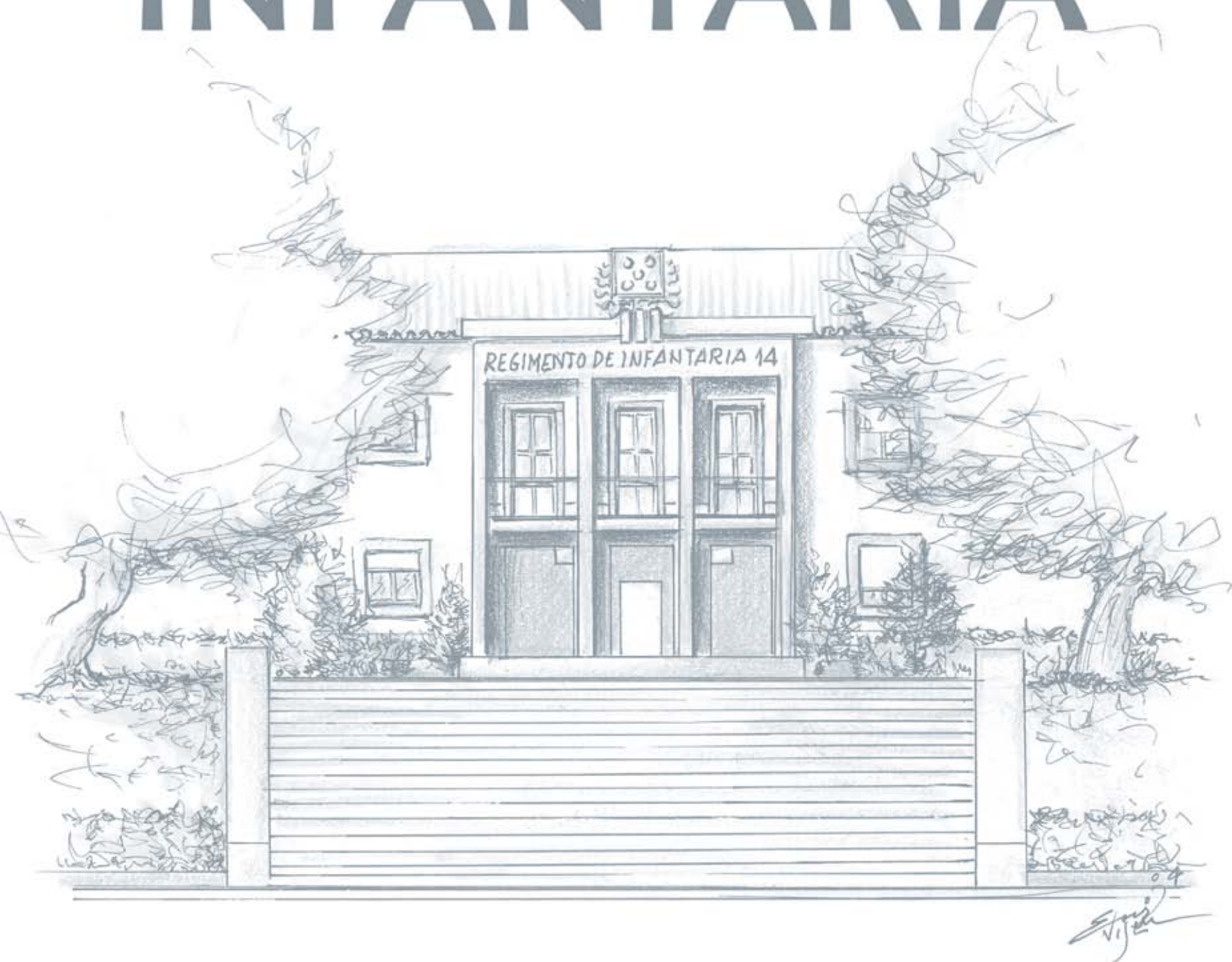


CVJA FAMA NINGVEM VIRA QUE DOME

O 14 DE INFANTARIA



O 14 DE INFANTARIA





FICHA TÉCNICA

O 14 de Infantaria

Edição	Regimento de Infantaria Nº14
Coordenação	Coronel de Infantaria Rui Moura
Colaboração	Major de Infantaria Anselmo Dias
Design	100SÍVELdesign
Impressão	Peres - Soctip
Tiragem	1200 exemplares
Depósito legal	301303/09
ISBN	978-989-20-1730-3

CD Daniel Silva

Outubro 2009

ÍNDICE

MENSAGENS

Mensagem do Comandante do Regimento de Infantaria Nº14, Coronel Rui Fernando Baptista Moura	9
Mensagem do Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército e Director Honorário da Arma de Infantaria, Tenente-General Mário de Oliveira Cardoso	11
Mensagem do Presidente da Câmara Municipal de Viseu, Dr. Fernando Ruas	13
Mensagem do Governador Civil do Distrito de Viseu, Dr. Alcídio Martins Faustino	15

HISTÓRIA DO RI14

Antecedentes	19
Guerra Peninsular (1801-1814)	23
Da Monarquia Liberal à Implantação da República (1815-1910)	41
Da Implantação da República à I Guerra Mundial (1910-1914)	51
I Guerra Mundial (1914-1918)	55
Entre Guerras (1919-1938)	73
II Guerra Mundial (1939-1945)	79
Anos 50	87
Guerra do Ultramar (1961-1974)	93
25 de Abril de 1974	107
De 1977 a 2009	113
Forças Nacionais Destacadas	119

ACTIVIDADE CONTEMPORÂNEA

131

HERANÇA DE PATRIMÓNIO HISTÓRICO E UNIDADES ANTECESSORAS COM LIGAÇÃO AO RI14

156

ESTANDARTES, GUIÕES E BRASÕES DE ARMAS

Estandarte Nacional	159
Estandartes e Guiões	163
Patrono do Regimento - Viriato	181
Brasões de Armas	185

PERSONALIDADES DO RI14

Militares do RI14 Mortos em Combate	189
Biografia de Personalidades do RI14	193
Galeria de Comandantes	209

O 14 DE INFANTARIA E OS SEUS QUARTÉIS PERMANENTES

219

O RI14 NA TOPONÍMIA VISEENSE

231

CORPO DE OFICIAIS E DE SARGENTOS DO RI14 EM 2009

243

AGRADECIMENTOS

247

BIBLIOGRAFIA

249

LISTA DE ABREVIATURAS

253



Coronel Rui Fernando Baptista Moura
Comandante do Regimento de Infantaria Nº14

O 14 de Infantaria

Os Regimentos são os mais antigos corpos militares de Portugal, organizados no início do século XVIII e descendentes dos Terços que tão brilhantemente garantiram a independência de Portugal na guerra que se manteve após a Restauração de 1640.

O que fica publicado neste livro é um registo precioso, do passado e do presente, do Regimento de Infantaria Nº14. Mas, dado que o Regimento se encontra sediado na região da Beira Alta desde 1842, é igualmente um repositório das tradições da Infantaria das Beiras. Dedicamos esta obra a todos os beirões para apreciarem como os Infantes de Viriato defenderam, combateram e morreram por Portugal, ao longo de séculos, e como hoje continuam a levantar bem alto o nome da Beira, de Portugal e do seu Exército, nas sete partidas do Mundo.

O historial do Regimento de Infantaria Nº14 regista um longo percurso, partindo de Portugal para os destinos mais longínquos, passando os seus militares, no decurso da sua existência, por Espanha, França, Angola, Moçambique, Guiné Bissau, Índia Portuguesa, Bósnia, Timor-Leste, Kosovo, Iraque, Afeganistão e Líbano. Os militares do Regimento de Infantaria Nº14, com o seu modo de actuação, adequado às diversas épocas e locais, mostraram-se sempre dignos de serem exemplo a seguir na sua lealdade e combatividade. O registo de actos heróicos, que são perpetuados na presente obra, permite percorrer mais de dois séculos da nossa história, abrindo caminhos, parece-nos, para outras investigações que poderão dar excelentes contributos para um melhor conhecimento do papel das Beiras na independência nacional.

A garantia da preservação da história dos nossos antepassados beirões foi obtida através de um despacho do General Chefe do Estado-Maior do Exército, de 11 de Fevereiro de 2009, fundamental para a nossa história como Corpo Militar. Este acto de profunda justiça e elevada importância, veio preencher um vazio legal que se verificava há 30 anos e recolocar no Regimento de Infantaria Nº14 as tradições militares e património histórico da Infantaria das Beiras. A história deste Regimento já de si brilhante e rica, enriqueceu-se ainda mais com esta herança, que nos enche de orgulho mas que nos aumenta a responsabilidade.

O historial da Infantaria Beirã pode, a partir de agora, ser devidamente preservado. Foi encontrado o local certo para registar a memória e tradições de unidades que combateram com elevado destaque durante a Guerra Peninsular, nas Batalhas do Buçaco e de Albuera, entre tantas outras, e que se destacaram de forma notável na Batalha de Vitória; participaram nas campanhas coloniais do fim do século XIX e princípio do século XX; combateram contra a Alemanha em Angola, Moçambique e Flandres, durante a I Guerra Mundial; prepararam milhares de combatentes e mobilizaram unidades para os teatros da Guiné, Moçambique e Angola, entre 1961 e 1974.

Para os Viriatos de hoje é uma honra e um orgulho prestar serviço, ao Exército e a Portugal, nesta unidade cheia de modernidade e inovação, que sabe hoje e saberá sempre preservar as memórias dos que nos antecederam, um Regimento “cuja fama ninguém virá que dome”



Tenente-General Mário de Oliveira Cardoso

Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército e Director Honorário da Arma de Infantaria

O 14 na Infantaria

País dos mais velhos do mundo, Portugal soube sempre transmitir às gerações vindouras o legado do carisma próprio, que nos diferencia dos outros.

Para isso foi incorporando no perfil do seu Povo as diferentes culturas de cada uma das nossas Regiões, de tal forma que essa amálgama é hoje perfeita no que é essencial sem que se tenha perdido a especificidade de cada uma.

Assim veio o RI14, de Tavira até Viseu, tendo nesse percurso, de mais de 400 anos, incorporado outras gentes de outras geografias mas todas bem Portuguesas, sendo hoje conhecido como a casa dos Infantes de Viriato, o seu Patrono, essa figura lendária e mítica que desde os bancos da nossa Escola Primária nos aparece como a imagem de homem livre e independente, corajoso, líder reconhecido e aceite, defensor da sua terra.

O Exército orgulha-se de continuar a poder contar no seu dispositivo com o Regimento das Beiras, cujo valor que começou a ser evidenciado no Buçaco, durante as Invasões Francesas; se foi afirmando em terras de França na I Grande Guerra; em Angola, Moçambique, Guiné e Índia Portuguesa em diversos períodos da nossa História mas em particular nas décadas de 1960 e 70 durante as campanhas do Ultramar Português; que continua hoje a ser uma constante de brio e valor nos Teatros de Operações de Timor, da Bósnia-Herzegovina e do Kosovo; que sempre, em todos os períodos críticos da nossa História recente teve uma participação afirmativa.

Ao Regimento de Infantaria **“cuja fama ninguém virá que dome”** presta homenagem, em nome de todos os Infantes, o Director Honorário da Arma de Infantaria.

A stylized, handwritten signature in black ink, appearing to read 'Mário'.



Dr. Fernando Ruas

Presidente da Câmara Municipal de Viseu

O RI14 e a cidade de Viseu

A cidade de Viseu conta no seu historial marcos assinaláveis que projectam a grandeza do seu passado. Nele se inscrevem figuras ilustres que enobrecem a sua memória colectiva. Gente de rija têmpera trilhou estas terras e deixou sinais de luta e de heroísmo. A valentia transmitida pelas sucessivas gerações enraizou-se no povo beirão e norteou os caminhos do futuro.

Entre as instituições que assumiram este lastro de galhardia impõe-se nomear o Regimento de Infantaria N.º14. Com antecedentes que remontam a inícios do séc. XIX, o RI14 é o herdeiro do património histórico da Infantaria das Beiras, não podendo por isso ser dissociado da região da Beira Alta e de Viseu. Instalado nesta cidade desde 1842, é a unidade regimental do Exército Português que se encontra sedeadada há mais tempo na mesma localidade.

No longo período de permanência das várias unidades em Viseu, o RI14 granjeou prestígio na cidade, mantendo, simultaneamente, uma ligação próxima com a população local. Os arquivos de história militar dão também conta da cooperação entre o Regimento e Poder Municipal, mostrando-se ambos, na respectiva esfera de acção, ao serviço da comunidade que pretendem servir. A sintonia de alguns objectivos tem levado, no exercício dos últimos mandatos, a uma conjugação de esforços, muitas vezes extensivos a actividades de carácter social e cultural, que me apraz registar.

Como presidente do município, associo-me com gosto à revitalização do rico historial deste Regimento. Com a actualização do registo narrativo pelo seu actual Comandante, dá-se continuidade ao notável relato do Capitão Balula Cid e divulga-se a intensa actividade operacional do RI14, sobretudo junto das novas gerações. Os relevantes serviços prestados à causa da democracia e da liberdade na Revolução de Abril, o seu papel como Centro de Instrução e as missões fora do território nacional, entre outras, tornam esta Unidade credora do apreço e respeito de todos nós.

Os laços estabelecidos entre o Regimento e a população viseense vão pois manter-se e reforçar-se. No eco do toque de alerta das sentinelas, permanece, simbolicamente, o pendor da capacidade técnica e da estrutura moral dos infantes de Viriato. Ciente dessa mística, continuar-se-á, estou certo, a fazer jus à sua divisa: **“cuja fama ninguém virá que dome”**.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Dr. Fernando Ruas', with a long, sweeping flourish extending downwards and to the right.



Dr. Alcídio Martins Faustino

Governador Civil do Distrito de Viseu

O RI14 e as Beiras

Esta obra não constitui apenas um registo histórico do Regimento de Infantaria Nº14. Ela traz ainda à estampa a mónada lusitana, inscrita e perpetuada na matriz genética do povo beirão. Nesta perspectiva, e tendo em linha de conta todo o historial daquela Unidade Militar, percebe-se que seja Viriato o seu patrono. Uma vez lido o livro, fica-se com a clara noção de que, com os sucessivos recrutamentos das gentes das Beiras, o RI14 foi garantindo para si a expressão maior da coragem e da bravura lusitanas, acrescida de uma permanente vocação para a liberdade e independência.

A região da Beira Alta foi mantendo com as Unidades de Infantaria nela sedeadas uma estreita relação, pelo que dificilmente se poderão dissociar as dinâmicas entre estas e aquela. Uma analepse secular remeter-nos-ia à primeira manifestação militar do patriotismo beirão, aquando da restauração da independência portuguesa e após sessenta anos de governação castelhana. Recrutamentos levados a cabo nas comarcas de Viseu e da Guarda trouxeram aos efectivos das unidades da Beira Alta uma heroicidade que tornou impenetrável a fronteira beirã, face às investidas das tropas espanholas.

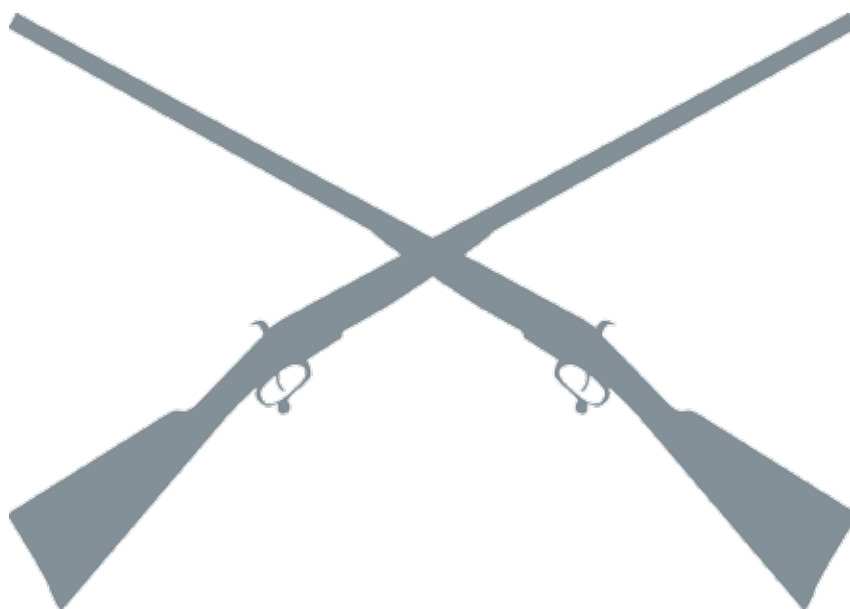
A partir daí, e bem reputada que se tornou a intrepidez beirã, cuja fama ninguém houve que se atrevesse a domar, não mais cessou a braveza militar das gentes da beira.

Foi assim na Guerra Peninsular, onde os exércitos franceses, sentiram a face da derrota, em 1810, no Buçaco, onde as Unidades de Infantaria recrutadas nas Beiras estiveram presentes; foi assim, ainda na Guerra Peninsular, que estas unidades fizeram parte do Exército Aliado que se bateu em combates sucessivos, com enorme galhardia, atravessando toda a Espanha e entrando em França, até Toulouse, entre 1811 e 1814; foi assim no fervilhar das lutas entre liberais e absolutistas, onde as forças beirãs, arregimentadas já com a actual designação (Regimento de Infantaria Nº14), se bateram pelo Governo na conhecida revolução da “Maria da Fonte”; foi assim na Primeira Guerra Mundial, em 1914, onde um batalhão destacado pelo RI14 veio a ocupar uma posição fundamental contra os alemães, na frente do Sul de Angola; foi assim na Flandres, em 1917, na qual uma Companhia do Batalhão de Infantaria 14 fez por merecer a Cruz de Guerra de 1.ª Classe, concedida por feitos em combate; foi assim na Segunda Guerra Mundial e na década de 50, em missões de soberania, com um serviço de notável determinação em Angola, Açores e na Índia Portuguesa; foi assim na Guerra do Ultramar, em luta contra a guerrilha, nas frentes de Angola, Moçambique e Guiné; foi ainda assim na Revolução de Abril, onde o RI14, se distinguiu por serviços relevantes prestados à causa da democracia e da liberdade, tendo por isso sido agraciado com a Ordem da Liberdade.

Hoje, em tempos de paz, o RI14 mantém acesa a mística beirã e esta, por sua vez, renova-se na intensa actividade de instrução e operacional do Regimento e na sua participação, desde o ano 2000, em missões de apoio à paz, em Timor, na Bósnia e no Kosovo e, no futuro próximo, no Afeganistão.

Em jeito manifestamente beirão, saúdo a Unidade com um profundo “BEM HAJA” por esta valiosa e pertinente edição.

14





Estátua de Viriato, Mariano Benlliure. Cava de Viriato, Viseu

Cabo-Adjunto Teixeira



ANTECEDENTES

O Regimento de Infantaria N.º14, de Tavira a Viseu, teceu páginas da história do Portugal que somos, que tanto nos engrandece e cujos feitos se perpetuam na contemporaneidade.

O Regimento de Infantaria de 1.ª linha N.º14 (Tavira) surge com esta designação pela primeira vez em 1806, por organização de 19 de Maio. Descende do mais remoto Terço do Algarve, datado de 1657. O então designado Terço do Algarve, que viria mais tarde a ser apelidado de Terço Velho do Algarve ou Terço de Faro, evidenciou-se nas campanhas da Restauração.

Pela reforma de 24 de Novembro de 1707, segundo os moldes de França, os antigos Terços passam a denominar-se Regimentos, designando-se cada um pelo apelido do mestre de campo ou terra em que fazia guarnição e tinha quartel permanente. Desde modo, surge naturalmente o Regimento de Infantaria de Faro.

Em 1762 o Regimento foi desdobrado em dois, o 1.º e 2.º Regimentos de Infantaria de Faro. Tendo sido novamente reagrupado, ficando com a anterior designação, em 1763.

A 7 de Dezembro de 1796 este Regimento dá origem ao Regimento de Infantaria de Tavira que adquire a designação de Regimento de Infantaria N.º14 em 1806.

Viseu e o seu passado Histórico Militar também não pode ser esquecido, tendo também a actual unidade uma longa ligação a esta região Beirã. De igual modo o actual RI14, descende das unidades na região da Beira Alta que, após Restauração de 1640, defenderam a fronteira Beirã das incursões de tropas espanholas – o Terço de Almeida (1642) e o Terço de Penamacor (1642) – ambos recrutavam nas comarcas de Viseu, Guarda e Castelo Branco.

Em 1762, o Regimento de Penamacor foi desdobrado, formando os Regimentos de Luís de Vasconcelos de Almeida Castelo-Branco e de Dennis Foulis, sendo novamente reagrupado em 1763.

Na mesma data, o Regimento de Almeida foi desdobrado, formando os Regimentos de Fernando da Costa de Ataíde e de Francis Mac-Lean, sendo reagrupado em 1763.



Soldado de Infantaria
da Legião Portuguesa
ao Serviço de França.
Granadeiro
(1808-1813)

Aquarela de Coronel
Ribeiro Arthur
Colecção AHM



No início do século XIX, por organização de 19 de Maio de 1806, estes Regimentos são numerados e dão origem aos Regimentos de Infantaria de 1ª linha Nº11 (Penamacor) e Nº23 (Almeida).

Estas unidades, RI11, RI14 e RI23, tal como as restantes do Exército Português, são extintas por ordem de Junot em 22 de Dezembro de 1807, mas restabelecidas e reorganizadas em 1808 pelo Marechal William Carr Beresford, comandante-em-chefe do Exército Português, sendo os três Regimentos mandados reunir em Viseu, Tavira e Viseu, respectivamente, e formalmente restabelecidos em 14 de Outubro de 1808.

Um Batalhão de Caçadores, designado por Batalhão de Caçadores da Beira foi, igualmente, mandado organizar em Viseu, em 20 de Junho de 1808, por ordem da Junta Provisional do Supremo Governo do Reino, do Porto. Pela reorganização de 28 de Outubro de 1808, este Batalhão foi incorporado no Exército com a designação de Batalhão de Caçadores Nº4.

O RI11 e o RI23 são mandados reunir em Viseu, segundo o edital de 30 de Setembro de 1808. Na outra ponta do Reino, também em 1808, eram reorganizados os antigos Regimentos de Infantaria Nº2 (Lagos) e Nº14 (Tavira), integrando a Brigada que ficou conhecida por Brigada do Algarve.

O RI11, RI14, RI23 e BC4 têm o seu baptismo de fogo na Batalha do Buçaco (1810) e distinguem-se posteriormente nas campanhas que expulsam os exércitos franceses da Península Ibérica – podem ser destacadas, entre outras, a participação nos três Sítios de Badajoz (1811-1812) e nas batalhas de Albuera e de Salamanca (1812), de Vitória, dos Pirinéus, do Nive e do Nivelles (1813), de Orthez e de Toulouse (1814).

Após o regresso de França o Regimento de Infantaria Nº11 foi destinado à cidade de Viseu, o Regimento de Infantaria Nº14 a Tavira, o Regimento de Infantaria Nº23 à praça de Almeida e o Batalhão de Caçadores Nº4 a Mértola, que passaram a ser os locais dos seus quartéis permanentes “pós-1820”.

As reorganizações pós 1820 não tiveram por base os números atribuídos pela reforma de 1806, cortando radicalmente com o passado histórico das unidades.



Soldado do 4º Batalhão de Caçadores (Beira), Companhia de Atiradores (1898)

Aquarela de Coronel Ribeiro Arthur - Coleção AHM



GUERRA PENINSULAR

(1801-1814)

Terminada a Guerra de 1801 contra a Espanha¹, a Infantaria de Portugal, tantas vezes gloriosa na série interminável dos combates que a imortalizaram, sai humilhada desta campanha, talvez a mais desastrosa da nossa História Militar.

Concluído o Tratado de Paz, em Madrid, 29 de Setembro de 1801, o Conde de Goltz², General Alemão contratado para servir em Portugal e o Comissário delegado do Governo junto do mesmo General, D. José Maria de Sousa Botelho³, mais conhecido por Morgado de Mateus, expõem ao Conde das Galveias, D. João de Almeida de Melo e Castro⁴, com clareza, o estado apavorante de vergonha e de ineficácia a que chegara o Exército Português. Perante o quadro desolador que lhe é apresentado o Conde das Galveias nomeia uma comissão de 9 Generais portugueses e estrangeiros para que estudem uma nova organização militar. Os estudos prolongam-se até 1806 e as propostas de reorganização sucedem-se, contudo, nada se resolve em definitivo.

1806 – O governo delibera adoptar o plano proposto pela comissão dos 9 Generais e assim, em 19 de Maio do mesmo ano⁵, o Exército é pela primeira vez organizado, mesmo em tempo de paz, em Divisões e Brigadas, e os Corpos das diversas Armas⁶ são numerados. O Exército regular forma assim 3 grandes Divisões: a do Norte, a do Centro e a do Sul, sendo cada uma constituída por 8 Regimentos de Infantaria, agrupados em 4 Brigadas, 4 Regimentos de Cavalaria e 1 de Artilharia, exceptuando a Divisão do Sul, que fica reforçada com mais um Regimento desta última Arma.

Na Divisão do Sul (que incluía as Beiras, parte do Alentejo e o Algarve), fazendo parte da 1ª Brigada de Infantaria, surgiu, pela primeira vez, e aquartelado em Tavira, o Regimento de Infantaria Nº14, tendo como unidade adjacente, nesta Brigada, o Regimento de Infantaria Nº2, aquartelado em Lagos. O Regimento de Infantaria Nº2 era conhecido como o “irmão de armas”, porque estes dois Regimentos combateram lado a lado pela liberdade do solo nacional, que a águia napoleónica tanto desejava suprimir, pelas regiões de Portugal, Espanha e França. Decidindo-se Napoleão Bonaparte a conquistar Portugal e acedendo a Espanha a

¹ Os espanhóis, superiormente comandados por D. Manuel Godoy, atacaram Portugal com uma força poderosa dando início a um tímido período da nossa história militar. Na sua primeira ofensiva, pelo Alto Alentejo, atacaram em Campo Maior, S. Vicente, Barbacena, Monforte e Arronches. Nesta última batalha a confusão foi tal que a Cavalaria portuguesa debandou na maior desordem, atropelando a Infantaria, acabando por fugir cada um para seu lado.

² Karl-Alexander von der Goltz, Conde de Goltz, nasceu em 20 de Agosto de 1739 e morreu em 15 de Novembro de 1818, em Altona (Alemanha).

³ D. José Maria de Sousa Botelho Mourão e Vasconcelos. Mais conhecido por Morgado de Mateus. Moço fidalgo da Casa Real, senhor e administrador dos morgados de Mateus, Sabrosa e outros vínculos; comendador da ordem de Cristo, conselheiro de fazenda, diplomata, etc. Nasceu no Porto a 9 de Março de 1758 e faleceu em Paris em 1 de Junho de 1825.

⁴ João de Almeida Melo e Castro, quinto conde das Galveias (Lisboa, 23 de Janeiro de 1756 — Rio de Janeiro, 18 de Janeiro de 1814). Diplomata e político, Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra no período de 23 de Julho de 1801 — 25 de Agosto de 1803.

⁵ CARVALHO, F. A. M. – Subsídios para a História dos Regimentos, p. 79

⁶ De acordo com esta organização não aparece referenciada nenhuma unidade em Viseu.



colaborar com a França nessa incursão militar, vários diplomas são publicados tendentes a completarem a organização de 1806⁷.

1807 – Na 1ª invasão, comandada por Junot⁸, não se encontram referências ao Regimento de Infantaria Nº14. Na realidade por Ordem do Príncipe Regente, futuro D. João VI, o Exército Francês foi recebido como amigo, como tal não se esboçou qualquer resistência significativa ao invasor e este, após a invasão, trata de desorganizar as forças armadas nacionais⁹.

1808 – Lançado o grito de revolta, em Junho desse ano, contra o tirânico Junot, as Juntas de Governo que se formaram nos focos revolucionários chamam imediatamente, às armas, os Soldados licenciados. Os homens aparecem facilmente, novos recrutas se apresentam, prontos a derramar o seu sangue pela terra que a tão pesada bota do Soldado francês espezinhava. A Junta Suprema decreta a formação das unidades de 1ª linha, extintas por Junot¹⁰. No Algarve a Junta local reorganiza os seus antigos Regimentos Nº2 (Lagos) e Nº14 (Tavira), conseguindo comprar espingardas e munições em Espanha, para armar os Soldados que acorrem a alistar-se. Escorraçadas as Tropas francesas de Portugal depois do combate da Roliça e da batalha do Vimeiro, e após a tristemente célebre Convenção de Sintra¹¹, desanuviou um tanto a atmosfera de opressão e sofrimento que durante longos meses reinara na terra Lusitana. Contudo, o país não podia descuidar-se, Napoleão, certamente, procuraria vingar o insucesso do seu General. Dá-se pois novamente atenção à estrutura militar de 1806, reorganizando-se novamente os Regimentos por Decreto de 14 de Outubro.

1809 – Em Fevereiro as forças francesas do Marechal Soult¹², para invadir Portugal, tentam passar o Rio Minho. Face às dificuldades de travessia, com oposição a partir da margem portuguesa, os Exércitos franceses vão subir a margem direita do rio e penetrar em Portugal pela veiga de Chaves, cidade que conquistam em 12 de Março. Soult entra no Porto mas sente que não tem potencial para continuar para Sul e ocupar Lisboa, fazendo entretanto frente ao Exército inglês e luso; para além disso na Galiza e no Norte de Portugal decorria uma intensa luta de guerrilha que minava as linhas de comunicações francesas. Sem reforços seria impossível aos franceses saírem vitoriosos de tal aventura. Nos primeiros dias de Março, chegou a Lisboa para assumir o comando das nossas Tropas, Guilherme Carr Beresford¹³ que, logo depois, recebe o título de Marechal General do Exército Português. Beresford imediatamente se dedica a completar a organização do Exército. É a partir dessa altura que, pelas Ordens do Dia emanadas do Quartel-General de Beresford, se podem recolher referências, algumas delas bem curiosas, respeitantes ao Regimento de Infantaria Nº14.

Um mês depois de Beresford ter tomado o comando do Exército, é a Brigada Portuguesa, constituída pelos Regimentos de Infantaria Nº2 e Nº14, comandada por um Oficial General português, e os dois Corpos respectivos, comandados igualmente por dois Coronéis bem portugueses, a primeira Brigada do exército que o Marechal louva na sua Ordem do Dia de 16 de Abril:

“O Marechal Commandante em Chefe não pôde deixar de manifestar publicamente a sua satisfação a respeito da boa apparencia, e estado de Disciplina da Brigada debaixo das Ordens do Marechal de Campo, José Lopes de Sousa, composta dos Regimentos Nº2 e Nº14, commandados pelos Coroneis Alexandre Magno de Oliveira e Antonio Hyppólito Costa, à qual Brigada o Marechal passou revista em Punhete¹⁴ no dia 15 do corrente. O Marechal reconhece com o maior

⁷ Os Regimentos de Infantaria tinham 2 Batalhões a 4 Companhias cada, num efectivo total de 1200 Praças.

⁸ Jean-Andoche Junot, General (Bussy-le-Grand, França, 23 de Outubro de 1771 — Montbard, França, 29 de Julho de 1813), duque de Abrantes.

⁹ Junot decretou que os 24 Regimentos de Infantaria fossem reduzidos a 6. Facultou-se o licenciamento aos Soldados casados e aos que contassem menos de um ano de alistamento. Muitos desertaram, não querendo servir sob as ordens dos franceses. Para piorar a própria situação, Junot forma a Legião Portuguesa que seguiria mais tarde para França, sob a chefia do Marquês de Alorna e do General Gomes Freire de Andrade, com Praças dos seguintes Regimentos: 2, 3, 5, 8, 14, 17, 20 e 22, num efectivo total de 9000 homens.

¹⁰ Em Viseu são organizadas as seguintes unidades: Infantaria 11 e 23, Cavalaria 11 e o Batalhão de Caçadores da Beira.

¹¹ A Convenção de Sintra, foi um acordo entre Inglaterra e França, assinado no Palácio de Queluz a 30 de Agosto de 1808, que encerrou a primeira invasão francesa a Portugal. Permitiu-se a retirada das tropas francesas, embarcadas em navios ingleses, transportando as suas armas, bagagens e o produto dos saques efectuados em Portugal. Os ingleses ganhavam o controlo da capital, Lisboa, e da linha de defesa da barra do rio Tejo, sem necessidade de combate.

¹² Nicolas Jean de Dieu Soult, Marechal do Império (29 de Março de 1769, Tarn — 26 de Novembro de 1851), duque da Dalmácia, militar e político Francês. Ocupou o cargo de primeiro-ministro.

¹³ William Carr Beresford (Irlanda, 1768 — 8 de Janeiro de 1854), militar britânico, Marechal-General do Exército português. Foi comandante em chefe do Exército Português durante toda a Guerra Peninsular, a partir de Março de 1809 e até à revolução liberal de 1820, gozando igualmente de poderes de governação dada a ausência da Corte Portuguesa, refugiada no Brasil (1808-1821).

¹⁴ Constância.



Mapa da batalha do Vimeiro - realizado pelo Alferes Serpa Corte Real por ordem do Coronel Ribeiro Arthur (1908)

Museu do RI14

gosto, que a excellente disciplina dos referidos Corpos he hum sinal de zelo, sem a qual jamais poderia existir Tropa disciplinada, e que a boa apparencia dos Soldados a todos os respeitois foi crédito, tanto a estes, como aos seus Officiaes. O Marechal, dando ao Marechal de Campo esta prova de sua satisfação, lhe recommenda que haja de a communicar aos Commandantes de ambos os mencionados Corpos, para que elles a fação conhecer aos Officiaes, e Soldados, que os compõem”.

No Norte do país, as forças de Bernardim Freire¹⁵, Silveira¹⁶ e Sepúlveda¹⁷, nas regiões de entre Douro e Minho e de Trás-os-Montes resistem, não só aos ataques de Soult como provocam baixas significativas e problemas acrescidos às forças francesas através de acções de guerrilha. O Marechal Beresford, tendo sob o seu comando as Tropas regulares, estaciona entre o Tejo e o Mondego, receando um ataque do Marechal Victor¹⁸ pelo Sul. As suas forças estão divididas em Brigadas, colocadas pela ordem seguinte, da direita para a esquerda:

¹⁵ Marechal de Campo Bernardim Freire de Andrade (Lisboa, 1759 - Braga, 18 de Março de 1809). Morto nas ruas de Braga pela população em revolta, durante a 2ª Invasão Francesa, sob a falsa acusação de colaboracionismo com o invasor.

¹⁶ Marechal Francisco da Silveira Pinto da Fonseca (Canelas 1763 - Vila Real 1821), o heróico defensor da ponte de Amarante e um dos primeiros oficiais a derrotar as tropas de Napoleão. Foi um dos precursores da guerra de guerrilhas através da utilização que fez das milícias e das tropas irregulares portuguesas contra os soldados franceses.

¹⁷ Manuel Jorge Gomes Sepúlveda (Bragança 1744), governador das armas da província de Trás-os-Montes, iniciou o movimento de resistência ao invasor francês.

¹⁸ Claude-Victor Perrin, dito Victor, Marechal do Império, (La Marche, Vosges, 1764 - Paris, 1841), duque de Bellune.



Farda de soldado do RI14 na Guerra Peninsular (plano de Uniformes de 1806)

Museu do RI14

¹⁹ Arthur Colley Wellesley, 1.º Duque de Wellington (Dublin, 29 de Abril de 1769 — Kent, 14 de Setembro de 1852), Marechal e político britânico, primeiro-ministro do Reino Unido por duas vezes.

²⁰ Louis-Henri Loison (Damvillers, 13 Maio de 1771 - Liège, 30 Dezembro de 1816) General e Conde. Em finais de 1807 foi nomeado comandante da 2ª Divisão do Corpo de Observação da Gironde. Foi o Oficial encarregue das expedições punitivas contra as populações insurrectas, tendo ficado conhecido pelo “Maneta”, por não ter braço esquerdo, perdido em 1806 num acidente de caça. Esteve presente nas três invasões francesas a Portugal.

Marechal de Campo Manuel P. Bacelar	1 Batalhão do Regimento de Linha Nº9 (Viana) 2 Batalhões do Regimento de Linha Nº11 (Viseu)
Brigadeiro Mousinho	Milícias de Miranda Milícias de Vila Real Milícias de Chaves
Brigadeiro Silva	2 Batalhões do Regimento de Linha Nº12 (Chaves) 2 Batalhões do Regimento de Linha Nº24 (Bragança) Milícias de Bragança Milícias de Moncorvo
Marechal de Campo José Lopes Sousa	2 Batalhões do Regimento de Linha Nº2 (Lagos) 2 Batalhões do Regimento de Linha Nº14 (Tavira)

Tendo Soult ocupado a segunda cidade do país e juntamente com ela uma das suas mais ricas províncias, Wellesley, duque de Wellington¹⁹, e Beresford, à frente, respectivamente, dos Exércitos Inglês e Português, concentram em Coimbra, a 3 de Maio, 25000 homens. Materializa-se então o seguinte plano: Wellesley dirige-se para o Porto pela estrada de Coimbra e Beresford encaminha-se para Viseu com uma Divisão, chegando à cidade de Vriato a 7 de Maio. Parte de Viseu em direcção a Lamego, onde ordena às Brigadas dos Marechais de Campo Bacelar e Lopes de Sousa (Regimentos Nº2 e Nº14) que atravessem o Douro na Régua, o que os mesmos fazem, repelindo o General Francês Loison²⁰ para Amarante.

Tendo os Franceses evacuado esta vila, Beresford ocupa-a com as suas Brigadas e dirige-se para Chaves dia 15. A maior parte das suas forças já tinha iniciado a marcha na véspera. O mau tempo, as copiosas chuvas que caem sobre a região e o péssimo estado dos caminhos e estradas obrigam a Brigada do Marechal de Campo José Lopes de Sousa a atrasar-se, não conseguindo reunir as tropas em Chaves no dia 16 conforme Beresford tinha planeado. Indignado perante tal situação e sendo um enérgico disciplinador, publica, na sua Ordem do Dia de 20 de Maio, áspera censura e uma severa punição à Brigada composta pelos Regimentos de Infantaria Nºs 2 e 14, que se passa a transcrever:

“A Brigada do Algarve, composta dos Regimentos Nºs 2 e 14, os quaes estando em boa disciplina antes do principio da marcha, não merecem desculpa alguma pela sua conducta a mais irregular, e vergonhosa, que os punha inteiramente fóra do estado de se mostrarem ao inimigo; e o que o Marechal póde dizer destes dous Regimentos he, que depois do Amarante, á medida que se aproximavão ao inimigo, era menor o seu desejo de avançar, e hontem não fazião mais do que demorar a Brigada da retaguarda, e impedila de avançar. O Marechal tomará bastante cuidado em punir estes dous Regimentos pela sua conducta: e ordena ao Marechal de Campo José Lopes de Sousa, que até nova determinação em toda a parte, onde se achar esta Brigada, a faça marchar todos os dias que chover a duas léguas do seu Quartel, e voltar para o mesmo Quartel, não permitindo aos Soldados nestas marchas, que se cubrão com os seus capotes; e fará que marchem na melhor ordem, e que os Officiaes marchem no seu lugar, e que estes tenham energia sufficiente para verem, e cuidarem, em que os Soldados não se apartem das suas filas, e fileiras, e não haverá nenhuma promoção nos Officiaes destes Regimentos, até que o Marechal veja, que elles fazem o seu dever, e que dão exemplo, e que obrigão os seus Soldados ao menos a não temerem a chuva; porque o Marechal não póde pôr huma grande confiança em Soldados, que não sómente temem molharem-se, mas que absolutamente se não atrevem a expôr-se a isto,



Estandarte do Regimento de Infantaria Nº14 na Guerra Peninsular com o escudo real de D. João, Príncipe Regente

Museu do RI14

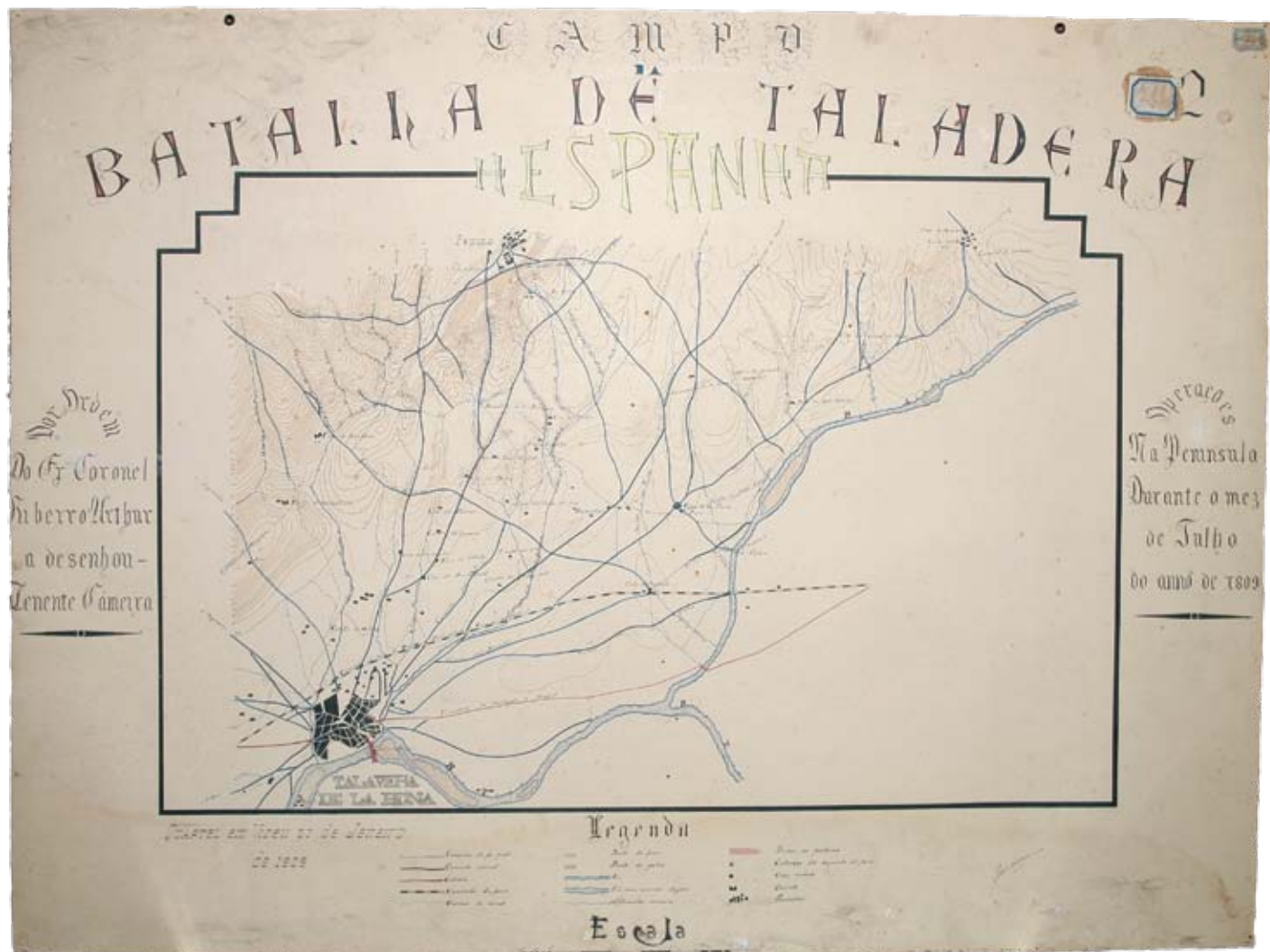
*e taes se tem mostrado os destes dous Regimentos. Estes dous Regimentos não serão mesmo mandados contra o inimigo, que depois do Marechal ter a segurança de que ousam arrostar-se á chuva, e ao máo tempo, e até esta época elles não lhe servirão senão de pezo, ainda que lhe faz a justiça de dizer, que emquanto fazia sol, elles mostravão bastante ardor para se medirem com o inimigo; porém o Marechal tem precisão de Soldados, que não se abatão com o máo tempo.*²¹

Esta censura de Beresford à Brigada do Algarve parece, em boa vontade, uma sequência da sua má disposição, devido aos seus planos terem sido frustrados não conseguindo cortar a retirada a Soult. Tanto assim que, apesar de na sua Ordem do Dia ter colocado quase na inactividade a Brigada expiatória, Wellesley determina que todo o Exército Anglo-Luso volte para Coimbra, exceptuando uma Divisão que manteve no Norte às ordens do General Silveira para observação da fronteira e, nesta Divisão, aparece-nos a Brigada do Algarve parte de uma força que tem uma missão de responsabilidade a cumprir, já que na Galiza estavam forças francesas em número considerável. Em Julho, encontrando-se a Brigada do Algarve em Chaves, o mau cheiro dos cadáveres insepultos e uma doença epidémica que grassava entre os franceses, provocam a morte a 200 dos seus Soldados.

Depois da batalha de Talavera de la Reyna (28 de Julho), Wellesley inicia a retirada do Exército Inglês para Portugal a 3 de Agosto. Beresford, prevenido de que as Tropas de Soult tinham efectuado um deslocamento em direcção à Extremadura espanhola com a finalidade, possivelmente, de cortarem a retirada a Wellesley, resolve sair das suas posições de Águeda²²

²¹ Não há dúvida de que Beresford se encontrava de péssimo humor. Soult conseguira retirar para Espanha em virtude do mau tempo não ter permitido que o Brigadeiro Silveira se interpusse entre o inimigo e a fronteira. Beresford, sim, foi o principal culpado pela demora que teve em Lamego e Amarante, 4 e 3 dias respectivamente, sem motivo plausível. Se Beresford previsse o futuro, não censuraria tão violentamente uma Brigada que tanto havia de louvar nas suas futuras Ordens do Dia.

²² O Regimento de Infantaria Nº14 já se encontrava nestas posições.



Mapa da batalha de Talavera de la Reyna - realizado pelo Tenente Cameira por ordem do Coronel Ribeiro Arthur (1908)

Museu do RI14

e atrair a si o movimento do Marechal Soult. Atravessando a Serra da Gata, chega a Moralejo e assenta arraiais nas fraldas da Serra desde 14 a 16 de Agosto.

Na sequência das diferentes Batalhas com os franceses verificou-se que estas consistiam em três fases:

- Fixavam o inimigo em toda a sua extensão, compelindo-o a empenhar as reservas;
- Efectuavam um ataque torneante sobre a ala mais próxima do eixo de retirada do adversário;
- Por fim atacavam com a reserva sobre toda a frente onde a acção anterior tinha provocado uma zona de menor resistência a fim de conseguir uma rotura.

A Brigada do Algarve, sob o comando do Coronel Lecor, que depois é substituído pelo Coronel Agostinho Luís da Fonseca, instala-se em Venta de Valle de Cavallo, a meio caminho de Moralejo e Zarza, importante nó de comunicações que vem dar a Portugal. Passado o perigo para Wellesley, Beresford entra em território Luso e os Corpos vão ocupar vários quartéis, ficando o Regimento de Infantaria N°14 aquartelado em Torres Novas. Pela Ordem do Dia de 29 de Setembro, a constituição das Brigadas é alterada, passando os Regimentos de Linha N°s 2 e 14 a formar a 2ª Brigada comandada pelo Brigadeiro Agostinho Luís da Fonseca. Mesmo



na estação invernosa, os Corpos não se deixaram adormecer nos seus quartéis perdendo energias e valor. A instrução intensificou-se dentro dos mais modernos princípios tácticos que um novo regulamento preconizava. Beresford inspeciona frequentemente as unidades e assim, em 22 de Dezembro, a Brigada do Algarve é submetida à visita sempre rigorosa do Marechal. Desta inspecção resulta o louvor que transcrevemos da sua Ordem do Dia de 23 de Dezembro:

“O Marechal, Commandante em Chefe do Exercito, vio hontem a Brigada composta dos Regimentos de Infantaria N.º 2, e N.º 14, que se acha debaixo das immediatas Ordens do Tenente Coronel Mesurier, e tanto na disciplina, e exercicio debaixo d’armas, como na apparencia da Tropa, e cuidados empregados na economia interior destes Corpos, elles não cedem a nenhum dos mais, que tem visto, e os Officiaes, e Soldados merecem a approvação do Marechal. Os dois Regimentos tem permissão de darem licença a oito homens por Companhia, e por causa da grande distancia em que se achão dos seus lares, esta licença será de vinte e seis dias. O numero de homens licenciados he em proporção da força destes Regimentos com a dos que tem merecido mais a approvação do Marechal. A boa conducta destes Regimentos, e o seu estado de disciplina, lhes dão merecimento, para que o Marechal lhes suspenda todas as consequências da 1.ª Ordem de 20 de Maio ultimo, e terá grande prazer de recomendar a S. A. R. a Promoção dos Officiaes destes Corpos que tanto tem sabido merecer isto.”²³

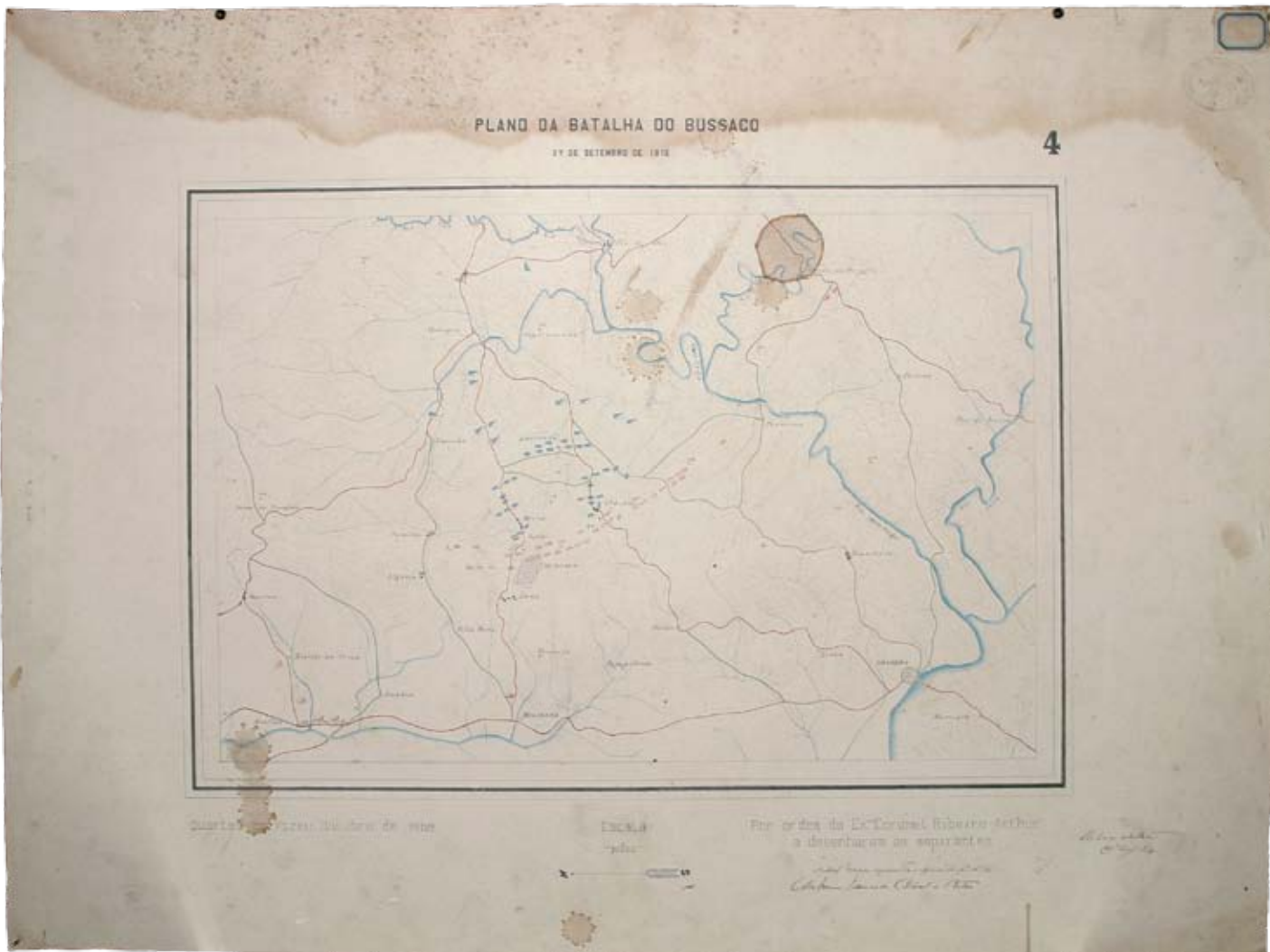
1810 – Libertado o país das Divisões de Soult em meados de 1809, novas medidas se tomaram para uma melhor organização militar, pois a ambição de Napoleão estava longe de se extinguir. Os Regimentos de Infantaria são agrupados em doze Brigadas e os Batalhões de Caçadores em três. Neste conjunto a Brigada N.º 2, sob o comando do Brigadeiro Agostinho Luís da Fonseca, é constituída pelos Regimentos de Infantaria N.ºs 2 e 14. Em Março, Wellington, comandante em chefe do Exército Anglo-Luso, julgando como mais provável uma 3ª invasão pela Beira-Alta, começa a dispor as suas forças em consonância com o seu plano defensivo.

Nem só de enigmas tácticos se deparavam os oficiais ingleses, Beresford difundiu nas suas Ordens do Dia a sua preocupação em transmitir um sentido de coesão, união e disciplina. A fim de uniformizar o Exército, foram enunciadas, em 12 de Abril de 1810, as características dos uniformes adaptados e manifestava a esperança em que os senhores oficiais uniformizem os seus uniformes. No entanto, menos de um ano depois, em 4 de Março de 1811, uma nova ordem recordava o conteúdo das anteriores e constata que, apesar delas os oficiais continuavam a vestir-se de todos os modos que a fantasia desejava, uns andavam de jaleco, outros de vestuário comprido, uns de chapéu, outros de barretina e a cor do vestuário era da maior variedade.

Em Maio um Corpo de 14 180 combatentes, tendo como comandante o General Hill, observava o Tejo. Destas forças, fazia parte a 2ª Brigada (RI2 e RI14) comandada pelo Major General John Hamilton, integrada na Divisão Portuguesa²⁴. A Brigada de Hamilton recebe a missão de operar nas fronteiras do Alentejo e Extremadura Espanhola, para o caso de forças francesas por ali tentarem penetrar em nosso território. A 24 de Julho, Loison acabava de atravessar a fronteira a Leste de Almeida e Wellington distribui novamente as suas forças a 29 de Julho, ficando a 2ª Brigada postada nas imediações de Castelo Branco. Com a rendição da Praça de Almeida, Massena avança para Viseu e daqui para Santa Comba Dão e Mortágua. A 27 de Setembro, fere-

²³ Só passados 7 meses é que foi levantada a penitência a esta Brigada.

²⁴ No Corpo de Hill estavam compreendidas duas Divisões de Infantaria: uma inglesa e outra portuguesa.



Mapa da batalha do Buçaco -
realizado pelos Aspirantes Manuel
Pereira e Cabral Costa por ordem do
Coronel Ribeiro Arthur

Museu do RI14

se a batalha do Buçaco e o Regimento de Infantaria N.º14, comandado pelo Tenente-Coronel Hawilland Le Mesurier, num efectivo de 1373 Praças, está presente na acção.

A Brigada N.º2 ocupava a cumeada mais próxima de Montalvo, na ala direita do Exército Anglo-Luso. O Regimento de Infantaria N.º14 não teve perdas. Depois desta brilhante vitória sobre as forças francesas, o Corpo de Hill²⁵ retira e chega a Alhandra onde ocupa posições, fazendo parte do sistema defensivo das Linhas de Torres Vedras. Todo o Exército Anglo-Luso fica dentro destas esplêndidas e bem estudadas posições, no dia 8 de Outubro e neste mesmo mês um ataque de Soult²⁶ a Alhandra é repellido vigorosamente pelas tropas de Hill. Frente a frente permanecem os dois Exércitos desde meados de Novembro até aos primeiros dias do mês de Março de 1811. Ainda em Novembro de 1810, adoecendo Hill, Beresford assume o comando do seu Corpo e Wellington determina-lhe que passe à margem esquerda do rio Tejo, a fim de proteger qualquer incursão inimiga que atravessasse aquele rio a nascente.

1811 – A 5 de Março, Massena iniciou a sua retirada de Portugal, onde tantos reveses tinha sofrido, o “filho querido da vitória”²⁷ sai sob o peso da derrota. Beresford e as suas forças

²⁵ Lembramos que neste Corpo está incluída a 2.ª Brigada (Brigada do Algarve).

²⁶ Soult nesta invasão vinha subordinado a Massena.

²⁷ Epíteto de Napoleão para nomear Massena, um dos seus melhores Marechais.



chegam a Portalegre a 22, retomam Campo Maior às tropas de Mertier em 25 e dirigem-se para Albuera em 11 de Abril.

De 9 a 15 de Abril, o Regimento de Infantaria N°14 faz parte das forças que sitiavam Olivença. Estabelecendo Beresford o seu primeiro cerco à Praça de Badajoz, desde 5 de Maio até 16 do mesmo mês, Soult acorre em socorro daquela praça-forte vindo de Sudeste. Beresford decide aceitar batalha na posição de Albuera onde se trava a mais porfiada luta de quantas se pelejaram na Península. John Hamilton, comandante da Divisão Portuguesa, ocupa a 2ª linha onde se encontrava a Brigada do Algarve sob o comando do Brigadeiro Fonseca. O Regimento de Infantaria N°14, comandado pelo Tenente-Coronel James Ward Oliver, num efectivo de 1204 homens, teve nessa batalha 2 soldados mortos. Beresford, na sua Ordem do Dia de 31 de Maio, fez justiça às tropas portuguesas pela sua acção em Albuera, dizendo:

“O Major General Hamilton, e a Tropa Portuguesa merecem todo o louvor, a disciplina era tudo o que ella precisava, para com o seu valor natural se pôr ao nível das melhores Tropas; actualmente já se acha nesta classe”.

Depois desta batalha, a Divisão de Hamilton marcha sobre Badajoz onde faz uma demonstração de assalto a esta praça de guerra. Aqui permanece o Regimento de Infantaria N°14, de 19 de Maio a 17 de Junho, regressando depois a Portalegre²⁸. No assalto à praça de Badajoz é ferido em combate o comandante do Regimento, o Tenente-Coronel James Oliver²⁹, vindo a falecer mais tarde dos ferimentos sofridos e sepultado em Elvas dentro das muralhas.

1812 – Em Janeiro, a Divisão Portuguesa sob o comando o Marechal de Campo Carlos Frederico Lecor, toma parte nas operações de assalto a Ciudad Rodrigo. A 6 de Abril, a 2ª Brigada de Infantaria, comandada pelo Brigadeiro António Hipólito da Costa, coopera no cerco e tomada de Badajoz³⁰, o mais mortífero que os aliados realizaram durante a campanha peninsular, combatendo-se nele mais rudemente que em qualquer outro. O cerco foi um dos mais sangrentos das guerras peninsulares e a vitória foi considerada muito custosa, resultando na perda de, aproximadamente 3000 Soldados em poucas horas de combate.

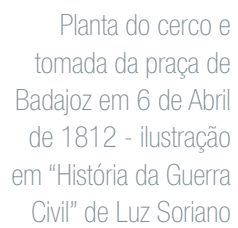
Todo o Regimento de Infantaria N°14, comandado pelo Tenente-Coronel João MacDonald, se emprega neste sítio, com um efectivo de 1140 homens, ficando depois a fazer parte da guarnição de Praça. A 23, Wellington passa revista às tropas de Hill. A 19 de Setembro inicia Wellington o cerco ao castelo de Burgos, fazendo parte das suas tropas o Corpo de Hill. Não sendo bem sucedido teima inutilmente em expor os seus valentes Soldados a repetidos assaltos, sendo os portugueses os mais sacrificados. A 19 de Outubro ordena o último ataque ao castelo, que é repellido pela guarnição da fortaleza. Finalmente, ao saber que as forças inimigas vinham a caminho para reforçar a guarnição dos sitiados, levanta o cerco e retira sobre Carrion, próximo de Placência, sempre perseguido pelos franceses que o procuram atacar de flanco. Esta retirada ficou célebre pelas enormes dificuldades superadas e passou à História com o nome de “Retirada de Burgos”. A Divisão de Hamilton porta-se de tal modo excepcional nesta operação, sempre difícil de realizar, que Beresford na sua Ordem do Dia de 17 de Janeiro de 1813 não pode deixar de referir:

“O Marechal Beresford, Conde de Trancoso, elogia a Divisão de Sua Excelência o Tenente General John Hamilton, pois que a Brigada composta dos Regimentos N.º 2, e 14, commandada pelo Sr.

²⁸ Neste acometimento a Badajoz faleceu por ferimentos em combate o Tenente Rodrigo José de Melo, do Regimento de Infantaria N°14.

²⁹ O Tenente-Coronel James Ward Oliver era Capitão no 4º Regimento de Infantaria (*The King's Own Royal Border Regiment*) até 1809, promovido a Major no Estado-Maior do Exército e em seguida a Tenente-Coronel, comandante do 14º Regimento de Infantaria Portuguesa. Comandou este Batalhão na batalha de Albuera, bem como no segundo assédio de Badajoz onde recebeu ferimentos dos quais veio a falecer em Elvas em 17 de Junho de 1811. Teve uma carreira activa, servindo na América, nos Países Baixos, em Hanôver, em Copenhaga, em Espanha, na Suécia e em Portugal.

³⁰ Badajoz era guardada por 5000 soldados franceses sob as ordens do General Philippon. Tinha mais protecção que Almeida ou Ciudad Rodrigo, possuindo uma muralha repleta de baluartes e pontos fortes. Após o sangrento assalto as tropas britânicas saquearam a cidade com enorme selvajaria fazendo, de acordo com relatos da época, mais de 5000 mil mortos entre a população civil, vários oficiais ingleses que tentaram parar a carnificina foram igualmente mortos.





*Brigadeiro Antonio Hypolito da Costa, não teve quase nenhuma baixa na marcha do Exercito Aliado entre Burgos e o Agueda*³¹.

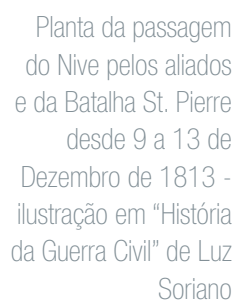
Com o Inverno, a Divisão de Hamilton aquartelou-se no Alentejo.

Terminava assim a campanha de 1812.

1813 – Ao iniciarem-se as operações deste ano, Wellington conhecedor do óptimo comportamento em combate do Corpo de Hill, chama-o a si para que o mesmo constitua a sua ala direita. Entram as forças Anglo-Lusas em Espanha por Valência de Alcântara (29 de Abril) e avançam sobre Salamanca sem que os franceses lhes oponham qualquer resistência. Em 19 de Junho, acercam-se as Tropas Aliadas de Vitória e, na manhã de 21, inicia Wellington o ataque àquela cidade, derrotando completamente as Tropas Francesas. O Regimento de Infantaria Nº14, comandado pelo Tenente-Coronel João Mac Donald, com um efectivo de 1584 homens, não teve qualquer perda. Depois desta derrota, o domínio francês em Espanha fica reduzido às praças de Pamplona e S. Sebastião e a alguns fortes na Catalunha e Valência. Para esmagar completamente o poder do audacioso Napoleão, Wellington resolve atacar o inimigo na própria França, mas para isso tem de reduzir as duas fortalezas de Pamplona e S. Sebastião. Coube, pois, à Divisão do Tenente-General Conde de Amarante, de que fazia parte o Regimento de Infantaria Nº14, a glória de ser ela a que, a Norte de Espanha, primeiro pisou território francês em 7 de Julho, travando combate com o inimigo em Porto da Maia. A 25 de Julho, a Brigada do Algarve entra no combate do Porto de Ariete e, seguidamente, o Regimento de Infantaria Nº14 coopera no cerco a Pamplona. Napoleão envia Soult com um Exército de 85000 homens com o fim de desbloquear aquela Praça. Wellington, que se encontrava cercando S. Sebastião, acorre a Pamplona onde concentra todas as suas forças, travando-se luta de 28 a 30 de Julho. Os desfiladeiros de Souaren são defendidos energicamente pela 2ª Brigada da Divisão do Tenente-General Conde de Amarante. Todo o Regimento de Infantaria Nº14, comandado pelo Tenente-Coronel João Mac Donald, entra na acção repelindo à baioneta os atacantes. Perdas: 24 mortos (1 Oficial e 23 Soldados), 41 feridos (5 Oficiais, 1 Oficial Inferior e 35 Soldados) e 19 extraviados. É ferido nesta batalha, que também ficou conhecida por batalha dos Pirinéus, o próprio comandante do regimento. A informação do Tenente-General Britânico Rowland Hill prestada ao Comando Superior, exprime do seguinte modo o óptimo comportamento das Tropas Inglesas neste combate:

“O major general Pringl com a brigada do major general Walker, sob o tenente coronel Fitzgerald do regimento 60, sustentado pelo regimento 34 e regimento 14 português, opoz-se á subida do inimigo pela cordilheira na esquerda da posição e da maneira mais galharda repulsou-o repetidas vezes; e ainda que ultimamente não lhe pôde impedir-se que subisse a cordilheira, por um movimento mais distante, as nossas tropas conservaram firmemente o seu terreno, e quando se lhes ordenou a retirada a fizeram debaixo do commando do major general Pringl, com a maior regularidade e com pequena perda, cobertas por um batalhão do regimento 14 portuguez, sob o tenente coronel M'Donel; do comportamento d'este official e da firmeza do seu regimento falla o major general em termos de maior louvor... a brigada do coronel Ashworth – regimentos de infantaria.ºs 6 e 18, batalhão de caçadores n.º 6 – atacada tambem n'esta posição por uma força superior, resisitiu ao ataque com a maior firmeza e repulsou o inimigo ante si com a bayoneta calada e conservou o seu terreno por todo o tempo que julgou prudente faze-lo; e um batalhão da brigada do brigadeiro general Costa – Antonio

³¹ Salientou-se nesta acção o ajudante de cirurgia do Regimento de Infantaria Nº14, Pedro José de Aragão, o qual, vencendo inúmeras dificuldades, conseguiu retirar de Morato a ambulância da sua Brigada, não permitindo que os franceses aprisionassem 54 doentes que ali se encontravam hospitalizados.





Hypolito Costa, regimentos de infantaria n.ºs 2 e 14 – manteve a cordilheira na direita da posição até ao último momento, cobrindo a formação das tropas no terreno que se lhes mandou tomar: o inimigo tentou forçar o ponto, mas foi reppellido pelo brigadeiro Costa, e finalmente, arrojado pela montanha abaixo à ponta da bayoneta, por aquelle batalhão, parte da brigada do coronel Ashworth e um pequeno destacamento do regimento 28.”

Diz a Ordem do Dia de 11 de Agosto:

“O Marechal Berersford, Marquez de Campo Maior felicita Sua Excellencia o Sr. Tenente General Conde de Amarante pela brilhante conducta da sua Divisão, e porque as suas Brigadas, ainda que separadas, se comportarão de modo, que parecião rivalisar entre si, sobre qual havia de mostrar melhor conducta, e ganhar mais honra. O Sr. Marechal, tendo feito ao Sr. Brigadeiro Archibaldo Campbell os mais altos elogios da sua Brigada, tem a satisfação de dizer, que a Brigada do commando do Sr. Brigadeiro Antonio Hypolito Costa, Regimentos de Infantaria N.º 2, e 14 debaixo das ordens immediatas de Sua Excellencia o Sr. Tenente General Conde de Amarante, não mereceo menos os elogios do Sr. Marechal. O mesmo Sr. Tenente General receberá por isto os seus agradecimentos, e terá a bondade de os dar ao Sr. Brigadeiro Antonio Hypolito Costa e aos Officiaes Inferiores, e Soldados da valorosa Brigada do Algarve.”³²

Em 1 de Outubro a Brigada do Algarve toma parte no combate da Banca. As Tropas Anglo-Lusas, progredindo na sua marcha, transpõem o rio Nivelles, travando a batalha do mesmo nome a 10 de Novembro. O Regimento de Infantaria N.º14, pertencente à 2ª Brigada comandada por João Buchan, coopera no máximo do seu efectivo, 1198 homens, na acção, entrando somente em combate as companhias de granadeiros e algumas de atiradores. O Regimento era comandado pelo Major Jacinto Alexandre Travassos e a força em fogo esteve sob as ordens do Tenente-Coronel de Infantaria João Gomersall. Perdas: 8 Soldados mortos, 6 feridos e 5 prisioneiros ou extraviados.

Na Ordem do Dia de 25 de Novembro, Beresford elogia a 2ª Brigada pela batalha de 10 de Novembro e pede ao Tenente-General John Hamilton que lhe transmita o seu contentamento, extensivo a todos os oficiais da Divisão do seu comando.

A 9 e 13 de Dezembro, transpõem as Tropas Aliadas as águas geladas do rio Nive, lutando contra os franceses e contra o frio de mais um rigoroso Inverno. O Regimento de Infantaria N.º14, fazendo parte da Brigada do Algarve novamente sob o comando do Brigadeiro Hipólito Costa, já restabelecido das suas feridas, entra em combate num efectivo de 1059 homens. Perdas: 54 mortos (2 Officiais, 2 Officiais inferiores e 50 Soldados), 72 feridos (4 Officiais, 2 Officiais inferiores e 66 Soldados) e 6 prisioneiros ou extraviados (1 Oficial Inferior e 5 Soldados)³³.

Por estes números é fácil verificar como a luta foi dura, tão dura que o próprio comandante do Regimento, Major Jacinto Alexandre Travassos, caiu ferido de morte ao lado dos seus soldados, sendo substituído no fragor da luta pelo Major Rodrigo Vitto Pereira da Silva.

Beresford, na sua Ordem do Dia de 25 de Dezembro, dá os seus *“agradecimentos ao Sr. Marechal de Campo Carlos Frederico Lecor, que mereceo plenamente a sua estima, e aprovação, pelo modo com que conduziu a Divisão do seu commando, a qual se distinguio com muita particularidade; e deseja que assegure aos Senhores Brigadeiros Antonio Hypolito da Costa, e João Buchan da perfeita satisfação de Sua Excellencia a respeito delles, e das suas Brigadas. A Brigada do Algarve, que commanda o Sr. Brigadeiro Antonio Hypolito Costa, teve como especialidade occasião de mostrar ao inimigo que os homens, de que ella constava, erão*

³² O Brigadeiro António Hipólito Costa foi gravemente ferido nesta batalha, sendo substituído no comando da Brigada por João Buchan.

Pelo seu comportamento em combate, foram promovidos os seguintes oficiais do Regimento de Infantaria N.º14: graduado em Major o Capitão António Pedro de Brito e promovidos a Alferes os Sargentos Joaquim António de Freitas e José Francisco Coelho.

³³ Officiais mortos neste combate: Capitão Urbano Xavier Henriques. Convém esclarecer que o Major Jacinto Alexandre Travassos, comandante do RI14, faleceu em virtude das feridas mortais.



Botão da farda de Caçadores Nº4
- Caçadores da Beira-Alta

Museu do RI14

os mesmos, que o expulsarão à bayoneta das alturas dos Pyrineos no dia 30 de Julho ultimo. O Sr. Coronel Jorge d'Avillez, e Major Jacinto Alexandre Travassos, que commandavão os dois Regimentos desta Brigada, receberão os agradecimentos de Sua Excellencia.”³⁴

Recuando sempre, as Tropas francesas vão ocupar a margem direita do rio Adour. Terminado deste modo a campanha de 1813. A estação Invernosa e áspera na região do Sul da França, aliada às chuvas torrenciais que faziam transbordar os rios, não permitiam o prosseguimento das operações. O Regimento de Infantaria Nº14 contribuíra com o sangue dos seus valentes Soldados para o avanço do Exército Anglo-Luso.

1814 – Depois destas tréguas forçadas e passada a dureza do Inverno, as operações militares a Sul da França voltam a activar-se. Transposto o rio Adour, a ala esquerda do Exército Anglo-Luso ataca Bayona enquanto a ala direita³⁵ se dirige para Orthez, onde está concentrado o Exército Francês. Nesta marcha, os Regimentos de Infantaria Nºs 2 e 14 travam combate, em 18 de Fevereiro, com forças inimigas. O efectivo dos dois Regimentos, aproximadamente de 2000 homens, sofrem apenas as baixas de 3 Soldados mortos, 5 feridos e 3 extraviados³⁶. Combate-se em Orthez em 27 de Fevereiro e Soult vencido retira precipitadamente. Nesta batalha o Regimento de Infantaria Nº14 comandado pelo Major Rodrigo Vitto Pereira da Silva, num efectivo de 1001 homens, entra em acção sem qualquer perda. Num recontro em 2 de Março³⁷, a Brigada do Algarve sofre uma repreensão de Beresford na sua Ordem do Dia de 26 do mesmo mês, que passamos a transcrever:

*“Sua Excellencia sente extremamente dever passar a fazer observações de desapprovação, e reprehensão sobre a conducta de uma parte das Tropas, e ha da segunda Brigada de Infantaria (do Algarve) no encontro, que houve no dia 2 do corrente. Ella se poz em confusões em motivo, ou causa alguma, e depois do exame, o mais particular Sua Excellencia não pôde deixar de dizer, que os Officiaes não mostrarão a energia, nem a actividade, que devião, e que foi causa da confusão, que houve, assim como de não se ter remediado. Sua Excellencia não julgará do seu dever recomendar para a promoção os Officiaes destes Corpos, até que elles lhes mostrem que sabem conservar a disciplina dos seus Corpos, sem o que se comprometterá sempre o caracter das Tropas as mais valorosas, como se tem mostrado estes dois regimentos em tantas ocasiões”.*³⁸

Beresford, em correspondência dirigida ao Ministro da Guerra, justifica assim o procedimento da Brigada do Algarve:

“V. Ex.ª acreditará sem dúvida o dissabor, que sinto por ocasião de transmitir a V. Ex.ª a inclusa traducção da carta, que me dirigiu o Tenente-general sir Rowland Hill, sobre o comportamento da segunda brigada de infantaria portugueza, composta pelos regimentos n.ºs 2, e 14, e de participar ao mesmo tempo a V. Ex.ª, que ella no ataque feito contra o inimigo, em o dia 2 do corrente, sobre a eminencia que cobre a estrada para a cidade de Aire desmereceu da boa reputação, que anteriormente tinha adquirido pela sua decidida bravura... é claro por todas as circumstancias d’este desastrado acontecimento, que elle se deve attribuir ao commandante da mesma brigada, que não possui certamente os talentos necessários para a conduzir bem em casos difficeis... eu tinha conservado este official n’aquela situação, apesar de conhecer isto mesmo, em attenção ao valor que mostrou em diferentes vezes, e aos bons desejos de servir o seu soberano, que sempre lhe conheci, esperando que o dito brigadeiro podesse continuar pela mesma fôrma até o proximo fim da contenda actual; porém tendo por motivo da má conducta da brigada no dia acima referido, e em consequência da queixa feita a este respeito por milord

³⁴ O Major Travassos fora graduado, dias antes de falecer, pela sua boa conduta em combate. Por igual motivo foram graduados: em Tenente os Alferes António Lobo da Silva e João Lamprêa de Sarre; em Capitão o Tenente Pedro Alexandrino Pereira da Silva.

³⁵ Lembro que a Brigada do Algarve fazia parte desta ala.

³⁶ Combate de Sauveterre.

³⁷ Combate de Aire.

³⁸ O implacável Beresford, apesar da severidade com que julga a Brigada do Algarve, depois duma luta tão fatigante e prolongada, sabe bem que o seu valor é incontestável. A sua Ordem do Dia resume-se ao velho ditado: “Numa mão o pau, na outra o pão!”.



Regimento de Infantaria N. 14.		
Batalhas, Acções, Sítios Bullequios, Diferenças de Praça, e Diferenças de outros Lugares em que se actuou.		
Nomes, e Gradações dos Officiaes, que Comman- daram o Regimento		
Batalhas.	De Buçaco	O General Havilland Le Mesurier.
	De Albuera	O Tenente Coronel Olivier.
	De Victoria	O Tenente Coronel João Mac Donald.
	De Byrunos	O Tenente Coronel João Mac Donald.
	De Nivelle	O Major Tenente Alexandre Traverses, e as duas Companhi- as, que combateram, os Alzados, O Tenente Coronel de D. Regi- mento de Infantaria João Gomesel.
	De Aiz	O. Batalhas o Major Tenente Alexandre Traverses, e D. o Major Rodrigo Vilhete Pereira da Silva, os quaes combateram em diferentes horas, e Lugares.
	De Orlés	O Major Rodrigo Vilhete Pereira da Silva
	De Toulouse	O Major Rodrigo Vilhete Pereira da Silva
Acções.	De Campo Maior	O General Havilland Le Mesurier
	De Porto da Ancha	O Major Tenente Alexandre Traverses
	De Salvaterra	O Major Rodrigo Vilhete Pereira da Silva
	De Aiz	O Major Rodrigo Vilhete Pereira da Silva
	De Alca de Torres	O Tenente Coronel João Mac Donald
Sítios.	1.ª da Praça de Badajoz	O Tenente Coronel Olivier
	2.ª da Mesma Praça	O Tenente Coronel Olivier, e qual foi este ferido, e tomou o Commando do Regimento, o Major Tenente Alexandre Traverses
	3.ª da Mesma Praça	O Tenente Coronel João Mac Donald.
Rodrigo Vilhete Pereira da Silva Major Comand. do Regim. 14.º		

Nomes e gradações dos
oficiais que comandaram o
RI14 nas diferentes batalhas,
acções e sítios, entre 1810
e 1814

AHM



Wellington, mandado á divisão portugueza para averiguar as causas da expressada desordem, o brigadeiro ajudante-general do exercito, tanto pela informação d'este, como pelo que me disse o general Lecor, recaíam todas as imputações d'aquelle desastre sobre o brigadeiro Antonio Hypolito da Costa, ao qual, por todos os motivos que deixo expostos, e para evitar a repetição de semelhantes factos, ficando elle à testa da brigada, mandei retirar para esse reino; do que previno V. Ex.^a por este meio, a fim de que não resulte d'este passo alguma idéa desfavoravel no conceito de sua alteza real sobre o valor e bons desejos com que o dito brigadeiro se conduziu sempre em todo o tempo que se empregou anteriormente no seu real serviço... Queira V. Ex.^a persuadir-se da verdadeira estima e distincta consideração, com que tenho a honra de ser, etc.”

A carta de Hill para Beresford, que a seguir se transcreve esclarece o comportamento da 2ª Brigada:

“Meu caro Beresford – Recebi a vossa carta a respeito da brigada do Algarve, e permita-se-me certificar-vos que senti o maior prazer em ver-me obrigado a dar parte a lord Wellington da desaprovação que dei ao comportamento d'ella no dia 20 do corrente. N'aquelle dia o inimigo occupou uma forte iminencia a fim de cobrir o caminho para esta cidade, a qual ordenei que fosse atacada pela segunda divisão, e pela divisão do general Lecor, sendo esta ultima disposta com a brigada do brigadeiro Costa sustentada pela do brigadeiro Buchan. A frente da segunda divisão e a brigada de Costa ganharam a iminencia, porém quasi ao mesmo tempo esta ultima caíu na maior confusão pela resistencia que lhe fez uma força inferior do inimigo: algumas companhias d'esta brigada se reuniram depois, mas nunca se conduziram bem em todo o dia... a causa d'este mau comportamento deve-se attribuir, segundo entendo, á falta de arranjo e de talento do seu commandante, que posto seja um homem capaz e de boas intenções, é impróprio para o commando de uma brigada em acção... devo advertir ao mesmo tempo que, segundo todas as participações, e segundo eu mesmo tenho observado, o estado maior d'esta divisão e os officiaes da brigada do brigadeiro Costa não se portaram com actividade, á excepção do Coronel Avillez, do capitão Hamilton e de alguns outros poucos... o comportamento das tropas portuguezas, desde que tenho a honra de ter debaixo do meu commando algumas d'ellas, tem sido em todas as occasiões tão admiravelmente bom que podeis facilmente imaginar a minha surpresa e aflicção com o que aconteceu no dia 2, e que segundo espero não tornará a acontecer outra vez. – Vosso muito fielmente, etc.”

A 19 de Março as Tropas francesas estão entre Rabatiens e Tarbes. Wellington decide atacar no dia 20 e derrota-as completamente³⁹, o remanescente do Exército Francês concentra-se em Toulouse no dia 24. Em sua perseguição, Wellington, procurando dar-lhe o golpe mortal, atravessa o rio Garona em 28. Em 10 de Abril, Toulouse é atacada, dando-se a última batalha da guerra que durara sete longos anos e tantas vidas custara ao povo português. Nesta fase, o Regimento de Infantaria Nº14, sob o comando do Major Rodrigo Vitto Pereira da Silva, num total de 885 homens, entra em acção sem perdas.

Realizado o tratado de paz com a França em 30 de Maio, o Regimento de Infantaria Nº14 regressa a Tavira onde é recebido festivamente no dia 28 de Agosto⁴⁰.

Em 1 de Junho a 2ª Brigada estava assim constituída:

Comandante: Brigadeiro João Lobo Brandão da Silva

RI2, Major Bernardo Atónio Zagallo

RI14, Major Rodrigo Vitto Pereira da Silva

³⁹ Está presente o RI14.

⁴⁰ A 7 de Agosto o Regimento de Infantaria Nº11 regressa a Viseu. A 10 de Agosto é aquartelado o Batalhão de Caçadores Nº9 em S. Pedro do Sul e o Batalhão de Caçadores Nº4 em Mértola



Soldado de Cavalaria (1762) - Soldado de Infantaria (1834) - Soldado de Caçadores (1807)

Aquarela de Coronel Ribeiro Arthur (1904) - Coleção AHM



Porta Bandeira Infantaria 14 (1856)
Aquarela de Coronel Ribeiro Arthur - Coleção AHM



DA MONARQUIA LIBERAL À IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA

(1815-1910)

1815 – Em Outubro deste ano o Regimento de Infantaria Nº14 continua aquartelado em Tavira⁴¹.

1816 – Pela Tabela dos Quartéis dos Regimentos de Infantaria e Batalhões de Caçadores do Regulamento para a Organização do Exército em Portugal, publicado em Outubro por determinação de D. João VI, verificamos que o Regimento de Infantaria Nº14 mantém o seu aquartelamento em Tavira⁴².

1820 – Na Ordem do Dia Nº31, de 25 de Dezembro deste ano, são publicados os nomes dos Oficiais do Regimento de Infantaria Nº14 condecorados com a Cruz das Campanhas da Guerra Peninsular, com indicação do número de campanhas e do modelo da cruz conforme os §§ 1.º e 2.º das Regulações ordenadas e publicadas na Ordem Dia de 28 de Março do mesmo ano. Tinham direito à cruz modelo nº 1 em ouro os que tivessem tomado parte em pelo menos 4 das seguintes campanhas:

1ª – 1809; 2ª – 1810; 3ª – 1811; 4ª – 1812; 5ª – 1813; 6ª – 1814.

Os militares que tivessem combatido em duas ou três das referidas campanhas tinham direito à cruz de prata (modelo nº 2).

1826 – Verifica-se um período de ascensão política de militares, ou pelo menos de certas classes, fruto da divergência de diversas entidades que propiciaram um consenso político e social alargado. Estavam reunidas as condições necessárias para o eclodir de um conflito, à manifestação de uma intenção hostil, à polarização do poder e das relações entre amigo e inimigo.

Apesar dos acontecimentos políticos e revolucionários verificados em várias regiões do país, no Algarve a serenidade mantém-se. Foi por pouco tempo que se verificou uma certa quietude nesta região, a 5 de Outubro, no mesmo dia em que o Marquês de Chaves subleva



Botões em ouro de Uniforme Militar
da época de D. João VI

Museu do RI14

⁴¹ Em Viseu, no mesmo mês, aparece-nos aquartelado o Regimento de Infantaria Nº11, comandado pelo Coronel Alexandre Anderson. Em S. Pedro do Sul continua aquartelado o Batalhão de Caçadores Nº9, comandado por Jorge Brown.

⁴² O Regimento de Infantaria Nº11 continua em Viseu e o Batalhão de Caçadores Nº9 sai de S. Pedro do Sul para a Lourinhã. O Batalhão de Caçadores Nº4, mobilizado em Viseu estabeleceu quartel permanente em Mértola (1816).



Medalha das Campanhas da Liberdade (Grau 7), 1826-1834, atribuída a Manuel Nicolau d'Almeida e Liz

Museu do RI14



Cruz da Guerra Peninsular

CHABY, C. - Excerptos Históricos, Volume V, p.1182

⁴³ A Carta Constitucional da Monarquia Portuguesa de 1826 teve o nome de Carta Constitucional por ter sido outorgada pelo rei D. Pedro IV e não redigida e votada por Cortes Constituintes eleitas pela Nação, tal como sucedera com a anterior Constituição de 1822.

⁴⁴ João Carlos Gregório Domingos Vicente Francisco de Saldanha Oliveira e Daun (Lisboa, 17 de Novembro de 1790 - Londres, 21 de Novembro de 1876), 1.º conde, 1.º marquês e 1.º duque de Saldanha.

⁴⁵ Em meados de Setembro, o Regimento de Infantaria N.º11 que guarnecia a Praça de Almeida, depois de proclamar rei, seu senhor, o Infante D. Miguel, refugia-se igualmente em Espanha, sendo posteriormente extinto.

⁴⁶ António Tavares Magessi. Partidário acérrimo de D. Miguel, refugiado em Espanha.

⁴⁷ António José de Sousa Manuel de Meneses Severim de Noronha (Lisboa, 18 de Março de 1792 — Lisboa, 26 de Abril de 1860), 7.º conde e 1.º marquês de Vila Flor e ainda 1.º duque da Terceira.

⁴⁸ Esta amnistia é um acto da regência de D. Miguel.

Vila Real de Trás-os-Montes, verifica-se uma revolta militar em Vila Real de Santo António. O Regimento de Infantaria N.º14 e o Batalhão de Caçadores N.º4 (Mértola), concentram-se no dia 8 em Tavira apoiando o movimento e a organização de um Governo provisório nesta cidade, em nome de D. Miguel, que se opunham a que fosse jurada a Carta Constitucional outorgada por D. Pedro IV⁴³, e posteriormente marcham sobre Faro que se encontra deserta. O então Ministro da Guerra, João Carlos Saldanha⁴⁴, assume o comando da guarnição da capital, com excepção do Regimento de Infantaria N.º13 (Peniche) e marcha contra os revoltosos do Algarve. Os rebeldes, vendo-se ameaçados de cerco, pelas forças, bem superiores em número, de Saldanha, reforçadas com as milícias do Conde de Alva, Governador de Armas da província Algarvia, retiram de Faro em 18 de Outubro, sem combater, e dirigem-se para Castro Marim. Sendo a transposição do Guadiana o único meio pelo qual podem escapar às forças liberais, entrando em Espanha por Ayamonte.⁴⁵

O Regimento de Infantaria N.º14 é então extinto.

1827 – Nos meses de Inverno de 1826, de Janeiro e Fevereiro de 1827, o Regimento de Infantaria N.º14, refugiado em Espanha, incluído nas forças do Brigadeiro Magessi⁴⁶, toma parte no ataque à província do Alentejo. As Tropas liberais do Conde de Vila Flor⁴⁷ repelem energicamente esta incursão e o Regimento de Infantaria N.º14 é obrigado a procurar asilo, pela segunda vez, no país vizinho.

1828 – Em 23 de Julho, D. Miguel permite que os rebeldes, refugiados em Espanha, voltem para Portugal, alegando não ser de justiça que aqueles fiéis vassallos que sustentaram e defenderam as leis fundamentais da Monarquia, continuassem a sofrer as penas que por semelhante causa lhes tinham sido impostas, antes dele, Infante, ter chegado ao Reino⁴⁸.

Ainda no mesmo mês, D. Miguel, como Comandante em Chefe do Exército, determina, que todos os Oficiais, Oficiais Inferiores, Cabos de Esquadra, Anspeçadas, Soldados, Tambores



e mais Praças regressados de Espanha, pertencentes aos Regimentos de Infantaria N^{os} 11 (Almeida), 14 (Tavira), 17 (Elvas) e 24 (Bragança), Batalhão de Caçadores N^o 4 e Regimento de Cavalaria N^o 2 se reúnam nas localidades onde tinham os seus quartéis permanentes.

1829 – O Regimento de Infantaria N^o 14 passa a designar-se por Regimento de Tavira⁴⁹. Este procedimento do Regimento de Infantaria N^o 14 foi noticiado a todos os Corpos pela Ordem do Dia N^o 13 de 3 de Março.

1833 – Desembarcadas as forças Liberais na Praia do Mindelo, em 8 de Julho de 1832, e após as forças Miguelistas terem cercado a cidade do Porto, vamos encontrar o Regimento de Infantaria N^o 14 fraccionado em 2 Batalhões: um cooperando com as forças sitiadas e o outro estacionado em Lisboa como reforço de Guarnição da capital.

Uma pequena expedição liberal, comandada pelo Duque da Terceira⁵⁰, saída do Porto em 21 de Junho, dirige-se por mar ao Algarve e desembarca na praia da Alagoa, duas léguas distante de Tavira, com o fim de criar o que nos tempos actuais se chama de segunda frente. O Visconde de Molelos⁵¹, governador da província algarvia, surpreendido com esta acção liberal não procura atacar e limita-se a aguardar que o Governo de Lisboa lhe envie como reforço as milícias de Tomar e Tavira, um Batalhão de Caçadores, um Batalhão de Infantaria N^o 14 e um Esquadrão de Cavalaria N^o 2. Ocupada, Lisboa, pelas forças Liberais do Duque da Terceira, Bourmont⁵² sai das imediações do Porto, no dia 6 de Agosto, com 18 000 infantes, para Coimbra onde entra a 10, recebendo como reforço as tropas de Molelos. Dias antes, em 25 de Julho, Bourmont atacara em força os sitiados liberais do Porto. O Batalhão do Regimento de Infantaria N^o 14, integrado nas tropas de Bourmont, cooperou na acção, que foi brilhantemente repelida pelas tropas de D. Pedro⁵³.

A 14 de Agosto avançavam os Miguelistas sobre Lisboa, pondo cerco a esta cidade.

A 10 de Outubro dá-se o combate do Lumiar. A Brigada sob o comando de Luís Bourmont⁵⁴, da qual fazia parte o Regimento de Infantaria N^o 14, agora com os seus dois Batalhões reunidos, defende-se valentemente ao ser atacada por forças inimigas. O Regimento de Infantaria N^o 14, contra-atacando pelas alturas que dominam o Campo Grande e o Campo Pequeno, repele os assaltantes e persegue-os na direcção da Penha de França e Alto do Pina. Contudo, faltando-lhe o apoio das outras unidades realistas, retrocede para o Campo Grande sob um mortífero fogo inimigo, caindo morto o Comandante do Regimento, Coronel Oliveira⁵⁵. Durante a noite, retiram as tropas Miguelistas para Loures, onde são novamente atacadas na manhã do dia 11, mas ao entardecer continuam a sua retirada, entrando em Vila Franca a 12. Sempre perseguidas pelas Tropas Liberais, estabelecem-se, por fim, definitivamente, nas imediações da cidade de Santarém.

1834 – O Regimento de Infantaria N^o 14 foi organizado novamente, depois das tropas Liberais terem retirado para a Galiza, continuando fiéis à causa Miguelista, até à Convenção de Évora Monte⁵⁶, em Maio de 1834, sendo aí novamente extinto. Anteriormente em Março, tinha sido destacada, de Santarém para o Algarve, uma força de 2000 homens, composta pelos Regimentos de Infantaria N^{os} 2 e 14, Caçadores 4, e alguns elementos de Batalhões de Voluntários Realistas e Milícias sob o comando do Brigadeiro Tomaz António Cabreira, que leva na sua companhia o Brigadeiro Luís Bourmont, dois dos mais bravos Oficiais de D. Miguel, com fim de reforçar as formações Miguelistas no Sul do país.

⁴⁹ Por decreto de 9 de Julho, os Corpos de Artilharia, Cavalaria, Infantaria e Caçadores deixam de ser designados por números, tomando os nomes das terras onde têm os seus quartéis permanentes. Pelo mesmo decreto formaram-se 4 Regimentos de Caçadores, constituídos pelos Batalhões que se conservaram fiéis à causa Miguelista, ficando a pertencer à Beira Alta o Regimento nascido do Batalhão de Caçadores N^o 4. Em Agosto de 1829 é aquartelado em Viseu este Regimento, comandado pelo Coronel José de Rosa e Sousa, com a designação de Regimento de Caçadores da Beira Alta.

⁵⁰ António José de Sousa Manuel de Meneses Severim de Noronha.

⁵¹ Francisco de Paula Vieira da Silva Tovar.

⁵² Louis Auguste Victor de Ghaisne, conde de Bourmont (Freigné, 2 de Setembro de 1773 — Freigné, 27 de Outubro de 1846). Ex Marechal do Exército Francês, monárquico e legitimista, que em 1833 assumiu o comando das forças realistas de D. Miguel.

⁵³ Conforme referido, um Batalhão do RI14 estava no cerco do Porto, enquanto o outro fazia parte das forças que reforçavam o Visconde de Molelos no Algarve.

⁵⁴ Filho do Marechal Bourmont.

⁵⁵ O comportamento da Brigada de Luís Bourmont foi louvado pelo General MacDonell, comandante em Chefe do Exército Miguelista em operações.

⁵⁶ Acordo assinado entre Liberais e Miguelistas, em 26 de Maio de 1834, o qual pôs termo à guerra civil.



Porto Machado de Infantaria 14 (1833)

Aquarela de Coronel Ribeiro Arthur (1903) - Coleção AHM



Em 12 de Abril, a Brigada de Cabreira ataca Setúbal, mas a forte resistência liberal obriga-o a retirar para S. Marcos da Serra. No dia 24, Cabreira investe as alturas de S. Bartolomeu de Messines ocupadas pelo liberal Sá da Bandeira⁵⁷. Depois de 10 horas de luta, os Liberais retiram para Silves, deixando no campo 35 mortos, 70 feridos, bagagens e artilharia. Por este sucesso é o Brigadeiro Cabreira promovido a Marechal de Campo.

Assinada a Convenção de Évora-Monte, em 26 de Maio, a Divisão de Cabreira depõe as armas em Castro Verde. Estava pois terminada esta luta de irmãos contra irmãos, que durara o longo espaço de quase dois anos, com todas as sevícias de uma guerra civil, onde se satisfizeram ódios e querelas pessoais, veladas pelo idealismo político que dividiu a Família Portuguesa. O Regimento de Infantaria N.º14, que tão ardentemente seguira o partido de D. Miguel, é novamente extinto.

1837 – Um novo plano de organização para o Exército é elaborado. A Infantaria passa a ser composta por 30 Batalhões, dos quais 10 são de Caçadores, extinguindo-se a designação de Regimento. Nesse plano indicam-se quartéis permanentes para os diferentes Corpos e o Batalhão de Infantaria N.º14 é organizado e aquartelado em Guimarães⁵⁸, fazendo parte da 4.ª Divisão Militar com as seguintes unidades:

Batalhão de Infantaria N.º24 – Viana do Castelo

Batalhão de Caçadores N.º4 – Barcelos

Porém, na Ordem N.º19, de 9 de Abril de 1837, foi publicado um artigo que declarava a urgente reorganização do Exército, e segundo o plano de 4 de Janeiro, o Batalhão de Infantaria N.º14 recebesse os recrutas na cidade do Porto, onde deveriam ser instruídos⁵⁹.

1840 – Por decreto publicado na Ordem do Exército N.º55 de 31 de Outubro a 4.ª Divisão passa a ser composta pelas seguintes unidades:

Batalhão N.º4 – Valença; Batalhão N.º8 – Braga; Batalhão N.º14 – Guimarães; Batalhão N.º24 – Viana do Castelo.

1842 – Em 27 de Janeiro, por motivo do movimento a favor da Restauração da Carta, iniciado no Porto, o Batalhão de Infantaria N.º14, é integrado na Brigada do Exército Restaurador, comandada pelo Barão de Valongo, vem até Coimbra retirando para Guimarães depois da queda do Ministério do Entrudo⁶⁰.

Mais um plano para a organização da Infantaria é decretado em 28 de Novembro de 1842, estabelecendo 16 Regimentos, sendo extintos, portanto, alguns dos Batalhões existentes e alterando aos outros a designação de Batalhões para Regimentos com mudança de numeração⁶¹.

O Batalhão de Infantaria N.º24, aquartelado em Viseu, passa então a designar-se Regimento de Infantaria N.º14. A Banda do Regimento de Infantaria N.º14 tem consequentemente a sua origem, como o próprio Regimento, no Batalhão de Infantaria N.º24 e o seu primeiro Mestre foi um espanhol contratado, de nome André Navarro.

1844 – Assinada a Convenção de Évora-Monte, em 1834, e embarcando D. Miguel para o exílio, seria lógico pensar que o país entraria num longo período de paz.

Morto D. Pedro IV, têm lugar vários movimentos contra e a favor da Carta, juram-se constituições, revoltam-se os Marechais, as recomposições ministeriais são sucessivas. Em



Capacete de Oficial do RI14

Museu do RI14

⁵⁷ Bernardo de Sá Nogueira de Figueiredo (Santarém, 26 de Setembro de 1795 — Lisboa, 6 de Janeiro de 1876)

⁵⁸ Em 1835, pela Ordem N.º15 de 13 de Março, verificamos pela tabela das localidades dos quartéis permanentes dos diferentes Corpos, em que o RI3, sendo comandado pelo Coronel Manuel dos Santos Cabral, tinha o seu aquartelamento em Viseu. Em 1836, por decreto de 26 de Novembro, o Reino de Portugal e Ilhas Adjacentes foi dividido em 10 distritos que se denominaram Divisões Militares, compreendendo cada Divisão todo o território de um ou mais distritos administrativos. O mesmo decreto estabelece o Quartel-General da 2.ª Divisão na cidade de Viseu. Na Ordem N.º54, de 15 de Dezembro do mesmo ano, é nomeado para Comandante da 2.ª Divisão o Barão de Setúbal, tendo como Chefe de Estado-Maior o Tenente-Coronel José Pereira Pinto, mais tarde colocado no Regimento de Infantaria N.º14 com o mesmo posto. Pela organização de 1837, o Regimento de Infantaria N.º3 é transformado em Batalhão de Infantaria N.º19, sendo a 2.ª Divisão então constituída pelos Batalhões de Infantaria 9 (Lamego) e 19. Os quartéis permanentes indicados para os Batalhões N.ºs 14 e 19 são confirmados pelo Dec. de 26/10/1840. Por Dec. de 16/2/1841, transcrito na Ordem Exército N.º17 de 26 do mesmo mês, o Batalhão de Infantaria N.º24 é transferido de Viana para Viseu, seguindo o Batalhão de Infantaria N.º19 para aquela cidade minhota.

⁵⁹ CARVALHO, F. A. M. – Subsídios para a História dos Regimentos, p. 91.

⁶⁰ Designação popular dada ao Ministério da Presidência do Duque de Palmela, constituído a 7 e demissionário a 9 de Fevereiro de 1842.

⁶¹ É extinto o Batalhão de Infantaria N.º14 (Guimarães).



Malheru (1877)

Museu do RI14



Steyer (1886)

Museu do RI14

Fevereiro de 1844, o Regimento de Cavalaria N°4 arvora, em Torres Novas, o estandarte da rebelião, justificando a sua atitude com a falta de cumprimento, por parte do governo, da reforma da Carta, em Cortes Constituintes. Na conspiração participam diversos Regimentos que se desligam do compromisso tomado na hora da sublevação. Assim, impossibilitados os revoltosos, pelas fracas forças de que dispunham, de realizarem uma ofensiva, dirigem-se para o Fundão, atravessam a Guarda, já reforçados com parte do Regimento de Infantaria N°12 (Castelo Branco) e entrincheiram-se em Almeida.

A fim de aniquilar a revolta, determina o governo que se forme um Corpo de Operações, sob o comando do Marechal de Campo Graduado Visconde da Fonte Nova, assim constituído:

1 Brigada de Cavalaria

3 Brigadas de Infantaria

1 Destacamento de Sapadores

O Regimento de Infantaria N°14 (Viseu) e o Regimento de Infantaria N°9 (Lamego) formam a 3ª Brigada de Infantaria sob o comando do Brigadeiro Graduado Visconde de Vinhais.

Cercada a velha Praça de Almeida, é finalmente ocupada pelas forças fiéis em 20 de Fevereiro, prosseguindo as operações de perseguição aos revoltosos até 25 de Abril.

Em 3 de Maio, pela Ordem do Exército N°20, é o Corpo de Operações dissolvido com os louvores de D. Maria II “... a Mesma Augusta Senhora, satisfeita com o bom serviço que o referido Corpo acaba de prestar, dirige ao mencionado General, os Seus bem merecidos Louvores, pela energia, zelo, e perícia, com que desempenhou a importante comissão que lhe foi confiada...”⁶².

1845 – Neste ano, o espírito público é fortemente abalado pelas medidas opressivas e anti-tradicionais do povo português, tomadas pelo Ministro Costa Cabral⁶³, aliados à crise que a lavoura atravessava.

1846 – Eclode assim, no Minho, em princípios de Abril de 1846, a revolução conhecida pela “Maria da Fonte” que deu início a um movimento genuinamente popular sem qualquer programa político⁶⁴.

Este movimento alastra e é agravado pelos partidários da oposição, principalmente pelos antigos adeptos de D. Miguel que aproveitam esta óptima oportunidade que se lhes apresenta. A Norte do Tejo, as populações vivem agitadas pelo recrudescimento da revolta e pelo brado de “morram os Cabrais”⁶⁵ que se repercute de serra em serra.

Em Maio demite-se Costa Cabral. Constituído o governo dos 3 Duques⁶⁶, seguem-se-lhe os ministérios de Palmela. O mal-estar do país piora com as discórdias dos Cabralistas, Cartistas conservadores, Setembristas radicais e com as actividades dos conspiradores Miguelistas.

Procurando sufocar a rebelião, D. Fernando, segundo marido de D. Maria II, assume o comando do Exército em 17 de Outubro e determina a criação de uma Divisão de Operações, constituída por: 3 Batalhões de Artilharia; 2 Brigadas de Cavalaria; 4 Brigadas de Infantaria; 1 Corpo de Sapadores.

A 2ª Brigada de Infantaria é constituída pelos Regimentos N°s 9 e 14 sob o comando interino do Coronel Tomaz de Magalhães Coutinho.

1847 – A luta arrasta-se, entretanto pelo ano de 1847 e termina praticamente pelo combate do Alto do Viso a 1 de Maio deste ano, pois, com a intervenção estrangeira e pela Convenção de Gramido, a junta do Porto, em 29 de Julho, deixa de existir. Pela Ordem do Exército N°51, de 19

⁶² 1844, Ordem do Exército N°20, de 3 de Maio.

⁶³ Novo sistema de contribuições, tentativas de industrialização do trabalho, lei da saúde de 26 de Novembro, etc. A lei da saúde, além de outras disposições, proibia o enterramento nas igrejas.

⁶⁴ A bola de neve, que depois se transformaria em avalanche, resumia-se num grupo de mulheres que obrigaram as autoridades a retirar quando pretendiam exumar um cadáver, por elas sepultado numa igreja de uma aldeia minhota.

⁶⁵ António Bernardo da Costa Cabral (presidente do ministério, equivalente a primeiro-ministro) e José Bernardo da Silva Cabral (ministro da justiça), irmãos nascidos em Fornos de Algodres.

⁶⁶ Duques de Saldanha, da Terceira e de Palmela.



de Junho, as Brigadas em operações são dissolvidas e os Corpos regressam aos seus quartéis. Ao chegar a Viseu, o Regimento de Infantaria Nº14 não pode instalar-se no seu quartel, pois a junta do Porto, enquanto esta unidade se encontrava fazendo parte da Divisão fiel ao governo, ordenara que o material de aquartelamento fosse remetido para aquela cidade. Assim os soldados são acolhidos em casas particulares, o que dá origem a uma sessão da Câmara Municipal, presidida por Joaquim José Gonçalves Lima, que tem por fim resolver o problema.

1851 – Em 18 de Julho de 1849, D. Maria II confia novamente o governo a Costa Cabral, o que faz acordar os instintos de revolta nos Cartistas e Setembristas. Novas acções e medidas de Cabral ateiam cada vez mais a pequena fogueira acesa pelo Partido Nacional⁶⁷. Saldanha vai ser finalmente “a espada mortal” do Cabralismo. Em 7 de Abril de 1851, Saldanha sai de Lisboa, conseguindo a adesão de Caçadores Nº1 (Setúbal) e de Caçadores Nº5 (Leiria), mas como lhe faltava o apoio de outras unidades, com que contava, dirige-se para Coimbra onde chega a 13. O Regimento de Infantaria Nº14, perante este movimento, destaca um Batalhão que vai estacionar na região do Buçaco. A Coimbra chegara a 10, o Coronel Henrique de Melo Alvelos, chefe do Estado-Maior da Divisão Militar de Viseu, que, duvidando do sucesso

Corpo de Oficiais do Regimento de Infantaria Nº14 (cerca de 1897)

Museu do RI14

⁶⁷ Agrupamento de Setembristas e Cartistas.



Fotografia de Sua Majestade a Rainha D. Amélia com dedicatória real: "Aos officiaes do Regimento de Infantaria Nº14 D. Amélia, Rainha" (1898)

Museu do RI14



Mauser 6,5mm (1904)

Museu do RI14



Bandeira regimental, bordada e oferecida ao RI14 por Sua Majestade a Rainha D. Amélia

Museu do RI14

das operações de Saldanha, retira para esta cidade trazendo consigo um Destacamento de Infantaria Nº9 que guarnecia Coimbra e ainda o Batalhão do Regimento de Infantaria Nº14, depois se ter encontrado com o mesmo no Buçaco. Em 14, Saldanha avança sobre Viseu. Ao se tomar conhecimento, nesta cidade, da aproximação das forças revoltosas, o Regimento de Infantaria Nº14, avança para S. Pedro do Sul. Dirigindo-se Saldanha para Castro Daire, os Regimentos de Infantaria Nºs 9 e 14 movimentam-se de Lamego para a Régua, onde se juntam à Divisão do Conde de Santa Maria. Esta Divisão marcha sobre Gouveia para atacar os Batalhões de Caçadores Nºs 1 e 5 que estacionam naquela vila. Entretanto Saldanha consegue revoltar a guarnição do Porto e quando, na Divisão fiel ao governo, se sabe deste facto, o Conde de Santa Maria ordena aos Corpos que regressem a quartéis. Porém em Viseu é recebida uma comunicação de Saldanha, determinando que a Divisão marche sobre Coimbra, o que a mesma cumpre imediatamente, agora sob o comando do Brigadeiro António Pinto Seixas Pereira de Lemos. Em 7 de Maio, Saldanha passa revista aos Corpos reunidos em Coimbra, regressando depois o Regimento de Infantaria Nº14 a Viseu, onde entra em meados de Junho. Saldanha, com a adesão das tropas da Guarnição do Porto, assegura completamente a vitória que teve como efeito imediato a demissão de Costa Cabral e a saída deste para Madrid.



1852 – Terminadas as lutas partidárias, o Exército vai entrar numa fase de activa e franca renovação. Publicam-se diplomas, novas determinações e regulamentos enchem as páginas das Ordens do Exército, nomeiam-se comissões de hábeis oficiais para os mais diversos estudos, etc.

1863 – Uma nova organização é elaborada, por decreto de 31 de Dezembro, e por ela, os Regimentos de Infantaria passam a ser 18, sendo cada Regimento composto por 2 Batalhões a 4 Companhias, numeradas de 1 a 8. A 1ª Companhia passa a ser constituída por granadeiros. Pelo mesmo decreto, o país é agora dividido em 5 Divisões Militares, compreendendo a 2ª Divisão os distritos administrativos de Bragança, Vila Real, Viseu e Guarda. O Quartel-General é estabelecido em Lamego e assume o comando da Divisão, em 4 de Novembro de 1868, o General José Júlio do Amaral.

1869 – Por decreto de 13 de Dezembro, o Quartel-General de 2ª Divisão regressa a Viseu, compreendendo esta Divisão os distritos administrativos de Viseu, Aveiro, Guarda, Coimbra e Castelo Branco.

1877 – Pela Ordem do Exército de 16 de Abril foram constituídas 9 Brigadas de Instrução e Manobra. Da 7ª Brigada fazem parte os Regimentos de Infantaria N.ºs 9 (Lamego), 12 (Guarda) e 14 (Viseu) e ainda o Batalhão de Caçadores N.º6 (Leiria). “... Convido desde já designar quaes os corpos que devem constituir brigadas, com o fim de oportunamente se poderem nomear commandantes para as mesmas, e enquanto outra distribuição da tropa não favorecer melhor composição d’ellas, observar-se-há o seguinte... 7ª – Ditos n.ºs 9, 12 e 14 e 68...”. Estas Brigadas pouco tempo duraram, extintas por decreto de 30 de Outubro de 1884.

1884 – Outra organização é decretada em 30 de Outubro, reduzindo a 4 as Divisões Militares. Na Arma de Infantaria passam a existir 24 Regimentos a 3 Batalhões (2 activos e 1 de reserva)⁶⁹.

1889 – Por decreto de 7 de Setembro a 2ª Divisão, com o seu Quartel-General em Viseu, passa a compreender as seguintes unidades:

3º e 4º Esquadrões de Cavalaria 6	Bragança
4º Esquadrão de Cavalaria 8	Viseu ⁷⁰
Regimento de Infantaria 9	Lamego
Regimento de Infantaria 10	Bragança
Regimento de Infantaria 12	Guarda
Regimento de Infantaria 13	Vila Real
Regimento de Infantaria 14	Viseu
Regimento de Infantaria 24	1 Batalhão em Almeida 1 Batalhão em Pinhel

Agrupam-se as unidades em Brigadas, e assim a 4ª Brigada é constituída pelos Regimentos de Infantaria N.ºs 12, 14 e 24. Os Regimentos de Infantaria são aumentados para 27 a 2 Batalhões com 4 Companhias.

1901 – As organizações não cessam. Em 24 de Dezembro os Regimentos de Caçadores transformam-se em 6 Batalhões. A orgânica dos Regimentos de Infantaria é modificada: passam a ter mais um Batalhão até ao Regimento de Infantaria N.º24, continuando os Regimentos N.ºs 25 (Angra do Heroísmo), 26 (Ponta Delgada) e 27 (Funchal) apenas com 2 Batalhões.



Ordem Militar de Nossa Senhora
da Conceição de Vila Viçosa
18 de Fevereiro de 1904
atribuída ao Tenente João Luís
Fernandes

Museu do RI14

⁶⁸ 1877, Ordem do Exército N.º11, 16 de Abril.

⁶⁹ O Quartel-General da 2ª Divisão não sofre alterações, mantém-se em Viseu, e os distritos administrativos mantêm-se.

⁷⁰ Anteriormente já existia em Viseu um Destacamento de Cavalaria N.º10. O Esquadrão de Cavalaria 8 entrou em Viseu em fins de Outubro.



Quartel dos Terceiros, Rossio - Viseu

Museu do RI14



DA IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA À I GUERRA MUNDIAL (1910-1914)

1910 – Em Viseu, somente no dia 06 de Outubro é que se tomou conhecimento da Proclamação da República, por um telegrama recebido no Quartel-General da Divisão⁷¹. Pela tarde, muitos populares, que se faziam acompanhar por duas bandas de música, percorrem as ruas, levantando vibrantes vivas à República e ao Exército e saúdam, em grande manifestação junto do Regimento de Infantaria N.º14⁷². Nesse mesmo dia uma nota do Comandante da Divisão determinava, de acordo com o Regulamento de Continência e Honras Militares, ao Comando do Regimento que içasse a Bandeira da República, provisoriamente, encarnada e verde. A mesma nota também informava que o Hino Nacional seria, provisoriamente, “A Portuguesa”.

No dia 7, pelas 4 horas da tarde, sai do quartel a Banda Regimental com uma Guarda de Honra em direcção ao Quartel-General onde é içada a Bandeira Republicana.

1911 – A Ordem do Exército N.º11, de 26 de Maio, determinava uma nova organização com alteração no quantitativo de Regimentos de Infantaria que passaram a ser 35. O Quartel-General da 2.ª Divisão continua em Viseu, compreendendo entre outras as seguintes unidades⁷³:

Regimento de Infantaria N.º14	Viseu
Regimento de Artilharia N.º7	Viseu ⁷⁴
Regimento de Cavalaria N.º7	Nelas

A 11 de Junho, forças do Regimento de Infantaria N.º14, sob o comando do Tenente Felizberto Augusto de Figueiredo, partem para Lamego, como reforço da guarnição daquela cidade, desfalcada, pela saída para o Norte do país, de um Destacamento de Infantaria N.º9, que para ali tinha sido enviado em virtude da alteração da Ordem Pública, provocada por elementos monárquicos. Poucos dias depois seguiram para Vila Real.

Em 30 de Agosto, e pelo mesmo motivo, foram destacadas forças do Regimento para

⁷¹ Quartel-General da 2.ª Divisão Militar, sito na Rua Direita, no Palácio dos Silveiras, hoje sede do Centro de Recrutamento de Viseu.

⁷² Ainda localizado no Rossio, no Quartel dos Terceiros.

⁷³ O 4.º Esquadrão de Cavalaria N.º8, em consequência desta nova orgânica, sai de Viseu para Almeida, em 31 de Julho de 1911.

⁷⁴ Esta unidade sofreu as seguintes transformações: Em 1926 passou a designar-se Grupo Independente de Artilharia de Montanha N.º3. Em 1927 passa a Grupo Independente de Artilharia de Montanha N.º12. Em 1939 passou a designar-se, simplesmente, por Grupo Independente de Artilharia de Montanha. Em 1950 é extinta. Sempre se verificou uma sã e verdadeira camaradagem entre as duas unidades, quer nas relações entre Oficiais e Sargentos, quer na boa cooperação verificada nos exercícios finais das várias escolas de recrutas.



Medalha Militar de Comportamento
Exemplar, atribuída ao Major João
Fernandes

Museu do RI14



Quartel dos Terceiros, vista aérea

Museu do RI14

Mirandela, Valpaços e Vilarandelo, respectivamente, sob o comando do Tenente Aurélio de Azevedo Cruz, Alferes Alexandre Soares Ferreira de Loureiro e 2º Sargento José de Oliveira. A força do comando do Tenente Aurélio de Azevedo Cruz toma parte nas operações efectuadas na região de Vinhais, regressando a Viseu em 23 de Outubro.

Da Ordem de Serviço Regimental Nº297 de 23 de Outubro, transcrevemos a seguinte citação respeitante à força atrás referida:

“4.º - Que em ordem do comando das forças de operações em Vinhais dirigida ao Snr. Tenente comandante da diligência do regimento d’ infantaria n.º 14, foi comunicado o seguinte, que com a maior satisfação se publica:

O Sr. comandante das forças em operações em Vinhaes encarrega-me de manifestar a V. Ex.ª a sua satisfação pela forma como sempre se houve a força do seu comando, com a maior disciplina, esforço e dedicação, e encarrega V. Ex.ª de o transmitir a todas as suas praças. O Chefe de estado maior (a) Manoel Maia Magalhães, Tenente”.



Oficiais do RI14 durante um exercício (cerca de 1910)

Museu do RI14

Na Ordem de Serviço Regimental N°300 nova citação coloca em relevo a força mencionada:

“5.º - Que se publique a seguinte ordem relativa à coluna de operações de Vinhaes da qual fazia parte o destacamento deste Regimento do comando do Snr. Tenente Aurélio d’Azevedo Cruz, que por cópia se segue: Coluna de operações de Vinhaes = Ordem n.º 13 de 21 de Outubro 1911 = Cópia = artigo 4.º - Que tendo sido dissolvida a coluna de operações do meu comando por ter cessado a sua missão, e tendo tido ocasião de reconhecer em todos que comigo cooperaram saber profissional, lealdade e muita dedicação pelo serviço e pela causa da República, assim o publico e a todos louvo. (a) Peres major = Está conforme = Quartel em Vinhaes 22 de Outubro de 1911 (a) José Domingos Peres, major”.

1912 – Forças Monárquicas, refugiadas em Espanha, entram na província de Trás-os-Montes, comandadas por Paiva Couceiro⁷⁵, dando assim início à segunda incursão monárquica.

Partem, de Viseu, na madrugada de 10 de Julho, por entre aclamações entusiásticas de muitos populares aglomerados nas ruas, duas forças destinadas a reforçarem a guarnição da cidade da Guarda: uma do Regimento de Infantaria N°14, num efectivo de 120 praças sob o comando do Capitão Felizberto de Figueiredo, e outra constituída por uma Bateria de Artilharia N°7, com duas peças, sob o comando do Tenente Arroio.



Tenente Chefe da Banda José Biscaia (1911)

Museu do RI14

⁷⁵ Henrique Mitchell de Paiva Cabral Couceiro (Lisboa, 30 de Dezembro de 1861 – Lisboa, 11 de Fevereiro de 1944). Um dos raros defensores militares da monarquia no dia 5 de Outubro de 1910. Organizador de incursões monárquicas depois de instaurada a república, ficou conhecido como o “Paladino”.



I Guerra Mundial - Flandres

Arnaldo Garcez - Centro de Audiovisuais do Exército



I GUERRA MUNDIAL

(1914-1918)

1914 – Deflagrada a I Guerra Mundial e perante a possibilidade de confronto entre os nossos dois maiores territórios ultramarinos, Angola e Moçambique, com as colónias Alemãs de Damaralândia⁷⁶ e do Leste Africano⁷⁷, resolve o governo, como medida preventiva, reforçar as guarnições daquelas Colónias com dois Corpos Expedicionários.

Forma-se pois uma expedição destinada a Angola sob o comando do Tenente-Coronel Alves Roçadas⁷⁸, constituída por Quartel-General, 1 Batalhão de Infantaria, 1 Bateria de Metralhadoras, 1 Bateria de Artilharia de Montanha, 1 Esquadrão de Cavalaria, Serviços de Saúde, Administração Militar, Transportes e Etapas. O Batalhão de Infantaria foi organizado no Regimento de Infantaria N.º14 e, em 19 de Agosto, é feito o convite aos Oficiais, Sargentos e Praças para voluntariamente servirem na expedição. Em 21 de Agosto começa a constituir-se no Regimento o 3.º Batalhão Expedicionário, movimentando-se a cidade com a chegada de grupos de Soldados oferecidos, vindos de quase todas as unidades de Infantaria⁷⁹.

Em fins de Agosto o Batalhão está completamente organizado com o seguinte quadro de oficiais:

Comandante: Major Alberto Salgado

Ajudante: Tenente José de Melo Ponces de Carvalho

9.ª Companhia

Capitão Artur Homem Ribeiro

Tenente António Rodrigues Marques

Alferes Amadeu Gomes de Figueiredo e João de Araújo Pissarra

10.ª Companhia

Capitão José da Fonseca Lebre

Tenente José Augusto Monteiro

Alferes Pedro Canelas e Fausto de Matos

⁷⁶ Actual Namíbia.

⁷⁷ Actual Tanzânia.

⁷⁸ José Augusto Alves Roçadas (S. Pedro de Vila Real, em 6 de Abril de 1865 - 28 de Junho de 1926). Assentou praça em 1882, foi promovido a Alferes em 1889, para Cavalaria 2, a Tenente em 1890, a Capitão em 1894, a Major em 1907 e, no mesmo ano, por distinção, a Tenente-Coronel.

⁷⁹ O Batalhão foi organizado com soldados e cabos do Regimento de Infantaria N.º14 e das seguintes Unidades: Infantaria 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 29, 30, 31, 32, 34 e 35.



Vista parcial do Forte de Roçadas -
Sul de Angola

in Martins, Ferreira - Portugal na Grande Guerra
Biblioteca do RI14

11ª Companhia

Capitão António Lopes Mateus

Tenente Luís de Albuquerque Pimentel e Vasconcelos

Alferes Silvério do Amaral Lebre e Miguel Ponces de Carvalho

12ª Companhia

Capitão Aristides Rafael da Cunha⁸⁰

Tenente José Cabral

Alferes Reinaldo Vale de Andrade e Armando Augusto da Costa

Tenente Médico Afonso José Maldonado⁸¹

Alferes Médico Francisco Marques Rodrigues Moreira⁸²

Oficial Provisor: Tenente de Administração Militar Francisco Moreira de Almeida

No dia 2 de Setembro parte para Lisboa a Secção de Quartéis, comandada pelo Tenente José de Melo Ponces de Carvalho. Em 8 e 9 partem às 5 horas da manhã, respectivamente, as 9ª e 10ª Companhias e as 11ª e 12ª Companhias em comboios especiais. Apesar da hora matutina do embarque, comparecem na estação de caminho de ferro centenas de pessoas de todas as categorias sociais que aclamam os Soldados do 3º Batalhão do Regimento de Infantaria Nº14. A 10 de Setembro, a bordo do vapor Moçambique, sai do cais da Fundição a expedição, entre as saudações populares e o coro comovido e patriótico da Portuguesa.⁸³

De 27 de Setembro a 1 de Outubro, desembarcam em Moçâmedes o Comando de expedição, as unidades de menor efectivo e os serviços, continuando a bordo o Batalhão de Infantaria Nº14, por alguns dias, até que lhe seja escolhido e preparado aquartelamento na cidade.

A 22 de Outubro, todos os expedicionários se encontram no Lubango, com excepção do 3º Esquadrão de Cavalaria Nº9.

A 31 de Outubro, pela Ordem de Serviço Nº40, determina Roçadas que a partir de 1 de Novembro, e sob a designação de Forças em Operações no Sul de Angola:

“Fosse considerado em operações o núcleo de forças constituídas por: Quartel-General; Engenharia; Secção Mixta de Telegrafistas e Sapadores; Artilharia: 2ª Bateria de Montanha; Bateria de Montanha Ehrhardt; Cavalaria: 3º Esquadrão de Cavalaria Nº 9; 1 Esquadrão de Dragões; Infantaria: 3º Batalhão de Infantaria Nº 14; 1ª Companhia de Infantaria Europeia; 15ª e 16ª Companhias Indígenas de Moçambique; 16ª e 17ª Companhias Indígenas de Angola; Metralhadoras: 2ª Bateria do 1º Grupo de Metralhadoras; Serviço de etapas”.

Também determina que um Destacamento das mesmas forças, num efectivo aproximado de 900 homens, sob o comando do Major Salgado e constituído por 3 Companhias de Infantaria Nº14⁸⁴, a Bateria de Metralhadoras, a Bateria Ehrhardt e o 1º Esquadrão de Dragões, marchasse para o Forte Roçadas.

O Destacamento iniciou a sua marcha em 1 de Novembro, passando por Huíla, Pituáco, Chibia, Loba, Chaungos, Quihita, Biriambrendo, Catchna e Gambos, onde chega a 6.

A 7 de Novembro é destacada a 11ª Companhia, com a missão de reconhecer o terreno e estabelecer-se de forma a interceptar os caminhos Blomfontein-Omboungo, Ediva e margem do rio, instalando um Pelotão em Volola e outro em Otchinjau, devendo resistir a todo o custo no caso de ser atacada por forças alemãs. No mesmo dia o Destacamento retoma a sua marcha para o Sul em condições muito difíceis pela falta de água e ausência de recursos. Com bastantes

⁸⁰ Veio de Infantaria Nº6.

⁸¹ Veio de Artilharia de Costa.

⁸² Veio de Infantaria Nº11.

⁸³ No mesmo dia sai o vapor Inglês Durbham Castle com a expedição a Moçambique.

⁸⁴ 9ª, 10ª e 12ª Companhias.



Moçâmedes - Sul de Angola.
Desembarque da Coluna Roçadas
(1914)

in Martins, Ferreira - Portugal na Grande Guerra
Biblioteca do RI14

dificuldades o Destacamento chega finalmente ao Forte Roçadas a 17 do mesmo mês, depois de uma marcha de 300 quilómetros⁸⁵.

Próximo da meia-noite de 19 de Novembro, o Capitão-Mor do Cuamato⁸⁶ informa o Major Salgado que um Destacamento alemão entrara em território português e pede com urgência um reforço para o Posto de Naulila. O Major Salgado envia na manhã do dia 20 para reforço daquele Posto um Destacamento, constituído por 2 Pelotões da 9ª Companhia (3º Batalhão do RI14), uma divisão Ehrhardt e 10 Dragões, que segue para Naulila pela margem do rio Cunene. São assinalados constantes movimentos alemães nas proximidades da fronteira; mas Roçadas, limitado por rigorosas ordens do Governo que recomendam a maior neutralidade, apenas ordena que se vigiem as várias linhas prováveis de invasão⁸⁷. Pertenceu à 11ª Companhia a vigilância de Otchinjau e Ediva. Em 3 de Dezembro é dissolvido o Destacamento para se organizarem no dia seguinte duas colunas: a de Naulila e a de Dongoena-Cabuéque, respectivamente sob o comando do Capitão Mendes dos Reis e do Major Salgado. Com Salgado está a 12ª Companhia e um Pelotão da 9ª Companhia, juntando-se depois a 10ª Companhia.

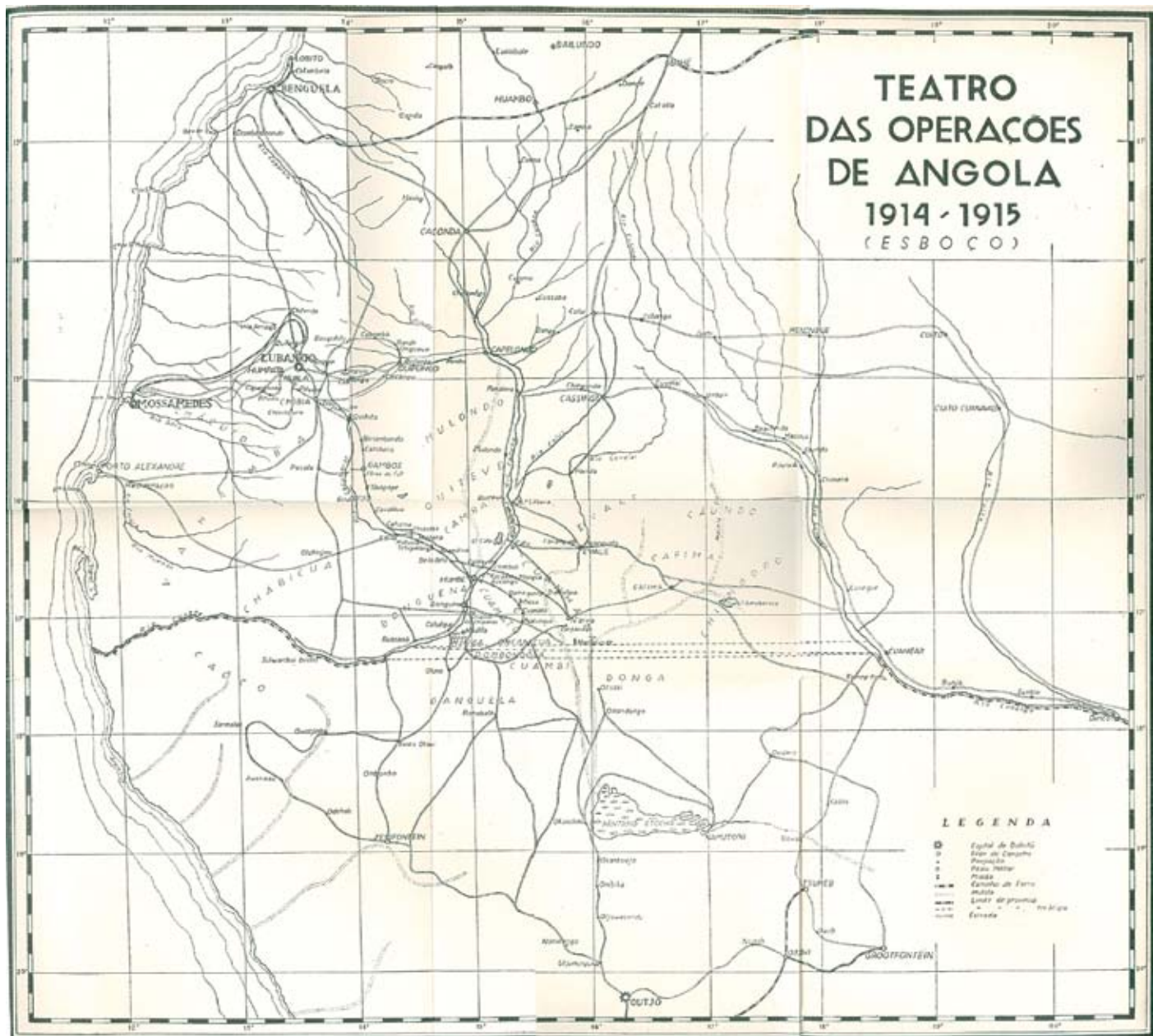
O Tenente de Administração Militar Francisco Moreira de Almeida desenvolve uma actividade notável na preparação do comboio de víveres que acompanhará o Destacamento de Dongoena. Do Destacamento de Naulila faz parte a 9ª Companhia (sem o Pelotão que se encontrava com o Destacamento do Major Salgado).

Em 7 de Dezembro, as forças do Major Salgado encontram-se nas proximidades de Dongoena, 24 quilómetros distante de Naulila, com a missão de cooperar com o Destacamento de Mendes dos Reis, quer o inimigo ataque Naulila pela margem esquerda, quer pela direita do rio Cunene. No dia 12 de Dezembro, uma patrulha alemã entra em território português e abre fogo sobre uma pequena patrulha de Dragões.

⁸⁵ De Gambos o Destacamento passou por Cavaláua, Cahama, Cascata, Mutúcia, Tuaúdiva e Catequero.

⁸⁶ Título do Tenente-coronel Alves Roçadas.

⁸⁷ O estado de guerra com a Alemanha ainda não tinha sido declarado, na realidade só em 9 de Março de 1916 a Alemanha apresentou uma *Declaração de Guerra* a Portugal. Na mesma foi referido o caso de Naulila de 19 de Outubro de 1914, na qual Portugal era acusado de ter atraído a uma cilada uma delegação chefiada pelo governador alemão do distrito, Dr. Schultz-Jena, composta por vários militares, quando estes tentavam escapar, ter morto alguns elementos e ter feito prisioneiros à força.



Mapa do Teatro das Operações de Angola

in Martins, Ferreira - Portugal na Grande Guerra
Biblioteca do RI14

É o começo das hostilidades.

Em Naulila já se encontram, a 3 de Dezembro, a 12ª Companhia que juntamente com a 9ª, agora completa com o Pelotão que recolhera do Destacamento do Major Salgado, constituem as forças do 3º Batalhão do Regimento de Infantaria Nº14, presentes na acção que se vai desenrolar. Em 18 de Dezembro, a posição de Naulila fracamente organizada com trincheiras, alguns metros de rede e abatises, é atacada às 04.30 horas por duas colunas alemãs comandadas pelo Major Franck e Capitão Von Water. As primeiras granadas alemãs, por ironia do destino, incendeiam a palhota que servia de paiol, desencadeando tremenda confusão nos defensores e diminuí-lhes significativamente o número de munições disponíveis.



As forças do 3º Batalhão ocupavam as seguintes posições: na frente do rio, apoiada no Cunene, a 12ª Companhia estabelecida defensivamente, fazendo face a Sul, na direita da posição. A 9ª Companhia junto do Posto, com os seus 2º e 3º Pelotões, constituía a reserva⁸⁸. O 1º pelotão da 9ª Companhia comandado pelo Alferes Figueiredo recebe a missão de defender os vaus de Cabelo e Catangombe.

Durante o terrível combate de 18 de Dezembro, cai morto, o valente Capitão Homem Ribeiro. Luta-se arduamente, mas perante a enérgica e impetuosa avalanche alemã, Roçadas retira a coberto do Cunene. De realçar a bravura do Tenente Marques que fazendo um último reduto, acompanhado por duas dezenas de soldados, consegue retardar o assalto alemão.

As nossas perdas na acção foram⁸⁹:

Mortos – 3 Oficiais, 54 Praças europeias e 12 indígenas.

Feridos – 5 Oficiais, 61 Praças europeias e 10 indígenas.

Prisioneiros: 3 Oficiais e 62 Praças europeias.

Do lado alemão:

Mortos – 12 Praças.

Feridos – 10 Oficiais e 20 Praças.

Na sua retirada Roçadas chega a Dongoena pela tarde. Entretanto o Major Salgado, tomando conhecimento dos acontecimentos de Naulila, avança sobre Dongoena. Às 02.30 de 19 encontram-se as forças de Roçadas com o Destacamento do Major Salgado, recebendo este a missão de apoiar a retirada.

Em 24 alcança-se Caáma que a 11ª Companhia guarnece ao ter conhecimento da retirada de Naulila. Desce assim o pano sobre este combate que tantas vidas e sangue custaram ao 3º Batalhão de Infantaria Nº14, daqueles valentes Soldados que lutaram até ao fim e que caíram no campo do dever.

Em Viseu, ao se tomar conhecimento do combate de Naulila, o Comandante do Regimento, Coronel Rodrigues Ermitão, publica na ordem de serviço de 31 de Dezembro a seguinte proclamação:

“Por informações exaradas oficiosamente na imprensa conheço que: factos, que ainda não me é lícito classificar, realizados na nossa província de Angola, por tropas alemãs contra fôrças do nosso Exército e particularmente contra a 9ª companhia deste Regimento cobriram de tristeza a nossa Pátria e de mágoa o nosso coração de soldado que por enquanto só tem a minorá-lo a convicção de que a lealdade e a boa fé não foi o apanágio dos nossos adversários e que só assim levaram de vencida a galhardia e hombridade das nossas tropas. Tristeza e mágoa, soldados, não é porém desconiança no futuro nem motivo de ficarmos abatidos. Pelo contrário o exemplo dado pelos nossos irmãos de armas que selaram com o seu sangue e com o seu sacrifício da vida, a nossa vontade de vivermos como Nação independente e soberana que lhe foi legada pelos antepassados gloriosos, obriga-nos a empregarmos todos os meios ao nosso alcance para pagarmos com capital e juro a dívida que ora está aberta.

Amor à disciplina, confiança nos superiores, dedicação no serviço, boa vontade e zelo na execução de ordens recebidas, convicção de que só é vencido quem assim o declara, deve ser a norma do nosso proceder. Desfolhemos sôbre a sepultura dos nossos camaradas assassinados, a nossa expressão de pesar e saudade; enviemos-lhe também o nosso preito de solidariedade



Capitão de Infantaria Artur Homem Ribeiro, morto em combate em Naulila

in Martins, Ferreira - Portugal na Grande Guerra
Biblioteca do RI14

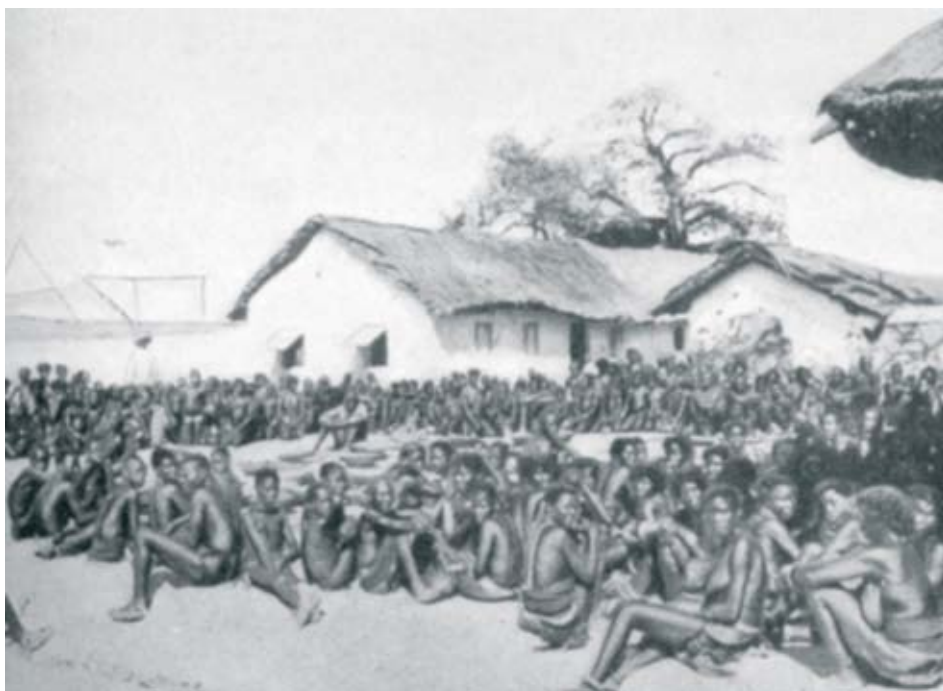
⁸⁸ A 11ª Companhia ainda não chegara. No dia 14 Roçadas mandara recolher a Naulila a mesma Companhia que se encontrava em vigilância em Otchinjau e Ediva.

⁸⁹ As nossas baixas foram: mortos, o capitão Homem Ribeiro, o tenente Sereno, o alferes Alves e 66 praças, das quais 54 europeias; feridos, os tenentes Betencourt, Marques, Aragão e Figueiredo e o alferes Figueiredo e 71 praças das quais 61 europeias; prisioneiros, tenentes Aragão e Marques, alferes Andrade e 62 praças (in Coronel António Maria Freitas Soares, “A campanha de Angola”, in General Ferreira Martins (dir.), Portugal na Grande Guerra, Vol. 2, Lisboa, Ática, 1934).



Tropa em África - *A sede*

in Martins, Ferreira - Portugal na Grande Guerra
Biblioteca do RI14



Indígenas no Forte de Cuamato

in Martins, Ferreira - Portugal na Grande Guerra
Biblioteca do RI14

e desejo sincero duma gloriosa desforra que só consideramos completa quando provarmos à Alemanha que o soldado português é paciente na adversidade como será generoso na vitória que há-de coroar as suas fadigas e privações para a defesa da Pátria e da República. Viva a Pátria. Viva a República Portuguesa.”

Segundo o Tenente-Coronel Cunha, no texto “Campanhas de África contra os Alemães – Naulila” in Livro de Ouro da Infantaria, refere que “A expedição a Angola de 1914, foi organizada na persuasão de que seria empenhada em luta com os Cuanhamas e nunca contra alemães, e nessa persuasão desembarcou em Angola.

Surpreendidos pois foram pela ordem de constituição de uma coluna que se destinou a Naulila e de outra com destino a Dongoena, de onde faziam parte o bravo e heróico Esquadrão de Dragões, para se defrontarem com alemães.

Em Naulila estavam apenas uns 600 portugueses, europeus e indígenas, com 3 peças Erhart e 4 metralhadoras.

Devido a circunstâncias impossíveis de prever, foram atacados logo de começo, de enfiada, as forças do flanco esquerdo, e de revez as do flanco direito, por forças alemãs numericamente muito superiores, uns 2000 homens brancos, com 8 peças e 12 metralhadoras, ataque que se generalizou imediatamente a toda a frente.

Como se vê a desproporção das forças era enorme e a superioridade do material inimigo era esmagadora.

Os nossos, que estavam muito enfraquecidos fisicamente, empenharam-se na luta com violência inaudita, havendo actos de bravura incomparável. No desesperado combate, que durou quatro horas, fez-se tudo quanto humanamente era possível, conseguindo-se até fazer vencer a um punhado de homens, uns 130, o terrível efeito moral, que entre outras causas, produzia nos nossos soldados, o fogo dos alemães feito com extrema



Lee Enfield 7,7 (1917)

Museu do RI14



Embarque em Lisboa, com destino a Brest

Arnaldo Garcez - Centro de Audiovisuais do Exército

violência, quasi á queima-roupa, com balas explosivas, o incessante rebentamento de granadas e o constante crepitar das metralhadoras do inimigo e nas peores condições de defeza.

As nossas metralhadoras haviam sido postas de parte depois de emperradas e sem que fosse possível po-las a funcionar, tendo o seu pessoal cumprido o seu dever com honra e desusada bravura.

É para acusar assombro, que uns 130 oficiais, sargentos e soldados, que se mantiveram no seu posto de honra, travando constante e violentíssimo combate, ainda, por fim, se atirassem de baioneta armada para o Forte até 150 metros, sob um chuva de projecteis, dispostos a conservar a tradicional glória do Exército.

O combate de Naulila não foi pois uma derrota vergonhosa para nós, porque houve quem se portasse com estóica bravura, com uma abnegação e valor admiráveis, não se poupando a sacrifícios, e fosse de uma intrepidez e ardimento inegáveis. A nossa resistência foi colossal e o extraordinário número de mortos causa pavor”⁹⁰.

1915 – Em Janeiro, o 3º Batalhão de Infantaria Nº14 está acampado nos Gambos, seguindo depois para Chibia, Lubango e Môçamedes, onde começa a embarcar, de regresso à Metrópole, em fins de Julho e princípios de Agosto.

1916 – Declarado em Março o estado de guerra com a Alemanha, concentra-se no Campo de Tancos uma Divisão de Instrução que constituiria o núcleo das forças expedicionárias a França. Para este Campo de Instrução sai no dia 26 de Maio um Batalhão do Regimento de Infantaria Nº14, sob o comando do Coronel Adolfo Lebre. O Batalhão, por via ordinária, deixa a cidade de Viseu pelas 10.30 horas, depois de lhe ter sido passada revista pelo Ministro da Guerra, indo embarcar na estação de caminho de ferro de Cubos-Mangualde. Em Agosto, depois de um intenso período de instrução que termina com o desfile das tropas em Montalvo, regressa o Batalhão ao seu Regimento⁹¹.

1917 – A 17 de Janeiro é assinado o Decreto que organiza o Corpo Expedicionário Português, destinado a combater em França contra a Alemanha, saindo do Tejo as primeiras forças a 30 de Janeiro. O Regimento de Infantaria Nº14 vai mais uma vez contribuir para a glória do Exército. Assim, o 1º Batalhão parte de Viseu no dia 22 de Março em comboios especiais para Lisboa. A 23 de Março, pelas 10 horas, os transportes ingleses A, B e C, apoiados pelos “destroyers” HV e HO, levantam ferro a caminho da barra, levando o Batalhão de Infantaria Nº14, num efectivo de 27 Oficiais, 58 Sargentos e 1149 Cabos e Soldados. A 26 realiza-se o desembarque em Brest.

Depois de meses intensos de instrução em várias localidades francesas, vai o Batalhão ocupar definitivamente e com responsabilidade, no dia 10 de Julho, o sector de Fauquissart II, sob o comando do Major Horácio Severo de Moraes Ferreira, onde dias antes tirocinara com um Batalhão da 4ª Brigada do 5º Corpo do II Exército Britânico⁹². Os meses decorrem, vividas nas trincheiras constantemente revolidas pelos bombardeamentos, os pés enterrados na lama, olhos doridos que fitam a noite, procurando adivinhar os movimentos de patrulhas inimigas. Cada dia é uma surpresa, ataques de gases, tiros de morteiro, combates com patrulhas, raides à terra de ninguém. Por fim, nervos já calejados, estes incidentes determinam o quotidiano nas primeiras linhas. Rendições, primeiras linhas,

⁹⁰ CUNHA, A. R. – Campanhas de África contra Alemães – NAULILA, p. 138.

⁹¹ Alguns militares do Regimento ofereceram-se como voluntários para Moçambique e partiram integrados noutras unidades. Pode-se destacar a presença de dois oficiais: o Tenente Ponces e o Capitão Silva Pereira. O Tenente de Infantaria Miguel António Ponces de Carvalho, que já tinha participado na expedição a Angola na coluna Rochadas, morre em combate em 1917. Por sua vez o Capitão médico Silva Pereira desaparece em combate no planalto Maconde, próximo do rio Rovuma na fronteira Norte de Moçambique, em Dezembro de 1917, quando ia integrado na coluna do Capitão Curado.

⁹² A Divisão comandada pelo General Gomes da Costa compreendia três sectores: Ferme du Bois, Neuve Chapelle e Fauquissart.

Fauquissart I e II estavam a cargo, respectivamente, de Infantaria 12 (Guarda) e Infantaria 14 (Viseu), tendo como apoio Infantaria 9 (Lamego) e como reserva Infantaria 15 (Tomar). Estas unidades constituíam a 3ª Brigada.



rendições, novamente o regresso às posições de combate. Assim vive, luta e sofre o Batalhão de Infantaria Nº14.

Desfile militar

Arnaldo Garcez - Centro de Audiovisuais do Exército

*“Serviço da República
Corpo Expedicionário Portuguez
Soldados!*

Ao assumir, em França, o Comando do Corpo Expedicionário Portuguez, com que o governo da República Portuguesa me honrou, saúdo-vos, cheio de entusiasmo, expressando-vos o meu desvanecido orgulho por vos comandar.

Tenho a certeza de que, na luta em que vamos entrar para a defeza do Direito, da Liberdade, e da nossa própria Honra, pelos nossos inimigos ultrajada, sabereis revelar todo o conjunto de qualidades e sentimentos que, em todas as épocas, distinguiram os soldados de Portugal.

Tenho a maior fé de que regressareis às vossas terras, ao seio das vossas famílias, com a consciência do dever cumprido, depois de aqui terdes, ao lado dos valorosos exércitos Britânico e Francez, vingado os nossos irmãos da afronta recebida em terras d’ Africa, e honrado a nossa



Metralhadora Lewis (1917) - a “Luisinha” do soldado português na Flandres

Museu do RI14



Alferes "Porta-Bandeira" do Batalhão do
Regimento de Infantaria Nº14

Museu do RI14

querida Pátria, em cuja bandeira se contemplam, as imorredouras quinas, até hoje cobertas de gloria em todas as partes do mundo.

Ao enviar-vos a minha saudação, sei que dentro de vossos peitos palpita, como no meu, o mesmo entusiasmo fervoroso pela vitoria dos Aliados, que a vitoria da nossa propria Causa, e que comigo respeitareis:

Vivam os Aliados!

Viva Portugal!

Viva o Exercito Portuguez!

Fernando Tamagnini

General!"⁹³

Em Dezembro, depois da revista efectuada pelo Comandante da 1ª Divisão o Batalhão é louvado.

Entretanto, em Viseu sucedem-se os seguintes acontecimentos: chefiados pelo Capitão de Mar e Guerra Machado dos Santos, alguns presos da casa de Reclusão de Viseu⁹⁴, conseguem apoderar-se daquele estabelecimento penal, pondo em liberdade todos os presos políticos e comuns, apoderando-se do material ali existente. Às primeiras horas do dia 7, dirigem-se para o Regimento de Infantaria Nº14, que assaltam pelo portão da Mealhada, com o intuito de estabelecerem uma guarnição, do regime Sidonista, na cidade. Idêntico movimento tinha já eclodido em Lisboa no dia 5 do mesmo mês. Os revolucionários não têm dificuldade na ocupação do quartel, pois elementos afectos à mesma política facilitam-lhes a entrada. É apenas abatido a tiros de pistola um soldado da guarda de polícia que tenta, metendo a espingarda à cara, oferecer resistência aos assaltantes⁹⁵. Uma vez ocupado o Quartel, Machado Santos assume o comando do Regimento e organiza um grupo armado que vai ocupar também sem qualquer resistência o Regimento de Artilharia aquartelado na cidade.

Ainda na manhã de 7, uma coluna composta de elementos de Artilharia Nº7 e Infantaria Nº14, reforçados com o Esquadrão de Cavalaria Nº7, avança sobre Coimbra. Aderindo a guarnição daquela cidade ao movimento, as forças do Regimento de Infantaria Nº14 regressam a Viseu, depois de assegurada a implantação do regime Sidonista em todo o país.

1918 – Em 13 de Janeiro, o Batalhão vai ocupar o sector de Neuve Chapelle, conhecido na frente por "Sector da Morte"⁹⁶. Em 11 de Março, quando duas companhias regressam da 3ª linha a Penin Mariage, sofrem um violento ataque de gases que lhes causam numerosas baixas, sendo o Batalhão reforçado por uma Companhia de Infantaria Nº7 (Leiria) e outra de Infantaria Nº24 (Aveiro). Pairava o boato da iminência de uma forte ofensiva alemã, a expectativa era tormentosa e desgastante para o moral das tropas, o então General Gomes da Costa resolve obter notícias através de prisioneiros alemães. Expediu ordens à 3ª Brigada para efectuar um raide às linhas alemãs na frente de N. Chapelle. A honra de tal missão recaiu sobre a 1ª Companhia do Batalhão oriundo do Regimento de Infantaria Nº14, composta por cem voluntários. O Comandante de Companhia, Capitão José Maria Vale de Andrade⁹⁷, tinha como Subalternos, também voluntários, o Tenente Aníbal Francisco Gonçalves de Azevedo e os Alferes António Gonçalves Pires e Rogério Correia Ferreira. Além dos ilustres Infantes, esta Companhia também era guarnecida por uma Secção, a 24 Praças, de Sapadores Mineiros, comandada pelo Alferes de Engenharia Jaime Faria de Ataíde e Melo, a quem incumbia

⁹³ Primeira Proclamação do General Tamagnini às Tropas Portuguesas em França.

FERREIRA, M. – Portugal na Grande Guerra.

⁹⁴ Instalada no Paço do Fontelo após a instauração da República, hoje Solar do Vinho do Dão.

⁹⁵ Era o Soldado José Henriques, Nº 415 da 8ª Companhia.

⁹⁶ Os ingleses tinham sofrido neste Sector pesadíssimas baixas, o que deu origem a tal designação.

⁹⁷ José Maria Vale de Andrade, (Viseu, 14 de Agosto de 1884 – Viseu, 3 de Abril de 1958). Herói do RI14, que no dia 19 de Março de 1918, comandou o raide às linhas inimigas tendo cumprido todos os objectivos estabelecidos.



Na frente de combate

Arnaldo Garcez - Centro de Audiovisuais do Exército



Refeição nas trincheiras

Arnaldo Garcez - Centro de Audiovisuais do Exército



Passadeira da Medalha Comemorativa da Batalha de La Lys

Museu do RI14

a missão de destruir abrigos de betão para metralhadoras. Seguiu também uma Secção de maqueiros com um Sargento. As Praças estavam convenientemente instruídas e o moral era elevado. A 19 de Março pelas 01.00 hora da madrugada estes valentes militares iniciaram a acção. Rastejando durante 3 horas pela “terra de ninguém”, chegam a 30 metros do parapeito inimigo, onde tiveram que esperar pela preparação por parte da Artilharia. Às 05.00, em ponto, rompe a barragem da Artilharia, a princípio dispersa para desgastar e desnortear os alemães, e logo a seguir com maior precisão sobre os alvos planeados. Os alemães respondem de imediato com o seu poder bélico. No meio desta enorme confusão, é chegado o momento da decisão. Os Comandantes de Pelotão ordenam o assalto e os Soldados do 14 num ímpeto admirável lançam-se em frente com uma inegável coragem, bravura e fúria, assaltando as trincheiras que o inimigo procura defender. Aníbal de Azevedo é o primeiro a entrar nas trincheiras inimigas, até à 2ª linha, fazendo-lhe frente e atacando com bravura. Rogério Ferreira lidera a frente do seu Pelotão com ira e denodo contra a guarnição de uma metralhadora. Gonçalves Pires protege especialmente o trabalho da Engenharia com firmeza e valor. Faria e Melo, empenha-se a todo custo no cumprimento da sua missão. O Alferes de Cavalaria, João Herculano de Melo e Moura, oferece-se para acompanhar os seus camaradas e avança com



a mesma fúria. O Capitão Vale de Andrade, demonstra-se digno Comandante de todos estes valorosos e verdadeiros bravos e resolutos até ao sacrifício, se necessário, da própria vida. Luta-se furiosamente, mas a missão cumpre-se com pleno êxito, sem nenhuma morte da nossa parte. Os alemães tinham abandonado a 1ª e 2ª linhas, indo refugiar-se em pontos inacessíveis. A Companhia⁹⁸ regressa às linhas portuguesas com 5 prisioneiros, trazendo como troféus 2 metralhadoras e diversas armas ligeiras. Por esta brilhante acção é a Companhia louvada e condecorada, com a Cruz de Guerra 1ª Classe, O. E. N.º 25 (2ª série) de 22 de Novembro de 1919.

“Hei por bem decretar sob proposta do Ministro da Guerra, que nos termos do § único do art.º 2.º do Decreto n.º 3259, de 26 de Julho de 1917, sejam louvadas e conjuntamente condecoradas com a Cruz de Guerra de 1ª classe as unidades do Exército abaixo designadas, que fizeram parte do Corpo Expedicionário Português, em recompensa dos feitos de armas de excepcional valor que praticaram e respectivamente lhes vão indicados, sendo-lhes aplicável e disposto nos artigos 42 e 43 do Decreto n.º 6205, de 8 do corrente mês:...

... Companhia do Batalhão de Infantaria N.º 14 que executou o raid de 19 de Março de 1918 – pela bravura e intrepidez com que realizou esta operação, em que atingiu todos os objectivos que lhe tinham sido determinados, fazendo prisioneiros, tomando material e causando baixas

Posição na Linha das Aldeias

Arnaldo Garcez - Centro de Audiovisuais do Exército

⁹⁸ Distinguiram-se também os Sargentos Alfredo Pinto (ferido), Leonardo de Almeida e Silva, Diamantino de Oliveira, António Henriques Cardoso e Augusto de Sousa Martins.



Preparação e melhoramento de trincheiras

Arnaldo Garcez - Centro de Audiovisuais do Exército



e estragos consideráveis ao inimigo, demonstrando assim as qualidades ofensivas do soldado português, com que muito contribuiu para fortalecer o moral das tropas e para realçar o seu prestígio perante os nossos aliados.

O Ministro da Guerra o faça publicar. Paços do Governo da República, 8 de Novembro de 1919.

António José de Almeida – Hélder Armando dos Santos Ribeiro.”

Em Abril, a 3ª Brigada de Infantaria sai do Sector de Neuve Chapelle que guarnecia, nas noites de 6/7 e 7/8, ocupando as seguintes posições:

Quartel-General e Infantaria 12	La Gorgue
Infantaria 9	Riez Baileul
Infantaria 14	Pont Riqueil
Infantaria 15	Croix Marmuze

Em 9, forte bombardeamento alemão massacra o Sector Português. O Comandante da 3ª Brigada expede rapidamente ordens para que ocupem Village Line (a linha das aldeias).

O Batalhão de Infantaria N°14 recebe ordem para ocupar às 08.00 horas os postos de: Croix Barbée, Rue du Puits; Rouge Croix E. e W., Harrow; Eton, Charter House. Reserva em Bout Deville.

Sob o comando de Vale de Andrade, sai prontamente do seu acantonamento em Pont Riqueil às 07.00 horas, apesar do violento bombardeamento que causa várias baixas no Batalhão, caindo mesmo ferido o seu Comandante⁹⁹. Pela tarde, o Batalhão é obrigado, em virtude da acção flagelante da Artilharia alemã, a retirar através dos campos para Huit Maisons, chegando a La Fosse pelas 16.00 horas e finalmente para fora de acção.

As 1ª e 2ª Companhias, às 08.00 horas, ocupavam os postos de Eton e Charter House, onde permaneceram até às 11.45 horas, combatendo violentamente. Distingue-se nesta acção o

Desfile militar

Arnaldo Garcez - Centro de Audiovisuais do Exército



Cruz de Guerra, 1ª Classe

Museu do RI14

⁹⁹ Foi gravemente ferido no deslocamento por efeitos de uma barragem de Artilharia.

MOVIMENTO DAS DIVISÕES ALEMÃS NA FRENTE DO 1º EXERCITO BRITANICO





Alferes José Batista da Silva, que fica ligeiramente ferido. As 3ª e 4ª Companhias, às 07.00 horas receberam ordem para ocupar Bout Deville. Dirigem-se para Oxford Street, conservando-se o Capitão Manuel de Oliveira, Comandante da 4ª Companhia, com alguns elementos, num posto da linha do Corpo até ao dia seguinte em que retirou por falta de munições. O Batalhão retirou com 707 Praças e 15 Oficiais, perdendo 66 Praças. Termina assim a acção do Batalhão nessa dura luta de trincheiras.

Em Julho, encontrando-se o Batalhão em Les Ciscaux, assume o seu comando o Tenente-Coronel João de Almeida Leitão.

Em Agosto, 400 Praças sob o comando do Comandante de Batalhão, marcham para Mametz onde prestam honras ao rei de Inglaterra, Jorge V, de passagem naquela localidade. Em 17 de Outubro, o Batalhão dedica-se laboriosamente à reparação da estrada Armentières-Lille, para que a Artilharia inglesa possa passar em direcção àquela última cidade, depois de evacuada pelos alemães. Por tal serviço recebe o Batalhão na Ordem de Serviço N° 391 do Corpo o seguinte louvor:

“O Batalhão de Infantaria N.º 14 a quem pelo Corpo de Engenharia Inglesa n.º 459 foi pedido para cooperar nos trabalhos de reparação da estrada Armentières-Lille, durante noite de 17 do corrente, se desempenhou da missão que lhe foi confiada por tal forma que mereceu da parte do General Comandante da Divisão n.º 59 os maiores elogios, chegando a declarar-se nesse documento oficial que devido ao trabalho daquele Batalhão é que o material das tropas de 1ª linha ponde passar desde a ponte de Lille até às proximidades da mesma cidade, e sendo certo que o nome português na presente guerra se honra tanto combatendo na linha com as armas na mão, como executando os trabalhos necessários para se efectuarem os avanços, trabalhos em que também gloriosamente se morre pela Pátria, cumpro o grato dever nos termos do n.º 133 do R.D. Ex. da alínea b) do n.º 1 das instruções sobre disciplina no C.E.P., de 1 de Agosto de 1917, de louvar perante a Brigada que me orgulho de comandar todos os Oficiais, Sargentos e Praças do Batalhão de Infantaria 14, pela forma alevantada como se comportaram e em especial o seu Comandante João de Almeida Leitão, pelas rápidas e acertadas providências que tomou, na parte eficaz do auxílio prestado pelas tropas portuguesas”.

Em 24 de Outubro é feito pelo Comandante da 3ª Brigada, Coronel João de Moraes Zamith, um patriótico apelo aos seus Batalhões, que passamos a transcrever:

“Soldados da 3.ª Brigada!

A um dos nossos Batalhões acaba de ser dado publicamente o testemunho do apreço em que são tidos os seus últimos trabalhos e o seu comportamento: - O Batalhão de Infantaria n.º 14 na mudança que acaba de fazer do seu estacionamento para o local onde presentemente se encontra atravessou as povoações de Magdeleine e Saint-André com os soldados marchando na melhor ordem e cantando a Portuguesa, sendo-lhes feita por todas as classes civis das referidas povoações uma entusiástica manifestação. O Batalhão passou no meio de palmas e vivas a Portugal o que tornou esta manifestação grandiosa. É consolador saber que corações pulsaram de entusiasmo, aclamando o nome Português. A aurora começou para nós a despertar rasgando as nuvens densas que nos têm escurecido; unamo-nos pois todos, e, num último avanço, preparemo-nos para, ao lado daqueles nossos valentes companheiros, mostrarmos ao Mundo inteiro quanto ainda valem os homens de Portugal”.



Medalha de Valor Militar, atribuída ao Coronel João Leitão

Museu do RI14



Capacete (1917)

Museu do RI14



Oficiais na parada do Quartel dos Terceiros (1930)

Museu do RI14



ENTRE GUERRAS

(1919-1938)

1919 – Em Viseu, pelas 11 horas do dia 19 de Janeiro, os Oficiais do Regimento são convidados pelo seu Comandante a aderirem a um movimento monárquico que eclodira no mesmo dia no Porto.

Às 14.00 horas, o Regimento de Infantaria N.º14, comandado pelo Coronel António de Almeida Leitão dirige-se para o Rossio e, comparecendo no mesmo local o Comandante Interino da Divisão, o Coronel Paulo de Quental com todo o seu Estado-Maior e o Regimento de Artilharia N.º7, comandado pelo Coronel Afonso Machado Castelo Branco, a bandeira monárquica é arvorada nos Paços do Concelho perante as aclamações populares. As tropas da guarnição, depois de desfilar em continência, dirigem-se para o Adro da Sé, onde a bandeira republicana é arriada, com todas as honras, no edifício do Governo Civil sendo substituída pela da monarquia. Iguais cerimónias têm lugar no Quartel-General e Quartéis da Guarnição.

Nos dias 21, 22 e 23 partem, do Regimento de Infantaria N.º14, forças na direcção de Mangualde, Vila Nova de Paiva e Castro Daire, com o fim de implementarem a monarquia nessas localidades. No dia 22, segue para Mangualde um forte Destacamento sob o comando do Capitão Isaac Bastos, com a missão de impedir o avanço sobre Viseu de uma coluna republicana vinda da Guarda. Uma outra força avança para as proximidades de Tondela, tendo como objectivo barrar o itinerário de acesso, daquela vila a Viseu, a forças republicanas vindas de Sul. A coluna republicana, proveniente da Guarda, detém-se em Fornos de Algodres. Entretanto os dirigentes monárquicos abandonam Viseu e, na madrugada do dia 25, libertados os Oficiais e Sargentos republicanos, é restaurado na cidade o regime republicano, assumindo o comando do Regimento o Major Lopes Mateus.

Em 26, entra na cidade a coluna republicana sob o comando do General Abel Hipólito.

No dia 30 sai do Regimento uma força sob o comando do Major Lopes Mateus¹⁰⁰, fazendo parte do Destacamento Misto da 2.ª Divisão, que se dirige para S. Pedro do Sul e avança até

¹⁰⁰ Faziam parte desta força os seguintes Oficiais: Capitão Esteves, Alferes Assunção, Ataíde, Laffont e M. Lopes.



Corpo de Oficiais do RI14 (1921)

Museu do RI14

Albergaria-a-Velha onde coopera nas operações contra as forças monárquicas na região de Salreu. Esta força regressa a Viseu no dia 3 de Fevereiro. Em 7, uma nova força sob o comando do Capitão Silvério Lebre é destacada do Regimento para Castro Daire, fazendo parte do Destacamento Misto N°3¹⁰¹.

Desta vila sai para Cabril um Pelotão comandado pelo Alferes Pinto de Campos, reforçado com elementos de Cavalaria. Em 1 de Março regressa ao Regimento.

Nos finais deste mês, o Batalhão Expedicionário em França encontra-se em Bourecque, recebendo ordem para regressar a Portugal, acaba por partir para Cherbourg onde embarca para Lisboa. A 7 de Abril chegam a Portugal as últimas tropas do Batalhão sendo as Praças imediatamente licenciadas.

1926 – Iniciando-se em Braga, na manhã do dia 28 de Maio, o movimento militar comandado pelo General Gomes da Costa, e aderindo a 2ª Divisão ao movimento, parte na tarde do dia 31, em comboio especial para a Pampilhosa, um Destacamento constituído pelas 3ª e 4ª Companhias do Regimento de Infantaria N°14 e 1 Divisão de Artilharia N°7¹⁰², sob o comando do Major Albertino Serpa Corte Real¹⁰³.

Ali, o Destacamento reforçado com 1 Companhia do Regimento de Infantaria N°12 (Guarda) e

¹⁰¹ Faziam parte desta força os seguintes Oficiais: Alferes Martins, Pinto de Campos e Matos.

¹⁰² Faziam parte da força do regimento os seguintes Oficiais: Capitães Vale de Andrade e Henriques; Tenentes Marques Lopes, Cardoso e Lobão, Ataíde, Vicente, Oliveira, Casais e Alferes Nogueira.

¹⁰³ Comandava a Divisão de Artilharia N°7 o Tenente António Maria Engrácia.



com 1 Bateria de Metralhadoras Nº2 (Pinhel) mantém-se em ligação com o Quartel-General da 5ª Divisão (Coimbra), aguardando instruções.

Em 1 de Junho, passando o General Gomes da Costa do Porto para Coimbra, na estação da Pampilhosa recebe cumprimentos do Comandante do Destacamento e Oficiais.

No dia 4 de Junho, em comboio especial, parte o Destacamento para Sacavém e dirige-se em seguida para o Lumiar onde bivaca. Os contingentes da 2ª Divisão, com tropas da 5ª, constituem o Destacamento Misto Nº2, encontrando-se o Quartel-General na Ameixoeira.

No dia 6 de Junho, em Lisboa, as forças do Regimento de Infantaria Nº14, com a Bandeira da Unidade, tomam parte na parada militar das tropas vitoriosas, desfilando sob o comando do General Gomes da Costa.

No dia 7 de Julho, regressam as forças do Regimento de Infantaria Nº14 e a Divisão de Artilharia Nº7 a Viseu, onde são calorosamente recebidas pela população civil e pelos seus camaradas da Guarnição.

Uma nova organização é decretada em Julho deste ano e os Regimentos de Infantaria são reduzidos a 25¹⁰⁴. O país é dividido em 4 Regiões Militares sendo, portanto, extinta a 2ª Divisão (Viseu).

A 2ª Região Militar com o seu Quartel-General em Coimbra compreende os seguintes Regimentos de Infantaria:

Regimento de Infantaria Nº12 – Guarda

Regimento de Infantaria Nº14 – Viseu

Regimento de Infantaria Nº19 – Aveiro

Regimento de Infantaria Nº20 – Figueira da Foz

1927 – Na manhã de 3 de Fevereiro, foi sobressaltada a população de Viseu com a notícia de que havia eclodido um movimento revolucionário no Norte do país.

Nos dias 4 e 6, marcham para Lamego forças do Regimento de Infantaria Nº14 sob o comando do Tenente-Coronel Mateus¹⁰⁵ e do Grupo Independente de Artilharia Nº12 que entram em Lamego na madrugada de 5. A Artilharia ocupa posições junto ao Relógio e a Infantaria estabelece-se na margem esquerda do Douro dominando a Régua, ocupada por forças revoltosas do Regimento de Infantaria Nº13 (Vila Real). Depois de bombardeadas, as tropas do Regimento de Infantaria Nº13 abandonam as suas posições, e seguem em direcção ao Porto. Imediatamente a seguir, as forças do Regimento de Infantaria Nº14, reforçadas com elementos do Batalhão de Caçadores Nº6 (Castelo Branco), avançam sobre Amarante ao mesmo tempo que outras colunas fiéis convergem para aquela vila.

Entretanto partem de Viseu, destacadas para o Entroncamento, em 8 e 9, duas forças, respectivamente sob o comando dos Capitães Lourenço e Pereira, regressando a última ao Regimento em 11. A primeira segue até Lisboa, e em 18 está estacionada em Sacavém e aquartelada no Forte.

Entretanto as tropas fiéis em Amarante, incluindo as forças do Regimento de Infantaria Nº14, seguem para Vila Real onde procedem à pacificação da região. Em 8 e 9 de Março regressa ao seu Regimento a diligência destacada em Sacavém, e no dia 10, pela meia noite, chega a Viseu em comboio especial a força vinda de Vila Real, sendo aguardada na estação do caminho-de-ferro por uma Guarda de Honra e muitos populares.

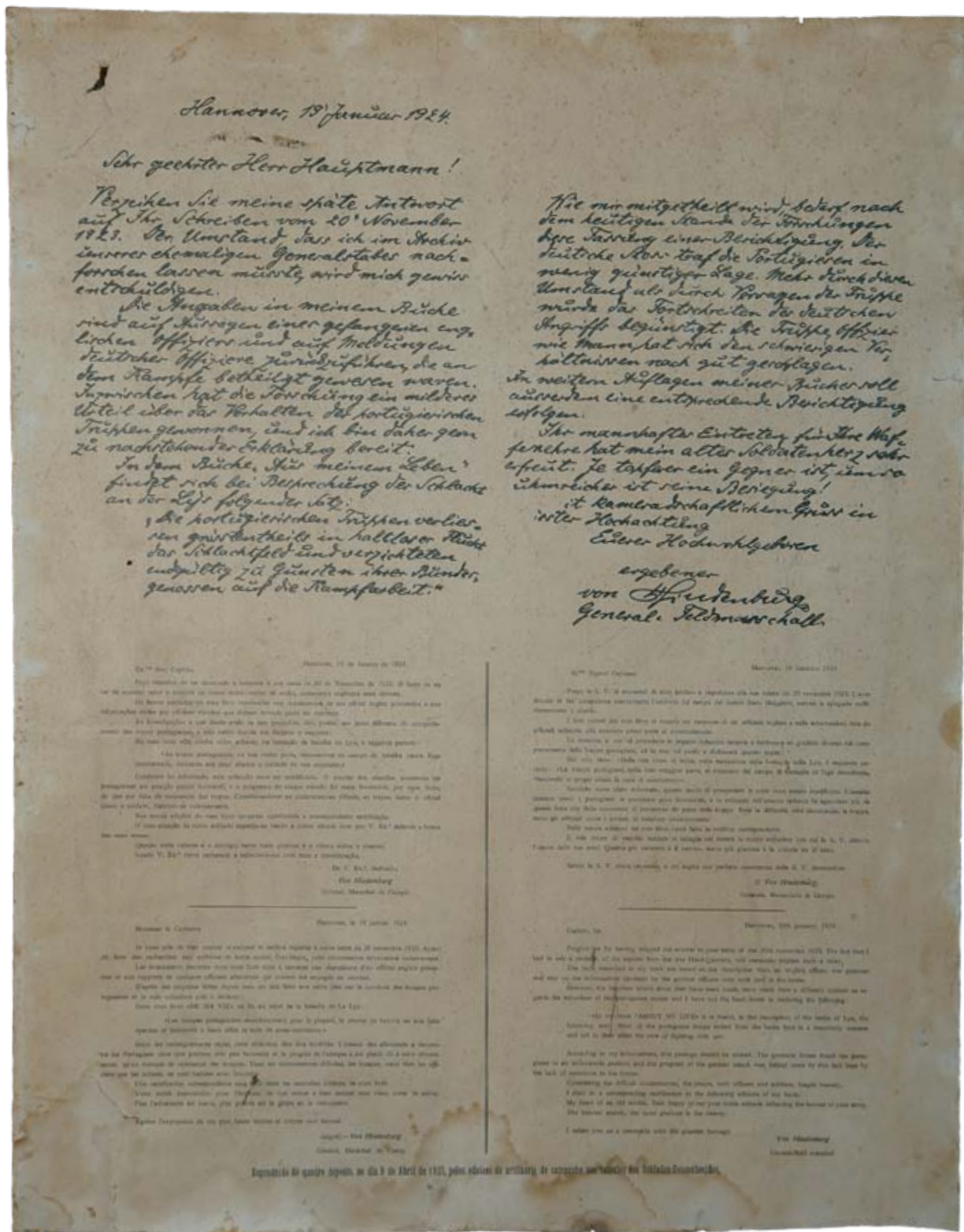
1928 – Eclode em Lisboa e em vários pontos da província um movimento revolucionário. Em

¹⁰⁴ Em 1927 os Regimentos de Infantaria passam a 22. Em 1937 os Regimentos de Infantaria são reduzidos a 16.

A 2ª Região Militar fica a compreender os seguintes Regimentos de Infantaria:

RI10 – Aveiro
RI12 – Coimbra
RI14 – Viseu

¹⁰⁵ Faziam parte desta força os seguintes Oficiais: Capitão Hipólito, Tenentes Cardoso, Dourado, Lobão e Viegas.



Reconhecimento pela forma valente como os militares portugueses combateram na batalha de La Lys, General Von Hindenburg (1924)

Museu do RI14



Pinhel, o grosso do Batalhão de Caçadores N.º10, aderindo ao movimento, embarca em caminho-de-ferro e dirige-se para Coimbra, contando com a adesão da guarnição militar daquela cidade. Elementos civis e empregados da Companhia dos caminhos-de-ferro da Beira Alta, fiéis à situação, levantam em vários locais os carris, o que obriga o Batalhão de Caçadores N.º10 a desviar-se do seu itinerário principal. Assim, antes de Mangualde, nas Contenças, toma um itinerário secundário e avança sobre Viseu. Pela tarde do dia 21 de Julho, sabendo-se em Viseu dos graves acontecimentos que se passavam, um Destacamento comandado pelo Tenente-Coronel Mateus desloca-se, transportado em viaturas, ao encontro das forças revolucionárias. O Destacamento era constituído por: forças do Regimento de infantaria N.º14, uma Divisão de Artilharia de Montanha N.º12, sob o comando do Tenente António de Almeida, um Pelotão da 1.ª Companhia da GNR aquartelada na cidade e uma Secção de Saúde dos Bombeiros Voluntários dirigida pelo Dr. Mário Barroso. Como as guardas avançadas dos revoltosos já se encontravam nas proximidades da ponte de Fagilde, o Destacamento toma posições nas alturas de Prime. Daqui, partem dois grupos com a missão de recolherem informações no campo do adversário. O primeiro era constituído pelo Tenente Carlos Batista, Tenente de Cavalaria Rui Amorim e dois guardas da PSP de Viseu; o segundo era constituído pelo comandante da PSP de Viseu, Tenente Cavaleiro, e alguns guardas daquela corporação.

Na noite de 21, a Divisão de Artilharia entra em posição e, depois de receber os elementos de tiro calculados pelo Capitão de Artilharia Abranches Pinto, abre fogo com 6 tiros. Aproveitando a noite, o inimigo começa a retirar. Sobre a madrugada de 22, o Destacamento recebe, como reforços, uma segunda força do 14 sob o comando do Capitão Lourenço¹⁰⁶, uma Bateria de Artilharia completa, comandada pelo Capitão António Ribeiro Batista Montes e ainda um Esquadrão de Cavalaria de Aveiro, comandado pelo Capitão Sérgio Viana.

Pelas 5 horas do dia 22, avançam para as linhas inimigas elementos de informação da PSP dirigidos pelo Aspirante a Oficial Rebelo¹⁰⁷ com o fim de definirem exactamente as posições dos revoltosos. Estes elementos, atingem a povoação de Fagilde sem encontrarem quaisquer vestígios do adversário, recebem a informação de que este retirara e se encontrava no cruzamento das estradas Mangualde-Viseu e Mangualde-Nelas. Informado o comandante do Destacamento da situação, inicia a perseguição aos revoltosos, os quais continuam a retirar, estabelecendo-se definitivamente nos campos junto à Freixiosa, para pouco depois enviarem um parlamentar à forças fiéis, propondo a rendição.

No dia 28, Oficiais e Sargentos revoltosos são conduzidos a Viseu como prisioneiros, sendo os Soldados enviados para Pinhel.

1931 – Em 10 de Abril e por motivo do movimento revolucionário na Madeira é destacada uma força, do Regimento de Infantaria N.º14, para a Pampilhosa, fazendo parte do Destacamento N.º7 a concentrar naquela localidade¹⁰⁸, sob o comando do Major Albuquerque.

No dia 1 de Maio seguem para Lisboa com destino à Madeira as 3 Companhias de Atiradores, o comando do Batalhão e o comando do Destacamento, mas como a rebelião foi controlada, estes elementos não chegam a embarcar e voltam à sua anterior situação, regressando as forças do 14 ao seu Regimento, nos dias 12 e 13 de Maio.

Ao eclodir no dia 26 de Agosto, em Lisboa, uma revolta militar, partem novamente, no dia 27, para Pampilhosa forças do Regimento de Infantaria N.º14, sob o comando do Major Albuquerque¹⁰⁹, para constituir o Destacamento N.º7. Em 31 de Agosto e 1 de Setembro recolhem a Viseu.

¹⁰⁶ Desta força faziam parte os Tenentes Dourado e Vicente.

¹⁰⁷ Este Oficial encontra-se à disposição do comandante do Destacamento para serviço de recolha de informações sobre o inimigo.

¹⁰⁸ O Destacamento era constituído por: Formação e Comando – RI14; 1 Pelotão de Metralhadoras – RI14; 2 Companhias de Atiradores – RI14; 1 Companhia de Atiradores – RI19; 1 Bateria de Artilharia – GIAM 12; 1 Esquadrão de Cavalaria 8; 1 Secção de Saúde – 2.ª Companhia de Saúde; 1 Secção de Transportes – 2.ª Companhia de Administração Militar.

¹⁰⁹ Oficiais que faziam parte destas forças: Capitães Rebelo, Celestino da Costa, Celestino da Silva e Coelho Mota; Tenentes Cardoso, Baíam e Adelino; Alferes Pereira, Costa e Alves; Aspirantes Lacerda e Machado.



Instrução de comunicações (1945)

Museu do RI14



II GUERRA MUNDIAL

(1939-1945)

1939 – No dia 1 de Setembro de 1939 as tropas alemãs entram em território polaco e iniciam a segunda guerra mundial, que se prolongará até 7 de Maio de 1945, data da rendição da Wehrmacht¹¹⁰.

Portugal mantém-se neutral durante todo o conflito, mas não descuidava a defesa dos seus Arquipélagos da Madeira e Açores, e dos seus vastos territórios coloniais. Assim, embarcam em Lisboa tropas expedicionárias com o fim de consolidarem a nossa soberania, impedirem a utilização dos territórios por qualquer dos contendores e assegurarem a neutralidade determinada pelo governo da Nação.

II GUERRA MUNDIAL - ANGOLA

(1939-1945)

1940 – Em 23 de Julho de 1940, de madrugada, é recebida no Regimento de Infantaria Nº14 a ordem que determina a mobilização de 1 Batalhão Expedicionário a Angola, a constituir-se do seguinte modo:

RI14 (Viseu)	Comando, Formação, Trem e Companhia de Acompanhamento
RI10 (Aveiro)	1ª Companhia de Atiradores
RI12 (Coimbra)	2ª Companhia de Atiradores
BC7 (Guarda)	3ª Companhia de Atiradores

No Regimento de Infantaria Nº14 foram nomeados os seguintes Oficiais:

Comandante de Batalhão	Major Ernesto Sardinha
2º Comandante	Capitão António Areosa Correia da Cruz



Medalha de Homenagem Nacional aos Heróis da Ocupação do Império (1943)

Museu do RI14

¹¹⁰ No Pacífico as forças do Japão renderam-se aos aliados no dia 2 de Setembro de 1945.



Estandarte Nacional do Batalhão
de Infantaria N°74 (RI14)

Museu do RI14

Adjunto	Capitão José Raul Ramalho Fernandes
Ajudante	Tenente Júlio de Almeida Rebelo de Lacerda
Médico	Tenente Mário de Sousa Teles de Leitão
Provisor	Capitão José Maria Ferreira Taborda
Comandante da Formação	Alferes Aires Fernandes Martins
Comandante do Trem	Alferes Francisco José Peliça
Cmdt Pelotão Sapadores	Tenente António João Duarte Craveirinha
Cmdt Comp Acompanhamento	Capitão António José da Costa Cunhal
Subalternos	Tenente José Boto; Tenente Miliciano José Júdice Cavaco; Alferes Miliciano Rui de Gusmão Nogueira; Alferes João Evangelista Barreto

Em 19 de Julho, o Batalhão Expedicionário a Angola passa a designar-se Batalhão de Infantaria N°74, subordinado ao Regimento de Infantaria N°14, devendo o pessoal nas Companhias mobilizadas pelas unidades da 2ª Região Militar serem transferidas para o mesmo.

Em 25 de Julho, o Batalhão está pronto a embarcar.

Em 2 de Agosto, pela tarde, seguem para Lisboa em comboio especial os elementos mobilizados no Regimento, juntando-se-lhes em Santa Comba Dão, Pampilhosa e Coimbra as Companhias de Atiradores, mobilizadas nas unidades já mencionadas.

Oficiais das Companhias de Atiradores:

- 1.ª – Capitão Armindo da Purificação Soares, Tenente António Loureiro da Cruz e Alferes Milicianos Manuel Bismarck de Melo e Custódio José Lopes Carneiro.
- 2.ª – Capitão Alípio da Silva Vicente, Tenente Raul da Conceição Gonçalves Bravo e Alferes Milicianos Porfírio Afonso da Costa Paiva e Leonel Tavares do Canto Taveira.
- 3.ª – Capitão João Manuel Gomes, Tenente Luís da Costa Azevedo e Alferes Milicianos Antero Coelho da Mota Hubert Dias de Sousa e António dos Santos Pereira.

Na madrugada de 3, chega o Batalhão a Santa Apolónia, dirigindo-se para bordo do navio de carga “S. Tomé”, adaptado a transporte. Pelas 16.00 horas, o Batalhão formado no Terreiro do Trigo é passado em revista pelo Ministro da Guerra, Dr. Oliveira Salazar. Seguidamente a mesma entidade visita as instalações do Batalhão. Pelas 19.00 horas, com o cais repleto de populares que aclamam as forças expedicionárias, desliza o “S. Tomé” lentamente a caminho da barra.

Em 17, o Batalhão desembarca em Luanda onde permanece, aguardando que lhe sejam ultimadas as instalações de Nova Lisboa onde o mesmo irá estacionar.

No dia 18, desfila o Batalhão perante o Monumento aos Mortos na I Guerra Mundial.

Em 22, encontra-se o Batalhão em Nova Lisboa, com excepção da 3ª Companhia que ficara em Luanda, recebendo em 1 de Setembro e 12 de Outubro, respectivamente, as visitas do Governador Geral, Dr. Marques Mano e do Comandante Militar da Colónia.

Relatamos em seguida aqueles factos que melhor podem dar uma ideia da actividade do Batalhão em terras de Angola: um Pelotão de Atiradores, sob o comando do Alferes Miliciano Costa Paiva segue no dia 5 de Outubro para Benguela; Em 1 de Novembro marcha para a Ganda¹¹¹ um Destacamento comandado pelo Tenente Loureiro da Cruz, tendo como Subalternos os Alferes Milicianos Bismarck de Melo e Nogueira, sendo

¹¹¹ Até 1975 conhecida por Vila Mariano Machado, cidade e município da província de Benguela.



destacado na mesma data outro Destacamento, sob o comando do Alferes Barreto, tendo como Subalterno o Alferes Miliciano Carneiro, para o que vai assumir o comando militar da zona Lobito-Benguela; em 21 de Dezembro, é constituído um Destacamento, sob o comando do Capitão Cunhal, que fica pronto a partir para o Sul, com o fim de tomar parte na campanha contra os Macubais, no entanto, a sua intervenção não chega a ser necessária.

1941 – Em 24 de Janeiro, marcha em diligência para a Ganda um Destacamento, comandado pelo Capitão Ramalho Fernandes, a fim de substituir o Destacamento que ali se encontrava. Esta força recolhe à sede do Batalhão em 25 de Março.

Em 27 de Junho, marcha para Luanda um Destacamento comandado pelo Capitão Ramalho Fernandes que vai render a 3ª Companhia de Atiradores.

Em 4 de Julho recolhe o Destacamento do Lobito.

Em Agosto, assume o comando do Batalhão o Major António Areosa Correia da Cruz.

Em 31 de Agosto, realiza-se pelas 10.30 horas na Praça Salazar em Nova Lisboa¹¹², a cerimónia da entrega da Bandeira ao Batalhão, oferecida pelas senhoras desta cidade, à qual assiste o Governador da Colónia, Dr. Marques Mano.

Oficiais do BI74 (RI14) a bordo do navio Sofala no seu regresso a Lisboa (1944)

Museu do RI14

¹¹² Hoje cidade do Huambo.



Major José dos Santos Donato
- Comandante do 1º Batalhão
Expedicionário destacado para
os Açores em 1941

Museu do RI14

1942 – Em 5 de Fevereiro, a Companhia destacada em Luanda é transferida para Benguela.

Em 22 de Novembro, chega a Nova Lisboa o Ministro das Colónias Dr. Francisco Vieira Machado, prestando-lhe “honras militares” uma Companhia do Batalhão.

Em 25, o Batalhão na sua máxima força toma parte na parada das tropas da guarnição em honra daquele membro do governo.

1943 – Em 17 de Novembro, o Batalhão é visitado pelo Comandante Militar da Colónia, Brigadeiro Mena.

Em 24, o Batalhão é encarregado da abertura de uma estrada que devia ligar directamente o aquartelamento em construção com a parte alta da cidade de Nova Lisboa, trabalhos imediatamente iniciados sob a direcção do Tenente Barreto e Alferes Dias de Sousa, Simão e Esteves Correia. A esta estrada foi dado o nome de Avenida do BI 74.

1944 – Em 8 de Julho, pelas 16.45 horas, o Batalhão parte de Nova Lisboa com destino ao Lobito a fim de embarcar para a metrópole, juntando-se-lhe, nesta localidade, a Companhia de Atiradores destacada em Benguela.

Em 9, pela tarde, a bordo do “Sofala” o Batalhão regressa a Lisboa onde chega na manhã de 24, embarcando à noite para Viseu.

No dia 25, chega o Batalhão a Viseu recolhendo ao seu quartel por entre alas de populares que não regateiam aplausos aos expedicionários¹³.

II GUERRA MUNDIAL - AÇORES

(1941-1945)

1941 – Em virtude de determinação do Ministério da Guerra de 2 de Julho de 1941, é organizado no Regimento de Infantaria Nº14 o 1º Batalhão Expedicionário, assim constituído¹⁴.

Comandante	Major José dos Santos Donato
Ajudante	Capitão José da Paixão Simões Saraiva
Ajudante	Tenente Isidoro de Palma
Médico	Alferes Miliciano Álvaro da Rosa Pimenta
Provisor	Alferes Miliciano João do Rosário Palhano Engrácio
OIB	Tenente João Duarte Casquinho
Comandante do Trem	Alferes Delfim Fernandes
Cmdt Pel Sapadores	Alferes Miliciano António Tavares de Pina

1ª Companhia de Atiradores

Capitão	Abel António Ferreira Cardoso
Alferes Milicianos	José Fernandes Lebre; Serafim A. Santos Júnior; Eduardo Augusto Albuquerque

2ª Companhia de Atiradores

Capitão	Rodrigo Brandão Guedes Pinto
Alferes Milicianos	José Morgado Rosa; Abel Lopes Barbas; José Barroso Félix

¹³ Faleceram em Angola, por doença, os seguintes Oficiais do BI 74: Em 12 de Abril, o Capitão José Maria Ferreira Taborda; em 28 de Agosto de 1943, o Capitão António dos Santos Neto.

¹⁴ Como pormenor curioso, salienta-se que nenhuma das praças convocadas para a organização do Batalhão faltou à apresentação no RI14. Apenas o Soldado nº 394/40, João Rodrigues Falacho, chegou ao seu Regimento com um atraso de dois dias, por se encontrar ausente em Espanha, tendo-se feito transportar em automóvel de Madrid a Viseu, à sua custa, logo que soube da mobilização.



3ª Companhia de Atiradores

Capitão Manuel Maria Ramos Lopes
 Alferes Milicianos Henrique Leite; Carlos Eduardo Macedo da Silva;
 Delmiro de Oliveira Manaia

Companhia de Acompanhamento

Capitão José João da Cruz Pereira
 Tenentes José Lopes Batista; Ernesto Ferreira Proença
 Alferes Milicianos Alberto Maria Raio de Carvalho Félix da Costa;
 Afonso Temudo Pereira Barata

O Batalhão embarca em comboio especial para Lisboa no dia 3 de Julho, pelas 20.00 horas, depois de ter desfilado garbosamente pelas ruas de Viseu, aclamado por enorme multidão.

Na manhã do dia seguinte, o Batalhão chega à capital e vai aquartelar-se na Companhia de Adidos do Governo Militar de Lisboa, aguardando embarque para qualquer lugar. Dias depois, sabe-se que o Batalhão é destinado à Ilha de São Miguel – Açores.

No dia 10, o Batalhão desfila pelas ruas da cidade, e depois de ter sido passado em revista pelo Presidente do Ministério, Dr. Oliveira Salazar, que se fazia acompanhar do Ministro da Guerra, embarca no “João Belo” pelas 21.00 horas.

Pelo seu aprumo durante a permanência em Lisboa, é o 1º Batalhão Expedicionário louvado na Ordem do Exército nº 12 de 27/8/1941:

“Publica-se ao Exército o seguinte:

1 – Decretos e Portarias

Ministério da Guerra – Repartição do Gabinete

Manda o governo da República Portuguesa, pelo Ministério da República, louvar o 1.º Batalhão do Regimento de Infantaria N.º 14 pelo elevado aprumo militar e pela galhardia com que se apresentou na capital a fim de embarcar para as ilhas adjacentes, em reforço da sua defesa, revelando as suas praças, quer isoladas, quer em formatura, uma compostura e um espírito de altivez dignos de todo o elogio, fazendo-se ovacionar pela população ao desfilar pelas ruas da cidade para o embarque, honrando com a sua patriótica atitude as honrosas tradições de Infantaria da Beira e dando segura garantia de que a terra portuguesa entregue à sua guarda não será impunemente calcada por estrangeiros.

O Ministério da Guerra, 21 de Julho de 1941. – O Sub-secretário de Estado da Guerra, Fernando dos Santos Costa”¹¹⁵.

Em 13, pela noite, o “João Belo” entra no porto de Ponta Delgada, realizando-se o desembarque dos expedicionários na manhã do dia seguinte. Já se encontravam nos Açores três Batalhões Expedicionários dos Regimentos de Infantaria N.ºs 8 (Braga), 9 (Lamego) e 10 (Aveiro), respectivamente destacados nas ilhas do Faial, S. Miguel e Terceira. À ilha de S. Miguel chegaram tempos depois os Batalhões Expedicionários dos Regimentos de Infantaria N.ºs 2 (Abrantes), 3 (Beja), 12 (Coimbra) e 16 (Évora) e o Batalhão de Metralhadoras 2 (Figueira da Foz), constituindo-se com os Batalhões Expedicionários dois Regimentos:

- Regimento de Infantaria N.º21 (das Beiras) – Batalhões dos RI N.ºs 9, 12 e 14;
- Regimento de Infantaria N.º22 (do Alentejo) – Batalhões dos RI N.ºs 3, 4 e 16.

Estas unidades, conjuntamente com o Regimento de Infantaria N.º18 (3 Batalhões mobilizados

¹¹⁵ Na verdade, o 1º Batalhão Expedicionário do RI N.º14, pelo elevado moral e espírito de corpo dos seus Oficiais, Sargentos e Praças, impressionou fortemente todas as pessoas que assistiram ao seu embarque.



pelo Batalhão Independente de Infantaria Nº18), unidades de Artilharia, Engenharia e Aviação, tinham pois a seu cargo a defesa da Ilha de S. Miguel.

Relativamente ao 1º Batalhão Expedicionário do Regimento de Infantaria Nº14, desembarcado na manhã do dia 14, vai alojar-se durante cerca de um mês num casarão da rua Castilho, em Ponta Delgada, que normalmente servia de armazém de trigo, constituindo a reserva do comando da ilha.

Em 26 de Julho, aquando da visita à ilha do Presidente da República, o Batalhão presta honras ao Chefe Supremo da Nação, tomando parte na parada realizada no dia seguinte. Logo após a visita do Presidente da República, o Batalhão vai alojar-se nos Arrifes (Comando, Formação e Trem, Companhia de Acompanhamento e 1ª Companhia de Atiradores) e na Grotinha (2ª Companhia de Atiradores). A 3ª Companhia de Atiradores vai ocupar Porto Formoso, Maia e Lomba Maia. Durante a sua permanência na ilha e à maneira que iam desembarcando novas forças, o dispositivo da defesa é sucessivamente alterado, passando o comando do Batalhão para a Grotinha, Arribanas e novamente para a Grotinha onde se mantém até final.

A 1ª Companhia de Atiradores, reforçada com 2 Pelotões de Metralhadoras, vai ocupar o Forte de S. Braz, em Ponta Delgada, onde permanece até à desmobilização do Batalhão, com a missão de defender o porto de Ponta Delgada.

1943-44 – Em 3 de Novembro de 1943 e 6 de Abril de 1944, assumem o comando do Batalhão, respectivamente, os Majores Adelino Ferreira Fresco e João Xavier da Costa Pina.

Em Dezembro de 1944, começa sucessivamente o Batalhão a desmobilizar, permanecendo apenas na ilha uma comissão liquidatária durante alguns meses.

Oficiais que estiveram colocados no Batalhão durante os anos em que o mesmo permaneceu em S. Miguel e que foram sucessivamente substituir aqueles que inicialmente faziam parte dos seus quadros:

Outubro de 1941	Alferes Miliciano Manuel Romão de Sousa Gago
Agosto de 1942	Alferes Baltazar do Amaral Brites
Abril de 1943	Alferes Luís Gonçalves Carneiro; Alferes António de Almeida Nave
Maio de 1943	Alferes Miliciano Mário Fiúza da Silva Pinto
Julho de 1943	Capitão José Fernandes Matias Júnior
Agosto de 1943	Tenente Miliciano Ruy Marques Gonçalves; Alferes Miliciano Carlos Gonçalves Ferreira; Aspirante Miliciano Médico Joaquim Lopes Feteira
Setembro de 1943	Aspirante Miliciano Administração Militar Jorge Adolfo Oliveira; Aspirante Miliciano Francisco M. Bettencourt Rodrigues; Aspirante José Augusto Esteves Felgas; Aspirante Miliciano Jaime Ferreira Fernandes; Aspirante Miliciano Raul Ferreira; Aspirante Miliciano Manuel Ribeiro; Aspirante Miliciano Hermínio Ruy Paiva da Silva; Aspirante Miliciano Augusto Henriques dos Santos e Sousa; Aspirante Miliciano Alexandre Melo A. Lemos Correia Leal; Aspirante Miliciano Leonardo F. de Sousa Vasconcelos
Novembro de 1943	Tenente Miliciano Aníbal José Rio de Miranda Jesus; Alferes Miliciano Luís Diogo de Almeida Campos; Aspirante Miliciano de Cavalaria Salvador Hassan



Janeiro de 1944	Alferes Miliciano Vasco Eduardo de Faria Blanc Lupi; Alferes Miliciano Américo Costa; Alferes Miliciano Fausto Correia de Matos
Fevereiro de 1944	Alferes Clodomir Sá Viana de Alverenga
Abril de 1944	Capitão Viriato Lopes das Neves; Aspirante António do Canto Homem de Noronha; Aspirante Administração Militar Ricardo Jorge C. Fonseca; Alferes João de Gouveia Pessanha
Junho de 1944	Tenente Miliciano Porfírio Pereira da Silva
Setembro de 1944	Capitão Abel de Freitas; Capitão Bernardino Artur de Magalhães; Capitão Américo de Carvalho Esmeraldo; Alferes Joaquim Inácio Pereira Vaz Júnior
Outubro de 1944	Alferes Manuel Amaral da Silva
Dezembro de 1944	Alferes Miliciano Fernando José Sarmento Pimentel Neves

Deslocamento do 1º Batalhão
Expedicionário do RI14, Açores

AHM



Estandarte Nacional do Regimento de Infantaria Nº14 num desfile militar na cidade de Viseu (1956)

Museu do RI14



ANOS 50

1951 – Após quase 110 anos no velho quartel dos Terceiros (antigo convento dos frades da Ordem Terceira), junto ao Rossio de Viseu e ocupando uma área que hoje coincide com o Hotel Grão Vasco e o Jardim Alexandre Herculano, o Regimento de Infantaria N.º14 muda-se para novas instalações numa zona que, na altura, ficava fora da cidade, junto ao limite de Repeses: no dia 10 de Julho é inaugurado o Quartel dos Viriatos.

1952 – A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN, NATO ou «Pacto Atlântico») foi criada pelo Tratado do Atlântico Norte, conhecido igualmente por Tratado de Washington, assinado em 4 de Abril de 1949¹¹⁶. Portugal foi um dos doze países ocidentais fundadores da organização e durante os anos 50 a contribuição portuguesa para a defesa comum da Aliança Atlântica era garantir a prontidão de uma Divisão de Infantaria¹¹⁷, à qual foi dada internamente a designação de Divisão SHAPE (Supreme Headquarters Allied Powers in Europe, o comando multinacional superior da OTAN na Europa).

A Divisão SHAPE era constituída por subunidades de combate, apoio de combate e apoio de serviços, que eram mobilizadas, organizadas e treinadas por unidades de escalão regimento, espalhadas de Norte a Sul do país. Estas subunidades reuniam-se anualmente em Santa Margarida para manobras e validação de doutrinas.

O RI14, dentro da Divisão SHAPE, tinha como responsabilidade o levantamento de um Batalhão de Infantaria, com recrutamento local e no qual os militares ficavam colocados numa situação de inamovibilidade durante 3 anos.

1957 – Foi atribuída a responsabilidade ao RI14 de destacar uma Companhia do Batalhão SHAPE para Goa, Índia Portuguesa¹¹⁸, integrada no designado Batalhão de Caçadores das



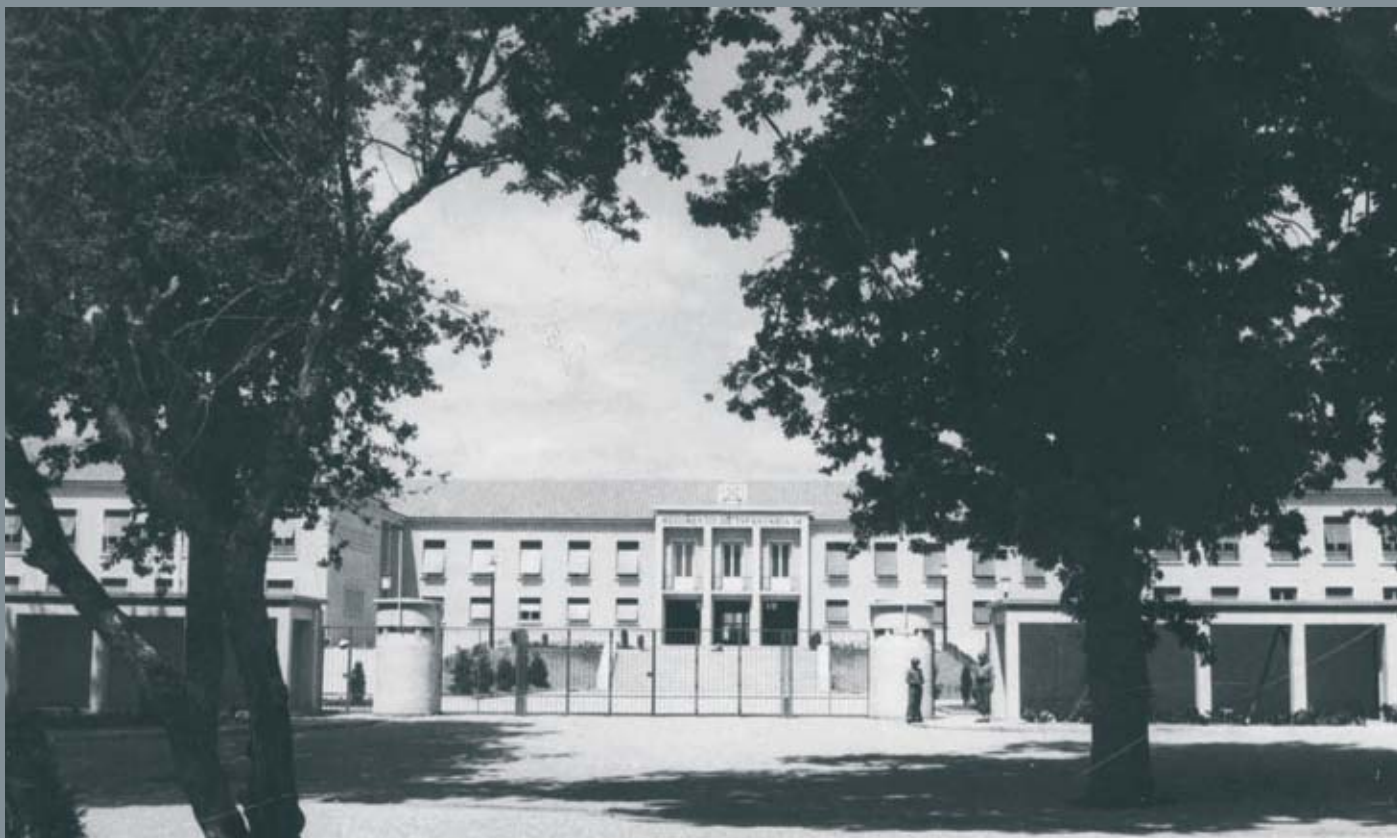
Miniaturas das Condecorações do Major Inglês Mc Hanbury Estagiou no Regimento (1953)

Museu do RI14

¹¹⁶ Caeiro Mata (Arraiolos, 6 de Janeiro de 1877 – Lisboa, 3 de Janeiro de 1963), jurista, político e professor catedrático, assina por Portugal o pacto fundador da OTAN.

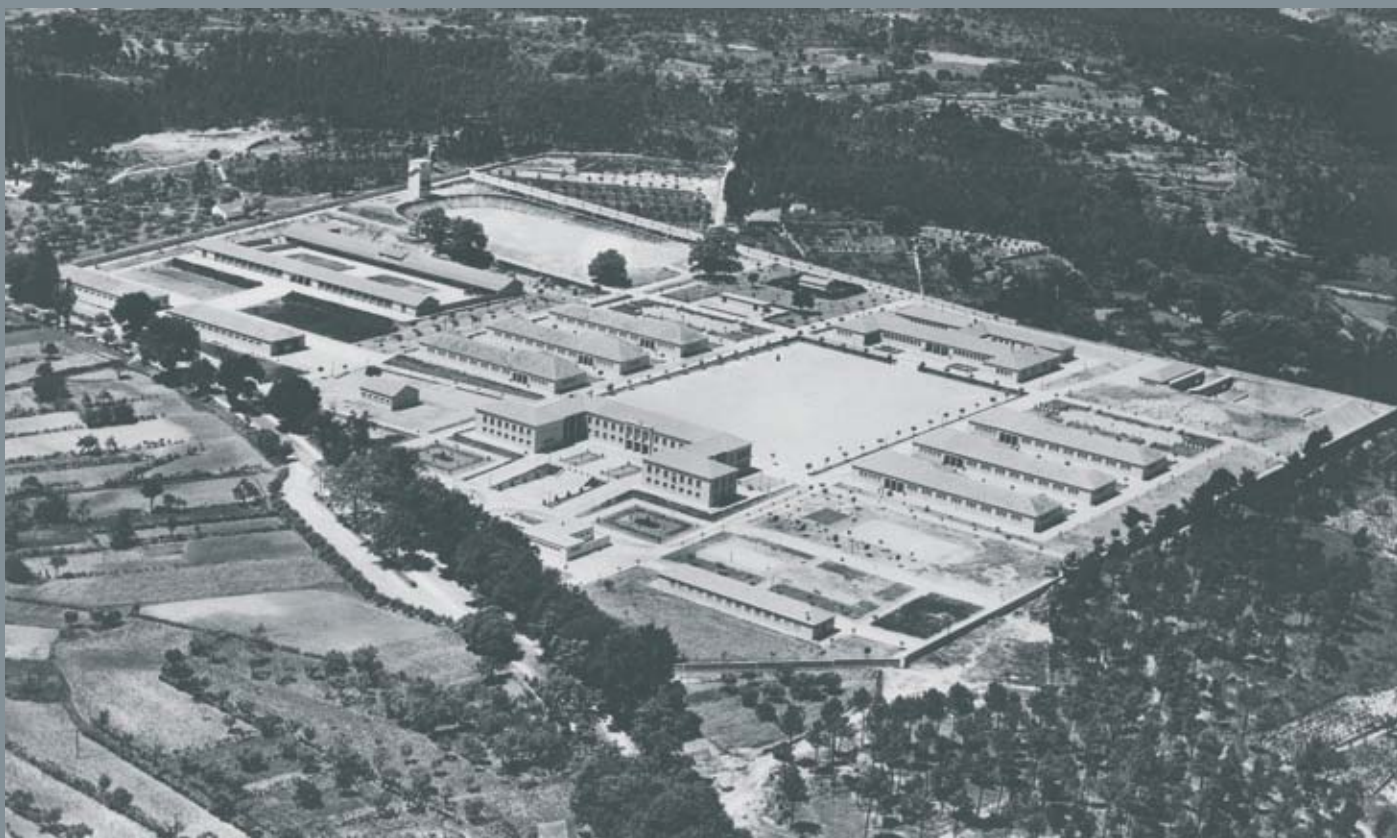
¹¹⁷ Prevía-se que a Divisão Portuguesa reforçasse o exército dos EUA, que ocuparia a zona de Bordéus em caso de conflito. Isto obrigou a uma organização semelhante à americana e não à britânica, o que foi um corte radical com o passado. A Divisão Portuguesa era uma força de reserva geral que asseguraria a defesa de um dos mais importantes portos para o reforço da Europa em caso de guerra.

¹¹⁸ Antigo território português, na península do Indostão, constituída por três distritos: Goa, Damão e Diu. Os portugueses permaneceram na Índia desde os fins do século XV até 1961, quando as forças da União Indiana ocuparam os territórios.



Novo quartel (1951)

Museu do RI14



Vista aérea do novo quartel (1951)

Museu do RI14



Inauguração do novo quartel do Regimento de Infantaria Nº14, em 10 de Julho de 1951. Presidiu à cerimónia o Ministro da Defesa Nacional, Coronel Fernando dos Santos Costa, assistiram o Ministro do Exército Adolfo do Amaral Abranches Pinto, sendo o Comandante do RI14 o Coronel José Maria Coelho da Mota

Museu do RI14



D. José Cruz de Moreira Pinto a efectuar a abertura dos portões da porta de armas, aquando da sua inauguração

Museu do RI14



Partida para exercícios (1952)

Museu do RI14

Beiras. Esta missão decorreu entre Abril de 1957 e Maio de 1959, com um efectivo total de 301 militares. A Companhia de Caçadores do RI14 foi comandada pelo Capitão Ângelo de Almeida Simões, sendo subalterno mais antigo o Alferes Aurélio Trindade, tendo este oficial sido promovido durante a comissão.

O Batalhão de Caçadores das Beiras era constituído por um Comando, Companhia de Comando e Serviços (CCS) e 2ª Companhia de Caçadores (CCaÇ), mobilizados pelo Batalhão





de Caçadores N.º7 (BC7) da Guarda, a 1.ª CCaç pelo BC6 de Castelo Branco, a 3.ª CCaç pelo RI14 de Viseu, a 4.ª CCaç pelo BC2 da Covilhã e a Companhia de Armas Pesadas pelo Batalhão de Metralhadoras da Figueira Foz, e teve a responsabilidade de render o Batalhão de Caçadores Vasco da Gama, mobilizado na Escola Prática de Infantaria (EPI) em Mafra.

A Sede do Batalhão ficou colocada em Velha Goa e a Companhia do RI14 foi destacada para Aguada. O Comando da Companhia e um Pelotão ficaram aquartelados em Aguada, um Pelotão em Reis Magos, um Pelotão em reforço da polícia de Goa, e finalmente, um Pelotão no Palácio do Cabo, para garantir a segurança pessoal do Governador do Estado da Índia Portuguesa, General Paulo Bénard Guedes¹¹⁹.

Após nove meses de comissão a missão da Companhia foi alterada, tendo sido colocada em Cortelim com duas missões essenciais: por um lado garantir a segurança na travessia por ferry do Rio Zuari, com um Pelotão em cada uma das margens; e, por outro, garantir a segurança dos Emissores Rádio de Bambolim (recepção e emissão, em dois locais distintos), emissores que garantiam as comunicações com Lisboa.

Em 1959 o Batalhão de Caçadores das Beiras foi rendido pelo Batalhão do Alentejo e Algarve, tendo regressado a Viseu, onde os militares do quadro permanente regressaram ao Batalhão SHAPE e os do quadro de complemento e praças foram desmobilizados.

Embarque do Batalhão de Caçadores das Beiras para Goa (1957)

AHM

¹¹⁹ Paulo Bénard Guedes (Lisboa, 1892 - Benguela, 1960) foi o penúltimo governador-geral da Índia entre 1952 e 1958, sendo substituído pelo General Vassalo e Silva.



Operação de cerco e busca na Guerra do Ultramar

Centro de Audiovisuais do Exército



GUERRA DO ULTRAMAR

(1961-1974)

1960 – O litígio entre Portugal e os movimentos de libertação das províncias ultramarinas¹²⁰, deu origem a um conflito militar que iria perdurar do início da década de 60 até ao dia 25 de Abril de 1974.

Em Junho, Portugal é surpreendido por um documento com origem num grupo de interesse específico, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) que envia uma declaração ao governo português na tentativa de estabelecer negociações, segundo o MPLA Angola estava a ser ocupada por Portugal. A difusão deste documento levou à prisão de Agostinho Neto¹²¹ e Joaquim Pinto de Andrade¹²².

As decisões das Nações Unidas, de Novembro, que declararam os territórios ultramarinos portugueses parcelas colonizadas, legitimaram um apoio internacional ao direito à independência e autodeterminação.

Para salvaguardar a integridade e manutenção dos territórios ultramarinos, é pedido, mais uma vez um contributo repentino ao Exército Português que, de um momento para o outro, teve de preparar forças de contra guerrilha e enviar para Angola, Moçambique e Guiné unidades mobilizadas e treinadas no território de Portugal Continental.

O Regimento de Infantaria N.º 14 durante o período de 1961-1974 foi uma unidade de preparação e treino de recrutas e de algumas especialidades de Infantaria, sendo a grande maior parte dos elementos incorporados oriunda da região das Beiras. Estes soldados após terminarem o seu período de instrução eram integrados em unidades de combate mobilizadas por outras unidades regimentais do Exército. Por outro lado, muitos graduados, quer do Quadro Permanente quer do Quadro de Complemento, do RI14 foram mobilizados individualmente para Comissões no Ultramar em unidades de combate organizadas e preparadas por outros Regimentos, infelizmente não existe um registo consolidado destes movimentos de pessoal.

¹²⁰ Angola, Guiné-Bissau e Moçambique.

¹²¹ António Agostinho Neto (Ícolo e Bengo, 17 de Setembro de 1922 – Moscovo, 10 de Setembro de 1979), médico e Presidente de Angola de 1975 a 1979.

¹²² Sacerdote, formado em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma (n. 1926), foi fundador do MPLA, figura de grande relevo na sociedade angolana dos anos 50 e presidente honorário do MPLA em 1962.



O Regimento não foi pois um centro mobilizador de unidades para a Guerra do Ultramar assim poucas unidades foram mobilizadas em Viseu.

1961 – O Regimento de Infantaria N°14 foi, mais uma vez, chamado para participar no esforço de guerra, e assim ao longo do ano, mobilizou para Angola, quatro Companhias de Caçadores e três Pelotões de Morteiros; para Moçambique, a Companhia de Comando do Batalhão de Caçadores 161; e, para a Guiné, um Pelotão de Canhões.

Segundo texto da Ordem de Serviço N°109 de 8 de Maio de 1961, o modelo dos guiões das subunidades com destino ao ultramar, encontrava-se aprovado. Representava a unidade de origem a que pertenciam, levando, no canto superior esquerdo, junto à lança e nas duas faces, sobre fundo branco, o número de ordem da respectiva subunidade.

ANGOLA

Pelotão de Morteiros N°24

Ao longo da comissão foi colocado sucessivamente em Luanda, Ambrizete¹²³ e Nambuangongo.

Pelotão de Morteiros N°26

Ao longo da comissão foi colocado sucessivamente em Luanda, Negage¹²⁴ e Maquela do Zombo.

Pelotão de Morteiros N°33

Ao longo da comissão foi colocado sucessivamente em Luanda, Sanza Pombo, Luanda¹²⁵ e Bessa Monteiro¹²⁶.

Pelotão de Canhão N°29

Fez a comissão como reserva do Quartel-General do Comando Territorial Independente da Guiné (QG/CTIG), em Bissau, de 1961 até Outubro de 1963.

Companhia de Caçadores 82

1961 – A Companhia de Caçadores 82, mobilizada no Regimento de Infantaria N°14, em Viseu, e que deu posteriormente origem à 9ª Companhia de Caçadores Especiais, era comandada pelo Capitão José Luís Carvalhinha de Sousa e foi integrada no Batalhão de Caçadores 262. Em Março, desembarcou em Angola e foi colocada em Damba até Agosto de 1961, de onde foi transferida para Inzava.

Em Outubro, desencadeia uma acção punitiva sobre a região entre o Dende, Quissamba e o Sudoeste de Negage, destruindo várias sanzalas e provocando várias centenas de baixas ao inimigo. Segundo o Relatório Periódico de Comando n° 1/27.08, de 11 de Novembro de 1961, a Companhia de Caçadores 82, integrando o Batalhão 141, desencadeou a operação “Auta” na Serra da Canda, com a finalidade de destruir os bandos ali existentes. A operação estava materializada com o isolamento da Serra, a Sul e a Este com o BCaÇ 88 e, a Norte e a Oeste, com o BCaÇ 156. A reserva, CCaÇ 192, mantinha-se em Luanda à ordem do Comando Militar de Angola e estava preparada, em caso de necessidade, para ser aerotransportada. A delicada missão de capturar e destruir os bandos rebeldes estava atribuída ao BCaÇ 141. A missão teve grande sucesso conseguindo a destruição de numerosas sanzalas, apreensão de canhangulos e de diversos documentos, eliminação e detenção de alguns elementos terroristas, e detecção de indícios de grandes concentrações de rebeldes, que se presumiu terem abandonado a região poucos dias antes da operação.



Guião da Companhia de
Caçadores 82

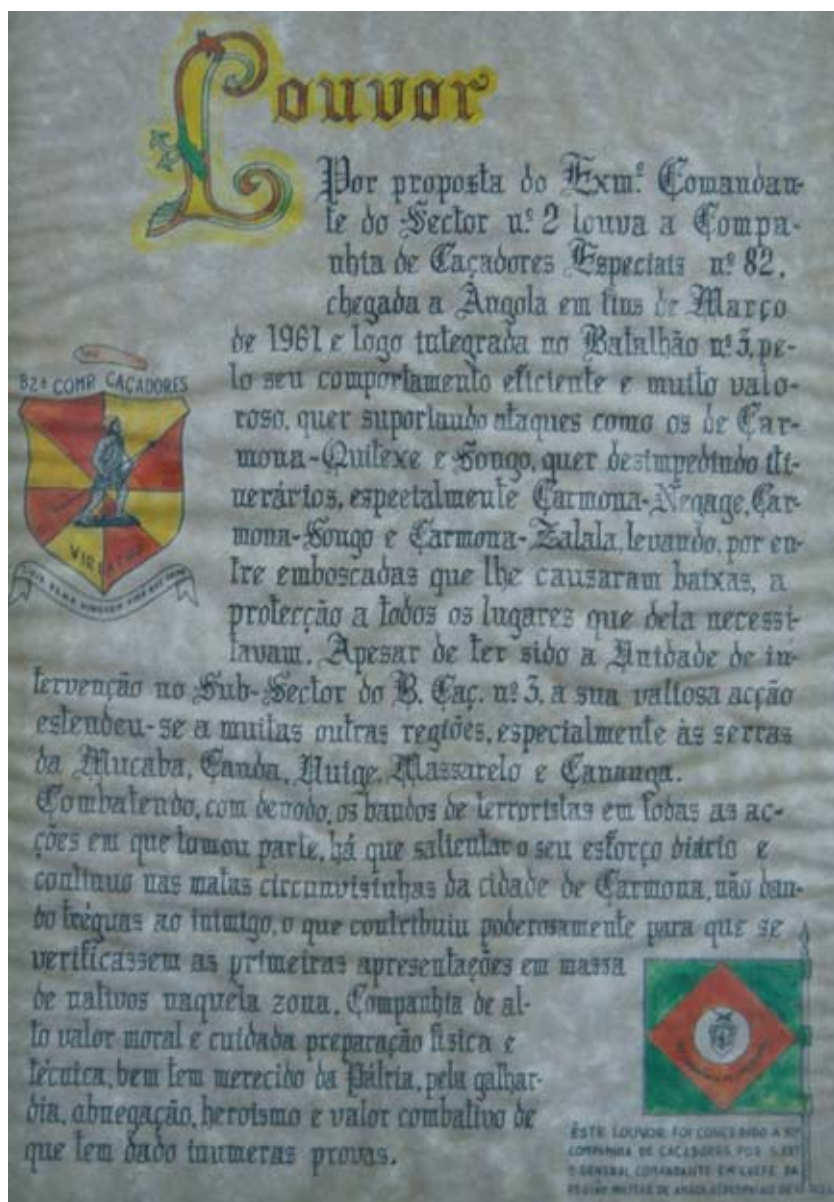
Museu do RI14

¹²³ Em reforço do BCaÇ 109.

¹²⁴ Em reforço do BCaÇ 262.

¹²⁵ Em reforço do BCaÇ 92, que iniciou o deslocamento para Luanda em 27 de Abril de 1962.

¹²⁶ Actualmente Kindeje, província do Zaire.



Louvor da Companhia de Caçadores 82

Museu do RI14

Em Novembro de 1961 desloca-se para Carmona¹²⁷, onde permanece até Novembro de 1962, data em que é transferida para o Negage até o final da comissão. Nesta região reforçou o Batalhão de Caçadores 262, desestabilizando o inimigo, com a oposição já encarniçada por parte deste, que entretanto já dispunha de melhor armamento, nomeadamente granadas e metralhadoras ligeiras.

1962 – Neste ano destaca-se operacionalmente a operação “Juízo Final”, efectuada no Comando de Sector I, tendo como finalidade desencadear uma acção punitiva sobre um grupo de elementos terroristas que tinha sido detectado. Segundo o Relatório Periódico de Comando n.^o 19, a Companhia foi rendida em 19 de Dezembro de 1962 pela CART 119. Seguiu para Luanda (Campo Militar do Grafanil), em meios auto, a fim de iniciar os preparativos de embarque para o regresso. Embarcou em Luanda a 25 de Dezembro. Alguns militares desta companhia viriam a integrar a 9.^a Companhia de Caçadores Especiais.

¹²⁷ Actualmente Uíge, capital da província com o mesmo nome.



Deslocamento apeado - Angola

Centro de Audiovisuais do Exército

Mortos em combate da Companhia de Caçadores 82: Furriel Manuel Joaquim Carola (1961), 1º Cabo Fernando Monteiro Pereira (1961) e Soldado Manuel Ribeiro Marques (1961).

O Soldado Marques, apontador de metralhadora, pertencia à 9ª Companhia de Caçadores Especiais¹²⁸, morreu em 04 de Maio de 1961, devido a ferimentos em Combate.

O 1º Cabo Pereira, soldado atirador, pertencia à 9ª Companhia de Caçadores Especiais, morreu em 30 de Maio de 1961, devido a ferimentos em combate¹²⁹.

O Furriel Manuel Joaquim Carola, da Companhia de Caçadores 82 em reforço ao Batalhão de Caçadores 3 – Carmona, morreu em 12 de Agosto de 1961, devido a ferimentos em combate¹³⁰.

Companhia de Caçadores 129

1961 – A Ordem de Serviço N°111 de 10 de Maio de 1961 no seu Art.º 5º apresenta a nomeação e constituição da Companhia de Caçadores 129 a destacar para o Ultramar. Esta foi essencialmente, constituída por voluntários.

O Regimento de Infantaria N°14 tinha recebido ordem para mobilizar a Companhia de Caçadores 129, para integrar o Batalhão de Caçadores 185, com destino à província de Angola. Em 17 de Julho, a Companhia de Caçadores embarca no porto de Lisboa, no navio Moçambique.

¹²⁸ Destacamento do Songo – Carmona.

¹²⁹ Sanzala de Calumbo, a 17 Km de Carmona.

¹³⁰ A 50 metros da ponte do rio Bombarassassa, depois da mata do João Ferreira, no itinerário de Maondo – Serra de Mucaba e cidade de Carmona.



Durante o período em operações, foram seus comandantes os Capitães Joaquim Abrantes Pereira de Albuquerque e Ramiro de Oliveira Dias. Foi subalterno desta Companhia o Alferes Tomé Pinto que foi ferido em combate durante a comissão em Angola.

A força desembarcou a 8 de Junho de 1961 em Angola¹⁹¹, tendo sido colocada inicialmente na Fazenda de Vieira de Vacum, junto à ponte de Luquela, ocupando o Comando de Sector 2.

A 2 de Julho foi recebida a informação da presença de um cabecilha terrorista numa sanzala a cerca de 8 km de Camabatela, onde o mesmo tentava aliciar nativos pacificados e arranjar reabastecimentos. É então montada uma operação de batida ao local onde se suspeitava estar escondido o cabecilha, que foi reconhecido e abatido quando tentava efectuar uma fuga. Estava assim tomado o primeiro contacto com a dura realidade da guerra de guerrilha.

Todas as fazendas da região tinham sido queimadas pelos insurgentes, estavam reduzidas a cinzas e escombros e absolutamente abandonadas. A 20 de Julho o aquartelamento, construído pela própria Companhia, na Fazenda de Vieira de Vacum, aproveitando os escombros e tudo aquilo que era possível, foi atacado por um numeroso grupo de terroristas que de uma elevação próxima alvejaram o aquartelamento com tiros de

Pequeno Alto - Angola

Centro de Audiovisuais do Exército

¹⁹¹ Dado fornecido pela Direcção de História e Cultura Militar.



Guião da Companhia de
Caçadores 129

Museu do RI14

canhangulos e armas automáticas. Imediatamente as sentinelas responderam ao fogo e toda a companhia ocupou os seus postos na defesa do aquartelamento, não se registando qualquer baixa.

Ocupada a Fazenda de Quizalaia a 22 de Agosto de 1961, desenvolveu intensa actividade operacional, tendo efectuado permanentes acções e operações de combate. No dia imediato, pelas 08.00 horas da manhã foi hasteada a Bandeira Nacional. A Fazenda estava dividida em duas parcelas pelo Rio Vamba. Enquanto parte do pessoal iniciava a construção do novo aquartelamento e reconstrução da ponte sobre o rio, outros procediam a um reconhecimento em redor da região, onde encontraram um comunicado deixado pelos terroristas com o seguinte texto:

“Caros compatriotas do Uige

Vimos as cartas que deixaram em vários lugares.

Compreendemos de tudo que escreveram a primeira palavra que os Angolanos escrevem, pela a respostas das vossas cartas.

O seguinte estamos prontos para lutarmos durante o período de 5 anos a 10 anos.

Mas ficam a saber todos os brancos que se encontram em Angola, vão acabar.

A todos de morrer de fome.

Tem força para lutar durante 10 anos.

Isto é uma chapada que os Angolanos estão abatendo contra os nossos amigos.

Sempre vamos brincando.

Vosses a vossa terra é uma terra pobre se tivesse uma terra rica já podiam deixar de Angola.

Na vossa terra à fome.

Vocês que gostam no Angola vão acabar de morrer, sem dúvida.

É verdade vocês são formigas e vão acabar de morrer em cima de manteiga.

Estamos à vossa espera, Angolano está sempre pronto para brincar convosco, sem dúvida.

Agora está afudidos, como já vimos pelo rádio dizendo os brancos já estão a comprar o quilo do feijão verde a dezoito escudos: vão acabar de morrer com fome.

E não julgam que os Angolanos estão a acabar com fome. A terra é a própria nossa. Já vimos a prova tudo estão a acabar sair em Luanda e por causa da fome.

Queremos sempre brincar convosco, mas vai acabar de todos a morrer em Angola.

A terra é a nossa.

Atrriminos vossos amigos Angolanos.

O escrivão – Bolindo.”

Envelope: *“Aqui no Zalaia não entrar branco e sair só tem caminho de enterrar”.*

Os morros em seu redor foram reconhecidos, tendo-se encontrado algumas posições organizadas e com bons itinerários de retirada, devidamente preparados.

A partir de 11 de Outubro, por reorganização dos sectores, a Companhia de Caçadores 129 passou a depender operacionalmente do Batalhão de Caçadores 159, voltando apenas à responsabilidade do seu anterior Batalhão, em 14 de Março de 1962, após rendição pela Companhia de Caçadores 62.

Aquando, integrada no Batalhão 159, a Companhia continuava em Zalaia e manteve, em permanência, uma elevada actividade operacional.



1962 – Em Março de 1962, a Companhia é transferida para o Songo a fim de desenvolver idêntica actividade operacional, tendo recebido ordem para, em Junho, ocupar as posições de Piri e Roça Santarém, onde permaneceu até Novembro, data em que regressou a Luanda. Durante este período, o inimigo já dispunha de um grande número de armas automáticas, executava numerosas emboscadas e efectuou diversas tentativas de ocupação do Bembe, região que fazia parte do sector do Batalhão que integrava a Companhia 129, tendo sido sempre rechaçado com êxito.

Nesta fase, com o dispositivo mais estabilizado, bateu-se com um inimigo melhor instalado, armado e organizado numa zona que tinha sido eleita como a sua principal base de operações. Todavia, várias acções permitiram a captura de elementos inimigos, de armas automáticas, granadas e destruição de instalações. O inimigo efectuava violentos ataques a colunas, fazendas e colocava as primeiras minas anti-carro.

No final do ano foi transferida do Norte para o Leste de Angola. A 06 de Dezembro, seguiu de Luanda para o Lobito, por via marítima no navio “Niassa”, de via-férrea para o Luso¹³² e finalmente por via ordinária para o seu destino final em Henrique de Carvalho¹³³. Em 17 de Dezembro foi ocupar posições no distrito da Lunda, em Camissombo.

1963 – Em Janeiro ocupa Dundo e ainda no mesmo mês Portugal¹³⁴, onde permanece até ao fim da Comissão. O inimigo não se revelou nesta zona de acção, pelo que a acção constou sobretudo de intensos patrulhamentos e manutenção de estreito contacto com as populações. Em Agosto regressa finalmente à Metrópole.

Mortos em combate da Companhia de Caçadores 129: 1º Cabo António Ferreira Pires Pinto (1962), 1º Cabo António Morais Pinto (1962) e Soldado Benjamim Ferreira (1962).

O 1º Cabo Pedro, atirador, da Companhia de Caçadores 129, do Batalhão de Caçadores 155, morreu em 09 de Março de 1962, devido a ferimentos em combate¹³⁵.

O 1º Cabo Morais Pinto, atirador, da Companhia de Caçadores 129, do Batalhão de Caçadores 155, morreu em 23 de Maio de 1962, devido a ferimentos em combate¹³⁶.

O Soldado Ferreira, atirador, da Companhia de Caçadores 129, do Batalhão de Caçadores 155, morreu em 23 de Maio de 1962, devido a ferimentos em combate¹³⁷.

Companhia de Caçadores 135

A Companhia de Caçadores 135 foi integrada no Batalhão de Caçadores 132, tendo desembarcado, em Angola a 25 de Junho de 1961.

1961 – O Batalhão de Caçadores 132 foi colocado inicialmente em Quibaxe, Norte de Angola, na região dos Dembos, onde rendeu em 22 de Julho o Batalhão de Caçadores 96, garantindo a defesa da linha de comunicações e apoio à reocupação da região de Nambuangongo. Para tal, teve à sua responsabilidade uma enorme zona de acção, pelo que recebeu o reforço de quatro Companhias de Caçadores. A CCaÇ 135, conjuntamente com as restantes do seu Batalhão, desenvolveu numerosas acções de desalojamento de redutos, intensos patrulhamentos, sendo ainda de registar a desobstrução de itinerários e a construção de redutos fortificados e de pistas para a Força Aérea.

Inicialmente, foi colocada em Bula Atumba com Pelotões nas Roças Montes Claros e Belém.

A 27 de Setembro, desencadeia uma operação no Comando de Sector 1, a fim de destruir um bando de 40 terroristas de que houve conhecimento estar concentrado na região de Salazar¹³⁸



Guião da Companhia de Caçadores 135

Museu do RI14

¹³² Actualmente Luena, capital do Moxico, no Leste de Angola.

¹³³ Actualmente Saurimo, capital da província de Lunda-Sul.

¹³⁴ Actualmente Chitato ou Tchitato, município da província da Lunda Norte.

¹³⁵ A 3 km a Nordeste da Fazenda do Bom Jardim – Songo.

¹³⁶ Na picada no novo povo de Quimalalo – Serra de Uíge.

¹³⁷ Na picada no novo povo de Quimalalo – Serra de Uíge.

¹³⁸ Actualmente N'dalatando, capital do Cuanza Norte.



Deslocamento motorizado - Angola

Museu do RI14

e eram abastecidos pela sanzala Camôngua. A acção é desenrolada na confluência dos rios Dange e Lúfua. São aprisionados 20 indígenas da sanzala Camôngua.

A 31 de Outubro, a CCaç 135 destruiu uma concentração inimiga referenciada na confluência dos mesmos rios. Teve como resultado a morte de um grupo referenciado de 80 a 100 elementos terroristas.

A partir de 27 de Dezembro, o sector do Batalhão passou a incluir a área de Roça Bom Destino, tendo a CCaç 135 desencadeado operações e ocupado essa região.

1962 – Manteve a sua actividade operacional, destruindo, a 16 de Janeiro, cerca de 300 cubatas e de 100 hectares de lavras na região de Quimbuende. No mesmo dia, e em resultado de emboscada na região de Roça Belmonte, foram mortos 3 elementos terroristas. Na sequência da missão veio a destruir cerca de 30 cubatas. Com a mesma finalidade, volta a entrar em combate por diversas vezes abatendo 6 elementos terroristas e destruindo 400 cubatas nas margens do Rio Dange. A 18 de Janeiro e, a 23 de Janeiro, como resultado de reacção a uma emboscada montada pelo inimigo na estrada Vista Alegre – Fazenda Rainha Santa abatem 32 elementos terroristas.

As acções de limpeza mantêm-se, em Abril efectua uma operação na região de Roça Maria



Vitória, onde localizaram uma concentração inimiga à qual causaram 6 mortos, destruindo ainda 25 cubatas, roupas e mantimentos. Repele ainda um ataque, de armas automáticas, na região de Quipossa, onde a Companhia teve um ferido.

Em coordenação com forças da CCaç 134, realiza uma acção entre, os rios Caquele e Macanga, tendo provocado 3 baixas confirmadas ao inimigo, ficando 30 cubatas destruídas juntamente com um acampamento rebelde.

A 21 de Junho de 1962 é transferida para as Mabubas¹³⁹ com Pelotões em Anapasso e Fazenda Icau.

1963 – Em Julho de 1963 desloca-se para Viana¹⁴⁰, com Pelotões na Barra do Quanza, Calumbo e Bom Jesus. Nesta zona de acção, a actividade operacional caracterizou-se fundamentalmente por acções de patrulhamento e nomadização, segurança e vigilância dos itinerários, controlo das populações e acção psicossocial, com promoção social, económica e educacional das referidas populações.

A Companhia de Caçadores 135 era enquadrada pelo Capitão Guilhermino Nogueira Rocha e Alferes Augusto Ribeiro Pinto. A Companhia regressou à metrópole a 5 de Setembro de 1963.

Angola

Museu do RI14

¹³⁹ Município do Dande, Província do Bengo.

¹⁴⁰ Cidade e um município angolano da Província de Luanda.



Guião da Companhia de
Caçadores 191

Museu do RI14

Companhia de Caçadores 191

A Companhia de Caçadores 191 foi integrada no Batalhão de Caçadores 185. Este Batalhão tinha a seguinte constituição: CCS oriunda do RI13 (Vila Real); CCaç 190 oriunda do RI10 (Aveiro); CCaç 191 oriunda do RI14 (Viseu); CCaç 193 oriunda do BC10 (Chaves). O BCaç 185 teve como Comandantes de Batalhão os Tenente-Coronéis José Albano de Proença Oliveira Cid e Rui de Carvalho Ferreira Santos.

1961 – A Companhia de Caçadores 191, sob o comando do Capitão Simão Antunes Malcata, desembarcou em 22 de Julho de 1961 em Angola, tendo ocupado, a partir de Setembro de 1961, posição em Malange¹⁴¹, onde também estava o comando do Batalhão.

A 29 e 30 de Agosto a CCaç 191 cede um PelCaç à CCaç 66 a fim de desencadear uma operação no Comando de Sector 3, na região de Jungo e Ilha de Cassequenge, com a finalidade de reconhecimento e limpeza da região. Após estabelecido o contacto com o inimigo, que se revelou bem armado e equipado, foi incendiada a sanzala Cruz, bem como 7 ou 8 cubatas, na Ilha, que estavam abandonadas. Durante o combate na região de Jungo foram infligidas pesadas baixas ao inimigo e a total destruição de campos de mandioca, milho e mamões, e incendiadas 5 sanzalas.

A imperiosa necessidade de completar a abertura do itinerário e limpeza da região de Caxito – Quicabo – Nambuangongo, foi desencadeada uma operação com dois Batalhões de Caçadores (114 e 185) e a 08 de Setembro a Companhia iniciou uma progressão em direcção à região de Fazenda Beira Baixa sobre o eixo Quissala – Nambuangongo. A operação teve a colaboração da Força Aérea Portuguesa e o objectivo foi alcançado.

1962 – Na zona de Malange, foi desenvolvida uma grande actividade de patrulhamento e recolha de notícias, contactando frequentemente e intimamente com as populações, efectuando, em Agosto, a operação “Tarântula Vermelha” na região de Forte República, para detecção e captura de elementos infiltrados.

1963 – Devido ao facto da unidade ter sido rendida no sector de Malange, seguiu o Batalhão de Caçadores 185 para o Colonato do Vale do Loge, onde a Companhia de Caçadores 191 foi ocupar a região do Toto.

De 09 a 14 de Setembro, várias operações de limpeza foram desencadeadas, na região da roça Beira Baixa, com a seguinte organização e respectivas localizações:

Comando e CCS	Quicabo
CCaç 115	Beira Baixa
CCaç 116	Quicabo e Balacende
CCaç 117	Quissacala
CCaç 191	Quicabo e Anapasso

A Companhia sentiu muitas dificuldades na limpeza da região da roça Beira Baixa. O Comando de Sector 3 concebeu essa operação que designou de Operação “BB” e foi atribuída ao BCaç 114, recebendo então o reforço da CCaç 191/BCaç 185 e de outras, tais como: CCaç 138/BCaç 137, a CCaç 270, o 3º GRA e a BtrArt 146. Não era fácil, face ao inimigo subversivo com que se deparavam e ao clima árido e seco, mas era necessário desalojar o inimigo dos pontos de domínio sobre o itinerário a norte de Quissacala a fim de aproveitar a segurança assim criada, para fazer deslocar ao longo do mesmo itinerário, nos dias 09, 11 e 14, três comboios de reabastecimento para Nambuangongo. A operação consistia em:

- Assegurar a protecção daqueles comboios a partir de Quissala e proceder a uma limpeza

¹⁴¹ Na região do planalto norte de Angola.



sistemática de toda a região da Beira Baixa, infligindo ao inimigo o máximo de baixas e destruição dos seus recursos;

- Proteger os trabalhos de Engenharia e das Obras Públicas na manutenção e limpeza da mata dos troços críticos do itinerário;
- Instalar a Btr 146 para apoio às operações que se desenvolvem e para criar ao adversário um estado de permanente insegurança na zona correspondente às possibilidades do material (6 km).

A operação teve início a 08 de Outubro, onde as condições de segurança eram salvaguardadas pelas Companhias de Caçadores 115, 117, 138, 191 e 270, com uma actividade operacional muito diversificada e exaustiva. Posteriormente, foi garantido apoio e patrulhamento aos três comboios que deveriam atingir Nambuanguongo, objectivo que foi atingido no seu pleno.

A actividade do BCaÇ 114 permitiu assim, que no final do ano, a afluência do inimigo fosse substancialmente reduzida nesta delicada região, mas o custo em vidas foi elevado.

O fim da comissão foi a 2 de Novembro de 1963.

É de realçar que a Companhia cedeu igualmente elementos para a formação dos

Operação de cerco e busca - Angola

AHM



Reagrupamento após destruição
de um acampamento inimigo
- Moçambique

AHM

primeiros grupos Comandos, “Grupo de Comandos Vampiros”, no Centro de Instrução N°21, que viria a ser comandado pelo Alferes Miliciano José Manuel Garcia Ramos Lousada.

Elementos cedidos pela Companhia de Caçadores 191 ao Grupo de Comandos Vampiros:

2° Sargento Nuno José Nabais Conde; 1° Cabos José Selgas Pires, José António dos Santos Dias, Ernesto António; Soldados David Gentil Alves Carneiro, Aurélio António Jorge Simão, António Vaz do Espírito Santo, Adolfo Sobral e A. Fernando Miranda Gomes.

Mortos em combate da Companhia de Caçadores 191: 1° Cabo José Pereira (1963).

O 1° Cabo Pereira, apontador de morteiro, da Companhia de Caçadores 191 do Batalhão de Caçadores 185, pereceu em 09 de Maio de 1963, devido a ferimentos em combate.

¹⁴² Nacala é uma cidade portuária na província de Nampula. O seu porto está localizado na baía de Bengo.

¹⁴³ Ordem de Serviço N°188 do RI14 de 10 de Agosto de 1961.

¹⁴⁴ Cidade e município da Zambézia.

MOÇAMBIQUE

Batalhão de Caçadores 161

1961 – Desembarcou em 21 de Julho de 1961, no porto de Nacala¹⁴². Em 29 de Julho¹⁴³, apresentaram-se em Mocuba¹⁴⁴ pelas 21.30 horas. O Regimento de Infantaria N°14 forneceu



somente os militares para o Comando do Batalhão de Caçadores 161, dos quais se podem destacar:

Tenente-Coronel	Luís Franco Nogueira
Major	Jacinto António Frade Júnior
Capitão	José Garção Sambado
Capitão	Nuno Vilares Cepeda
Capitão	José Ferreira Villalobos Vieira

O Batalhão assumiu a responsabilidade de toda a área do distrito da Zambézia. Ficaram sob o seu comando a Companhia de Caçadores de Quelimane, a Companhia de Caçadores de Milange, a Companhia de Caçadores 172 em Molocué, a Companhia de Caçadores 173 em Morrumbala, a Companhia de Caçadores 176 em Mocuba e, a partir de Fevereiro de 1962, a Companhia de Caçadores 301 em Gilé.

A actividade operacional consistia em instrução de aperfeiçoamento operacional, patrulhamentos, contacto com as populações, colaboração com as autoridades administrativas, assistência sanitária e acção psicológica.

Este Batalhão foi rendido em Mocuba, em Novembro de 1963, pelo Batalhão de Cavalaria 571.

Deslocamento para uma operação
- Moçambique

AHM



Guião do Batalhão de Caçadores 161

Museu do RI14



Obra do artista Aires Santos oferecida ao Comandante do RI14 (2009)

Museu do RI14



25 DE ABRIL DE 1974

1973 – No início de 1973, o poder político incrementava os incentivos e materializava os benefícios aos oficiais milicianos, de forma a motivar a sua entrada no Quadro Permanente (QP) e assim garantir uma maior quantidade de oficiais para prestar serviço na Guerra do Ultramar. Numa deliberação política, decretou que o tempo de serviço já prestado fosse considerado na nova situação, concedendo-lhes a garantia de manterem os postos e a respectiva antiguidade, ultrapassando assim oficiais oriundos da Academia Militar, mesmo sem a frequência desta nem tão pouco a de curso de nível superior. Sentiram-se prejudicados por essa lei todos os Capitães, vários cursos de Majores e alguns Tenentes-Coronéis. Uma das formas de o governo tentar controlar a situação de descontentamento, foi a publicação de nova legislação, que determinava que aos Capitães Milicianos abrangidos pela recontagem de tempo de serviço fosse dada a antiguidade do Capitão do QP mais antigo da escala. Retiravam-se, assim, da situação de desagravo todos os oficiais superiores, Majores e Tenentes-Coronéis. O prejuízo, em termos de carreira, passou a ser só dos Capitães do QP. As reivindicações começaram então a fazer-se sentir, motivadas por razões estritamente profissionais. Alguns militares do RI14 participam na célebre reunião de Évora, ocorrida no dia 9 de Setembro. A hierarquia militar não gostou do desafio, decidindo que os comandantes das unidades deveriam tentar desmobilizar os seus Capitães de qualquer atitude menos ponderada.

1974 – A 5 de Março realizou-se, em Cascais, com a presença de vários Capitães, mais uma reunião, com o intuito de discutir a situação e tentar encontrar uma possível solução para a situação em causa.



Os Capitães do RI14 no “25 de Abril”
da esquerda para a direita:

Capitão Amaral, Capitão Costeira,
Capitão Ramalho, Ex-Oficial Miliciano
do RI14, Capitão Gertrudes da Silva

Museu do RI14

Em Viseu, no dia 7 de Março, quando os militares tomavam a primeira refeição¹⁴⁵, as instalações da Manutenção Militar, no interior do Regimento, incendiaram-se em consequência de um curto-circuito. Estas instalações estavam localizadas paredes-meias com um parque de viaturas, onde o ambiente e as próprias estruturas de madeira de suporte do telhado estavam impregnadas de vapores de gasolina, o que fez com que o incêndio se propagasse facilmente e fosse imparável, originando a destruição de todo o edifício e das viaturas nele parqueadas, em escassos minutos. Salvaram-se apenas quatro viaturas pesadas e uma ambulância, uma vez que, mesmo contrariando o que estava determinado, tinham ficado fora do parque, no dia anterior.

A 15 de Março, após o meio-dia, movimentações no sentido de demover o governo de aprovar a legislação penalizadora para os oficiais do QP, começaram a fazer-se sentir. O RI9 (Lamego), através do seu porta-voz, comunicou ao RI14 que iria sair uma força, em viatura, e que pretendiam passar por Viseu, tentando garantir assim que forças do Regimento não impedissem tal movimento. Como ocorrera a destruição de parte significativa do parque automóvel do RI14, não estava planeada qualquer saída de forças desta unidade.

A tentativa de movimento posta em prática, por parte de outras unidades, das quais se

¹⁴⁵ Pequeno-almoço.



destacou o RI5 (Caldas da Rainha), fracassou devido a inúmeras hesitações e descoordenação, conduzindo ao consequente falhanço da acção. Tudo ficou sob o controlo do governo e os envolvidos foram detidos e encaminhados para a prisão da Trafaria debaixo de fortes medidas de segurança. Mesmo assim, os contactos restabeleceram-se e as reuniões começaram com uma missão adicional: a libertação dos militares presos.

Entretanto o estado de saúde do Coronel Sá Cardoso, comandante do RI14, agravou-se e a 27 de Março sofreu um acidente vascular cerebral, falecendo a 29 de Março. Previa-se que o plano de operações de uma acção a nível nacional estaria pronto a 21 ou 22 de Abril. Mesmo com limitações, em termos de viaturas, o RI14 manifestou vontade em participar activamente, tendo recebido indicações para constituir uma Companhia de Caçadores, que viria a ser comandada pelo Capitão Costeira e que ficaria sob o comando do Agrupamento NOVEMBER (constituído por cerca de 600 militares e 70 viaturas). O Agrupamento, para além da Companhia do RI14, tinha sob o seu comando uma Bateria 10,5 cm do Regimento de Artilharia Pesada N.º3 (RAP3) da Figueira da Foz, comandada pelo Capitão Dinis de Almeida, uma Companhia do Centro de Instrução de Condução Auto N.º2 (CICA2), comandada pelo Capitão Santos, igualmente da Figueira da Foz, e uma Companhia do RI10 de Aveiro, comandada pelo Capitão Pizarro. O comandante do Agrupamento era o Capitão Gertrudes da Silva. A fim de garantir todo o apoio à operação¹⁴⁶ e conduzir as actividades necessárias para o sucesso do mesmo, iriam permanecer na unidade todos os militares, à excepção dos oficiais superiores que não se mostrassem favoráveis ao golpe. A responsabilidade de efectuar esta coordenação e indagar da posição dos oficiais superiores coube aos Capitães Ramalho e Amaral.

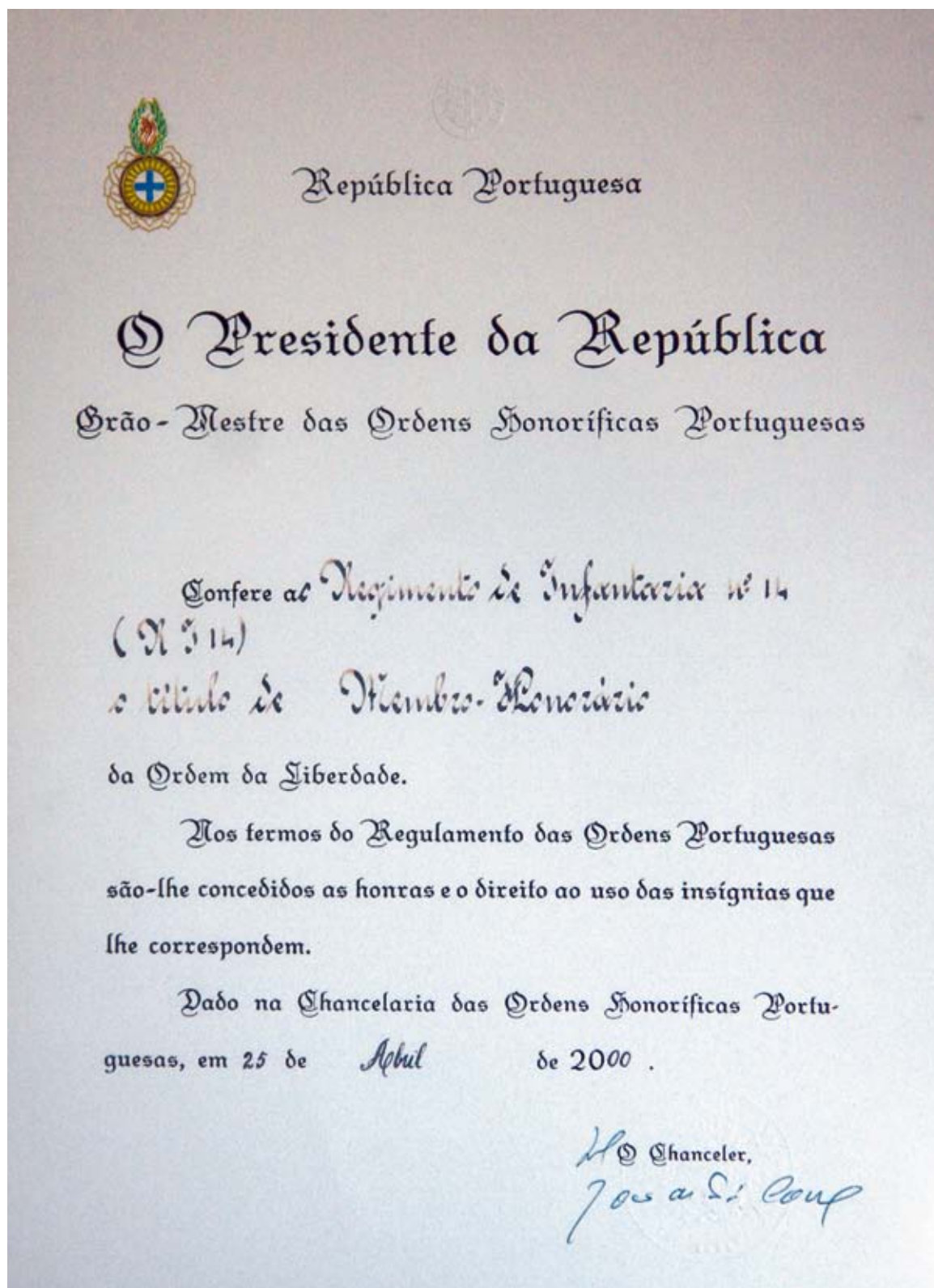
De acordo com a ordem de operações estabelecida, o sinal de início é dado cinco minutos antes das vinte e três horas, com a emissão da canção “E depois do adeus” de Paulo de Carvalho, nos Emissores Associados de Lisboa. Uma hora depois foi difundida a canção “Grândola Vila Morena” de Zeca Afonso, segundo sinal pré-combinado. Próximo das 03.00 horas da manhã, a Companhia de Caçadores, nas quatro viaturas pesadas e com a ambulância, saiu à porta de armas. O Capitão Ramalho, como Oficial mais antigo que permanecia na unidade, assumiu o comando do RI14. A coluna deveria encontrar-se com forças do RI10, de Aveiro, na Figueira da Foz. No entanto, quando chega à Figueira da Foz, já a coluna constituída por forças do RI10, RAP3 e CICA2 tinha partido. Após alguns momentos de dúvida foi tomada a decisão de continuar o deslocamento até Peniche e tentar alcançar aquela coluna. Pela madrugada dentro e já perto das Caldas da Rainha, encontra e junta-se às forças de Aveiro e da Figueira da Foz. O Agrupamento NOVEMBER estava finalmente todo reunido. Em Peniche deparam-se com o forte de portões fechados e a sua guarnição mantendo-se fiel ao governo, dificultando assim a tarefa do Agrupamento. O comando do Agrupamento decidiu então deixar a cercar o forte a Companhia do CICA2, com duas Secções de obuses apontados em tiro directo ao Forte, sob o comando do Capitão Santos. O intuito de cercar o forte consistia na salvaguarda da integridade física dos presos políticos. A coluna, com as duas Companhias de Caçadores, do RI14 e do RI10, e a Bateria do RAP3, continuou o movimento em direcção a Lisboa. As comunicações militares não funcionavam e as únicas mensagens que recebiam do Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas eram as transmitidas através das emissoras de radiodifusão civis. Estas acompanhavam a situação em directo e relatavam



Espingarda Automática G3

Museu do RI14

¹⁴⁶ A operação estava faseada do seguinte modo: numa primeira fase deslocar uma companhia auto transportada para a Figueira da Foz, a fim de se efectuar a junção com a companhia da RI10, a companhia do CICA 2 e com a Bateria do RAP 3; numa segunda fase, fazer deslocar, depois de agrupado na Figueira da Foz, o Agrupamento para o Forte de Peniche, entretanto tentar obter a simpatia e adesão do RI7 (Leiria) e RI15 (Tomar); numa terceira fase, fazer deslocar o Agrupamento para Lisboa a fim de reforçar as forças em operações em Lisboa.



Diploma que confere o vínculo de Membro Honorário da Ordem da Liberdade ao RI14

Museu do RI14



comunicados emanados pelo Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas (MFA) instalado no Quartel da Pontinha, fornecendo informações e indicações sobre o desenrolar da acção. Quando a coluna chegou finalmente a Lisboa já as operações no Quartel do Carmo se aproximavam do fim. Mesmo em Lisboa as más comunicações faziam com que a ligação rádio ao Posto de Comando do MFA nunca fosse estabelecida.

Entretanto, em Viseu, no RI14, por volta das 06.00 da manhã o comandante da Unidade, Coronel José Azevedo, em funções apenas há uma semana, compareceu à porta de armas, ordenando a abertura dos portões. Perante o convite ao Comandante para este aderir ao golpe, efectuado pelo Capitão Ramalho, o Coronel Azevedo recusou e perante tal rejeição os portões mantiveram-se fechados. O 2º comandante, Tenente-Coronel Henriques, aliás como anteriormente combinado, entrou nas instalações do Quartel e confirmou o seu compromisso de honra de adesão ao MFA, assumindo de imediato o comando interino. O plano de defesa estava implementado e quem observasse de fora dos muros, diria que as tropas estavam entrincheiradas no Quartel dos Viriatos.

Em Lisboa, depois das 21.00 horas, após breve passagem por Monsanto, as Companhias de Viseu e Aveiro deslocaram-se para S. Sebastião da Pedreira, onde ficaram sob o comando do Major de Engenharia Frazão passando a constituir a força de intervenção na capital. Nessa noite, foi decidido pelo comando do Movimento, que a Companhia do RI14 iria montar segurança à residência do General Spínola, Presidente da Junta de Salvação Nacional. A rendição nesta tarefa deu-se 12 horas depois pela Companhia de Aveiro, tendo a força do RI14 regressado a Viseu, a 27 de Abril.

Assim foi a participação do Regimento de Infantaria Nº14 no 25 de Abril.



Ordem da Liberdade, Membro
Honorário (2000)
RI14



Viatura Panhard no Kosovo (2005)



DE 1977 A 2009

1977 – Pelo DL 181/77 de reorganização do Exército, de 4 de Maio, a unidade passa a designar-se por Regimento de Infantaria de Viseu (RIV), em substituição da designação tradicional de RI14. Igualmente em 1977 o Destacamento da Guarda do RIV, existente desde 1975, passa a designar-se por Batalhão de Infantaria da Guarda (BIG).

Nas décadas de 80 e 90, a unidade é transformada num Centro de Instrução de Praças, actividade essa que desenvolve até finais dos anos 90.

1992 – A 1 de Junho, por reorganização do Sistema de Forças, verifica-se a extinção da Brigada de Forças Especiais, com a constituição da Brigada Ligeira de Intervenção¹⁴⁷ (BLI), tendo esta ficado na dependência directa do General Chefe de Estado-Maior do Exército e, transitoriamente, com sede no Forte do Bom Sucesso, em Lisboa, sendo a mesma transferida para o Forte do Alto do Duque, em 1 de Setembro.

1993 – Neste ano, foi publicada uma nova Lei Orgânica do Exército, determinando a extinção da Região Militar Centro (RMC), da qual dependia o RIV, tendo-se verificado a ocupação das instalações do Quartel-General da Região em Coimbra (antigo Convento das Eremitas de Santo Agostinho de Sant' Anna - Coimbra) pelo Comando e Estado-Maior da Brigada Ligeira de Intervenção¹⁴⁸.

Por Despacho N.º 72/MDN/93, de 30 de Junho, o Regimento de Infantaria de Viseu retoma a sua designação histórica de Regimento de Infantaria N.º 14.

1999 – Em Agosto, o 2.º Batalhão de Infantaria da BLI, que se encontrava então aquartelado no Regimento de Infantaria N.º 3 (Beja), constituiu a base do Agrupamento Conjunto ALFA e iniciou o aprontamento para o Teatro de Operações da Bósnia-Herzegovina. Em Janeiro de

¹⁴⁷ Despacho N.º 30/92 de 7 de Maio.

¹⁴⁸ É nestas instalações que actualmente está instalado o Comando e Estado-Maior da Brigada de Intervenção.



Deslocamento administrativo para
exercício (2008)

2ºBI

2000 o Agrupamento, comandado pelo Tenente-Coronel de Infantaria Pinheiro Moura, com um efectivo de 207 militares do Exército e 150 fuzileiros da Armada, foi projectado para o Teatro de Operações da Bósnia-Herzegovina, tendo-lhe sido atribuída a missão de reserva Operacional Terrestre do Comando da Stabilization Force (SFOR). Esta Unidade foi rendida pelo 2º Batalhão de Infantaria Mecanizado, em Julho de 2000.

2000 – Neste ano, o 2º Batalhão de Infantaria transitou do Regimento de Infantaria N°3 para o Regimento de Infantaria N°14 (Viseu), mantendo-se aquartelado nesta Unidade até à presente data.

2001 – Em Fevereiro, o 2º Batalhão de Infantaria, já sob dependência do Regimento de Infantaria N°14 foi projectado para o Teatro de Operações de Timor-Leste para integrar a missão das Nações Unidas – *United Nations Transitional Administration in East Timor*. O Batalhão, comandado pelo Tenente-Coronel de Infantaria Pereira Figueiredo, teve como missão garantir um ambiente seguro e estável nos distritos de Dili, Liquiçá, Aileu, Ainaro e Samme. Em paralelo à actividade operacional, o apoio às populações carenciadas constituiu uma actividade importante deste Batalhão. Em Outubro de 2001 foi rendido pelo 1º Batalhão de Infantaria da Brigada Ligeira de Intervenção.



2002/03 – Neste período, foi novamente solicitado ao Regimento de Infantaria Nº14 o aprontamento de mais uma força, de cerca de 320 militares, com destino ao Teatro de Operações da Bósnia-Herzegovina. O Batalhão foi projectado para o Teatro de Operações a fim de integrar a SFOR, comandado pelo Tenente-Coronel de Infantaria Pinto de Almeida, desempenhando a missão de Reserva Operacional Terrestre. Ficou aquartelado inicialmente em Visoko e desde 1 de Janeiro de 2003 em Doboj. Foi rendido pelo 1º Batalhão de Infantaria Pára-quedista da Brigada Aerotransportada Independente (BAI) em Janeiro de 2003.

2005 – De Fevereiro a Setembro, o Regimento de Infantaria Nº14 esteve presente no Teatro de Operações do Kosovo, representado pelo 2º Batalhão de Infantaria, terminando a sua missão no dia 23 de Setembro. O Batalhão, comandado pelo Tenente-Coronel de Infantaria Lopes Beleza, teve como missão a Reserva Tática da Kosovo Force (KFOR). Foi rendido pelo 2º Batalhão de Infantaria Pára-quedista da BAI.

2006 – Face a nova reorganização do Exército, a Brigada Ligeira de Intervenção (BLI) foi extinta e criada a Brigada de Intervenção (BrigInt). Foram igualmente extintas as Regiões Militares e o RI14 passou a estar subordinado à BrigInt, tendo sido adoptados os procedimentos

Treino de fogo e movimento, ao nível
secção durante o exercício MARTE 08
(2008)

2ºBI



Treinos operacionais do 2ºBI

2ºBI

administrativos e operacionais, superiormente determinados, com vista a que a transferência de hierarquia se processasse sem grandes sobressaltos e sem colocar em causa o normal funcionamento das Secções do Estado-Maior do Regimento e do seu Encargo Operacional. As unidades operacionais da BrigInt, nas quais o 2º Batalhão de Infantaria do RI14 se enquadra, mantiveram-se aquarteladas nas diversas unidades da Estrutura Base do Exército. Refira-se que o RI14 teve igualmente de se adaptar, em termos de organização interna, ao novo Quadro Orgânico de Pessoal (QOP 34.o.15), aprovado por Despacho de S. Exa. o General CEME, de 22 de Janeiro de 2006.

2007/08 – De Setembro de 2007 a Março de 2008, o 2º Batalhão de Infantaria deu mais uma vez provas da sua capacidade operacional ao ser projectado, como Força Nacional Destacada, para o Teatro de Operações do Kosovo. O Batalhão, comandado pelo Tenente-Coronel Loureiro Magalhães, incluindo uma Subunidade do Regimento de Artilharia N.º4 (Leiria) como unidade de Apoio, teve por missão ser a Reserva Operacional do Comando da KFOR. O 2º Batalhão de Infantaria foi rendido, em Março de 2008 pelo 1º Batalhão de Infantaria Pára-quedista da Brigada de Reacção Rápida (BRR).



2009 – A bravura dos lusitanos, a sua ousadia, sobriedade e espírito de luta, permanecem vivos nos seus legítimos continuadores. Do mesmo modo que militares do RI14, ao longo da história, combateram ou prestaram serviços, pela pátria com enorme sentido do dever, nos quatro cantos do mundo, também nos dias de hoje, com mobilizações individuais, os actuais Viriatos, fazem soar bem alto o nome do 14 de Infantaria por terras distantes assoladas por conflitos, como são exemplos o Iraque, o Afeganistão e o Líbano, em missões da NATO, ONU e União Europeia.

A actividade operacional é hoje a missão principal do Regimento de Infantaria N.º14, mantendo o 2.º Batalhão de Infantaria em elevado estado de prontidão através da sua preparação e instrução, participando activamente em Exercícios, continuando desta forma a preservar a honra e o prestígio do 14 de Infantaria.

Desde 31 de Março de 2009 o 2.º Batalhão de Infantaria, sendo uma das subunidades de manobra da Força Operacional Permanente do Exército, passou a estar equipado com as novas viaturas blindadas de rodas PANDUR II, em fase de aquisição para o Exército Português.

Actualmente, o RI14 é uma das unidades militares de referência do Exército Português, fazendo justiça ao lema “**Cuja Fama Ninguém Virá que Dome**”.

Militares do RI14 por terras do Iraque (esquerda)

Militares do RI14 por terras do Afeganistão (direita)

2.º BI



Coluna militar do 2ºBI no final de uma operação - Kosovo (2005)



FORÇAS NACIONAIS DESTACADAS

A emergência e o agravamento de conflitos armados regionais, que se multiplicaram no Mundo a partir do início da década de noventa, levaram a que as organizações internacionais, de que são exemplo a Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e a União Europeia (UE), aumentassem a sua participação com o objectivo da sua resolução. Após o falhanço da diplomacia internacional, a ONU, a OTAN e a UE executaram intervenções multinacionais com o fim de impor e manter a paz em diversos pontos do Mundo. Os diversos governos de Portugal não ficaram alheios a toda esta dinâmica internacional e, por motivos de interesse nacional, de solidariedade internacional ou de afirmação de identidade perante a comunidade das Nações, tomaram decisões de aplicação das suas Forças Armadas, na resolução de conflitos, com especial relevo para a participação do Exército. O Exército, que estava há duas décadas sem qualquer tipo de actividade operacional em conflitos armados, mas tinha um escol de quadros devidamente preparados, em pouco tempo, ganhou experiência e desenvolveu um sistema de preparação e treino para estas novas missões, através da adopção de novas doutrinas de emprego das suas forças e da sua adaptação a sistemas logísticos de projecção de forças.

Ainda na década de 90 o Exército participou, entre outras, nas missões da ONU em Moçambique (UNOMOT) e Angola (UNAVEM) e nas missões da NATO na Bósnia-Herzegovina, com Forças Nacionais Destacadas (FND).

2000 – Em Timor-Leste uma consulta popular¹⁴⁹, sob a égide das Nações Unidas, resultou num apoio de cerca de 80% da população a favor da sua independência. Um mês após essa consulta as milícias, com o apoio do Exército Indonésio, procederam à destruição sistemática de bens, matando, pilhando e obrigando à fuga em massa da população das cidades para as montanhas.

¹⁴⁹ A 30 de Agosto de 1999.



Cristo Rei, Dili - Timor-leste (2001)

2ºBI

Preocupado com a deterioração da situação, o Conselho de Segurança da ONU determinou a constituição de uma força multinacional com a missão de restaurar a paz e a segurança.

O 2º Batalhão de Infantaria do Regimento de Infantaria Nº14 foi nomeado para integrar esta missão da ONU, tendo iniciado em Viseu, a 4 de Setembro, a sua preparação com vista ao seu emprego em Timor-Leste.

O Batalhão, constituído por 925 militares, sob o comando do Tenente-Coronel Fernando António Pereira de Figueiredo, foi, até hoje, a maior FND que Portugal empenhou, após o 25 de Abril, em missões no estrangeiro. O 2º Batalhão de Infantaria foi responsável pela segurança e manutenção da paz em Timor durante o período em que decorreram as primeiras eleições livres no território.

Com o intuito de promover a imagem da Unidade e da região, a cantora Isabel Silvestre foi convidada para madrinha do Batalhão. Esta artista efectuou um espectáculo no teatro Viriato, em Viseu, e outro em Díli, ambos com grande adesão popular.

Durante a sua permanência em Timor o Batalhão executou 29 operações, para além da execução de missões de menor dimensão (operações de escolta, reconhecimento, vigilância e patrulhamento). À semelhança do que tinha sido feito em África, as missões de



patrulhamento e de nomadização na sua área de operações permitiram manter uma forte presença junto da população, conseguindo igualmente detectar a presença e o movimento de milícias armadas, reduzindo significativamente a sua capacidade de actuação e, assim, criar um ambiente de estabilidade e segurança para as populações. Destacaram-se as operações: Galo, Jibóia, Laletec e Niki.

O atraso no recenseamento eleitoral fez com que as eleições previstas para Junho fossem adiadas para Agosto, o que coincidiria com a fase de rendição do Batalhão. Foi superiormente decidido prolongar a permanência do Batalhão por mais 2 meses, evitando assim uma fase de maior vulnerabilidade da força durante o período eleitoral. O 2º Batalhão cumpriu assim, a título excepcional, uma missão com a duração de 8 meses¹⁵⁰ assegurando as melhores condições, de estabilidade e segurança, para a realização das primeiras eleições livres em Timor-Leste, que vieram a realizar-se em 30 de Agosto de 2001.

2002 – A 21 de Novembro de 1995, foram assinados os acordos de Dayton¹⁵¹ que conduziram à paz na região dos Balcãs. Os líderes regionais, Slobodan Milosevic (Sérvia), Franjo Tudjman (Croácia) e Alija Izetbegovic (Bósnia-Herzegovina), davam por terminadas as hostilidades

Após reconhecimento aéreo
(em cima, esquerda)

Convívio com comunidade local
(em cima, direita)

Apoio sanitário (em baixo, esquerda)

Visita de Sérgio Vieira de Mello,
representante do Secretário Geral da
ONU em Timor (em baixo, direita)

2ºBI

¹⁵⁰ Normalmente a missão de um Batalhão em FND é de 6 meses no Teatro de Operações, a que se adicionam um período de preparação e aprontamento, de cerca de 6 meses, e um período variável de reorganização e reestruturação após o cumprimento da missão, em território nacional.

¹⁵¹ Tiveram esta referência pelo facto de terem sido assinados na Base da Força Aérea de Wright-Patterson, perto da cidade de Dayton, nos Estados Unidos da América.



Patrulha motorizada - Timor-Leste
(2001)

2ºBI

ao assinarem estes acordos, após 21 dias de difíceis e complexas negociações. O Presidente dos Estados Unidos da América, Bill Clinton, anunciava nesse mesmo dia, em Washington, a conclusão do “General Framework Agreement for Peace in Bosnia-Herzegovina”.

O Exército Português destacou para o Teatro de Operações da Bósnia-Herzegovina uma FND de escalão Batalhão, com rotações de 6 meses, a partir de Janeiro de 1996, tendo ocupado inicialmente um sector na região de Gorazde e, a partir do ano 2000, assumido a missão de reserva operacional do Comandante da Força, com quartel na região de Visoko. Ao 2º Batalhão de Infantaria, sob o comando do Tenente-Coronel Jorge Alexandre Rodrigues Pinto de Almeida, foi atribuída a missão de Reserva Operacional Terrestre do General COMSFOR, de 29 de Julho de 2002 a 29 de Janeiro de 2003.

Decorrente da reestruturação da SFOR, o 2º Batalhão viu alterada a sua missão, passando a partir de 01 de Janeiro de 2003, a assumir uma Área de Responsabilidade, integrado no sector do Multinational Battle Group, por sua vez inserido na Brigada Multinacional Norte, ocupando instalações na região de Dobo.

Após a chegada ao Teatro de Operações, o Batalhão foi submetido a um programa de treino integrado com diversas forças da SFOR. Face às características do Teatro de



Operações, este programa começou com uma acção de formação sobre condução em condições de Inverno.

Em Visoko, a segurança do aquartelamento era partilhada com militares do contingente do Exército Grego. O Batalhão realizou, em média, 9 patrulhas e uma escolta diárias, tendo também participado em operações de verificação de movimentos de forças e material.

Uma das valências do Batalhão era a sua capacidade de resposta em situações de Alteração de Ordem Pública, para o que tinha uma unidade de escalão Companhia equipada e treinada para o efeito. Após formação em Território Nacional, houve necessidade de efectuar uma familiarização com a Multinational Specialized Unit (Comando Italiano), no sentido de possibilitar um conhecimento mútuo, através de treino cruzado com técnicas utilizadas pelos diferentes contingentes.

Durante a missão, o Batalhão foi frequentemente empregue em diferentes tipos de operações, das quais se salientam as de rendição em posição, assumindo a força que rende todas as tarefas da força rendida.

O Batalhão tinha, entre outras, as seguintes tarefas:

- Garantir e manter a liberdade de acção do Batalhão na sua área de responsabilidade;

Sarajevo - Bósnia Herzegovina (2002)

2ºBI



Primeiro-Ministro Durão Barroso
visita o 2ºBI
(em cima, esquerda)

Militares do 2ºBI com tripulação dos
EUA (em cima, direita)

Tenente-General Abrantes dos Santos,
Comandante do Comando Operacional
das Forças Terrestres visita o 2ºBI
(em baixo, esquerda)

Embarque para mais uma missão
(em baixo, direita)

2ºBI

- Conduzir patrulhas combinadas;
- Promover a protecção da Força, pela aplicação das regras de empenhamento;
- Manter um Pelotão, como Força de Reacção Rápida, com uma prontidão de 30 minutos;
- Manter uma Equipa de Recuperação de Viaturas, com uma prontidão de 30 minutos;
- Manter uma Equipa de Evacuação Sanitária, com uma prontidão de 30 minutos;
- Manter a segurança do aquartelamento.

Participou, igualmente, em diversas Operações “Harvest”, que consistiam na recolha de armamento ilegal na posse de elementos da população.

2005 – No âmbito da sua política externa, Portugal decidiu enviar uma FND, de escalão batalhão, para o Teatro de Operações do Kosovo, integrando a missão da OTAN, cumprindo um mandato das Nações Unidas com base na Resolução 1244 do seu Conselho de Segurança. A NATO KFOR (Kosovo Force) tinha por missão providenciar um ambiente estável e seguro para o regresso dos refugiados e deslocados, para além de monitorizar a concordância entre o Military Technical Agreement e a desmilitarização do Ushtria Clirimtaree Kosoves (UCK), exército de milicianos albaneses-kosovares.

Portugal, como membro constituinte da Aliança Atlântica, e após decisão política,



prontificou-se a assumir os seus compromissos internacionais. Inicialmente, em Agosto de 1999, integrou uma força de escalão batalhão, na região Oeste do Kosovo, integrado numa Brigada Italiana, ocupando aquartelamento na região de Klina.

Entre 2001 e 2004 a participação portuguesa na missão no Kosovo foi significativamente reduzida. No entanto, por decisão política forças portuguesas voltaram a integrar, a partir de 2005, a Operação da NATO, “Joint Guardian”, com uma FND de escalão batalhão, constituindo a Reserva Tática do Comandante da Força na região do Kosovo. De acordo com a Directiva do General Chefe de Estado-Maior do Exército, foi atribuída à BLI a missão de preparar uma força a projectar para aquela região dos Balcãs. Tal missão coube ao 2º Batalhão do Regimento de Infantaria Nº14, com aprontamento concluído em Viseu, a 15 de Janeiro de 2005, onde efectuou treino orientado para a missão.

Entre a data referida e 11 de Fevereiro de 2005, verificou-se a projecção do Batalhão para o Teatro de Operações do Kosovo conduzida em três fases:

- A 1ª fase, com início a 20 de Janeiro de 2005, a partir do porto de Setúbal, com movimento em navio fretado de todas as viaturas e material em contentores;
- A 2ª fase, a 26 de Janeiro de 2005, com a partida do Destacamento Avançado, composto de

Posto de controlo - Kosovo (2007)

2ºBI





Coluna de viaturas - Kosovo (2007)

2ºBI

58 militares, em avião C-130 da Força Aérea Portuguesa, que iniciaram as coordenações ao nível dos Estados-Maiores e apoiaram os movimentos, de materiais e viaturas, do porto de Salónica, no Norte na Grécia, para Pristina, capital do Kosovo;

- A 3ª fase, a 11 de Fevereiro de 2005, que concluiu a projecção do Batalhão, garantindo a chegada ao TO do grosso do Batalhão (235 militares), em avião civil fretado para o efeito.

Com a Transferência de Autoridade (TOA) em 16 de Fevereiro de 2005, o 2ºBI constituiu-se como Reserva Tática do Comandante das Forças (KTM) no teatro de operações do Kosovo, iniciando a sua actividade operacional.

O 2ºBI, sob o comando do Tenente-Coronel Carlos Alberto Lopes Beleza, constituiu assim a reserva tática do Comandante da KFOR (COMKFOR), no período de 16FEV05 a 16SET06, estando preparado para ser empregue, com curto prazo de intervenção, em qualquer área do teatro de operações do Kosovo.

A familiarização e a condução das operações decorreram conforme as orientações e solicitações do COMKFOR (TGen Yves de Kermabon, do Exército Francês), participando o Batalhão em diversas operações de Controlo de Área (framework operations), operações com



as Brigadas que ocupavam áreas de responsabilidade (Cross Boundary Operations), operações de contingência e treinos de operações de controlo de tumultos (CRC).

O fim da missão ocorreu a 16 de Setembro de 2005, após um período de 10 dias de sobreposição e integração das principais actividades operacionais, com o 3º Batalhão de Infantaria Pára-quedista da BRR. O regresso culminou com a cerimónia da entrega do Estandarte Nacional, a 23 de Setembro de 2005, no Quartel dos Viriatos em Viseu.

Durante o tempo de permanência no TO, a missão e o dispositivo do Batalhão Português não sofreram qualquer tipo de alteração, tendo ficado sedado no aquartelamento de Jubilee Barracks¹⁵², perto de Pristina.

2007 – A Resolução N°1244/99 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, aprovou a permanência de uma força multinacional no Kosovo, sob a liderança da NATO, responsável por estabelecer e manter segurança no território. O governo português, de acordo com a Portaria n° 231/05, de 10 de Fevereiro de 2005, autorizou o Chefe de Estado-Maior-General das Forças Armadas a aprontar, empregar e sustentar uma Força Nacional Destacada na Operação “Joint Guardian/Joint Enterprise”. As Forças Armadas Portuguesas contribuíram para a referida operação com uma unidade de escalão Batalhão, onde o 2º Batalhão de Infantaria do Regimento

Aquartelamento Jubilee Barracks
- Kosovo (2005)

2ºBI

¹⁵² Jubilee Barracks é um campo inglês onde se encontravam aquartelados, para além do Batalhão português, o National Support Element (NSE) inglês, uma Companhia de Informações inglesa (ISR), o NSE e um Pelotão de Polícia Militar eslovenos.



Kosovo:

Posto de controlo
(em cima, esquerda)

Operação Manutenção
de Ordem Pública
(em cima, direita)

Posto de controlo
(em baixo, esquerda)

Operações nocturnas
(em baixo, direita)

2ºBI

de Infantaria Nº14, agora sob o comando da BrigInt, mais uma vez honrou e dignificou o bom nome de Portugal em terras dos Balcãs, perante o “olhar” da comunidade internacional.

A 5 de Março, o 2º Batalhão de Infantaria inicia novamente um aprontamento tendo em vista o seu emprego no teatro de operações do Kosovo. Preparava-se para ser a reserva táctica do Comandante da KFOR (Kosovo Force Tactical Reserve Manoeuvre Battalion).

O Batalhão estava sob o comando do Tenente-Coronel João Carlos Cabral de Almeida Loureiro Magalhães, esteve no TO de Setembro de 2007 a Março de 2008, e contava com a seguinte organização:

- Comando e Estado-Maior;
- 2 Subunidades de manobra (Companhias BRAVO e CHARLIE);
- 1 Subunidade de apoio e serviços (Companhia ALFA).

A missão consistia na contribuição para a manutenção ou restabelecimento de um ambiente estável e seguro para isso mantendo uma elevada prontidão, para possível projecção e emprego em qualquer local da Área de Responsabilidade da KFOR.

Durante o período em que o 2ºBI permaneceu em missão viveu-se um período incerto no TO, causado por diversos factores de que se podem destacar as eleições no Kosovo, as eleições



na Sérvia e a elevada expectativa de uma declaração unilateral da independência do Kosovo por parte dos kosovares-albaneses (declaração feita a 17 de Fevereiro de 2008). Tais factos conduziram a uma intensificada actividade operacional.

Nas diversas missões executadas (Manutenção da Ordem Pública (CRC), Patrulhamentos, Reconhecimentos, Vigilâncias, Postos de Controlo) podem destacar-se: sete missões nível II, onde o Batalhão empregou todas as capacidades operacionais do Batalhão (duas subunidades de manobra) e de sustentação logística; e seis missões nível I, onde o Batalhão utilizava um Posto de Comando, uma Subunidade de manobra e parte proporcional de apoio e serviços.

Com a aproximação da data anunciada da declaração de independência do Kosovo, o Batalhão esteve, por diversas vezes, em elevado estado de prontidão. Destacaram-se múltiplas operações em Pristina e em Kosovska-Mitrovica. Nesta última cidade forças do 2ºBI executaram missões de elevado risco, imediatamente após os violentos incidentes ocorridos na ponte de Austerlitz sobre o rio Ibar, onde uma unidade francesa sofreu muitos feridos, alguns dos quais tiveram de ser evacuados para França, e ainda várias viaturas destruídas.

Seis meses depois da sua partida, o 2º Batalhão de Infantaria regressou à cidade de Viseu com o sentimento de “Missão Cumprida”.

Treino de Operações de Manutenção
da Ordem Pública, Crowd and Riot
Control (CRC) - Kosovo (2008)

2ºBI



Exercício DRAGÃO 09 - Viseu (2009)



ACTIVIDADE CONTEMPORÂNEA

Hoje em dia o Regimento de Infantaria N°14 desenvolve uma intensa actividade, operacional e de exercícios, através do 2º Batalhão de Infantaria, da Brigada de Intervenção. O RI14 desempenha ainda uma série de outras missões de interesse público, como são exemplo, os apoios às autoridades de Protecção Civil e Autarquias, no âmbito de planos nacionais de acções de prevenção e de combate a incêndios e de prevenção e mitigação dos efeitos de outras catástrofes naturais. Igualmente são inúmeras as acções de apoio às populações, a entidades locais e regionais (dos Distritos de Viseu e da Guarda), a associações e agremiações da região, acções essas, nomeadamente, de cariz protocolar, cultural e logístico.

A vivência do Regimento é dinâmica, aliciante e raramente há dois dias iguais. A fim de apresentar algumas das nossas actividades segue-se a descrição dos eventos mais significativos que ocorreram durante o período de Outubro de 2008 a Setembro de 2009.



Exercício ORION 08 - Sabugal (2008)

2ºBI



Exercício ORION 08

De 9 a 17 de Outubro de 2008, na região de Viseu e Sabugal, o 2º Batalhão de Infantaria e o Regimento, como um todo, participaram no exercício ORION 08. Este grande exercício visava treinar a execução de acções de contenção de actos terroristas e exercitar a ajuda às autoridades civis e populações, em situação de calamidade pública. O exercício envolveu todo o Exército, de Norte a Sul do país, com especial ênfase para a componente da sua Força Operacional Permanente, inserindo-se no quadro de planeamento e execução de missões numa Operação de Resposta a Crise.

O ORION 08 permitiu, igualmente, verificar e testar a capacidade de segurança dos diferentes aquartelamentos, incluindo o Quartel dos Viriatos, com a alteração dos estados de alerta e aplicação das consequentes medidas de segurança.

Comemorações do Dia do Exército 2008

No âmbito das comemorações do Dia do Exército 2008 (25 de Outubro), que decorreram na cidade de Faro, foi cometida a tarefa de montar e operar uma Área de Apoio de Serviços, de 20 a 27 de Outubro de 2008, ao 2º Batalhão de Infantaria. Foram utilizados o interior das bancadas e os parques de estacionamento do Estádio do Algarve para apoiar as delegações das diversas unidades, estabelecimentos e órgãos do Exército Português participantes nas comemorações. Para o efeito, foram destacados para aquele local 25 elementos do Comando e da Companhia de Comando e Serviços (CCS) do 2ºBI, incluindo o Comandante de Batalhão e o Comandante da CCS. O efectivo total apoiado rondou os 500 militares, de diversas unidades, que por ali permaneceram ou transitaram durante o período referido. O apoio consistiu essencialmente na confecção e distribuição de alimentação, fornecimento de alojamento e banhos, estacionamento e manutenção de viaturas e reabastecimento de combustíveis e lubrificantes. Apesar da tarefa desempenhada, em condições inéditas, foi ainda possível servir um lanche, no intervalo do jogo Farense – Louletano, aos convidados das direcções dos dois clubes.

Destacamento da 1ª Companhia de Atiradores / 2ºBI

Igualmente no Algarve, a 1ª Companhia de Atiradores, com o seu efectivo total, durante o período compreendido entre 1 de Março a 12 de Abril de 2009, deslocou-se para Tavira, ocupando instalações do Quartel da Atalaia, do Regimento de Infantaria Nº1, aproveitando o período de destacamento para treinar tácticas, técnicas e procedimentos individuais e de pequenas unidades de infantaria, com preponderância para as técnicas de combate em áreas urbanizadas e acções de controlo de tumultos (CRC).



Em cima: Exercício MARTE 08 - Chaves (2008); Em baixo: Exercício MARTE 09 - Penalva do Castelo (2009)



Exercícios da série MARTE

Exercício MARTE 08

A Brigada de Intervenção, no seu ciclo de Treino Bienal, planeou e conduziu um exercício de Unidade Escalão Batalhão, o MARTE 08. Este exercício culminou o treino operacional desenvolvido pelo 2º Batalhão de Infantaria durante o ano de 2008, tendo decorrido na região de Chaves, de 01 a 05 de Dezembro de 2008, com o apoio do Regimento de Infantaria Nº19, na modalidade FTX (*Field Training Exercise*), com a finalidade de exercitar e desenvolver técnicas e procedimentos associados a tarefas essenciais, no âmbito das Operações de Resposta a Crises.

Exercício MARTE 09

No período de 20 a 24 de Abril de 2009, em Penalva do Castelo, o 2º Batalhão de Infantaria validou os níveis de treino e aperfeiçoamento do treino operacional no exercício MARTE 09. Este exercício visou exercitar e desenvolver técnicas e procedimentos associados a tarefas essenciais de Pequenas Unidades de Infantaria, até escalão Batalhão, no âmbito das Operações de Estabilização, no quadro organizacional de um Battle Group da União Europeia.

O exercício MARTE 09 para além da verificação e validação dos níveis de treino, permitiu também projectar a imagem do Exército e do Regimento de Infantaria Nº14, junto das entidades e população local, através da presença visível dos militares e meios do batalhão, para além da realização de outras actividades complementares (nomeadamente, sessões de esclarecimento, exposição de armamento e equipamento, torre multi-actividades, rastreio sanitário).

Pela primeira vez foram utilizadas em exercícios, pelo 2ºBI, as novas viaturas Pandur II.

Exercício EFICÁCIA 09

Decorreram em Santa Margarida da Coutada, Constância, os exercícios da Brigada Mecanizada (BrigMec) ROSA BRAVA, EFICÁCIA e ARMAGEDON 09, com a finalidade de treinar as capacidades das unidades em acções de ajuda humanitária, de operações de apoio à paz e acções de combate de grande letalidade.

A participação do Pelotão de Morteiros Pesados, da Companhia de Apoio de Combate, do 2º Batalhão de Infantaria, centrou-se exclusivamente no exercício EFICÁCIA 09, que decorreu de 20 a 23 de Abril. O conceito de manobra previa a execução de deslocamentos tácticos de unidades de apoio de fogos a fim de ocupar uma Base de Fogos para efectuar fogos reais (incluindo fogos nocturnos e de iluminação do campo de batalha em coordenação com a Artilharia de Campanha).

No dia 23 de Abril, com a coordenação do Grupo de Artilharia de Campanha, da BrigMec, efectuou-se a prova do troféu EFICÁCIA 09, na qual o Pelotão de Morteiros Pesados do 2ºBI, com as suas prestações nas sessões de tiro, conseguiu ocupar um honroso 3º lugar entre 14 equipas participantes.



As viaturas Pandur II durante o exercício DRAGÃO 09 - Viseu (2009)

2ºBI



Exercício Dragão 09

O exercício anual da Brigada de Intervenção, DRAGÃO 09, realizou-se no período de 15 a 21 de Maio de 2009, nos concelhos de Viseu e Penalva do Castelo. O 2º Batalhão de Infantaria cumpriu missões de Operações de Estabilização num quadro organizacional de um Battle Group.

O Exercício contribuiu para consolidar a capacidade operacional das unidades pertencentes ao batalhão em áreas específicas: planeamento e procedimentos de Comando e Estado-Maior; prática de tarefas no âmbito das Operações de Estabilização; treino e prática da língua inglesa; planeamento, preparação e execução de deslocamentos; e, planeamento e execução de Apoio de Serviços.

4º Módulo de Apoio da OMLT (Operational Mentor and Liaison Team) - Afeganistão

O 4º Módulo de Apoio das OMLT, sob o comando do Tenente-Coronel Arnaldo Manuel de Almeida da Silveira Costeira, 2º Comandante do Regimento, efectuou o aprontamento e treino da força, a partir de Junho de 2009, no Regimento de Infantaria Nº14.

O Módulo de Apoio garante o apoio administrativo/logístico, gestão e controlo dos materiais, equipamentos e munições à disposição da estrutura das OMLT presentes no Teatro de Operações do Afeganistão, bem como o funcionamento, sustentação e protecção da força e, quando necessário, apoia outros militares nacionais em missão no mesmo Teatro de Operações. É uma força conjunta composta por quatro Oficiais, cinco Sargentos e dezoito Praças do Exército; um Oficial, três Sargentos e vinte e uma Praças da Armada; e, uma Sargento e três Praças da Força Aérea. Dos 56 militares que constituem o Módulo de Apoio, seis são provenientes do RI14.



Chegada das viaturas blindadas de rodas, Pandur II, ao RI14 (31 de Março de 2009)

2ºBI



O RI14 e o apoio à Protecção Civil

Na perspectiva da utilização do potencial de meios humanos e materiais, existentes no RI14, que, com eficiência e eficácia, têm contribuído decisivamente para o sucesso de operações no âmbito dos apoios prestados à Protecção Civil, o RI14 tem colaborado de forma activa e intensa em actividades de apoio.

A colaboração do RI14 tem assumido, entre outras, as seguintes formas:

- Acções de prevenção, auxílio no combate e rescaldo a incêndios;
- Disponibilização de equipamentos e de apoio logístico às operações em curso;
- Execução de patrulhamentos terrestres, no âmbito do plano de prevenção de fogos florestais.

O RI14 tem promovido acções de formação aos seus militares, necessárias ao desempenho das suas funções no âmbito das missões da Protecção Civil.

No período de Julho e Setembro de 2009 chegaram a estar empenhados em acções de prevenção, auxílio no combate e rescaldo a incêndios, por períodos prolongados e em simultâneo, mais de 75 elementos do RI14. Estas acções ocorreram nos Concelhos de Viseu, Sabugal, Tabuaço, Castro d'Aire e Oliveira de Frades, entre outros.

Pandur II 8X8 chegam ao RI14

O Regimento de Infantaria N.º14 recebeu no dia 31 de Março de 2009, as primeiras treze viaturas blindadas “PANDUR II 8X8”, de um total de sessenta e nove viaturas que estão previstas equipar o 2.º Batalhão de Infantaria. A PANDUR é uma viatura blindada de rodas (VBR), considerada das mais modernas da actualidade, tendo cerca de 7,62 metros de comprimento, 2,90 metros de largura e 2,80 metros de altura, pesando 18 500 quilos e tendo 8 900 centímetros cúbicos de cilindrada, com um motor de 900 cavalos, podendo atingir os 105 quilómetros por hora, em estrada, e 60 quilómetros por hora, em todo-o-terreno. As viaturas recém-chegadas são a versão de transporte de pessoal, podendo transportar oito atiradores e dois tripulantes, o condutor e o chefe de viatura.

Realizou-se no dia 01 de Abril, pelas 11 horas, no posto de comando do 2.º Batalhão de Infantaria, uma apresentação, pelo comandante do 2.º Batalhão, Tenente-Coronel Godinho, aos Órgãos de Comunicação Social locais e regionais, com a finalidade de informar sobre as características principais da PANDUR II, seguida de uma demonstração das potencialidades da viatura.



Comemorações do Dia do Exército e das Forças Armadas - Faro, 2008 (em cima) e do 10 de Junho - Santarém, 2009 (em baixo)



Dia do Exército e das Forças Armadas - 2008

As cerimónias e desfiles militares referentes ao Dia do Exército e das Forças Armadas, decorreram na cidade de Faro, a 26 de Outubro, no Jardim Manuel Bívar. Corresponderam ao ponto mais alto das referidas comemorações. O Regimento de Infantaria N°14 participou em representação da Brigada de Intervenção. Nesse mesmo dia foi celebrada uma missa, na Sé de Faro, pelo Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança, D. Januário Torgal Ferreira.

Os militares do RI14, participaram igualmente na exposição de meios e capacidades do Exército Português na Praça Dom Francisco Gomes e na Avenida 5 de Outubro, de 23 a 26 de Outubro.

10 de Junho – Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas

A 10 de Junho de 2009, realizaram-se as cerimónias militares alusivas ao Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, com o 2º Batalhão de Infantaria a representar o Regimento de Infantaria N°14 e a Brigada de Intervenção. As cerimónias comemorativas tiveram lugar na cidade de Santarém, no Campo Infante da Câmara, nas quais os militares do 14 contribuíram de forma significativa para as cerimónias militares e respectivos desfiles (apeado e montado).

Treino e Preparação do 2º Batalhão de Infantaria

De acordo com a directiva de treino operacional do comandante do 2º Batalhão de Infantaria, Tenente-Coronel Cunha Godinho, é necessário garantir os níveis de prontidão e proficiência de acordo com os objectivos estabelecidos pela Brigada de Intervenção, desenvolvendo uma cultura de forças blindadas de rodas em operações de armas combinadas, cooperando com as demais unidades da Brigada de Intervenção na consolidação de um sistema de formação, credível e seguro, de uma escola de forças blindadas de rodas em operações de armas combinadas, operacionalizando o conceito de excelência e, por fim, orientando o seu treino operacional para as actividades a conduzir no âmbito das Operações de Estabilização.

Este batalhão, muito tem contribuído para a imagem e prestígio do Exército, da Brigada de Intervenção e do Regimento de Infantaria N°14 através de uma postura altamente profissional, muito dinâmica e solidamente operacional, em exercícios nacionais e internacionais, e em paralelo, tem demonstrado um garbo e rigoroso aprumo em todas as cerimónias oficiais e actividades diversas em que tem participado.



Comemorações do Dia da Unidade 2009: exposição de fotografia da I Guerra Mundial, de Arnaldo Garcez

Cabo-Adjunto Teixeira



Comemorações do Dia da Unidade 2009: palestra alusiva à I Guerra Mundial - Coronel José Henriques

Cabo-Adjunto Teixeira



Obra de Rui Costa - 1º Prémio do VI Encontro de Pintura do RI14 (2009)

Cabo-Adjunto Teixeira



Comemorações do Dia da Unidade 2009: VII Torneio de Bridge do RI14

Cabo-Adjunto Teixeira



Missa de Natal na Sé de Viseu

No dia 19 de Dezembro de 2008, realizou-se na Sé de Viseu a Missa de Natal, celebrada por Sua Excelência Reverendíssima, o Bispo de Viseu Dom Ilídio Leandro, onde estiveram presentes militares do Regimento de Infantaria Nº14 e do Centro de Recrutamento de Viseu, outros militares da guarnição nas situações de reserva e reforma, para além elementos das forças de segurança e habitantes de Viseu que pretenderam assistir à homilia.

Após a missa, e ainda no âmbito dos festejos da época natalícia Dom Ilídio Leandro fez uma breve visita ao Regimento de Infantaria Nº14 onde proferiu umas breves, mas muito significativas, palavras sobre a época natalícia, a todos os militares e civis da unidade, tendo de seguida partilhado o almoço festivo com todos os presentes.

Comemorações do Dia da Unidade em 2009

O Dia do RI14 é 19 de Março, comemorando o feito da Companhia do Batalhão de Infantaria 14 que, sob o comando do Capitão Vale de Andrade, em 19 de Março de 1918, na Flandres, assaltou as trincheiras inimigas.

Exposição de fotografia inédita em Viseu – I Guerra Mundial

Os eventos para comemorar o Dia da Unidade tiveram início no dia 5 de Março, no Solar do Vinho do Dão, que acolheu mais de uma centena de convidados militares e civis, para assistirem às palestras da Mestre em História Isabel Pestana Marques e do Coronel Rui Moura, e à abertura da exposição de fotografias de Arnaldo Garcez.

Arnaldo Garcez teve uma participação incontornável na I Guerra Mundial, conseguindo perpetuar para a posteridade, a preparação e participação dos militares portugueses na Guerra, através da realização de uma cobertura fotográfica dos treinos e preparação da Divisão de Instrução em Tancos, em 1916. Mais tarde, em 1917, seguiu para a Flandres como “Alferes Equiparado” onde foi encarregue de fazer a cobertura fotográfica da participação portuguesa na Flandres, acompanhando o Corpo Expedicionário Português, espelhando a vida do soldado, no seu quotidiano, nas trincheiras e fora delas. Após a Guerra veio a permanecer na Europa, nomeadamente em França, até 1921, tendo-se destacado na organização do cemitério dos combatentes portugueses, em Richebourg-l’Avoué, Pas-de-Calais, França.

A Mestre Isabel Pestana Marques através da sua dissertação deu a conhecer as dificuldades por que passaram os militares que partiram para as trincheiras. O Coronel Rui Moura na sua alocação enalteceu os valorosos “Viriatos” que combateram na I Guerra Mundial, em Angola, em Moçambique e na Flandres. Destacou a acção de Naulila, no sul de Angola, em Dezembro de 1914 e a acção do valente Capitão Vale de Andrade, que ao comando da 1ª Companhia do BI14/RI14, assaltou as trincheiras alemãs de forma heróica e que, no dia 9 de Abril, avançou da Linha do Corpo, debaixo de uma cerrada barragem de artilharia alemã, para ocupar a Linha das Aldeias à retaguarda da 1ª linha.

A exposição de fotografias foi posteriormente colocada no Palácio do Gelo, em Viseu, de 6 a 22 de Março, acompanhada de uma mostra de armamento, equipamento e condecorações



Campeonato Nacional de Esgrima - Júniores (7 e 8 de Março de 2009)

Cabo-Adjunto Teixeira



"Dia de Portas Abertas" (21 de Março de 2009)

Cabo-Adjunto Teixeira

da época. Foi visitada por milhares de pessoas que deixaram os seus sentidos testemunhos no livro de visitas. A ocasião foi aproveitada igualmente por professores de história de escolas da cidade para visitarem a exposição com grupos de alunos. Foram realizadas igualmente algumas visitas guiadas.

RI14 promove Corrida de Orientação em Viseu

Em colaboração com o Clube de Orientação de Viseu, foi organizada, no dia 8 de Março, a Corrida de Orientação para a comunidade local.

Integrada nas cerimónias comemorativas do Dia da Unidade, esta actividade contou com a presença de mais de 400 atletas, de todas as idades, que tiveram a oportunidade de praticar esta modalidade, tendo como pano de fundo a mata do Fontelo e algumas artérias da cidade de Viseu. A prova teve início na Cava de Viriato e terminou no interior do Regimento.

Esta iniciativa, destinada, em grande medida, à divulgação e conhecimento da Orientação na região de Viseu, permitiu à sociedade civil praticar este desporto, bem como visitar a unidade e usufruir da sua torre multi-actividades.

Campeonato Nacional de Esgrima – Júniores

No fim-de-semana de 7 e 8 de Março decorreu no Pavilhão Gimnodesportivo do Regimento de Infantaria Nº14, o Campeonato Nacional de Esgrima – Júniores (masculino e feminino, em espada e florete, individual e por equipas).

A prova contou com a presença de 150 jovens atletas, representando 19 clubes e salas de armas de todo o país, incluindo regiões autónomas dos Açores e da Madeira.

Este evento foi organizado em parceria com o Centro de Formação de Esgrima/Escola de



Referência do Agrupamento de Escolas Ana de Castro Osório de Mangualde, a Associação Viseense dos Bombeiros Voluntários, a Federação Portuguesa de Esgrima e o Comité Olímpico de Portugal.

VII Torneio de Bridge no RI14

O VII Torneio de Bridge do RI14, decorreu no dia 14 de Março, na sala de oficiais do regimento, com a participação de 9 pares, constituídos por militares do regimento, antigos militares e, ainda, civis sócios do Clube de Bridge de Viseu.

VI Encontro de Pintura

Decorreu no fim-de-semana de 14 e 15 de Março o VI Encontro de Pintura do Regimento de Infantaria N°14. O evento contou com a participação de 30 artistas que pintaram telas alusivas ao tema da I Guerra Mundial.

Como forma de agradecimento aos artistas, visando dar visibilidade das suas obras no exterior dos muros do Quartel, os trabalhos realizados pelos pintores foram expostos no Palácio do Gelo, entre os dias 16 e 22 de Março, em conjugação com a colecção fotográfica da I Guerra Mundial, de Arnaldo Garcez.

“Corrida de Viriato”

No dia 15 de Março, pelas 10 horas, verificou-se a tradicional “Corrida de Viriato” percorrendo várias artérias da cidade de Viseu, incluindo algumas ruas da zona histórica. Esta prova foi organizada em parceria com a Associação de Atletismo de Viseu, estando inserida no seu calendário anual.

A prova teve início junto à estátua de Viriato, com meta na parada do Regimento. Nesta prova de atletismo, que se realiza anualmente, participaram mais de 150 atletas, masculinos e femininos, desde federados de clubes de atletismo locais e regionais, a atletas individuais, militares e civis, em representação dos mais diversos escalões.

Rastreio Sanitário em Lordosa

Uma equipa do Serviço de Saúde do Regimento de Infantaria N°14, constituída pela Oficial Médica, Enfermeiro e quatro Socorristas, levaram a cabo um Rastreio Sanitário na freguesia de Lordosa, concelho de Viseu, no âmbito das comemorações do dia da Unidade. Foram observadas 102 pessoas entre as quais 18 crianças.

Palestra Alusiva à I Guerra Mundial

No dia 17 de Março, no auditório do Instituto Politécnico de Viseu, decorreu uma palestra alusiva ao tema da I Guerra Mundial.

O palestrante, historiador emérito, Coronel José Henriques, na situação de reforma, sintetizou de forma emotiva, grandiosa e esclarecedora a “situação delicada” pela qual os militares portugueses passaram nas diferentes acções e na linha da frente da I Guerra Mundial.

A assistência foi constituída por militares do RI14, outros convidados civis e, ainda, professores e alunos de diferentes estabelecimentos de ensino: Instituto Politécnico de Viseu, Universidade Católica (Pólo de Viseu), Escola Secundária Viriato, Escola Secundária Emídio Navarro, Escola Secundária Alves Martins e Escola Básica 2/3 Infante D. Henrique.



Cerimónias militares

No dia 19 de Março realizaram-se as cerimónias militares do Dia do Regimento de Infantaria Nº14, onde se recordou mais uma vez a acção do dia 19 de Março de 1918 e se fez um balanço das actividades do último ano.

Em 2009, os festejos do Dia da Unidade integraram: alvorada festiva no Rossio de Viseu; cerimónia de homenagem a Viriato, com a presença de uma companhia do 2º Batalhão de Infantaria junto da estátua de Viriato, na Cava; desfile por algumas artérias do centro da cidade de Viseu; Guarda de Honra ao Tenente-General Pina Monteiro, Comandante Operacional do Exército, que presidiu às cerimónias; descerramento da placa toponímica da Avenida “Coronel Vale de Andrade” pelo Presidente da Câmara de Viseu, Dr Fernando Ruas, e pelo TGen Pina Monteiro; cerimónias militares na parada do Regimento; inauguração do novo edifício do Posto de Comando do 2º Batalhão de Infantaria; e, finalmente, almoço festivo.

Dia de “Portas Abertas”

Para concluir as comemorações do Dia da Unidade no ano de 2009, o Regimento de Infantaria Nº14 esteve de “Portas Abertas”, no dia 21 de Março, para amigos, familiares e conhecidos dos militares da unidade, bem como para todos os cidadãos que se quiseram juntar à grande família dos “Viriatos” e visitar a unidade, assistindo e participando nas mais diversas actividades. Neste dia, as cerca de 1500 pessoas que nos visitaram tiveram a oportunidade de observar e experimentar algumas das actividades desenvolvidas diariamente pelos militares do RI14.

Cerimónia Militar evocativa da Batalha de La Lys

O Regimento de Infantaria Nº14 realizou uma cerimónia de homenagem aos mortos, com colocação de coroa de flores seguido de desfile da força militar, junto ao Monumento aos Mortos da I Guerra Mundial do Concelho de Viseu (Soldado Desconhecido), no Largo Mouzinho de Albuquerque, em Viseu, no dia 08 de Abril, às 17:00 horas, em evocação da batalha de La Lys, que teve lugar em 09 de Abril de 1918.

Este evento contou com a presença de inúmeras individualidades convidadas, que quiseram, deste modo, homenagear os Combatentes de Viseu caídos no campo da honra. Estiveram presentes, entre outros, os representantes da Câmara Municipal de Viseu e do Governo Civil de Viseu, o Chefe do Centro de Recrutamento de Viseu, o Comandante da GNR de Viseu, o Chefe do Comando da PSP de Viseu, os Presidentes da Liga dos Combatentes de Viseu e da Associação dos Deficientes das Forças Armadas de Viseu.



D. Januário Torgal Ferreira em Viseu

No dia 28 de Abril, D. Januário Torgal Ferreira, S. Ex.^a Reverendíssima, Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança, celebrou a homilia pascal na Sé Catedral de Viseu, destinada a todos os elementos das forças militares e de segurança, bem como a todos os populares que quiseram associar-se a esta comemoração eucarística.

A vinda do Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança coincidiu ainda com o Crisma de 16 militares do Regimento de Infantaria N.º14 que aproveitaram a vinda de S.Ex.^a Reverendíssima para dar este passo fulcral de aprofundamento da sua fé.

De seguida, D. Januário deslocou-se ao Quartel dos Viriatos para proferir uma alocução aos militares do RI14, onde evocou D. Nuno Álvares Pereira, o mais recente Santo Português e patrono da Infantaria Portuguesa, e realçou a importância que ele teve na nossa história e no desenvolvimento do espírito de camaradagem entre os homens.

Mencionou ainda a importância das Forças Armadas para a manutenção da paz e segurança do País, apelando à diplomacia e diálogo entre as nações. Depois do discurso foi tempo de assinar o livro de Honra na Biblioteca e de partilhar um almoço de convívio com todos os militares e civis da guarnição de Viseu.

D. Januário Torgal Ferreira, Bispo das Forças Armadas e de Segurança.
Crisma de militar do RI14, na Sé de Viseu e assinatura do Livro de Honra do Regimento

Cabo-Adjunto Teixeira



Visita de escolas ao Regimento de Infantaria Nº14

Cabo-Adjunto Teixeira

Escolas e Instituições visitam o RI14

A fim de contribuir para a imagem e prestígio do Exército, através da consolidação da imagem do RI14, tem sido realizado um esforço para manter e reforçar as ligações do RI14 com a região de Viseu, concedendo autorização a todos os pedidos de visita ao regimento, efectuados por escolas e instituições.

As visitas foram planeadas de acordo com os interesses manifestados e, na generalidade, os visitantes tiveram a oportunidade de percorrer as salas do Museu do RI14, visitar a Biblioteca e Sala de Honra da Unidade, fazer escalada e slide na torre de escalada, bem como conhecer a mais recente aquisição do 14 de Infantaria, a PANDUR II 8X8.

Dia dos “Viriatos”

Comemorou-se no dia 10 de Julho o 58º aniversário do Quartel dos “Viriatos”, que alude à memória do dia da inauguração do actual Quartel do Regimento de Infantaria Nº14, 10 de Julho de 1951. Este evento visa essencialmente a confraternização e convívio dos actuais Viriats com os antigos militares e funcionários civis, que ao longo dos anos serviram neste Regimento. Todos os anos, no fim-de-semana mais próximo do dia 10, as portas do Regimento encontram-se abertas a todos os Viriats.

Este ano para além da Missa, celebrada pelo Capelão da unidade, em memória de todos os Viriats já falecidos, da cerimónia de Homenagem aos Mortos em combate do Regimento e do almoço convívio, que contou com cerca de 1000 convivas, os presentes assistiram à oferta de um quadro do pintor viseense Jorge Braga da Costa representando o edifício de comando e a uma demonstração de voo de águias, animal que faz parte da simbologia do regimento.



Concerto comemorativo do Dia dos “Viriatos” e evocativo das Guerras Peninsulares

Em parceria com a Câmara Municipal de Viseu, na noite de dia 10 de Julho, o RI14 brindou os habitantes de Viseu com um concerto pela Banda Militar do Porto, no Adro da Sé Catedral de Viseu, na qual estiveram presentes centenas de pessoas. A primeira parte do concerto foi dedicada à evocação das Guerras Peninsulares, sendo feita uma encenação histórica pelo Pelotão 1810 e tocadas obras de Tchaikovsky, “Abertura 1812”, e de Beethoven, “A Batalha de Vitória”, e ainda duas marchas militares escritas pelo Mestre de Música do RI14, José Pereira Biscaya, a “Batalha do Vimeiro” (de 1908) e a “A Batalha de Talavera” (de 1909).

Visita do Grupo dos Amigos do Museu Grão Vasco (GAMUS) ao Museu do Regimento de Infantaria N.º 14 (à esquerda)

Primeiro-Sargento Sousa

Concerto comemorativo do Dia dos “Viriatos” e evocativo das Guerras Peninsulares, Adro da Sé em Viseu (à direita)

Cabo-Adjunto Teixeira

Dia de Naulila

No dia 18 de Dezembro de 2008 os antigos Comandantes do RI14 prestaram homenagem, junto ao monumento aos mortos em combate do RI14, aos quase 70 combatentes viseenses mortos em combate, a 18 de Dezembro de 1914, na posição de Naulila, nas margens do rio Cunene, no sul da Província de Angola, contra forças Alemãs. Foi igualmente constituído nesta data o “Conselho dos Viriats”.

Campeonatos de Corta-Mato Militar

Fase II (fase Brigada de Intervenção)

O Regimento de Infantaria N.º 14 organizou, no dia 20 de Novembro de 2008, o Campeonato Desportivo Militar de Corta-Mato Fase II (BrigInt). Esta prova decorreu nos terrenos da Estação



Campeonatos de Corta-Mato Militar (em cima) e de Corrida de Orientação (em baixo)

Cabo-Adjunto Teixeira



Agrária e Parque do Fontelo, em Viseu, e teve a participação de 111 atletas representantes das diversas unidades que compõem a Brigada de Intervenção, Comando e Estado-Maior da BrigInt (Coimbra), do Regimento de Infantaria N°13, (Vila Real), do Regimento de Infantaria N°14 (Viseu), do Regimento de Infantaria N°19 (Chaves), do Regimento de Engenharia N°3 (Espinho) e do Regimento de Cavalaria N°6 (Braga).

A organização deste evento militar, teve a prestimosa colaboração da Câmara Municipal, da Associação de Atletismo e da Estação Agrária, de Viseu, evidenciando a excelente relação do RI14 com toda a comunidade local.

Fase III (fase Exército)

Decorreu no dia 5 de Dezembro de 2008, organizado pelo Regimento de Infantaria N°14, o Campeonato Desportivo Militar de Corta-Mato, Fase III (Exército).

Esta prova, igualmente realizada nos terrenos da Estação Agrária e Parque do Fontelo, em Viseu, teve a participação de 167 atletas seleccionados pelos diversos Comandos em todas as unidades, estabelecimentos e órgãos do Exército: o Comando do Pessoal, o Comando da Logística, o Comando da Instrução e Doutrina, o Comando Operacional, o Comando da Brigada Mecanizada, o Comando da Brigada de Intervenção, o Comando da Brigada de Reacção Rápida, o Comando da Zona Militar dos Açores e o Comando da Zona Militar da Madeira.

Mais uma vez a organização deste evento teve a prestimosa colaboração da Câmara Municipal, da Associação de Atletismo e da Estação Agrária, de Viseu.

Corrida de Orientação

Campeonato de Orientação do RI14

Realizou-se, na 1ª semana do mês de Fevereiro, em colaboração com o Clube de Orientação de Viseu, a 1ª etapa do Campeonato de Orientação do RI14.

Esta prova decorreu na área do Parque do Fontelo, em Viseu, onde participaram mais de 250 militares do Regimento. Na semana seguinte organizou-se nova prova, desta feita, na zona do Monte de Santa Luzia, onde não faltou boa disposição e muita competitividade por parte daqueles que a efectuaram. Por último foi organizado um terceiro percurso muito competitivo na região do Crasto.

Mais importante que a classificação foi a participação significativa do Regimento e a vontade que todos tiveram em aprender novas técnicas e em terminar as suas provas.

Fase II (fase Brigada) – RI14 no pódio

Decorreu na semana de 2 a 5 de Março, no RI13, em Vila Real, o Campeonato de Orientação da Brigada de Intervenção, onde o Regimento de Infantaria N°14 teve um excelente desempenho. Neste âmbito, o RI14 obteve os seguintes resultados: o 1º lugar por equipas feminino; o 1º lugar do 3º escalão estafeta; o 1º lugar do 3º escalão por equipas; o 3º lugar do 2º escalão por equipas; o 1º lugar do 3º escalão individual; o 2º lugar do escalão feminino individual; o 3º lugar do 1º escalão estafeta; o 2º lugar do 2º escalão estafeta; o 3º lugar feminino estafeta e o 2º lugar do 1º escalão masculino individual.

Esta meritória participação foi resultado do incremento desta modalidade desportiva militar que tem vindo a ser desenvolvido no Regimento.



Tertúlias no Museu Almeida Moreira - "Bicentenário das Invasões Francesas - o RI14 durante a Guerra Peninsular, de 1808 a 1814"

José Alfredo



Tertúlias – O Regimento de Infantaria N°14 durante a Guerra Peninsular

A Câmara Municipal de Viseu promoveu, no Museu Almeida Moreira, de 1 a 30 de Junho, a realização de um ciclo de tertúlias, alusivo ao tema “Viseu – A cidade museu”. Por simpático convite do responsável pelo pelouro da cultura da CMV, Dr José Moreira, coube ao comandante do RI14 ser o orador, a 22 de Junho. O tema proposto foi o “Bicentenário das Invasões Francesas – o Regimento de Infantaria N°14 durante a Guerra Peninsular, de 1808 a 1814”, e mais de 80 pessoas encheram completamente a sala seguindo atentamente a exposição.

Para além da palestra alusiva ao tema, e à semelhança com as restantes tertúlias, foi feita uma encenação histórica com a utilização de uniformes do RI14 de 1810.

Encenações históricas do Pelotão 1810

No âmbito do Programa para as comemorações dos 200 anos da Guerra Peninsular (2007-2014) têm sido desenvolvidas múltiplas iniciativas destinadas a evocar os acontecimentos relativos às invasões francesas. Entre outras evocações têm-se destacado: lançamento de livros, publicação de artigos, concertos, encenações históricas, colóquios, exposições e tratamento de fundos documentais.

Estas comemorações iniciaram-se em 2007 e prolongar-se-ão até meados de 2014, terminando com a celebração da vitória do Exército Anglo-Luso na batalha de Toulouse (10 de Abril de 1814). O RI14, de Viseu, tem participado, desde 2007, em diversas encenações históricas com um Pelotão uniformizado com réplicas dos uniformes do Regimento de Infantaria N°14, do plano de uniformes de 1806, e utilizando ordem unida da época. É de salientar que cada regimento tinha fardas diferenciadas, que se distinguiam unicamente pela cor da gola, do canhão dos punhos e do forro. Na chapa metálica da barretina era gravado o numeral do regimento. As cores do Regimento de Infantaria N°14 eram as seguintes: golas – brancas, canhões – brancos e forro – vermelho.

No decorrer do ano de 2008 o RI14 esteve presente em Madrid, Espanha, nas comemorações dos 200 anos do “2 de Maio” e em diversas cerimónias comemorativas em Portugal, das quais se destaca a da Batalha do Buçaco.

No ano de 2009, o “Pelotão 1810” esteve igualmente presente em diversas cerimónias evocativas da 2ª Invasão Francesa, a maior parte das quais patrocinadas pelas diversas autarquias com a activa colaboração do Exército. Assim, em Chaves, na presença de S. Ex.ª, o Presidente da República, em Braga, no Porto, em Santa Maria da Feira, em Penafiel e em Viseu, o “Pelotão 1810” do Regimento de Infantaria N°14 participou com destaque, merecendo o apreço das diversas autoridades e do público pelo seu desempenho.

No ano de 2010 serão evocados diversos acontecimentos que ocorreram na região da Beira Alta durante a terceira invasão francesa (1810-1811):

Julho, 24 - Batalha do Rio Côa. As forças do general Craufurd são derrotadas pelo corpo comandado pelo marechal francês Ney. Foi o começo da 3.ª Invasão Francesa.

Agosto, 1 - Proclamação de Massena aos portugueses, redigida pelo marquês de Alorna,



Pelotão com Uniforme 1810 - Cerimónia comemorativa da Libertação do Porto (2009)

Centro de Audiovisuais do Exército



Os Uniformes da Infantaria de acordo com o plano de 1806

1806	Antiga denominação	Gola	Canhão	Forro
nº 1	de Lippe			
nº 2	de Lagos			
nº 3	1º de Olivença			
nº 4	de Freire			
nº 5	1º de Elvas			
nº 6	1º do Porto			
nº 7	de Setúbal			
nº 8	de Castelo de Vide			
nº 9	de Viana			
nº 10	de Lisboa			
nº 11	de Penamacor			
nº 12	de Chaves			
nº 13	de Peniche			
nº 14	de Tavira			
nº 15	2º de Olivença			
nº 16	de Vieira Teles			
nº 17	2º de Elvas			
nº 18	2º do Porto			
nº 19	de Cascais			
nº 20	de Campo Maior			
nº 21	de Valença			
nº 22	de Serpa			
nº 23	de Almeida			
nº 24	de Bragança			

Fonte: Amaral, Manuel, Portal da História (www.arqnet.pt), 2000-2009

comandante da Legião Portuguesa, declarando que o exército francês entrava em Portugal como amigo, não vindo para fazer a guerra aos portugueses, mas somente para combater os britânicos.

Agosto, 15 - Começo oficial do cerco de Almeida, com a abertura da primeira trincheira, no dia do aniversário de Napoleão Bonaparte.

Agosto, 28 - Rendição de Almeida ao exército francês, após a explosão do paiol de munições no dia 26.

Setembro, 18 - Ocupação de Viseu pelo exército francês. Massena, comandante em chefe das forças napoleónicas, passou e pernitoou algumas noites em Viseu, na Casa do Arco, assim chamada por se situar junto do arco ou antiga Porta dos Cavaleiros, solar da família Albuquerque do Amaral Cardoso.

Setembro, 27 - Batalha do Buçaco. O exército anglo-português, comandado por Wellington, vence o exército francês; mas retira para as Linhas de Torres Vedras.

Estas iniciativas têm vindo a ser desenvolvidas de forma cronológica permitindo dar relevo e consagração aos homens e acontecimentos que marcaram de forma indelével um período da história de Portugal que, pela sua amplitude política, social e militar, permanece como um marco histórico que o tempo não apaga.

HERANÇA DE PATRIMÓNIO HISTÓRICO E UNIDADES ANTECESSORAS COM LIGAÇÃO AO REGIMENTO DE INFANTARIA Nº14

- **Terço de Almeida** (1642), **Terço de Penamacor** (1642) e **Terço do Algarve** (1657), que na Guerra da Restauração (1640-1668) colaboraram na defesa das regiões fronteiriças contra invasões do Reino de Espanha;
- **Regimento de Infantaria de Almeida** (1703), com origem no **Terço de Penamacor** (1642), que foi extinto em 1808;
- **Regimento de Infantaria Nº11**, mandado reunir em Viseu, em 30 de Setembro de 1808, e extinto em 1826; reorganizado em 1828 (Viseu), deslocado em 1831 para Almeida com a designação de Regimento de Infantaria de Almeida, e que em 1834 recebe a anterior designação sendo extinto nesse mesmo ano. **Regimento de Infantaria Nº23**, com origem no antigo Regimento de Infantaria de Almeida, mandado reunir em Viseu em 1808 e extinto em 1829. Ambos, constituindo a Brigada da Beira com o BC7, actuaram nas Campanhas Peninsulares com elevada distinção, participando nas principais batalhas do Exército anglo-luso, tendo merecido a honra de, por decreto real, após a Batalha de Vitória, adicionarem aos seus estandartes a legenda *“E julgareis qual é mais excelente / Se ser do mundo rei, se de tal gente”*;
- **Batalhão de Caçadores Nº7**, com origem na transformação do 1º Batalhão da Leal Legião Lusitana, por portaria publicada em Ordem do Dia de 4 de Maio de 1811, também designado por Batalhão de Caçadores da Guarda, que recrutava na Beira, e que passou a ter quartel no Fundão a partir de 1816, sendo extinto em 1829; actuou nas Campanhas da Guerra Peninsular integrado na Brigada da Beira com elevada distinção, participando nas principais batalhas do Exército anglo-luso, tendo merecido a honra de lhe ser atribuído, por decreto real, após a Batalha de Vitória, estandarte com a legenda *“Distintos vós sereis na Lusa História / Pelos louros que colhestes na Vitória”*;
- **Batalhão de Caçadores Nº8**, com origem na transformação do 2º Batalhão da Leal Legião Lusitana, por portaria publicada em Ordem do Dia de 4 de Maio de 1811, também designado por Batalhão de Caçadores de Trancoso, que recrutava na Beira e foi extinto em 1829;
- **Batalhão de Caçadores Nº4**, mandado organizar em Viseu, por Decreto de 14 de Outubro de 1808, enquanto Batalhão de Caçadores da Beira, por ordem da Junta Provisional do Supremo Governo do Reino, do Porto, foi incorporado no Exército, pela reorganização de 28 de Outubro de 1808, inicialmente organizado e comandado pelo TCor Luís do Rego Barreto, foi extinto em 1829;
- **Regimento de Caçadores da Beira Alta**, com origem no Batalhão de Caçadores Nº4, criado em 1829 (Viseu) e extinto em 1834;
- **Batalhão de Caçadores Nº29**, criado em 1837 (Pinhel), deslocado em 1840 para a Guarda e dissolvido em 1842;
- **Regimento de Infantaria Nº17**, criado em 1844 (Pinhel) e extinto em 1846;



- **Regimento de Infantaria N°23**, criado em 1884 (Coimbra) e extinto em 1926; que durante a I Guerra Mundial mobilizou um Batalhão de Infantaria para Moçambique e o Batalhão de Infantaria N°23 para França, que se destacou, quando integrado na 140ª Brigada Britânica como unidade táctica de combate, na perseguição do inimigo na fase final da Guerra;
- **Regimento de Infantaria N°7**, criado em 1900 (Leiria) e extinto em 1975; que durante a I Guerra Mundial mobilizou para França o Batalhão de Infantaria N°7;
- **Batalhão de Caçadores N°6**, criado em 1901 (Santarém) e extinto em 1911;
- **2º Grupo de Metralhadoras**, criado em 1911 (Guarda) e extinto em 1926; que participou na I Guerra Mundial nas Campanhas do Sul de Angola, fazendo parte dos Destacamentos de Cuanhama e Cuamato;
- **5º Grupo de Metralhadoras**, criado em 1911 (Coimbra) e extinto em 1926; que participou com brilhantismo na I Guerra Mundial em França, distinguindo-se pela coragem e valentia, dos seus oficiais e praças, demonstradas na batalha do 9 de Abril de 1918, até perder quase todo o seu efectivo;
- **Regimento de Infantaria N°35**, criado em 1911 (Coimbra) e extinto em 1926; que durante a I Guerra Mundial mobilizou o Batalhão de Infantaria N°35 para França que, apesar do elevado número de baixas causadas pelos repetidos e violentos ataques sofridos durante a sua longa permanência na 1ª linha, se destacou pela forma como sempre se manteve na defesa das suas posições e como, incorporado numa unidade britânica, cooperou na perseguição do inimigo;
- **Batalhão de Caçadores N°10**, criado em 1926 (Coimbra), deslocado em 1927 para Pinhel e extinto em 1928;
- **Batalhão de Caçadores N°7** criado em 1939 (Guarda) e extinto em 1966, com origem no Regimento de Infantaria N°12 (Pinhel);
- **Batalhão de Infantaria da Guarda** criado em 1977 e extinto em 1979, designado Destacamento da Guarda do Regimento de Infantaria de Viseu (1975-1977), com origem no Regimento de Infantaria N°12, reorganizado em 1966 (Guarda) e extinto em 1975;
- **Regimento de Infantaria de Coimbra**, criado em 1975 (Coimbra) e extinto em 1976;
- **Batalhão de Infantaria de Aveiro**, com origem no Regimento de Infantaria N°24 (Penamacor), em 1884 deslocado para Pinhel e em 1901 para Aveiro. Mudou de designação para Regimento de Infantaria N°19 em 1926, e para Regimento de Infantaria N°10 em 1939. Em 1975 passou a designar-se Destacamento de Aveiro do Regimento de Infantaria de Coimbra, para em 1977 receber a designação de Batalhão de Infantaria de Aveiro. Foi extinto em 1999.





ESTANDARTE NACIONAL

O Estandarte Nacional é a Bandeira Nacional existente em todas as unidades militares do país. O Estandarte Nacional, talhado em seda, difere da Bandeira Nacional pelo facto de ter a forma quadrangular.

Tem o escudo das armas nacionais assentado sobre a esfera armilar manuelina, em ouro; rodeada, esta, de duas vergõteas de loureiro, em ouro, ligadas por um listel em laço, de prata, no qual se inscreve como divisa, a negro e em letras maiúsculas de estilo elzevir, o verso camoniano: “ESTA É A DITOSA PÁTRIA MINHA AMADA”

Legenda

Pirinéus, 1813

Nivelle, 1813

Nive, 1813

Naulila, 1914

Flandres, 1918

Divisa

“CUJA FAMA NINGUÉM VIRÁ QUE DOME”

Condecorações

Direito Próprio

- Cruz de Guerra de 1ª Classe, concedida à Companhia do Batalhão de Infantaria Nº14 / RI14 (1918 França)
- Membro Honorário da Ordem da Liberdade (2000)
- Medalha de Ouro da Cidade de Viseu (1998)

Herança Histórica

- Comendador da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito, concedida à 3ª Bateria / 2º Grupo de Metralhadoras (1914-15 Sul de Angola – Destacamento do Cuamato)
- Comendador da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito, concedida ao Batalhão de Infantaria Nº23 / RI23 (1918 França)
- Cruz de Guerra de 1ª Classe, concedida à 1ª Bateria / 2º Grupo de Metralhadoras (1915 Sul de Angola – Destacamento do Cuanhama)
- Cruz de Guerra de 1ª Classe, concedida ao Batalhão de Infantaria Nº35 / RI35 (1918 França)
- Cruz de Guerra de 1ª Classe, concedida ao 5º Grupo de Metralhadoras (1918 França)
- Cruz de Mérito de Guerra Italiana, concedida ao Batalhão de Infantaria Nº23 / RI23 (1918 França)



Pirinéus - 1813
Nivelle - 1813
Nive - 1813
Naulila - 1914
Flandres - 1918



Torre e Espada, Comendador
(1914 -15 Sul de Angola)
3ª Bateria/2º Grupo de Metralhadoras



Torre e Espada, Comendador
(1918 França)
Batalhão de Infantaria Nº23



Cruz de Guerra, 1ª Classe
(1915 Sul de Angola)
1ª Bateria/2º Grupo de Metralhadoras



Cruz de Guerra, 1ª Classe
(1918 França)
Companhia / Batalhão de Infantaria Nº14



Cruz de Guerra, 1ª Classe
(1918 França)
Batalhão de Infantaria Nº35



Cruz de Guerra, 1ª Classe
(1918 França)
5ª Grupo de Metralhadoras



Ordem da Liberdade, Membro Honorário
(25 Abril 74)
Regimento de Infantaria Nº14



Croce al Merito di Guerra (Itália)
(1918 França)
Batalhão de Infantaria Nº23



Diploma da Cruz de Guerra 1ª Classe
atribuída à Companhia do BI14 / RI14
Museu do RI14



Medalha de Ouro da Cidade de Viseu
atribuída ao RI14 pela CMV (1998)
Gabinete do Comandante do RI14





ESTANDARTE DO REGIMENTO DE INFANTARIA Nº14 (1806)

A partir de 1806, por Decreto de 19 de Maio, cada Regimento de Infantaria passou a ter duas bandeiras: uma nas cores azul, branco, escarlate e amarelo; e outra da cor do forro da farda própria de cada unidade, cor encarnada no caso do Regimento de Infantaria Nº14.

Na base da lança, enrolada na haste com as pontas caídas, uma cinta de seda na cor dos canhões e golas do Regimento, cor branca no Regimento de Infantaria Nº14, facilmente identificava a unidade dentro da sua Divisão. A bandeira, esquartelada de 16 quartéis de azul e encarnado, com uma aspa amarela, apresentava no meio as armas do Reino bordadas em fundo branco, tendo por baixo as palavras: **Regimento Nº14**.

Nos quatros cantos, sobre um quadrado de pano branco, apresentava a Coroa Real com a cifra real JPR (João Príncipe Regente).

A partir de 1816, por Lei de 13 de Maio, passou a usar-se nas bandeiras o escudo das armas do Reino Unido Portugal, Brasil e Algarves.





ESTANDARTE DO REGIMENTO DE INFANTARIA Nº14 (1892)

Em 1830 o Governo Provisório constitucionalista, instalado na Ilha Terceira, introduziu uma nova Bandeira Nacional. A nova Bandeira era bipartida de azul e branco – cores que já haviam sido adoptadas desde 1820 pelos constitucionalistas - com as Armas Nacionais ao centro. É esta bandeira que as tropas liberais utilizam durante a Guerra Civil. Com a vitória liberal, em 1830, a bandeira azul e branca prevalece em relação à antiga bandeira branca. Em 1842, ao contrário do que acontecia anteriormente, as bandeiras regimentais do Regime Constitucional passaram a seguir de perto o modelo da Bandeira Nacional (de hastear), com algumas diferenças de pormenor. Pela parte inferior do escudo, sobre uma fita branca, via-se a legenda: Regimento Nº14 de Infantaria.

As bandeiras das unidades de Infantaria continuaram a ser duas até ao diploma de reorganização do Exército de 21 de Dezembro de 1853 que, no § 4.º do artigo 54º, estatuiu que cada regimento deveria ter somente uma bandeira. Contudo, pela organização de 23 de Junho de 1864, as unidades de Infantaria passam novamente a possuir duas bandeiras. Finalmente, em 26 de Dezembro de 1868, por decreto publicado na OE Nº80, os Regimentos de Infantaria voltam a ter apenas uma bandeira.

Em 1892 na OE Nº30 foi publicado o seguinte decreto: “Convindo reunir em um único documento todas as disposições relativas a bandeiras e estandartes, e bem assim simplificar e tornar uniformes os respectivos padrões, hei por bem decretar o seguinte:

“Art.º 1º - A bandeira de 1892 será de seda azul e branca, bordada a retalho e cordão, conforme o modelo junto.

§1.º - A bandeira será quadrada, de 1,30 m de lado, bipartida vertical e igualmente em azul e branco, ficando o azul junto à haste, e enfiando nesta por uma bainha da mesma seda azul.

§2.º - No meio da bandeira estão bordadas, numa e outra face, as armas portuguesas, cercadas de dois ramos de loureiro, ligados no seu cruzamento por um laço de fita de seda encarnada, de que pende a cruz da Ordem Militar de Cristo, tendo inferiormente uma fita branca com a legenda oficial do Regimento a que pertencer.

§3.º - Quando o regimento for agraciado com alguma designação especial, determinada por decreto publicado em ordem do exército, será a legenda do verso substituída por essa designação.

§ 4.º - Em cada ângulo da bandeira será bordada a cifra real coroada.

§ 5.º - O laço, ..., guarnecidas nos lados menores com franja de seda das mesmas cores; os cordões e borlas serão também azuis e brancos.

§6.º - A haste da bandeira será de madeira, com lança e coto de ferro, conforme o desenho, e terá 2,85 m de comprimento.”





ESTANDARTE DO REGIMENTO DE INFANTARIA Nº 14 (1927)

Na sequência da implantação da república, em 1910, foi estabelecida uma nova Bandeira Nacional. O Decreto nº150, de 30 de Junho de 1911, definiu as características da Bandeira Nacional (de hastear) e também das bandeiras regimentais das unidades militares. Estas, tal como as bandeiras regimentais da Monarquia constitucional, seguiam de perto o modelo da Bandeira Nacional. Segundo o referido Decreto:

“Nas bandeiras das diferentes unidades militares, que serão talhadas em seda, a esfera armilar, em ouro, será rodeada por duas vergontas de loureiro, também em ouro, cujas hastes se cruzam na parte inferior da esfera, ligados por um laço branco, onde, como legenda imortal, se inscreverá o verso camoneano: Esta é a ditosa pátria minha amada”.

Altura d’esta bandeira - 1,20 m.

Comprimento - 1,30 m.

Diâmetro exterior da esfera - 0,40 m.

Distância entre o diâmetro da esfera e a orla superior da bandeira - 0,35 m.

Distância entre o diâmetro da esfera e a orla inferior da bandeira - 0,45 m.

Apesar do Decreto de 1911 ter estabelecido, com grande precisão, o padrão básico das bandeiras regimentais, vários regulamentos posteriores, estabeleceram padrões diferentes para os diversos ramos das Forças Armadas. Esses regulamentos, que foram diversas vezes alterados, estabeleceram dimensões e desenhos variados.

Em 1927 por Dec. de 26 de Novembro, publicado na Ordem do Exército Nº9 (1ª Série), o estandarte do Regimento de Infantaria Nº14 passou a usar a divisa a seguir indicada:

Pirinéus, Nivelles e Nive – 1813

Naulila – 1914

Flandres – 1918

Além desta divisa, ostentava também a condecoração da Cruz de Guerra 1ª Classe, distinção obtida por uma Companhia do Batalhão do RI14 expedicionário em França, em 1917-18.





ESTANDARTE DO REGIMENTO DE INFANTARIA Nº14 (1992)

O Estandarte Nacional é a Bandeira Nacional existente em todas as unidades militares do país. O Estandarte Nacional, talhado em seda e tem o escudo das armas nacionais assentado sobre a esfera armilar manuelina, em ouro; rodeada, esta, de duas vergönteas de loureiro, em ouro, ligadas por um listel em laço, de prata, no qual se inscreve como divisa, a negro e em letras maiúsculas de estilo elzevir, o verso camoniano: “ESTA É A DITOSA PÁTRIA MINHA AMADA”. A legenda e a divisa do Regimento são bordadas a ouro numa gravata de cor carmim.

Legenda

Pirinéus, 1813 Nivelles, 1813 Nive, 1813 Naulila, 1914 Flandres, 1918

Divisa

“CUJA FAMA NINGUÉM VIRÁ QUE DOME”

Condecorações

Direito Próprio

- Cruz de Guerra de 1ª Classe, concedida à Companhia do Batalhão de Infantaria Nº14 / RI14 (1918 França)
- Membro Honorário da Ordem da Liberdade (2000)
- Medalha de Ouro da Cidade de Viseu (1998)

Herança Histórica

- Comendador da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito, concedida à 3ª Bateria / 2º Grupo de Metralhadoras (1914-15 Sul de Angola – Destacamento do Cuamato)
- Comendador da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito, concedida ao Batalhão de Infantaria Nº23 / RI23 (1918 França)
- Cruz de Guerra de 1ª Classe, concedida à 1ª Bateria / 2º Grupo de Metralhadoras (1915 Sul de Angola – Destacamento do Cuanhama)
- Cruz de Guerra de 1ª Classe, concedida ao Batalhão de Infantaria Nº35 / RI35 (1918 França)
- Cruz de Guerra de 1ª Classe, concedida ao 5º Grupo de Metralhadoras (1918 França)
- Cruz de Mérito de Guerra Italiana, concedida ao Batalhão de Infantaria Nº23 / RI23 (1918 França)





GUIÃO DO REGIMENTO DE INFANTARIA DE VISEU

(1976)

Descrição

O Guião do Regimento de Infantaria de Viseu com denominação histórica de Infantes de Viriato, tem na sua divisa de Honra um verso dos Lusíadas relativos ao pastor guerreiro – Viriato.

O escudo heráldico é sobreposto por dois mosquetes cruzados e pela abreviatura de RIV – Regimento de Infantaria de Viseu. No interior do escudo está envolvido superiormente pela divisa: “*Cuja fama ninguém virá que dome*”; inferiormente está envolvido por: VIRIATOS.

Ao centro tem a figura de Viriato com a seguinte interpretação:

- Olhar de Viriato – Vigilância permanente;
- Escudo – Espírito defensivo;
- Lança – Espírito ofensivo;
- Capacete – Prontidão para a luta.

Representação e significado das cores

O verde significa esperança

O vermelho significa vitória

O branco significa as serras cobertas de neve

O negro significa sacrifício e dureza





ESTANDARTE DO REGIMENTO DE INFANTARIA Nº14

(1980)

Descrição

Descrição segundo a OE Nº9, de 30 de Setembro de 1980, estandarte quadrado, medindo um metro de lado, gironado de oito peças de prata e de negro. Bordadura contragironada de negro e prata.

No centro do estandarte brocante sobre o ordenamento geométrico um listel de prata, contendo a divisa do Regimento de Infantaria Nº14 “CUJA FAMA NINGUÉM VIRÁ QUE DOME”, em letras de estilo elzevir, maiúsculas de negro.

Dentro do círculo negro, delimitado pelo listel, contendo o escudo do Brasão de Armas do Regimento de Infantaria Nº14 circulado de uma coroa de louros de ouro.

Sobre a bordadura contragironada de negro e de prata, inscreve-se em Chefe a Legenda Viriatos em letras de estilo elzevir maiúsculas de um e no outro.

O Estandarte é debruado por um cordão de prata e de negro.

Os cordões fixam o Estandarte à haste por meio de uma laçada com pontas terminadas em borla do mesmo metal e cor.

O Estandarte é franjado de Prata, enfia na haste por meio de uma bainha com quatro dentículos, sendo o primeiro e segundo de negro e o terceiro e quarto de prata, e enfia na vareta horizontal por uma bainha contínua que o mantém desfraldado.

A haste e a lança são de ouro.

A lança é em folha de loureiro com nervura boleada.

Representação e significado dos metais e cores

A prata significa humildade e esperança

O negro significa constância e firmeza

O vermelho significa vitória





GUIÃO DO REGIMENTO DE INFANTARIA Nº 14

(1993)

Simbologia e alusões das pratas

Sobre campo de prata figuram 5 aneletes, que recordam a forma como os Romanos identificavam Viriato, ao qual se referiam por “o que usa braceletes”.

Dentro de cada um dos aneletes está inscrita uma cabeça de águia decepada significando a vitória de Viriato sobre cinco pretores Romanos.

Representação e significado dos metais e cores

A prata significa humildade e esperança.

O negro significa constância e firmeza.

O vermelho significa a vitória.





GUIÃO DO 2º BATALHÃO DE INFANTARIA

O Guião do 2º Batalhão de Infantaria tem como fundo a cor vermelha, que simboliza o vermelho do campo, que recorda a cor do castelo das armas da cidade de Viseu, indissociável do seu Regimento de Infantaria Nº14, unidade mobilizadora do 2º Batalhão de Infantaria; ao centro tem um Galo dourado, símbolo da luta leal e da amizade.





FLÂMULA DA COMPANHIA DE COMANDO E SERVIÇOS DO RI14



FLÂMULA DA 1ª COMPANHIA DE ATIRADORES DO 2ºBI



FLÂMULA DA 2ª COMPANHIA DE ATIRADORES DO 2ºBI



FLÂMULA DA COMPANHIA DE APOIO DE COMBATE DO 2ºBI



FLÂMULA DA COMPANHIA DE COMANDO E SERVIÇOS DO 2ºBI





PATRONO DO REGIMENTO VIRIATO

“Entre os métodos de violência e terror utilizados pelos romanos durante a sua dominação na Península – violência e terror que, por certo, não constituíam os processos mais eficazes para conquistar a simpatia dos povos dominados – avultou a cilada praticada pelo pretor Sérgio Galba que, atraindo à Bética os lusitanos desarmados, com o pretexto de negociar a paz e a promessa de lhes dar terras para cultivo, resultou na sua chacina completa, efectuada pelos soldados.

Esta vil traição, que vitimou mais de 8000 lusitanos, provocou uma reacção dos lusitanos liderada por um bravo chefe, originário dos Montes Hermínios, que escapou à chacina de Sérgio Galba: Viriato, de seu nome, ou alcunha romana (o que usa “viriae”-braceletes). Modesto pastor, mas guerreiro audaz, Viriato, parecendo concentrar no seu coração todo o ódio, toda a revolta que caberia nos corações dos seus irmãos e companheiros, cobardemente assassinados pelo punhal do traidor, transformou-se no hábil general que, arrastando para a revolta não só os seus lusitanos, como também os celtiberos e outros povos peninsulares, mereceu ser chamado por Eutrópio¹⁵³, o defensor de Espanha contra os romanos, e proclamado rei dos lusitanos.

Compensando a insuficiência numérica das suas forças através da rapidez de movimentos e pela aplicação constante de astúcia e surpresa no hábil emprego de estratégias, conseguiu Viriato colocar em cheque as legiões romanas durante catorze anos. Nos primeiros anos derrotou cinco pretores; encurralou num desfiladeiro o cônsul Serviliano, a quem propôs a paz, que foi aceite. Mas Servílio Cépio, irmão de Serviliano, nomeado cônsul, renegou o tratado de paz, a pretexto que era desonroso e, desde a Bética até Braga, através da Carpetânia e do país dos Vetões (entre o Douro e o Minho), foi em perseguição de Viriato. O bravo caudilho lusitano, depois das suas primeiras vitórias, exortara todas as tribos da Península a unirem-se, sob um só estandarte, contra o inimigo comum, mas não conseguiu essa completa unidade de acção. Porém, a sua luta contra os dominadores, foi tão árdua e difícil que para lhe porem termo foi necessário que estes usassem de expediente traiçoeiro de o fazerem assassinar pelos seus próprios emissários, encarregados de ratificar novo tratado de paz (140 a. C.).

A Roma, porém, repugnou aceitar tão miserável vitória, que o Senado Romano dignamente repudiou. E ao cadáver do guerreiro heróico – escreveu Cristóvão Aires, baseando-se na História romana do grego Apiano – eram concedidas todas as honras dignas da sua ilustre memória. Enquanto numa pira majestosa eram cremados os seus restos mortais, muitas vítimas se imolavam em sua honra e, em volta, as suas exéquias solenes eram celebradas com bélicos exercícios equestres e combates de gladiadores.”¹⁵⁴

¹⁵³ Historiador romano que viveu e trabalhou na segunda metade do século IV d.c. Em Constantinopla desempenhou o cargo de secretário (magister memoriae), como funcionário bizantino.

¹⁵⁴ Extraído da História do Exército Português do General Ferreira Martins - Biblioteca do RI14



General Chefe do
Estado-Maior do Exército

DESPACHO N.º 239/CEME/06

**ASSUNTO: INSTITUCIONALIZAÇÃO DA FIGURA HISTÓRICA DE VIRIATO
COMO PATRONO DO REGIMENTO DE INFANTARIA Nº 14**

Considerando que:

- a. O guerreiro lusitano VIRIATO é uma das figuras relevantes da história de Portugal e do Exército que, desde sempre, esteve fortemente ligado à cidade de Viseu e ao RI 14 (Viseu), como o comprova toda a simbologia deste Regimento de Infantaria, que lhe é alusiva;
- b. Viriato foi um intrépido chefe guerreiro e um valoroso soldado, que demonstrou possuir as melhores qualidades humanas, tais como o autodomínio, a frugalidade, o desprendimento de bens terrenos e as maiores qualidades militares e guerreiras, nomeadamente uma rara destreza e sagacidade, coragem e valentia, bem como um incalculável impulso para a liberdade e independência, tendo sido evocado e glorificado nos “*Lusíadas*” e consagrado como símbolo do espírito de liberdade e independência dos Portugueses;
- c. Estas qualidades humanas e militares valeram-lhe o atributo de figura mítica da História, que a tornou digna de ser escolhida pelos militares do Regimento de Infantaria nº 14 como exemplo, e estímulo a seguir em todas as missões e tarefas que cumprem.

Determino que seja institucionalizada a figura histórica do herói Viriato como Patrono do Regimento de Infantaria nº 14 (RI 14).

Lisboa, 8 de Setembro de 2006

O CHEFE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO


LUÍS VALENÇA PINTO
GENERAL

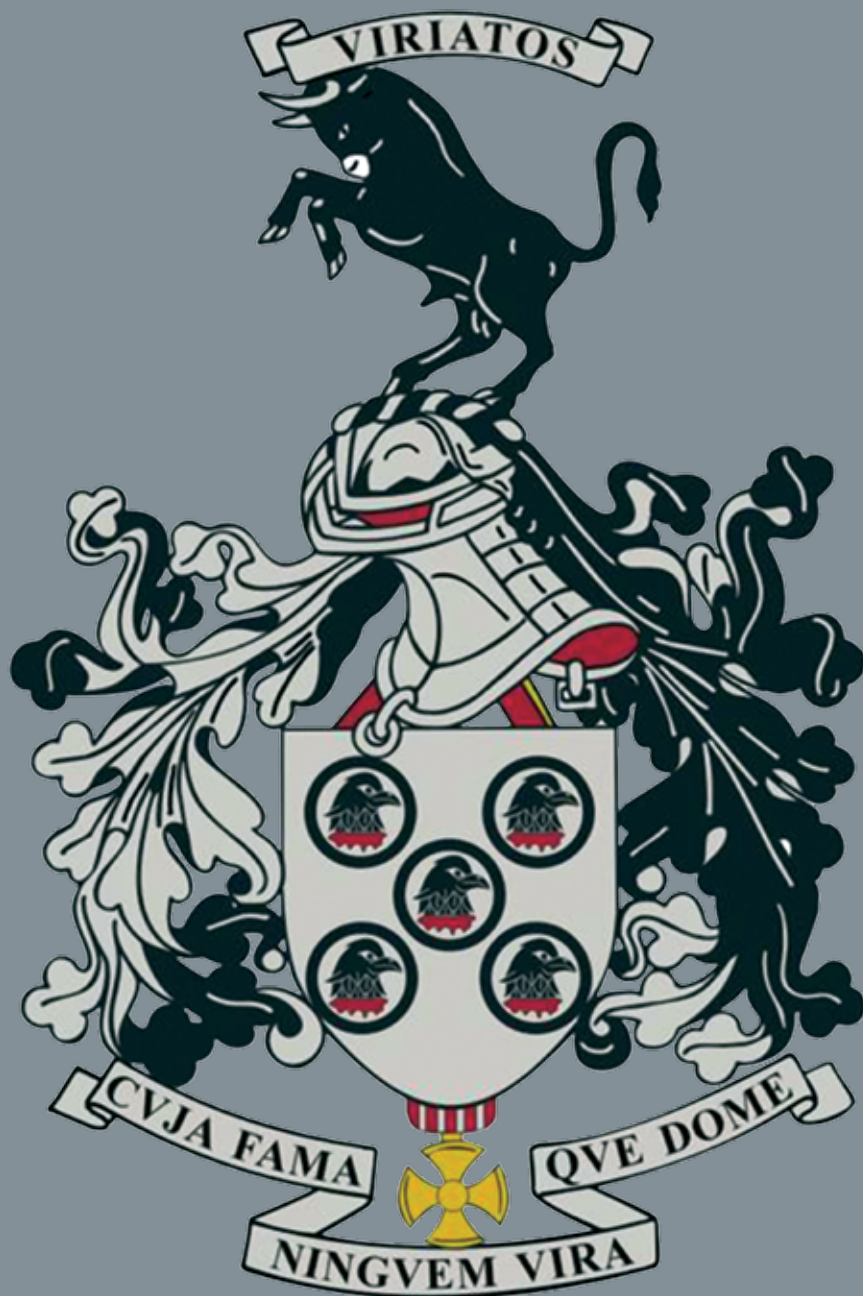


As tradições do Regimento de Infantaria N.º14, para além do rico historial militar de que o mesmo é herdeiro, evocam toda uma época, anterior à formação da nacionalidade, que tão fortemente caracterizou o povo da região beirã onde esta unidade militar está inserida desde 1842. Este povo Beirão, talhado na mesma paisagem e feito da mesma ténpera dos Lusitanos de Viriato, tem sabido, ao longo da História de Portugal, não desmerecer da coragem e sagacidade patentes nas acções da ardilosa guerrilha de Viriato contra os Romanos, bem como de um incalculável impulso para a liberdade e independência, evocado e glorificado nos Lusíadas e consagrada como símbolo do espírito de liberdade e independência dos Portugueses.

“Infantes de Viriato”, ou apenas “Viriatos”, é a denominação tradicional dos seus militares, Viriato é o seu patrono e o lema do Regimento é um verso dos Lusíadas relativos ao pastor guerreiro:

*“Desta o Pastor nasceu, que no seu nome
se vê que de homem forte aos feitos teve;
cuja fama ninguém virá que dome,
pois a grande Roma não se atreve.”*

(Lusíadas, canto III, est. XXII)





BRASÃO DE ARMAS DO REGIMENTO DE INFANTARIA Nº14

Armas

- Escudo de Prata, cinco aneletes de negro em sautor, cada um com uma cabeça de águia contornada e cortada, também de negro, e ensanguentada de vermelho, inclusa;
- Elmo militar, de Prata, forrado a vermelho, a três quartos para dextra;
- Correia de vermelho perfilada a oiro;
- Paquife e virol de Prata e de negro;
- Timbre: um toiro furioso e de negro;
- Condecorações: Pendentes do escudo a medalha de Cruz de Guerra de 1ª Classe;
- Divisa: num listel de branco, ondulado, sobreposto ao escudo em letras de negro, maiúsculas, de estilo elzevir **“*Cuja Fama Ninguém Virá que Dome*”**;
- Grito de Guerra: num listel ondulado, sobreposto ao timbre, em letras a negro, maiúsculas, de estilo elzevir **“*VIRIATOS*”**.

Simbologia e Alusão das Peças

- No escudo, a Prata enlaça a “humildade” – dos meios disponíveis – com a “esperança” – na inventiva do homem das serranias – em alcançar a “Vitória”, simbolizado no Vermelho do sangue que escorre das cabeças decepadas das águias;
- Os aneletes – “viraes” em latim – recorda a forma como os romanos identificaram VIRIATO, a quem se referiam denominando-o por “o que usa braceletes”;
- As cinco cabeças de águia decepadas em sinal de derrota das forças romanas, invocam as vitórias de VIRIATO sobre os cinco pretores que venceu antes de pela traição ser abatido;
- O Touro, alude a VISEU porque perpetua a recordação do ardil de guerra com que os lusitanos desbarataram as forças de CAIO NIGIDIO que, encurraladas na cava – hoje designada de VIRIATO – debandaram em pânico quando sobre elas carregou em tropel uma manada de trezentos touros enlouquecidos pelo aguilhão de varas de ferro aquecidas ao rubro;
- VIRIATOS inscreve no brasão o tradicional grito de guerra da Unidade.

Esmaltes

- PRATA: humildade e esperança;
- VERMELHO: vitória;
- NEGRO: constância e firmeza.





BRASÃO DE ARMAS DO 2º BATALHÃO DE INFANTARIA

Armas

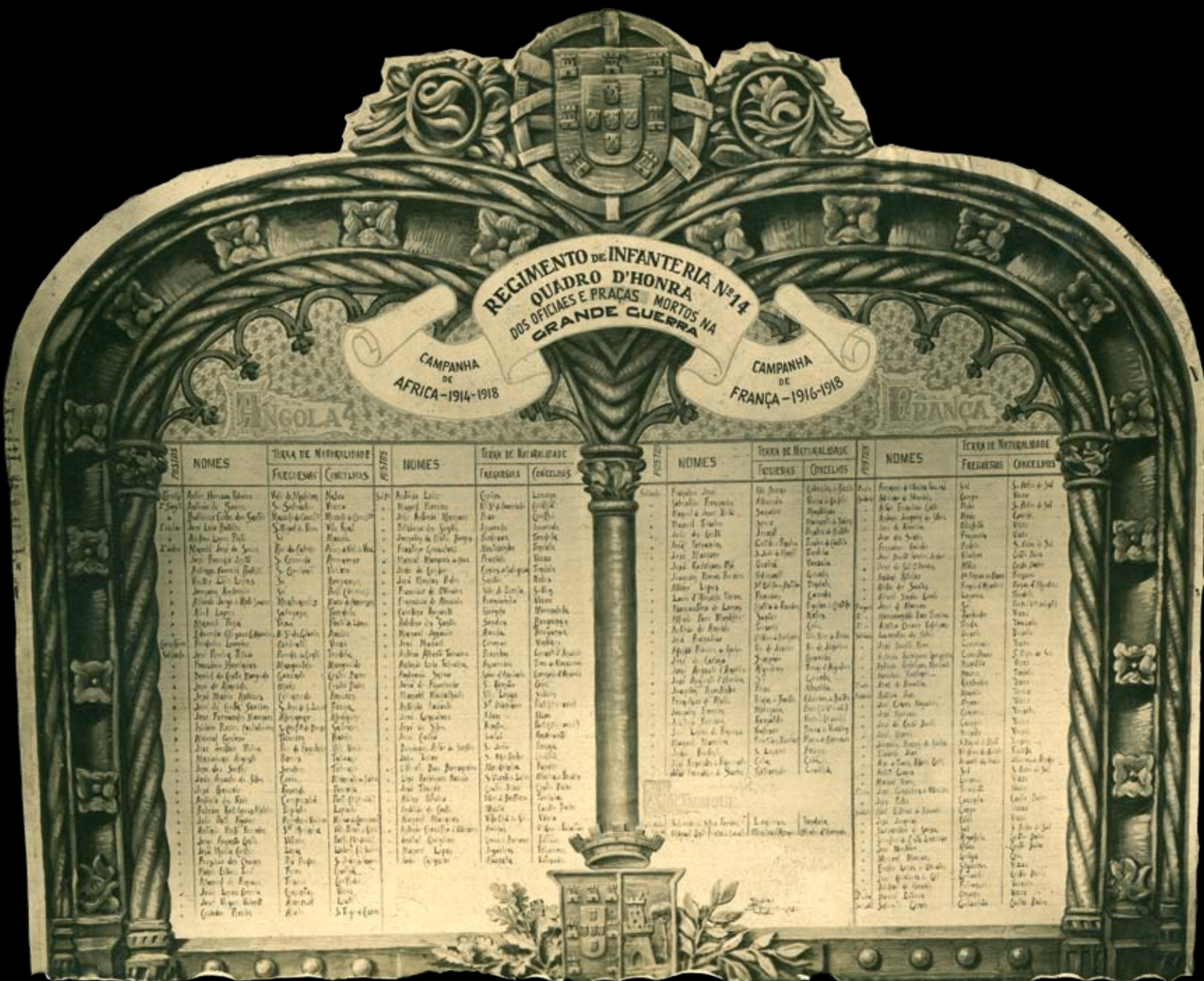
- Escudo de vermelho, um galo ardido de ouro;
- Elmo militar de prata, forrado de vermelho, a três quartos para a dextra;
- Corria de vermelho perfilada de ouro;
- Paquife e virol de vermelho e de ouro;
- Timbre: o galo de escudo segurando na garra dextra o escudete da Brigada de Intervenção, assente no virol;
- Divisa: num listel de prata, ondulado, sotoposto ao escudo, em letras de negro, maiúsculas, de estilo elzevir “QVE NAS ASAS DA FAMA SE SVSTENHA”, Lus X-19, exprime a vontade dos portugueses em verem coroada de êxito esta importante missão de apoio à paz levada a cabo pelo 2º Batalhão de Infantaria da Brigada de Intervenção.

Simbologia

- O vermelho do campo recorda a cor do castelo das armas da cidade de Viseu, indissociável do seu Regimento de Infantaria N°14;
- O galo, que em Timor Lorosae é símbolo da luta leal e da amizade, alude à confiança com que o 2º Batalhão de Infantaria anunciará aos timorenses a alvorada da reconstrução nacional;
- O escudete da Brigada de Intervenção é uma referência a esta grande unidade operacional, responsável pela instrução e pelo aprontamento do 2º Batalhão de Infantaria.

Esmaltes

- OURO: sabedoria e fé;
- PRATA: franqueza e humildade;
- VERMELHO: audácia e grandeza de alma;
- AZUL: integridade e justiça.



Fotografia do Quadro de Honra dos Officiais e Praças mortos na I Guerra Mundial - Claustros do RI14 no Quartel dos Terceiros

MILITARES DO RI14 MORTOS EM COMBATE

Guerra Peninsular

(Mortos nas acções onde a unidade mais se distinguiu, perpetuadas e inscritas na Legenda do RI14)

Batalha dos Pirinéus (28 a 30 de Julho de 1813)

Todo o Regimento esteve presente na acção e no combate, com a força de 1040 homens, comandado pelo Tenente-Coronel João Mc Donald. O Regimento teve 24 mortos, entre eles o Ajudante José Maria Cabreira.

Batalha de Nivelles (10 de Novembro de 1813)

Participou nesta Batalha, com a força de 1198 homens, foi comandado pelo Major Jacinto Alexandre Travassos. O Regimento teve 8 Soldados mortos.

Batalha de Nive (9 de Dezembro de 1813)

Com um efectivo de 1059 homens, o Regimento participou no combate, onde perdeu o seu comandante. Numa fase inicial foi comandado pelo Major Jacinto Alexandre Travassos, após a sua morte o Regimento foi comandado pelo Major Rodrigo Vitto Pereira da Silva. Nesta Batalha o RI14 contou com 54 mortos, entre eles o Major Jacinto Alexandre Travassos e o Capitão Urbano Xavier Henriques.

I Guerra Mundial

Angola (1914)

- Capitão Artur Homem Ribeiro
- 2º Sargento António dos Santos
- 2º Sargento Baltasar Carlos dos Santos
- 1º Cabo José Luís Botelho

- 1º Cabo Adelino Lopes Pinto
- 2º Cabo Manuel José de Sousa
- 2º Cabo José Proença Justo
- 2º Cabo António Correia Batista
- 2º Cabo Vítor Luís Lopes
- 2º Cabo Joaquim Ambrósio
- 2º Cabo Alfredo de Melo Soares
- 2º Cabo Abel Lopes
- 2º Cabo Manuel de Puga
- 2º Cabo Eduardo Clímaco Caracol Meireles
- Corneteiro Frederico Loureiro
- Soldado José Pereira Felício
- Soldado Francisco Henriques
- Soldado Daniel da Costa Morgado
- Soldado José de Almeida
- Soldado José Maria Martins
- Soldado João da Costa Sandim
- Soldado José Fernandes Marques
- Soldado José Avelino Vieira
- Soldado Isidro Ferreira Castanheira
- Soldado Manuel Cardoso
- Soldado Maximiano Augusto
- Soldado João dos Santos
- Soldado José Amado da Silva
- Soldado José Rosário
- Soldado António dos Reis
- Soldado Belmiro Roque Moleiro
- Soldado João Pinto Aguiar
- Soldado António Pinto Ferreira
- Soldado Jorge Augusto da Costa
- Soldado José Maria Coelho
- Soldado António Gonçalves de Brito
- Soldado Francisco das Chagas
- Soldado Moisés Esteves da Torre
- Soldado Manuel da Fonseca
- Soldado João Lopes Correia
- Soldado José Viegas Valente
- Soldado Casimiro Pereira
- Soldado António Luís
- Soldado Manuel Ferreira
- Soldado Joaquim António Marques

- Soldado Feliciano dos Santos
- Soldado Joaquim da Costa Borges
- Soldado Faustino Gonçalves
- Soldado Manuel Marques da Cruz
- Soldado João da Cunha
- Soldado José Mendes Pedro
- Soldado Francisco de Oliveira
- Soldado Francisco de Almeida
- Soldado Carolino Augusto
- Soldado Adelino dos Santos
- Soldado Manuel Inácio
- Soldado José Manuel
- Soldado António Alberto Teixeira
- Soldado António Luís Teixeira
- Soldado Ambrósio Servo
- Soldado José de Figueiredo
- Soldado Manuel Magalhães
- Soldado António Augusto
- Soldado José Gonçalves
- Soldado José da Silva
- Soldado José Coelho
- Soldado Domingos Artur de Sousa
- Soldado João Lebre
- Soldado Gilberto Dias Barroqueiro
- Soldado Lino Rodrigues Nabais
- Soldado José Teixeira
- Soldado Albino Ribeiro
- Soldado António da Costa
- Soldado Manuel Marques
- Soldado Aníbal Quinteiro
- Soldado António Carvalho de Oliveira
- Soldado Manuel Lopes
- Soldado Francisco José
- Soldado Sebastião Fernandes
- Soldado Manuel de Jesus Neto
- Soldado João Carneiro
- Soldado Manuel Teixeira
- Soldado João da Costa
- Soldado José Fernandes
- Soldado José Marques
- Soldado Albino Lopes

- Soldado José Rodrigues da Mó
- Soldado Joaquim Nunes Ferreira
- Soldado Lúcio de Almeida Vieira
- Soldado Diamantino de Lemos
- Soldado Alfredo Pais Monteiro
- Soldado António de Almeida
- Soldado José Francisco
- Soldado Afonso Ferreira da Rocha
- Soldado José do Carmo
- Soldado José Augusto de Almeida
- Soldado José Augusto de Oliveira
- Soldado Joaquim Agostinho
- Soldado Francisco Matos
- Soldado Joaquim Ferreira
- Soldado Adelino Pereira
- Soldado José Lopes da Fonseca
- Soldado Manuel Moreira
- Soldado João Batista
- Soldado José Fernandes Figueiredo
- Soldado João Francisco de Sousa

Moçambique (1917)

- Capitão Médico Eduardo da Silva Pereira
- Tenente Miguel António Ponces de Carvalho

França – Flandres (1918)

- 1º Sargento José Morais
- 2º Sargento Miliciano Hermenegildo Alves Ferreira
- 2º Sargento Miliciano Adelino Chaves Rodrigues
- 1º Cabo Fernando de Oliveira Pascoal
- 1º Cabo Manuel Esteves
- 1º Cabo Josué Félix
- 1º Cabo Miliciano Abel de Almeida
- Soldado Adriano de Almeida
- Soldado António Francisco Grilo
- Soldado António Joaquim da Silva
- Soldado José de Almeida
- Soldado José dos Santos
- Soldado Francisco Rainho
- Soldado José Duarte Pereira Júnior
- Soldado João Rodrigues da Cal
- Soldado José do Sul Oliveira

- Soldado Aníbal Ribeiro
- Soldado Abílio dos Santos
- Soldado Alberto Simões Gordo
- Soldado Laurentino da Silva
- Soldado Adelino de Almeida
- Soldado José Duarte Novo
- Soldado António Rodrigues Laranjeira
- Soldado António Rodrigues Machado
- Soldado Hermínio Pereira
- Soldado António Pais
- Soldado José Gomes Nogueira
- Soldado José Marques
- Soldado José da Costa Durão
- Soldado José Maria
- Soldado Joaquim Homem da Rocha
- Soldado Eduardo José
- Soldado Adelino Tavares Ribeiro da Costa
- Soldado Salomão Gomes
- Soldado António Gomes
- Soldado Manuel Vieira
- Soldado Abel Esteves de Almeida
- Soldado José Joaquim
- Soldado José Gonçalves de Oliveira
- Soldado Bernardino de Sousa
- Soldado Serafim da Costa Lourenço
- Soldado José Monteiro
- Soldado Manuel Marques
- Soldado Emídio Lopes de Oliveira

Angola – Guerra do Ultramar (1960-63)

Companhia de Caçadores 82

- Furriel Manuel Joaquim Carola
- 1º Cabo Fernando Monteiro Pereira
- Soldado Manuel Ribeiro Marques

Companhia de Caçadores 129

- 1º Cabo António Ferreira Pires Pinto
- 1º Cabo António Morais Pinto
- Soldado Benjamim Ferreira

Companhia de Caçadores 191

- 1º Cabo José Pereira



BIOGRAFIA DE PERSONALIDADES DO REGIMENTO DE INFANTARIA Nº14

Fazer uma selecção de personalidades a destacar numa instituição centenária, como o Regimento de Infantaria Nº14 e a sua herança histórica na Infantaria das Beiras, onde passaram largas dezenas de militares distintos, é sempre um exercício arriscado. Muitos revelaram-se durante o seu período de serviço no Regimento, outros destacaram-se nas mais diversas áreas do serviço público.

De facto, uma selecção de uns poucos numa enorme galeria de notáveis deixa obrigatoriamente de fora muitos homens extraordinários e notáveis. A título de exemplo foram militares do 14: o Capitão Almeida Moreira (1873-1939), fundador do Museu Grão Vasco; Fernando dos Santos Costa (1899 - 1982), Subsecretário de Estado da Guerra e depois de Ministro da Guerra, entre 1944 e 1958; General Ramalho Eanes (1935), Presidente da República; e tantos outros, Generais do Exército Português, mas também Pares do Reino, deputados, Governadores Cívicos e Presidentes de Câmara.

Optámos por destacar militares que se notabilizaram durante o seu período de serviço no Regimento, em acções de comando, optando por figuras de diferentes épocas históricas. Excepção feita a Luís de Albuquerque, Cavaleiro Fidalgo da Casa Real, Capitão de Infantaria das Beiras, ajudante de ordens do Governador da Praça de Almeida, oficial do Regimento de Infantaria de Almeida, unidade antecessora histórica do actual RI14. Escolhemos apresentar também a biografia deste notável oficial pelo papel ímpar que teve na segunda metade do século XVIII, na demarcação dos limites do Reino, na consolidação territorial e no povoamento da colónia do Brasil e cuja marca ainda perdura na Beira, através do legado dos domínios da Casa da Ínsua, em Penalva do Castelo.

Assim para estas breves biografias optámos por destacar: o **Coronel Luís de Albuquerque** (1739-1797) distinto Capitão da Infantaria das Beiras, que prestou serviço no Regimento de Infantaria de Almeida; o **Tenente-Coronel James Ward Oliver** (1777-1811), ferido de morte no comando do Regimento no 2º sítio de Badajoz; o **Coronel Thomaz de Magalhães Coutinho** (1789-1863), Bravo do Mindelo e primeiro Comandante do Regimento após a sua organização em 1842, em Viseu; o **Coronel Ribeiro Arthur** (1851-1910), mais conhecido pelas suas excepcionais aguarelas representando uniformes militares, mas um Comandante excepcional, em todos os aspectos; e, finalmente o herói do 19 de Março, dia do Regimento, o **Coronel Vale de Andrade** (1884-1958).

LUÍS DE ALBUQUERQUE

(1739-1797)¹⁵⁵



Coronel Luís de Albuquerque

Galeria de Retratos da Casa da Ínsua

Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres nasceu na freguesia de S. Salvador da Vila do Ladário, Sátão, Província da Beira, em 21 de Outubro de 1739, filho primogénito do Coronel Francisco de Albuquerque e de Dona Isabel Maria de Mello de Albuquerque Pereira e Cáceres. Terá sido nomeado Cavaleiro Fidalgo da Casa Real, por D. João V, em 25 de Outubro de 1746, com apenas sete anos.

Luís de Albuquerque fez a sua instrução nas línguas francesa e inglesa, geografia, história, ciências naturais, matemática e desenho em Coimbra, na casa de seus avós e na Universidade. A partir dos dezoito anos começou a distinguir-se como pessoa de grande dignidade e inteligência tanto no campo militar, como no campo político, económico-administrativo e social.

Em 27 de Janeiro de 1758, tinha então dezoito anos, assentou praça como voluntário, com o posto de soldado cadete da Companhia, de que era comandante o Coronel Francisco de Vila Nova, na província da Beira. Quatro meses depois era promovido a Alferes. Com 24 anos, em 9 de Abril de 1764, foi promovido a Capitão e designado para exercer o cargo de Ajudante de Ordens de Francis Mac-Lean, sucessivamente Coronel, Marechal de Campo,

¹⁵⁵ Apontamentos coligidos por José Luís Nogueira.



Brigadeiro e Tenente-General, Comandante do Regimento de Infantaria e Governador da Praça de Almeida. O Capitão Albuquerque permaneceria em Almeida até 1771.

Relembremos que na Fortaleza de Almeida, praça chave da defesa do Reino, entre outras unidades militares, tinha quartel permanente o Regimento de Infantaria de Almeida. Nesta época o Regimento cindiu-se em Regimentos de Infantaria de Francis Mac-Lean e de Fernando da Costa de Ataíde, tendo-se posteriormente voltado a reunir. Em 19 de Maio de 1806 tomou a designação de Regimento de Infantaria N.º23, mandado reunir em Viseu em 1808, antecessor histórico nas Beiras do Regimento de Infantaria N.º14. Francis Mac-Lean, Comandante do Regimento de 10 de Maio de 1763 a 29 de Maio de 1780, realçaria nos seus escritos as distintas qualidades do seu jovem capitão.

Na Sala dos Retratos da Casa da Ínsua, no Concelho de Penalva do Castelo, pode ser apreciado um quadro com a figura do jovem capitão Luís de Albuquerque aos 24 anos, com a planta da Praça de Almeida na mão, na altura em que era ajudante de ordens do Comandante do Regimento e Governador Militar de Almeida. Inserido neste quadro pode ler-se a seguinte inscrição: “Luís d’Albuquerque de Mello Per.ª e Cáceres Fidalgo da Caza de S.M.F. e Capitão de Inf.ª com Ex.º d’Ajud.e das Ord. Do Ten Gen.al Fr.co M.e Lean” (Luís d’Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres Fidalgo da Casa de Sua Majestade Fidelíssima e Capitão de Infantaria com Exercício de Ajudante das Ordens Do Tenente-General Francisco Mac-Lean).

A planta do forte de Almeida que segura na sua mão já indicia a sua inclinação de engenheiro militar que viria a estar na origem da construção dos extraordinários Forte Príncipe da Beira e Forte de Coimbra, entre outras obras edificadas sob a sua alçada, nos confins do Brasil, que permitiram consolidar a posição portuguesa nas fronteiras com os domínios da coroa castelhana na América. Também a Casa da Ínsua construída, nessa época, sob sua orientação tem na sua traça vestígios e influências de arquitectura militar.

Muito jovem, aos 31 anos, é chamado pelo Marquês de Pombal para Governador e Capitão General do Estado de Cuiabá e Mato Grosso, no Brasil, cargo para o qual foi indigitado e depois nomeado por despacho de D. José, datado de 16 de Junho de 1771. Após quatro meses de preparações burocráticas embarcou para o Brasil, com o objectivo de desenvolver o imenso território daquela Capitania, fundada 20 anos antes e quase despovoada, potencialmente rica mas rodeada de vizinhos adversos à presença portuguesa.

Tendo como objectivos principais a defesa do território, principalmente face às ameaças castelhanas, mas também a sua organização e desenvolvimento, Luís de Albuquerque excedeu quaisquer expectativas pois conseguiu aumentar significativamente a área do Mato Grosso, indo muito para além da linha definida no tempo do rei D. João II, no Tratado de Tordesilhas. Com base em levantamentos topográficos e novos desenhos e projectos que protagonizou, criou novas cidades e povoações, de que são exemplo: Vila Bela, Albuquerque, Vila Maria do Paraguai, Nova Coimbra, Mondego, Dão, Mareco, Coja, Sátão, Vouga, Zêzere, Estrela, Buçaco, Lamego, Sernancelhe e Viseu.

A construção do Real Forte Príncipe da Beira, pela sua dimensão e arrojo espantaria até, na altura, o ambicioso Marquês de Pombal. Em posição dominante na fronteira com a Bolívia, esta fortaleza é considerada uma das maiores edificações militares portuguesas no Brasil Colonial e foi um dos argumentos que obrigou os espanhóis à assinatura do Tratado de Santo Ildefonso definindo as fronteiras naquela zona, cujo ajuste foi terminado em 1777, e que valeu a Luís de Albuquerque a frase com que o governador espanhol de Santa Cruz de la Sierra (colónia da Bolívia), o definiria: “O mais ambicioso dos Governadores portugueses”.

Em reconhecimento do seu estoicismo, abnegação e determinação no cumprimento da sua missão foi promovido ao posto de Coronel, por documento régio emitido por D. Maria I, em 7 de Agosto de 1782.

Após 20 anos no Brasil, foi substituído por seu irmão João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, como Governador e Capitão General do Mato Grosso. Era já então conhecido, no Reino, como “o mais antigo



Capitão Luís Albuquerque,
com mapa de Almeida

Galeria de Retratos da Casa da Ínsua



Governador da América” e, em 22 de Dezembro de 1792, por despacho régio “Sua Majestade no muito que a Coroa teria a lucrar com os conhecimentos e merecimentos do antigo Governador do Mato Grosso, entendia por bem despachá-lo para Conselheiro de Capa e Espada do Conselho Ultramarino”. No ano seguinte a Rainha concede-lhe, por despacho de 5 de Outubro de 1793, a “Comenda de S. Martinho de Chans”, para logo a seguir, em despacho do dia 13 do mesmo mês e ano, ser nomeado “Cavaleiro da Ordem da Milícia de Nosso Senhor Jesus Cristo”, sendo armado Cavaleiro no dia 27 de Dezembro desse mesmo ano.

Fixaria então residência em Lisboa, onde a sua precária saúde viria a ser fortemente abalada com a notícia da morte do irmão João, em 1796, no Brasil. Finalmente, em 7 de Julho de 1797 Luís de Albuquerque faleceu em Lisboa.



Real Forte “Príncipe da Beira” - Mato Grosso, Brasil, junto da fronteira com a Bolívia

Fotografia cedida por Casa da Ínsua



Casa da Ínsua, Penalva do Castelo - residência de Luís de Albuquerque

Fotografia cedida por Casa da Ínsua



JAMES WARD OLIVER (1777-1811)¹⁵⁶



Tenente-Coronel James Ward Oliver
King's Own Royal Regiment Museum, Lancaster

James Ward Oliver nasceu na Paróquia de St. Mary's, Paddington, Londres, Inglaterra, em 1777, sendo o segundo filho de Thomas e Mary Oliver. Em 1 de Outubro de 1794, com 16 anos de idade, alistou-se no 4th Foot Regiment, também conhecido como “King's Own Regiment”.

Com 18 anos, foi destacado para o Canadá, tendo sido promovido a Tenente, durante a viagem, a 1 de Setembro de 1795. Na época a guarnição da Ilha de St. Pierre, capturada aos franceses, era de cinco companhias inglesas, adicionalmente três companhias encontravam-se em Halifax e mais duas na Terra Nova. Em 1796 o Regimento concentrou-se em Montreal e mais tarde foi transferido para o Quebec.

A 25 de Setembro de 1797 o Tenente Oliver embarcou, de regresso a Inglaterra, no entanto o navio, perto da costa da Cornualha, foi abordado por uma fragata francesa que fez prisioneiros todos os militares do navio tendo seguido para Brest, de onde foram conduzidos para uma prisão para presos de delito comum em Orleães. Juntamente com três outros militares do Regimento conseguiu evadir-se e reunir-se ao seu Regimento em Inglaterra, em Novembro de 1798, após um ano de cativo.

A 3 de Setembro de 1799 Oliver é promovido a Capitão e nomeado comandante de Companhia. Entretanto o Regimento é destacado para uma expedição à Holanda, que se revelou um desastre, as doenças causaram mais baixas que o inimigo

¹⁵⁶ Adaptação de texto segundo um artigo do “King's Own Royal Regiment Museum, Lancaster”.



e a prestação das forças inglesas não foi propriamente brilhante. A Companhia do Capitão James Oliver participou nas batalhas de Egmont-op-Zee e de Alkmaar, mas a capitulação das forças inglesas obrigou ao seu regresso, sem glória, a Inglaterra. Oliver passa três meses em convalescença, em Londres, antes de se reunir de novo ao Regimento, os anos seguintes seguem-se em paz relativa e a unidade dedica-se à instrução e treino.

Em 1807, o 4th Foot embarca novamente, agora para uma campanha na Dinamarca. Oliver à frente da sua Companhia experiente e bem treinada participa no bem sucedido sítio e assalto a Copenhaga, após a vitória na campanha o Regimento regressa novamente a Inglaterra.

Em 24 de Abril de 1808, o regimento embarca em Harwick, integrado numa Brigada comandada por Sir John Moore, tendo como destino a Suécia, a fim de apoiar este reino em operações contra os franceses. No entanto as condições impostas pelos ingleses não foram aceites pela coroa sueca, tendo as forças recebido ordens para regressar a Inglaterra. No entanto durante a viagem no Mar do Norte os navios receberam ordens para seguirem para a costa portuguesa, sem sequer terem tido autorização para atracar em qualquer porto inglês.

Inicialmente preparados para desembarcar na foz do Mondego, a força recebeu indicações para continuar a navegação em direcção a Sul. Navegando ao longo da costa, as detonações da Batalha do Vimeiro foram ouvidas por todos os elementos da expedição. Finalmente, após 4 meses de mar, o Regimento desembarcou a Sul de Peniche, a 25 de Agosto de 1809, 4 dias após a batalha, um atraso devido às más condições do mar, e veio a reunir-se ao vitorioso Exército de Sir Arthur Wellesley a Norte de Lisboa.

O 4th Foot foi então integrado numa força de cerca de 30 000 ingleses sob o comando de John Moore, seguindo para Ciudad Rodrigo e Salamanca, em Outubro de 1808. As forças inglesas foram forçadas a retirar para a Corunha sob a pressão de uma força assombrosa, de cerca de 80 000 homens, comandada pelo próprio Napoleão, que entretanto havia entrado na Península. As forças inglesas através de manobras de retardamento e retirada, conseguem reunir-se junto do porto da Corunha e embarcar numa esquadra composta por 110 navios. O King's Own regressa assim a Inglaterra sofrendo apenas 19 baixas durante esta campanha.

Em Março de 1809 Oliver oferece-se como voluntário para servir no Exército Português. As condições propostas eram muito vantajosas pois significavam uma promoção no Exército Inglês, antes da transferência, e uma promoção adicional no Exército Português, com acumulação dos dois vencimentos. Os voluntários foram suficientes para colocar três oficiais ingleses em cada regimento português, tal como era desejo do Marechal Beresford, comandante-em-chefe do Exército Português.

Assim, James Oliver foi dos primeiros oficiais ingleses a integrar o exército luso, sendo promovido a Major no Exército Inglês e integrando o Regimento de Infantaria N°10 (organizado em Lisboa, 1808), como Tenente-Coronel do Exército Português, comandando o 1º Batalhão. É nestas funções que combate na libertação do Porto, em 1809, a fim de expulsar as forças de Soult, durante a 2ª invasão francesa. Mais tarde, na região de Zarza la Mayor, integrado no Exército Luso sob comando de Beresford apoia a retirada de Wellesley após a batalha de Talavera. Ainda em serviço no RI10, Oliver combate na Batalha do Buçaco e na defesa das Linhas de Torres Vedras, no sector da direita, junto ao Tejo, entre Arruda e Alhandra, integrado na Divisão do General Hill.

No final do ano de 1810, o tenente-coronel Oliver é transferido para o Regimento de Infantaria N°14, passando a comandar o 2º Batalhão e, a partir desse momento, a assumir em permanência o comando das forças do Regimento em todas as acções de combate no ano de 1811: no 1º sítio de Badajoz (5 a 16 de Maio); na batalha de Albuera (16 Maio); e, finalmente, no 2º sítio de Badajoz (19 de Maio a 17 de Junho), onde é gravemente ferido no dia 27 de Maio, “nas trincheiras”.

Oliver é evacuado para um hospital militar em Elvas, onde vem a falecer, em 17 de Junho de 1811, com 33 anos. Foi sepultado na Fortaleza de Elvas, no cemitério inglês onde se pode ler na sua pedra tumular em inglês e português: “DEDICADO À MEMÓRIA DO TENENTE-CORONEL JAMES W. OLIVER QUE FOI MORTALMENTE FERIDO NO CERCO DE BADAJOZ E MORREU NESTA CIDADE A 17 DE JUNHO DE 1811”.



THOMAZ DE MAGALHÃES COUTINHO (1789-1863)



Tenente-General Thomaz de Magalhães Coutinho

Galeria de Comandantes do RI14

Thomaz de Magalhães Coutinho nasceu em Castelo de Ferreira, Sátão – Viseu, em 1789, e faleceu a 3 de Setembro de 1863, sendo filho de Luís de Magalhães.

A 3 de Junho de 1808, aos 19 anos assentou praça como voluntário, no Regimento de Infantaria N.º11, organizado em Viseu, após a 1.ª Invasão Francesa, e, em 12 de Outubro do mesmo ano, era cadete.

Participou em todas as campanhas da Guerra Peninsular de 1810 a 1814, com os postos de Alferes (1810) e de Tenente (1814), combatendo nas batalhas, sítios e assaltos do Buçaco, Albuera, Badajoz, Ciudad Rodrigo, Vitória, Nive, Nivelles e Orthez, tendo sido ferido nesta última batalha. Regressou a Viseu com o RI11 em 1814.

Após a revolução liberal do Porto de 1820, foi destacado para o Rio de Janeiro, onde prestou serviço entre Janeiro e Junho de 1822 e, posteriormente, foi destacado para São Salvador da Baía, onde prestou serviço de Setembro de 1822 a Setembro de 1823.

Regressou a Portugal tendo prestado serviço no Batalhão de Infantaria N.º4. Após a vitória absolutista e a subida ao trono de D. Miguel, em 1828, foi forçado a emigrar para Londres, através da Galiza, vindo a integrar o exército liberal até à convenção de Évora-Monte (1834). Em 11 de Agosto de 1829, participou na acção da Vila da Praia, na Ilha Terceira e fez parte dos Bravos do Mindelo, participando no desembarque das tropas liberais, a norte do Porto, em 8 de Julho de 1832. O desembarque, que envolveu cerca de 7 500 homens transportados em 60 navios,



entre os quais se contavam Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Joaquim António Aguiar, permitiu às forças liberais tomarem a cidade do Porto no dia 9 de Julho, apanhando de surpresa o exército miguelista, que as haveria de submeter ao prolongado Cerco do Porto¹⁵⁷.

Foi o primeiro Comandante do RI14 após a sua organização em Viseu, em 1842, e ficou no seu comando durante 5 anos, até 1847, tendo nessa data sido promovido a Brigadeiro e assumido o cargo de Comandante da 2ª Divisão Militar. Como Comandante do RI14 participou ainda nas acções das guerras civis de 1846 (Patuleia) e 1847 (Maria da Fonte), ao lado das forças governamentais. Reformou-se como Marechal de Campo em 1855 e nesta situação foi promovido a Tenente-General, em 3 de Setembro de 1863¹⁵⁸.

Condecorações

- Comendador da Ordem da Torre e Espada
- Comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa
- Comendador da Ordem de Carlos III, de Espanha
- Cavaleiro da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Cristo
- Cavaleiro da Ordem Militar de S. Bento de Avis
- Cruz da Guerra Peninsular (5 Campanhas)
- Medalha comemorativa da Batalha de Albuera

¹⁵⁷ Biografia de Magalhães Coutinho in *Generais do Exército Português*, II Volume, II Tomo – Biblioteca do Exército, Lisboa, 2005.

¹⁵⁸ Livro de Comandantes do RI14.



BARTOLOMEU SEZINANDO RIBEIRO ARTHUR (1851-1910)



General de Brigada Ribeiro Arthur

Galeria de Comandantes do RI14

Bartolomeu Sezinando Ribeiro Arthur nasceu a 10 de Agosto de 1851, em Lisboa, no seio de uma família de tradições militares. O seu pai, General Sezinando Ribeiro Arthur, descendia de uma família inglesa que na época das invasões francesas veio para Portugal auxiliar a combater o invasor francês. Faleceu a 5 de Outubro de 1910 e foi casado com D.^a Maria Doroteia da Fonseca, tendo nascido desta união quatro filhos, de entre os netos podemos destacar D. Berta Ribeiro Arthur, esposa do antigo Presidente da República Portuguesa, General Craveiro Lopes. Ribeiro Arthur enquanto jovem frequentou o Colégio Militar e posteriormente assentou praça como voluntário, em 10 de Setembro de 1867, no Regimento de Infantaria N.º17 (Beja), onde o seu pai era Coronel Comandante. Depois de fazer os estudos preparatórios na Escola Politécnica, ingressou na Escola do Exército, onde concluiu o Curso de Infantaria. Iniciou a sua carreira no Regimento de Infantaria N.º10 (Lisboa), como 1.º Sargento graduado a Aspirante a Oficial. Por decreto de 23 de Janeiro de 1873, foi graduado em Alferes, posto em que foi confirmado no ano seguinte. Em 23 de Janeiro de 1878, foi promovido a Tenente para o Regimento de Infantaria N.º8 (Braga), sendo transferido para o Regimento de Infantaria N.º4 (Elvas), no mês seguinte. Entre Dezembro de 1882 e Julho de 1884 esteve deslocado no Regimento de Artilharia N.º2 (Lisboa), onde foi professor da Classe de Sargentos, da respectiva Escola Regimental. Após 19 anos de subalterno ascendeu ao posto de Capitão, em 31 de Outubro de 1884, sendo colocado no Batalhão



Nº5 de Caçadores de El-Rei, servindo ainda no Regimento de Infantaria Nº1 (Lisboa), no Regimento de Infantaria Nº7 (Estremoz) e no Estado-Maior da Infantaria.

Em 1895 foi promovido a Major e esteve colocado na 10ª Brigada de Infantaria, no Regimento de Infantaria Nº20 (Guimarães) e no Regimento Nº2 de Caçadores da Rainha (Lisboa).

Ribeiro Arthur é promovido a Tenente-Coronel em 10 de Maio de 1899, prestando serviço no Regimento de Caçadores Nº10 (Angra do Heroísmo), no Regimento de Infantaria Nº25 (Angra do Heroísmo), no Regimento Nº1 de Caçadores e de Infantaria da Rainha (Lisboa) e no Regimento de Infantaria Nº5.

Por decreto de 3 de Dezembro de 1903, recebeu a patente de Coronel para o Estado-Maior da Infantaria e, em Janeiro de 1904, assume o comando do Regimento de Infantaria Nº9 (Lamego). Meses mais tarde assume o comando do Regimento de Infantaria Nº14, em Viseu, onde serviu de 1904 até 28 de Outubro de 1909, data em que transita para a situação de reforma, por motivos de saúde, sendo graduado no posto de General da Brigada. Ribeiro Arthur além de ter prestado serviço nos diversos corpos da sua Arma, conforme referido, foi chamado por diversas vezes, para outras importantes missões. Fez parte da Comissão de Limites do Reino (1885-1894), no âmbito da qual acompanhou o comissário espanhol, D. Máximo Ramos e Orcajo, na execução da triangulação dos terrenos em litígio da Contenda de Moura. Foi-lhe cometida a tarefa de presidir a uma comissão para estudar e propor um Plano de Uniformes para as guarnições das Províncias Ultramarinas e do Distrito Autónomo de Timor (1899). No âmbito deste estudo deu o seu parecer acerca do equipamento a adoptar pelas tropas coloniais.¹⁵⁹

A par da sua variada carreira militar, Ribeiro Arthur dedicou grande parte dos seus tempos livres à investigação da iconografia militar, de que resultou uma riquíssima colecção de quase 300 aguarelas que retratam com fidelidade os uniformes usados pelo Exército Português desde 1760 até ao início do Séc XX. Expôs em todas as exposições anuais do Grémio Artístico e da Sociedade Nacional de Belas Artes, onde chegou a alcançar uma menção honrosa. Também expôs na Exposição Universal de Paris, de 1900.

Foi ainda um activo publicista, tendo levado à estampa dezenas de artigos, em revistas e jornais, sobre temas militares, históricos e artísticos, e um notável escritor, tendo publicado entre outros livros: “Pequeno manual para uso do soldado de infantaria” (1896); “Os Caçadores Portugueses na Guerra Peninsular” (1899); “A Legião Portuguesa ao Serviço de Napoleão” (1901); “Teorias nas Casernas – Educação Militar do Soldado” (1902); e, “Episódios da Guerra Peninsular – Acção de Pueblo de Sanabria” (1909).

Nas artes, para além de aquarelista distinto, foi ainda um afamado crítico de pintura tendo publicado artigos em variadas revistas da época e um livro “Arte e Artistas Contemporâneos”, em 3 volumes (1896, 1898 e 1903), com ilustrações de Veloso Salgado, João Vaz, António Ramalho, Celso Hermínio, Columbano Bordallo Pinheiro, Ernesto Condeixa, Almeida e Silva, Ezequiel Pereira, J.Gyrão, Torquato Pinheiro, Costa Motta, Christino da Silva, Manuel de Macedo, Roque Gameiro, José Malhoa, Alfredo de Moraes, Jorge Collaço, arthur Loureiro, Casanova, Alfredo Keil, Adães Bermudes, Teixeira Lopes, Raphael Bordallo Pinheiro, Luciano Freire, onde destaca as biografias de notáveis pintores da sua época, tendo delineado o perfil artístico e humano de cada um.

Pode ainda ser considerado como o precursor da Banda Desenhada em Portugal, já que publicou histórias aos quadrinhos, em 1883, no periódico “Jornal da Infância”.

Para além de toda esta actividade pessoal, militar e artística, durante a sua estada em Viseu à frente do Regimento, foi um promotor das artes e da história pátria. Ao nível musical encomendou as Marchas “Batalha do Vimeiro” (1908) e “Batalha de Talavera” (1909), ao mestre de música J.P.Biscaya (1908). Tomou a iniciativa de reorganizar e dinamizar a banda militar do Regimento, que chegou a ser das melhores do Exército Português, promovendo a realização de concertos, de obras clássicas, abertos aos habitantes da cidade. Na área da pintura e desenho

¹⁵⁹ Biografia de Ribeiro Arthur in *Generais do Exército Português*, II Volume, II Tomo – Biblioteca do Exército, Lisboa, 2005.



Quadros da Galeria Histórica da Guerra Peninsular
(1908-1909)

Retrato do Tenente-General Jorge Avillez
quadro de João Vaz
(em cima, esquerda)

Retrato do General Gomes Sepúlveda
quadro de Vellozo Salgado
(em cima, direita)

Retrato de Brigadeiro José Joaquim Talaya
quadro de José de Brito
(em baixo)

Museu Grão Vasco
Fotografias DDF/IMC - José Pessoa





encomendou a grandes nomes da pintura nacional, do seu círculo de amizades, aquilo que ficou conhecido como “Galeria Histórica da Guerra Peninsular” (1908-1909), retratando oficiais portugueses que se tinham distinguido na Guerra Peninsular. Na área da História patrocinou palestras, estudos e opúsculos, sobre batalhas e combates da Guerra Peninsular, sendo um grande promotor, na região de Viseu, das Comemorações do Centenário das Invasões Francesas.¹⁶⁰

Galeria Histórica da Guerra Peninsular (1908-1909)

- Tenente-General Bernardim Freire de Andrade – Quadro de José de Almeida e Silva
- Tenente-General Silveira – Quadro de Marques de Oliveira
- Tenente-General Jorge Avillez – Quadro de João Vaz
- Tenente-General Luiz do Rego – Quadro de Torquato Pinheiro
- Marechal de Campo José Joaquim Champalimaud – Quadro de Columbano Bordallo Pinheiro
- Tenente-General Pinto Bacellar – Quadro de Luciano Freire
- Brigadeiro José Joaquim Talaya – Quadro de José de Brito
- Tenente-General Gomes Sepúlveda – Quadro de Vellozo Salgado
- Tenente-General Xavier Palmeirim – Quadro de Roque Gameiro

Condecorações

A sua brilhante carreira de militar e de artista mereceram-lhe altas e diversas condecorações, nacionais e estrangeiras, designadamente:

- Grande Oficial, Comendador, Oficial e Cavaleiro da Ordem Militar de S. Bento de Avis
- Cavaleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa
- Cavaleiro da Ordem de Cristo
- Cavaleiro de S. Tiago da Espada
- Medalha de Prata da Classe de Bons Serviços
- Medalha de Prata da Classe de Comportamento Exemplar
- Cavaleiro da Ordem de Isabel a Católica
- Cavaleiro da Ordem de Carlos III de Espanha
- Cruz de 1ª classe de Mérito Militar de Espanha
- Cruz de 2ª classe de Mérito Militar de Espanha
- Oficial da Legião de Honra de França
- Oficial da Instrução Pública de França
- Diploma de sócio cooperante da Associação da Cruz Vermelha de Espanha

¹⁶⁰ Livro de Comandantes do RI14.



JOSÉ MARIA VALE DE ANDRADE (1884-1958)



Coronel José Maria Vale de Andrade

Museu do RI14

José Maria Vale de Andrade nasceu em Viseu, na freguesia Ocidental, em 14 de Agosto de 1884, filho de António da Conceição Ribeiro de Andrade e de Amália do Vale e Silva de Andrade, casou com Arménia Verónica Pinto em 2 de Julho de 1941.

Alistou-se como voluntário no RI14, tendo sido incorporado a 24 de Julho de 1903. Em 11 de Julho de 1908 termina o curso de Infantaria na Escola do Exército.

Em 15 de Novembro de 1909 é promovido a Alferes e em 17 de Agosto de 1912 é promovido a Tenente, tendo marchado para a colónia de Moçambique a 1 de Outubro do mesmo ano. Em 1 de Dezembro de 1913 é promovido a Capitão e em 13 de Agosto de 1914 é destacado para Timor com a 12ª Companhia indígena expedicionária, tendo regressado a Lourenço Marques em 23 de Janeiro de 1915.

Regressa à metrópole a 12 de Outubro de 1915 sendo colocado no RI14. Faz toda a preparação para a Campanha da Flandres como Comandante de Companhia e em 23 de Março de 1917 embarca para França. Distingue-se na frente de combate e em 19 de Março é voluntário para comandar a Companhia do BI14 que efectua um raide às linhas alemãs, no sector da morte – Neuve Chapelle, para obtenção de informações sobre uma possível grande ofensiva iminente. A coragem e capacidade de liderança demonstrada durante a operação foi reconhecida com a promoção a Major por distinção em combate e com a condecoração, com o grau de Oficial,



da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito, a mais elevada condecoração nacional. No mês seguinte, a 9 de Abril, durante a ofensiva alemã, conhecida por Batalha de La Lys, comanda as forças do Regimento que avançam da Linha do Corpo para a ocupação da Linha das Aldeias, no intuito de reforçarem a retaguarda das forças em 1º escalão, tendo sido ferido em combate durante o deslocamento. Após o regresso da Flandres volta para o RI14, mas a 1 de Agosto de 1918 é nomeado Comandante do 1º Batalhão do RI9, em Lamego. Em 1920 regressa a Viseu para assumir as funções de 2º Comandante do RI14. Em 17 de Julho de 1925 é colocado no 2º Batalhão de Infantaria como 2º Comandante e em 1 de Julho de 1926 é transferido para o Batalhão de Infantaria N.º 7. É promovido a Tenente-Coronel (Adido ao Quadro) em 11 de Janeiro de 1928 e em 21 de Agosto é nomeado 2º Comandante do Batalhão de Caçadores N.º 27. Em 3 de Julho de 1933 é promovido a Coronel (supranumerário permanente) e passa para a situação de Reserva em 7 de Janeiro de 1939. Vem a falecer em 3 de Abril de 1958.

Secretaria da Guerra

1ª Direcção Geral – 2ª Repartição

“Hei por bem decretar sob proposta do Ministro da Guerra, que nos termos do Decreto N.º 3: 417 – A, de 1 de Outubro de 1918, seja promovido a Major contando a antiguidade desde 19 de Março do corrente ano. O Capitão do Regimento de Infantaria N.º 14, José Maria Vale de Andrade, porque sendo Comandante do “Raid” efectuado na manhã de 19 de Março do corrente ano, demonstrou qualidades excepcionais de um verdadeiro chefe pela forma como procedeu, prevendo tudo, tudo dispondo e executando com bravura o ataque à frente das suas forças.”

O Ministério da Guerra o faça publicar

Paços do Governo da República, 13 de Abril de 1918

Sidónio Pais

Condecorados com os graus da Ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito

Oficial

“Major de Infantaria, supranumerário José Maria Vale de Andrade – porque, comandando com notável brilho e particular distinção uma companhia em 1.ª linha, manifestou, a par de muita inteligência e grandes qualidades do comando, um arrêjo excepcional, expondo-se serenamente a todos os perigos e dando o exemplo constante de ardor combativo e de desprezo pela vida, tendo comandado com singular valentia a segunda das operações ofensivas realizadas com êxito pelas tropas portuguesas, com o que muito contribuiu para prestigiar o nosso exército, e ainda, porque na batalha de 9 de Abril de 1918 comandou com bravura e acerto o seu batalhão até ser gravemente ferido”¹⁶¹.

Condecorações

- Oficial da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito
- Cruz de Guerra 2ª Classe
- Medalha Militar de Cobre de Comportamento Exemplar
- Medalha da Vitória – 1919
- Medalha Comemorativa das C. Exp. Legenda – França 1917-1918
- Medalha de 3ª Classe de Solidariedade agraciado pelo Presidente da República do Panamá
- Premiado no tiro com espingarda em uso no Exército – em 1909

¹⁶¹ Ordem do Exército N.º 10, Ministério da Guerra, 10 de Julho de 1920, 2.ª Série, p. 445



Colar da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito

Museu do RI14



GALERIA DE COMANDANTES



18-12-1842
Coronel Thomaz de
Magalhães Coutinho



20-05-1851
Coronel António Oliva
de Sousa Sequeira



22-11-1851 e 30-07-1860
Coronel António Pereira
de Azevedo



16-09-1859
Coronel Joaquim José
Alvares



15-02-1861
Coronel Ayres Gabriel
Afelalo



16-07-1864 e 17-10-1870
Coronel Francisco António
da Silva



01-10-1869
Coronel José Maria
Gomes



29-11-1869
Coronel José Ribeiro de
Mesquita



17-12-1869
Coronel Policarpo Xavier
de Paiva



19-03-1870 e 17-06-1871
Coronel Pedro Francisco
Perry da Câmara



04-11-1871
Coronel Ignácio Augusto
Alves



12-11-1872
Coronel Antônio Gomes
Pinto Guimarães



30-12-1872
Coronel Manuel Joaquim
Raposo



20-10-1873
Coronel Luís Rufino
Chaves



06-09-1879
Coronel José Maria de
Sousa Pimentel



23-04-1881
Coronel Domingos
Antônio Gomes



28-01-1884
Coronel Joaquim Antônio
Severo de Oliveira



25-09-1889
Coronel Joaquim Herculano
Rodrigues Galhardo



01-03-1890

Coronel José Zeferino
Sérgio de Sousa



26-04-1890

Coronel Henrique César
Rolim



18-11-1891

Coronel David Augusto de
Carvalho Vianna



01-02-1892

Coronel José Joaquim
Ferreira



30-12-1893

Coronel Francisco de
Sousa Barbosa Fraga



08-09-1894

Coronel Arnaldo Belizário
Barbosa



17-03-1895

Coronel Luís de Castro
e Mello



03-08-1895

Coronel Fernando
Rodrigo do Rêgo



17-10-1896

Coronel Emygdio Augusto
da Costa Cabral



03-08-1898

Coronel Salomão Augusto
Cardoso do Amaral



20-02-1904

Coronel Manuel de Sousa
Machado



11-07-1904
Coronel Bartolomeu
Sezinando Ribeiro Arthur



26-10-1910
Coronel Gaudino Anselmo
de Oliveira



03-11-1911
Coronel Feliciano da
Fonseca Castro e Solla



15-08-1913
Coronel Miguel Goulão



26-08-1913
Coronel Augusto César
Pires Soromenho



07-02-1914
Coronel Manuel
Rodrigues Ermitão



22-05-1915
Coronel Adolfo Cardoso
da Fonseca Lebre



15-11-1917
Coronel António de
Almeida Leitão



17-05-1919
Coronel João Ambrósio
Rodrigues



23-09-1919
Coronel António Barbosa
Júnior



07-11-1919
Coronel António Ernesto
Borges



19-11-1920

Coronel Augusto Rodolfo
da Costa Malheiro



16-03-1929

Coronel João de Almeida
Leitão



30-09-1929

Coronel Antônio Lopes
Mateus



31-07-1933

Coronel Arnaldo de Melo



23-02-1935

Coronel José Júlio de
Almeida da Costa Pereira



16-07-1936

Coronel Júlio César
Ferreira



20-10-1937

Coronel Albertino José de
Serpa Corte Real



15-08-1938

Coronel Alexandre de
Paiva Faria Leite Brandão



26-08-1939

Coronel José da Costa



17-12-1940

Coronel Joaquim Maria
Neto



31-03-1942

Coronel Mário Nogueira
Neto



20-11-1943

Coronel Celestino
Rodrigues Costa



20-02-1945

Coronel Alfredo Augusto
da Silva Braga



22-05-1948

Coronel João Pereira
Tavares



03-09-1949

Coronel José Maria
Coelho da Mota



14-01-1952

Coronel Adelino Ferreira
Fresco



01-10-1952

Coronel Norberto Albano
Múrias



31-12-1953

Coronel Alfredo Abeilard
Vieira



30-06-1954

Coronel António Augusto
de Valadares Tavares



30-07-1955

Coronel José Raul
Ramalho Fernandes



19-12-1956

Coronel João Graciano de
Jesus Gomes Almendra



01-07-1958

Coronel Mário Gustavo de
Barata da Cruz



30-11-1960

Coronel Eduíno João
Geraldes



02-12-1961

Coronel Américo António
Osório e Cruz



01-09-1965

Coronel Carlos Faustino
da Silva Duarte



15-05-1968

Coronel José Manuel
Castanha



08-09-1969

Coronel Luís do
Nascimento Matos



15-09-1970

Coronel Nuno Freire
Moniz Pereira



27-09-1972

Coronel Cassiano Diego
da Silva



27-04-1973

Coronel José Augusto Sá
Cardoso



16-04-1974

Coronel José Luís
A. Azevedo



13-12-1974

Coronel António Coelho
da Silva



27-08-1976

Coronel Carlos Alfredo
Guedes P. Vilela



03-03-1978

Coronel João Gomes do
Amaral



12-07-1979

Coronel Fernando Manuel
S. Montalvão e Silva



12-02-1981

Coronel António Lopes de
Figueiredo



15-02-1985

Coronel António Virgílio da
Cunha Magalhães Soeiro



04-10-1988

Coronel Martinho de
Sousa Pereira



03-05-1990

Coronel José Pedro da
Cruz



19-01-1991

Coronel Alfredo Antunes
Lopes



21-10-1993

Coronel Arnaldo Carvalhais
Silveira Costeira



25-03-1996

Coronel Manuel Joaquim
R. Correia Tavares



26-04-1998

Coronel Fernando Pereira
dos Santos Aguda



28-04-2000

Coronel Carlos Manuel
Pimentel Rendo



30-07-2002
Coronel Carlos Henrique
Pinheiro Chaves



24-09-2003
Coronel Jorge Manuel
Vieira Alves Ferreira



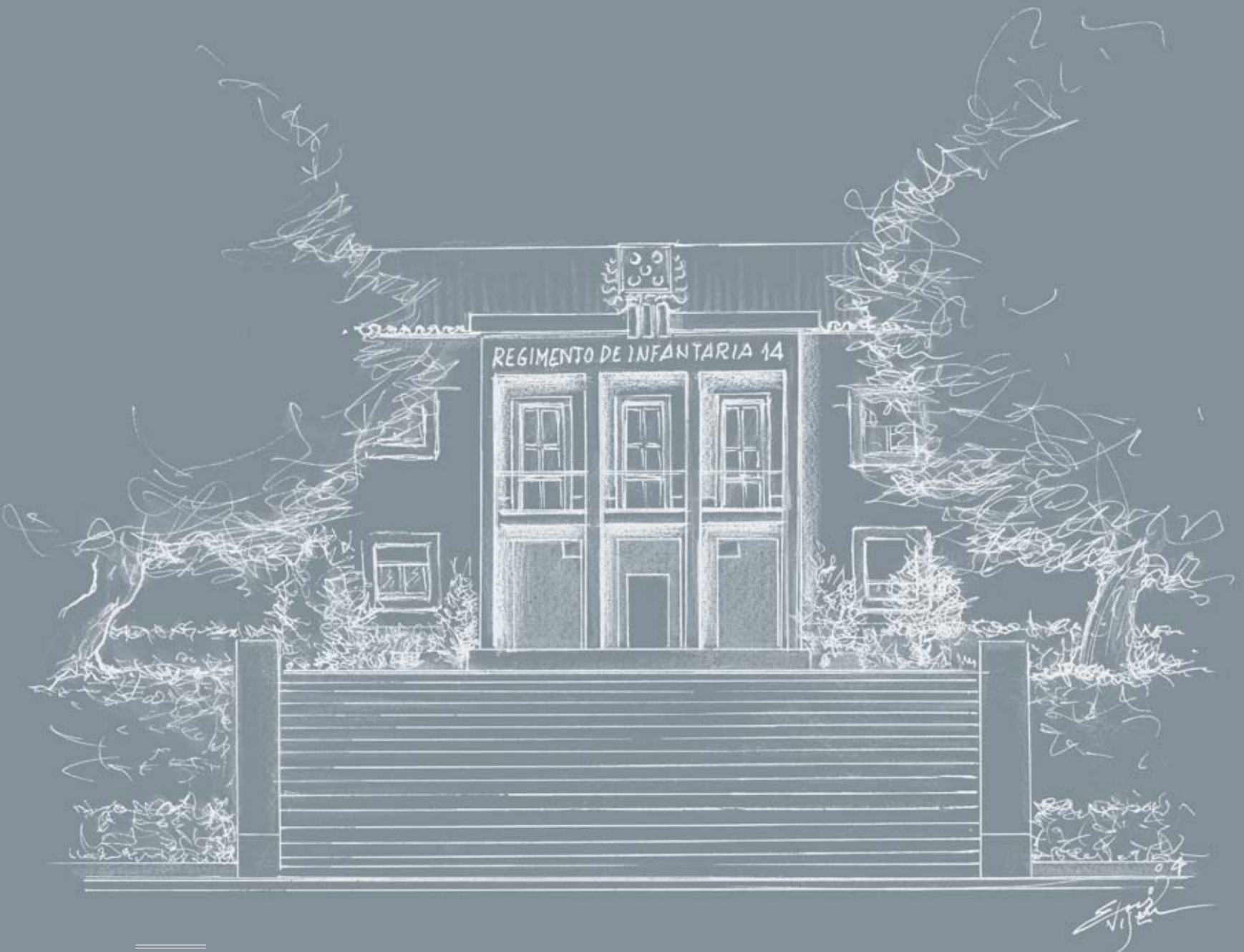
04-09-2005
Coronel António José da
Fonte Rabaça



10-09-2007
Coronel Alfredo Manuel
Catarino Carvalhão Tavares



30-09-2008
Coronel Rui Fernando
Baptista Moura



O Regimento de Infantaria N°14 - Desenho do artista Viseense Pedro Albuquerque, oferecido ao Comandante do RI14 (2009)

Meseu do RI14

"... uma aura soprou: construiu-se o novo liceu bem como o quartel de Infantaria 14 à desbanda de Repeses, soberba urbe militar que veio descongestionar o burgo; a Câmara, além de outros melhoramentos apreciáveis, rasgou, com certo denodo, a segunda perna do Epsilon, que assim se desenha a bela artéria que parte do centro para a estação, demolindo casas e pardieiros.

O velho quartel era um caravansará a arruinar-se. Tinha de precioso um parque com árvores colossais, que hoje aparecem decepadas. Mesmo assim, como estão, nada mais meritório que poupá-las..."

Aquilino Ribeiro

(In Arcas Encoiradas)



O 14 DE INFANTARIA E OS SEUS QUARTÉIS PERMANENTES

Quartel da Atalaia

O Quartel da Atalaia, situado na freguesia de Santiago, em Tavira, foi mandado construir no ano de 1795, pelo Governador General do Algarve, o Conde de Vale dos Reis, Nuno José Fulgêncio de Mendonça Moura Barreto, sendo um dos mais antigos edifícios do país construídos com fim exclusivamente militar. Nele esteve aquartelado o Regimento de Infantaria Nº14, durante o primeiro quartel do século XIX, com excepção dos períodos das campanhas da Guerra Peninsular e da Guerra Civil.



Quartel da Atalaia, Tavira

Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR)
- <http://www.ippar.pt>

É constituído essencialmente por um corpo central que forma a porta de armas, dois pavilhões de telhado simples com mansardas e dois torreões esguios, com duplo telhado. Embora o recorte dos vãos revele o gosto cortesão próprio da época de D. Maria, poderá estar aqui presente a lição da arquitectura pombalina da recém-construída Vila Real de Santo António, em cuja implantação colaborou José Sande de Vasconcelos, possível autor do projecto deste quartel. É um rico exemplar de arquitectura edificada e um elemento marcante no contexto urbano de Tavira, acolhendo actualmente o Regimento de Infantaria Nº1.¹⁶²

¹⁶² LAMAS, José, DUARTE, Carlos, “Plano de Reabilitação e Salvaguarda do Centro Histórico de Tavira”



Parada Militar no Quartel da Ribeira

Museu do RI14

Viseu

Em 1837, segundo o novo plano de organização do Exército, a Infantaria passa a ser composta por trinta Batalhões. O escalão Regimento deixa, pura e simplesmente, de existir.

Em 27 de Março de 1841 entrou em Viseu o Batalhão de Infantaria N°24, vindo de Viana do Castelo, acompanhado pela respectiva banda. Albergou-se no Quartel da Ribeira.

O governo destinou o antigo Convento de Santo António dos Capuchos, junto à igreja dos Terceiros, para quartel militar, ficando conhecido como o Quartel dos Terceiros. O convento, originariamente pertencente aos frades Capuchos de Orgens, desde o século XVI, tinha sido desocupado e profanado após a extinção, no ano de 1834, das ordens religiosas. Quando as obras necessárias foram concluídas o Batalhão de Infantaria N°24 instalou-se no seu novo quartel, nos fins de Dezembro de 1841.

Novo plano surge no Exército em 1842, datado de 28 de Novembro, passando a haver 16 Regimentos, alguns Batalhões são extintos e outros tomam a designação de Regimento. O Batalhão de Infantaria N°24, aquartelado em Viseu, passa a designar-se por Regimento de Infantaria N°14 e permanece nesta cidade até aos nossos dias.



Porta de Armas do Quartel dos Terceiros

Museu do RI14

PLANTA DO QUARTEL DO REGIM



ENTO DE INFANTARIA Nº 14

ESCALA 1/500



RETRETES

ARR^{tes} do JARDIM



OP^{ra} SAPATEIRO

PAIDL

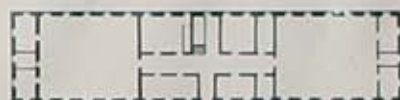
PADARIA, COZINHAS, PARQUE



CASERNAS NOVAS



LOJAS



1º PAVIMENTO



2º PAVIMENTO

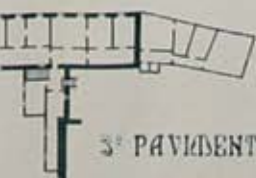
CORPO PRINCIPAL



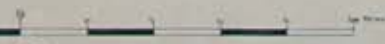
2º PAVIMENTO



1º PAVIMENTO



3º PAVIMENTO



Proj. do Eng. Alvaro de Sá

Planta do Quartel
dos Terceiros

Museu do RI14



1949-1950 Novo quartel em construção

Museu do RI14



Logo em 1845 vamos encontrar o RI14 envolvido na chamada revolução “Maria da Fonte” que, é o reflexo das discórdias permanentes entre as diversas facções políticas. Fazendo parte das forças fiéis ao governo, o RI14 mantém-se em campanha até 1847. Ao regressar a Viseu, não pode instalar-se no seu quartel, pois a Junta do Porto, enquanto esta unidade se encontrava fazendo parte da Divisão fiel ao governo, ordenara que o material de aquartelamento fosse retirado para aquela cidade. Em face desta situação, a população de Viseu solidariza-se com o seu Regimento e os soldados recebem guarida em casas particulares. Por sua vez a Câmara Municipal reuniu-se para uma sessão especial a fim de estudar a situação. Nessa sessão foi aprovada, por unanimidade, uma proposta do vogal Alexandre Correia Lemos, no sentido de que o município financiasse a compra de pano necessário para 400 enxergas, e que o mesmo fosse entregue ao comandante do RI14, com o intuito de recolher os militares ao seu quartel. O Quartel dos Terceiros é assim a casa do RI14 até meados do século XX.

A construção do Quartel dos Viriatos, iniciou-se a partir de 1945, com estudo e projecto da “Comissão Administrativa das Novas Instalações para o Exército” (CANIE), organizada no Ministério das Obras Públicas, criada pelo decreto-lei 31 272, de 17 de Maio de 1941.

A 10 de Julho de 1951, o novo quartel foi inaugurado, cerimónia presidida pelo então Ministro do Exército Brigadeiro Adolfo do Amaral Abranches Pinto.

Assim se publicitava na época a construção do novo Quartel:

“O Novo Quartel do Regimento de Infantaria 14, agora concluído, fica situado em lugar aprazível e saudável dos arredores da cidade de Viseu, à margem da estrada que conduz a Coimbra, passando por Tondela e Santa Comba Dão. A sua construção foi iniciada em meados de 1946, depois de aprovado o plano geral em Fevereiro de 1945. O novo aquartelamento tem edifícios que cobrem uma área de 17 600 metros quadrados. A área total do Quartel, circundado por muro de vedação, é de 122 400 m². Todos os edifícios mobilados e equipados são ligados entre si por vias de serviço convenientemente pavimentadas; e as redes de distribuição de água, esgotos, iluminação, telefones e som, completam as instalações.”

Hoje em dia podemos destacar os seguintes aspectos:

- Pavilhão Desportivo

Em 1997, foi inaugurado o Pavilhão Gimnodesportivo, muito utilizado pelos militares da Guarnição de Viseu (RI14 e Centro de Recrutamento de Viseu), bem como por quase duas dezenas de entidades civis, que diariamente usufruem dos benefícios que esta excelente instalação proporciona ao quartel e à cidade; em 2001 foi inaugurado o mini ginásio/sala de musculação, sala que veio enriquecer consideravelmente as boas condições para a prática desportiva;

- Capela

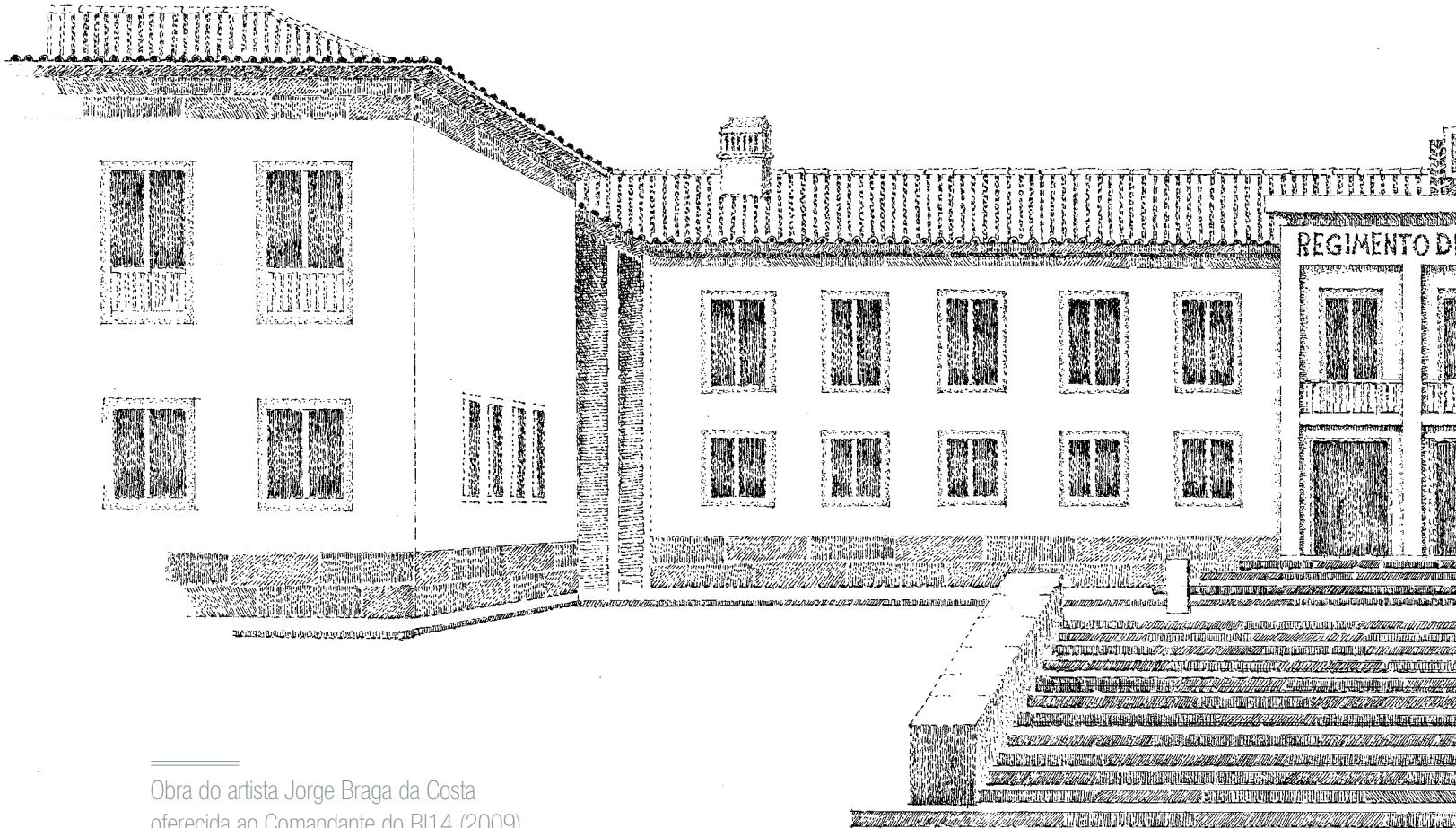
Construção com cerca de 25 anos, situada nas traseiras da Casa da Guarda. Foi iniciada com o Major Capelão Abílio Louro de Carvalho. A sua inauguração e bênção foram no dia 19 de Março de 1983. Foi benzida pelo vigário Geral da Diocese de Viseu, o Saudoso Cónego Barreiros. O Patrono é S. José, cuja festa se celebra a 19 de Março simultaneamente com o Dia da Unidade;

- Carreira de Tiro de 25 metros

Localizada no interior do Regimento, a carreira de tiro é usada pelos militares e forças de segurança, nomeadamente da GNR e PSP;

- Biblioteca

Nas suas paredes encontra-se a galeria das fotografias dos Comandantes do RI14; para além disso contém uma excepcional colecção de livros, abrangendo as mais variadas áreas académicas, designadamente de história,



Obra do artista Jorge Braga da Costa
oferecida ao Comandante do RI14 (2009)

história militar e geografia. Podemos destacar as Ordens do Dia do Marechal Beresford, desde a primeira publicada em Março de 1809 e vários livros originais do século XIX.

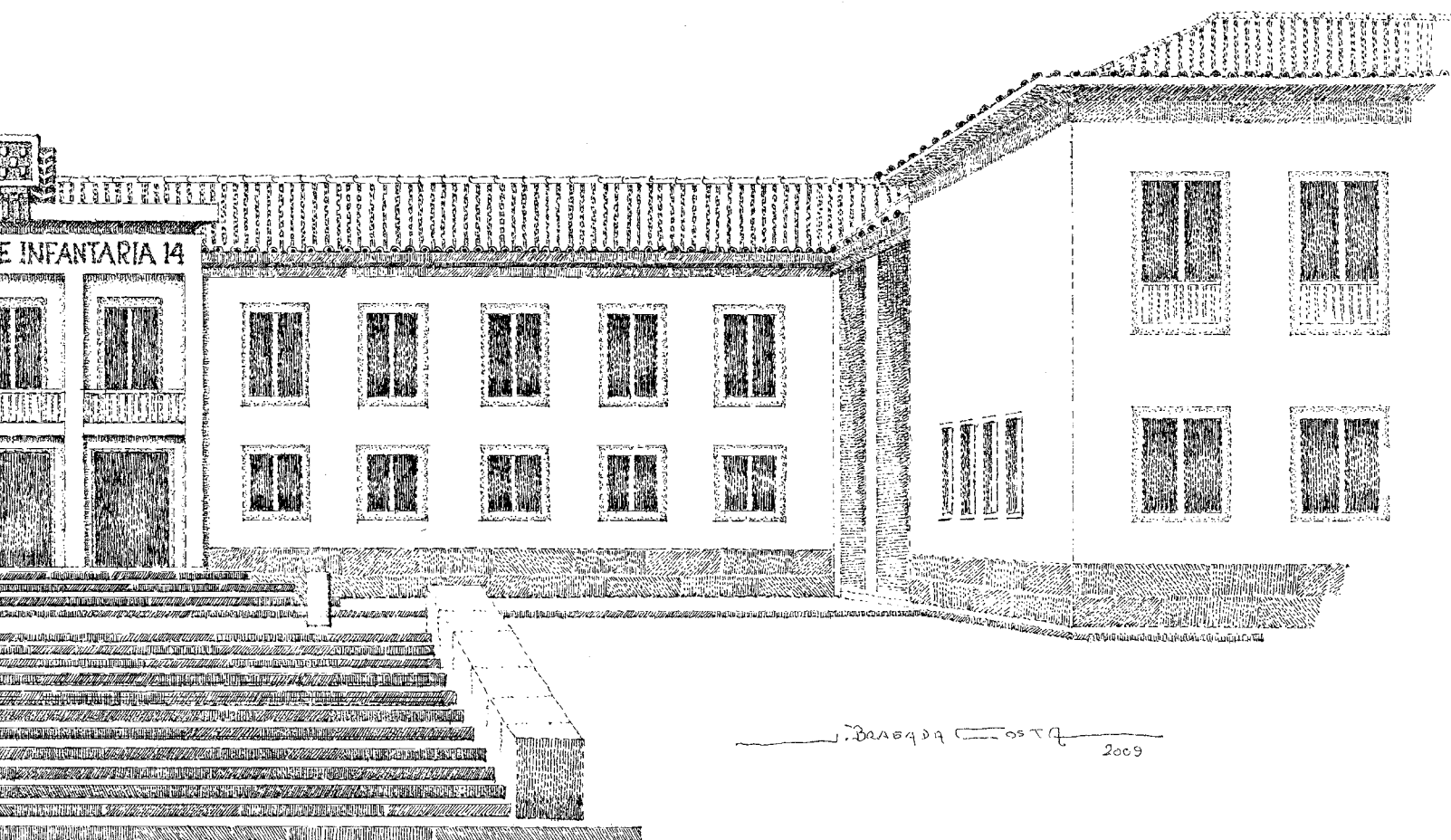
- Blocos Militares para Habitação

Na periferia do Regimento existem dois blocos de habitação, sendo um para Oficiais e outro para Sargentos. Cada bloco tem oito apartamentos de tipologia T1, T2 e T3;

- Museu do RI14

É actualmente uma das mais nobres salas de visita da Unidade, não pelo recheio artístico, mas sim pela história que o mesmo encerra. Constituído por várias salas, onde se pode testemunhar a história militar do RI14.

Na primeira sala, podemos admirar o vasto espólio legado desde as invasões francesas até à implantação da República, armamento e fardamento utilizado pelas tropas portuguesas aquando da batalha do Buçaco. Num quadro vê-se uma bandeira, peça notável legada ao 14 pela Rainha D. Amélia, esposa do Rei D. Carlos. É uma



bandeira com o seu cunho pessoal, já que a mesma foi bordada por S.A.R. e pelas suas aias, utilizando fio de ouro de 19 quilates e pedras preciosas (esmeraldas, rubis e pérolas).

Do lado oposto, podemos testemunhar vários objectos e fotografias oriundas das Unidades, que por força das diversas reestruturações das Forças Armadas, foram sendo desactivadas e das quais o RI14 se tornou o seu legítimo herdeiro.

Na segunda sala encontramos armamento e equipamento utilizado por militares deste Regimento, “valentes” Viriatos que tiveram acções preponderantes durante a I Guerra Mundial (1914-1918). Do lado oposto da sala é possível observar variadas condecorações com que foram agraciados militares deste Regimento.

E se dos fracos não reza a história, destes a história jamais se esquecerá, são os heróis das lutas em África, que estão perpetuadas numa sala, a maior de todas, através do armamento que em Angola, Guiné, Moçambique e, em tempos mais remotos, na Índia foi utilizado e mesmo algum armamento capturado às forças inimigas. É possível ainda ver numa última sala uma variedade enorme de recordações dos tempos mais recentes;





Monumento aos Mortos pela Pátria



Monumento da inauguração das instalações

- Piscina

Em 1963 foi inaugurada a piscina da unidade, que na época estival, é muito frequentada por todos os militares e respectivas famílias residentes na região de Viseu;

- Monumento aos Mortos pela Pátria

Este monumento invoca os mortos pela Pátria. Durante as diferentes cerimónias militares da Unidade é colocada uma coroa de flores junto à base do monumento. Estão inscritos nomes dos militares do RI14 mortos em combate na I Guerra Mundial e na Guerra do Ultramar;

- Monumento da Inauguração das Instalações

Monumento a invocar a cerimónia de inauguração das instalações da Unidade, em 1951, colocado na entrada principal da Unidade onde se pode ler o seguinte:

“Este Quartel dos Viriatos, foi inaugurado em 19-07-1951 pelo Ministro Brig Adolfo do Amaral Abranches Pinto sendo Ministro da Defesa Nacional o Coronel Fernando dos Santos Costa e Comandante do Regimento o Coronel José Maria Coelho da Mota”.



O RI14 NA TOPONÍMIA VISEENSE

As cidades e vilas de Portugal registam na sua toponímia personalidades que se destacaram a nível local ou nacional, preservando na memória colectiva aqueles que se notabilizaram nos mais variados campos de actividade, prestando-lhes assim uma justa homenagem.

Também a Câmara Municipal de Viseu tem honrado com essa distinção militares do Regimento de Infantaria Nº14 atribuindo a ruas, avenidas e largos, o nome de militares que nele prestaram serviço e que se destacaram, quer no mister da profissão das armas, quer noutros cargos públicos em prol da Cidade e do País.



José Maria Vale de Andrade

Coronel de Infantaria, natural de Viseu, 1884-1958



José Maria Vale de Andrade, com o posto de Major

Fotografia de 1919 do Museu do RI14

A Avenida do Coronel José Maria Vale de Andrade, situa-se na Freguesia do Coração de Jesus, entre as Rua Nova e de Alexandre Herculano e a Avenida do Regimento de Infantaria N.º14, passando em frente ao edifício dos Serviços Centrais do Instituto Superior Politécnico de Viseu, homenageia a memória do Herói do raide de 19 de Março de 1918, na frente de combate da Flandres, no sector de Neuve Chapelle, I Guerra Mundial.



Artur Homem Ribeiro

Capitão de Infantaria, natural de Canas de Senhorim, 1874-1914



Capitão Artur Homem Ribeiro

Museu do RI14

A **Avenida do Capitão Homem Ribeiro**, situa-se na Freguesia de São José, entre a Praça de S. Mateus e os Moinhos da Balsa e é entrecruzada pela rotunda da Praça do Caminho-de-ferro, onde se encontra a “fonte cibernética” e onde convergem as Avenidas do Dr. António José de Almeida e da Europa; e igualmente, a **Travessa do Capitão Homem Ribeiro**, perpendicular à Avenida com o mesmo nome, homenageiam o Comandante da 9ª Companhia do 3º Batalhão do RI14, que morreu em combate contra tropas alemãs, em Naulila, no Sul de Angola, junto ao Rio Cunene, no dia 18 de Dezembro de 1914. Era filho de Teodoro Ribeiro de Campos e de Maria Gomes.



Eduardo da Silva Pereira

Capitão Médico, natural de Vinhal, freguesia de Lageosa do Dão, Tondela



Capitão Silva Pereira

Museu do RI14

A **Avenida do Capitão Silva Pereira**, situa-se na Freguesia de Santa Maria, entre o Largo de Santa Cristina e a Rotunda de Santo António, homenageia o Oficial Médico do RI14, voluntário para a expedição a Moçambique e que desapareceu em combate contra tropas alemãs, no planalto Maconde, no Norte de Moçambique, em Dezembro de 1917, quando marchava integrado na coluna do Capitão Curado.



Miguel António Ponces Carvalho

Tenente de Infantaria, Oliveira de Azeméis, Moçambique, 1885-1917



Tenente Miguel Ponces

Museu do RI14

A **Praceta Miguel Ponces**, situa-se na Freguesia de Coração de Jesus, no alto do Massorim, é atravessada pela Rua do Dr. Paulo Emílio, e entre as Ruas do Conselheiro Vitorino e do Dr. Casimiro Vasconcelos, regista a memória do jovem oficial do Regimento de Infantaria N.º14 que integrou a Coluna Roçadas, no Sul de Angola em 1914, integrado no Batalhão do RI14 e que, sendo voluntário para a expedição a Moçambique (1916-17), morreu no Norte de Moçambique, na Serra Mecula, em Dezembro de 1917, em combate contra os alemães. Pertencia à família Ponces de Carvalho de Vilar Seco, sendo filho de Mariana Rosa Ponces de Carvalho e Mello e do juiz desembargador José Cupertino d' Oliveira Pires.



Francisco António Almeida Moreira

Capitão de Infantaria, Viseu 1873-1939



Almeida Moreira (1904), com o posto de Tenente

Museu do RI14

O **Largo do Capitão Almeida Moreira**, situa-se entre a Casa-Museu Almeida Moreira, junto ao “Jardim das Mães” e as Rua Cónego Martins, Rua Soar de Cima, e a **Rua Almeida Moreira**, ambos na freguesia de Santa Maria, relembram o Tenente e Capitão de Infantaria do RI14, aluno do Colégio Militar e da Escola do Exército, que passou à reserva em 1919 e que posteriormente foi professor na antiga Escola Normal de Viseu e no Liceu de Alves Martins e que fez parte de várias comissões administrativas da Câmara Municipal, onde exerceu o cargo de Vereador e de Vice-presidente. Foi ainda Presidente da Comissão de Iniciativa e Turismo de Viseu.

Destacou-se também como crítico de arte e colecionador, tendo sido fundador e primeiro director do Museu Grão Vasco. Habitava na Rua Soar de Cima na casa que doou à Cidade de Viseu – a Casa Museu Almeida Moreira. Como oficial foi condecorado com a Ordem Militar de Avis e com a Medalha de Comportamento Militar, grau Prata.



José Teles de Loureiro Cardoso

Major de Infantaria, Póvoa de Catharina, Tondela, 1850-1918



O **Largo do Major Teles**, situa-se em frente ao Jardim das Mães em ligação com a Praça da República, a Viela da Cruz da Pedra e a Rua de Nunes de Carvalho.

Nasceu em Póvoa de Catharina, Tondela, em 1850. Foi presidente da Câmara Municipal de Viseu na segunda década do século XX. O Largo recebe a designação de Major Teles por decisão da autarquia em reunião de 13 de Dezembro de 1918. Filho de Nuno de Barros Telles de Loureiro Cardoso e de D. Thereza Ritta de Loureiro e Albuquerque. Casou com D. Mariana Rosa d' Almeida a 22 de Agosto de 1883.



José Vitorino de Sousa e Albuquerque

General Médico, Viseu, 1843-1916



Conselheiro José Vitorino de Sousa e Albuquerque

Biblioteca do RI14

A **Rua do Conselheiro José Vitorino**, situa-se na freguesia do Coração de Jesus, entre a Praça do Tenente Miguel Ponces e a Rua de Cândido Reis. Homenageia o médico militar do RI14, General-Médico, Cirurgião-Mor do Exército, Director dos Hospitais Militares do Porto e de Chaves, deputado e Par do Reino, que foi o último Governador Civil da monarquia no Distrito de Viseu.

Foi agraciado com os graus de Oficial e Cavaleiro da Ordem Militar de S. Bento de Avis e Cavaleiro da Ordem Militar de N^a S^a da Conceição de Vila Viçosa.

Fundador, e dirigente, do Jornal “O COMMERCIO DE VISEU”. Nasceu em 12 de Agosto de 1843, na cidade de Viseu, sendo filho de Paulo Emílio de Lemos e Menezes de Sousa e Albuquerque e de Maria Jesus de Lemos e Menezes de Sousa e Albuquerque. Descendente das nobres casas da Trofa e S. Miguel.

Publicou 23 livros. De entre vários temas deu bastante ênfase aos assuntos militares e de história, destacando-se as publicações: “O centenário da Índia perante a História” e “Missão das quatro armas em Campanha”.



Salomão Vaz da Silveira Leitão
Capitão de Infantaria, Viseu, Cavernães, 1865-1935



Capitão Salomão Vaz da Silveira Leitão

Museu do RI14

A **Rua Capitão Salomão**, situa-se na freguesia de S. José, entre a Avenida da Bélgica e a Avenida do Capitão Homem Ribeiro, homenageia o benemérito da cidade, promotor do Asilo da Infância Desvalida, filho de Pedro Vaz da Silveira Leitão e de Maria Cândida de Sousa. Casado com Hermengarda de Sousa e Albuquerque do Amaral, desta união nasce Elvira de Sousa Albuquerque do Amaral Leitão.



Manuel Joaquim

Tenente Músico, 1894-1986



Tenente Manuel Joaquim (1932)

Museu do RI14

A **Rua Tenente Manuel Joaquim**, situa-se na freguesia do Coração de Jesus, entre a Travessa da Balsa e a Rua do Dr. César Anjo. Musicólogo, estudioso invulgar, foi regente da Banda do RI14 por mais de dez anos, sempre desejoso de mais, muito mais e sempre melhor, procurando sempre atingir a perfeição. Por 1930, na parada do quartel do RI14, realizou-se na Festa Militar do dia 5 de Outubro uma demonstração do seu valor, executando: *Rienzi*, *abertura de Wagner*, e *Scenas Alsacianas*, *suite de Massenet*, em 4 tempos: I) – *Domingo pela manhã*, II) – *Na taberna*, III) – *Debaixo das tílias*, IV) – *Domingo pela tarde*.

Foi ainda um notável publicista da sua arte, colaborando assiduamente na Revista da Beira Alta, publicando ainda no “Jornal de Elvas”, “Rebelde”, “A voz da verdade”, “Notícias de Viseu”, “Distrito de Viseu”, “União da Beira”, “Labor Escolar” e “Arte Musical”. Num dos seus artigos descreve o “Passado Musical de Viseu”.



Finalmente, não podemos esquecer que o nome do Regimento foi também registado na pedra, na artéria que passa em frente à porta de armas do Regimento, a **Avenida Regimento de Infantaria Nº14**, situada na Freguesia do Coração de Jesus, entre a Praça de Paulo VI e a Praça dos Combatentes da Guerra do Ultramar. Este topónimo foi atribuído em reunião de Câmara em 23 de Junho de 1960.



CORPO DE OFICIAIS E DE SARGENTOS DO REGIMENTO DE INFANTARIA Nº14 EM 2009



Corpo de Oficiais do RI14 em 2009

Da esquerda para a direita:

1ª Linha: Major Vasconcelos, Tenente-Coronel Cleto, Tenente-Coronel Godinho, Coronel Moura, Tenente-Coronel Costeira, Tenente-Coronel Esgalhado, Major Silva

2ª Linha: Capitão Ventura, Capitão Pais, Capitão Seixas, Major Craveiro, Major Gabriel, Major Dias

3ª Linha: Tenente Clemente, Tenente Costa, Tenente Santos

4ª Linha: Tenente Almeida, Alferes Azenha, Tenente Pinto

5ª Linha: Aspirante Currais, Tenente Lima, Tenente Ribeiro, Aspirante Gomes



Comando e Corpo de Sargentos do RI14 em 2009

Da esquerda para a direita:

1ª Linha: Sargento-Mor Gil, Coronel Moura, Tenente-Coronel Costeira, Sargento-Chefe Costa

2ª Linha: 1º Sargento Sousa, Sargento-Ajudante Bernardo, Sargento-Ajudante Teixeira, 1º Sargento Oliveira, Furriel Fonseca,
1º Sargento Matos, Sargento-Ajudante Sena, Sargento-Ajudante Cautela

3ª Linha: Sargento-Ajudante Costa, 2º Furriel Costa, 1º Sargento Luz, Furriel Felizardo, Furriel Duarte, Furriel Reduto, 1º Sargento Marques,
2º Sargento Cabral

4ª Linha: 2º Furriel Almeida, 1º Sargento Sousa, 1º Sargento Pereira, 1º Sargento Rodrigues, 1º Sargento Tavares, 1º Sargento Lourenço,
2º Sargento Carvalho, 2º Sargento Fernandes, 1º Sargento Silva

5ª Linha: Sargento-Ajudante Souto, Sargento-Chefe Lopes, 1º Sargento Figueiredo, 1º Sargento Sousa, 1º Sargento Ferreira,
1º Sargento Peres, 1º Sargento Ribeiro

6ª Linha: 1º Sargento Martins, 2º Furriel Teixeira, Sargento-Ajudante Oliveira, Furriel Silva, Sargento-Ajudante Correia

7ª Linha: 1º Sargento Silva, Sargento-Chefe Silva, Sargento-Ajudante Correia, Sargento-Ajudante Teixeira, Sargento-Ajudante Loureiro,
Sargento-Chefe Pereira



AGRADECIMENTOS

Antes de tudo o mais não posso esquecer uma dívida para com o Capitão Balula Cid, militar do Regimento que, ao escrever “o N° 14 na Infantaria Portuguesa”, em 1950, muito contribuiu com a sua pesquisa e o seu livro, para a elaboração desta obra. A utilização de parte dos textos da sua publicação, após generosa anuência de seu filho, o Coronel Balula Cid, em muito veio enriquecer a presente publicação.

O livro do Capitão Balula Cid foi o ponto de partida, mas faltavam cobrir 60 anos de história regimental e as memórias vivas começam a escassear, foi necessário ler e analisar muitos documentos de arquivo, relatórios e diplomas, entrevistar Viriatos que passaram no Regimento, desde os anos 50 até aos dias de hoje, pedir ao exterior dados inexistentes nos nossos arquivos. A colaboração foi franca e aberta, entusiástica em muitos casos, de uma forma ou de outra muitos foram os que colaboraram na elaboração de textos, na cedência de material ou, mesmo, na pesquisa de dados.

Não é possível referenciar todos os que colaboraram neste livro mas não poderei deixar de destacar e demonstrar o meu reconhecimento pelos contributos, desinteressados, das seguintes personalidades:

- Tenente-General Oliveira Cardoso, director Honorário da Arma de Infantaria, Dr Fernando Ruas, Presidente da Câmara de Viseu e Dr. Alcídio Faustino, Governador Civil de Viseu, pelos textos introdutórios que muito enriquecem o livro;
- Eng José Luís Nogueira, pelo material cedido sobre o Capitão Luís Albuquerque e a Casa da Ínsua;
- Dr Júlio Cruz, pelos contributos para a toponímia;
- Peter Donnelly, Director do Museu King's Own Royal Regiment, em Lancaster, pela cedência dos dados biográficos do Tenente-coronel Oliver;
- Coronel Ribeiro de Faria, pela cedência e autorização de publicação de fotografias das aguarelas do Coronel Ribeiro Arthur;
- Dr António Pimentel, Director do Museu Grão-Vasco, e da sua simpática equipa, de que destacamos as Dras Alcina Silva e Paula Cardoso, pelo acesso aos quadros da “Galeria Histórica” do Coronel Ribeiro Arthur e pela disponibilização das suas fotografias;
- Tenente-Coronel Borges da Fonseca, do Arquivo Histórico Militar, pelo acesso ao muito material pesquisado nos importantes arquivos do Exército;
- Sargento-Mor Rui Fonseca, da Comissão de Estudos das Campanhas de África, por todo o material recolhido sobre as acções relativas às unidades mobilizadas em Viseu para a Guerra do Ultramar;
- Professor Jorge Azevedo Pinto, Dr José Pinto e família pelos dados referentes aos seus antepassados, Capitão Salomão e Conselheiro Vitorino;



- Tenente-General Aurélio Trindade pelas suas memórias, de viva voz, da organização e acções da Companhia que partiu de Viseu para Goa em 1957;
- “Capitães” Amaral, Costeira e Gertrudes da Silva pelas suas recordações sobre o 25 de Abril de 1974;
- Tenentes-Coronéis Figueiredo, Pinto de Almeida, Beleza e Magalhães pelas fotografias e relatórios das Forças Nacionais Destacadas pelo RI14 para Timor, Bósnia e Kosovo;
- Aos Srs Paulo Choupeiro e Daniel Silva que apoiaram este projecto com os seus valiosos contributos técnicos na concepção, design e produção do livro e CD;
- E tantos outros que através de pequenos, mas importantes contributos, nos acompanharam nesta viagem ao passado.

Internamente o esforço foi igualmente grande. Um esforço de meses para classificar e fotografar um valioso espólio, para ler milhares de páginas de Ordens de Serviço Regimentais (desde 1906), para consultar centenas de volumes de Ordens do Dia e do Exército (desde 1809), para estudar dezenas de livros e revistas de temática militar, dos séculos XIX e XX, felizmente a maior parte deles existentes na riquíssima biblioteca do Regimento.

De entre um grande número de colaboradores, destacaria apenas os nomes do Major Anselmo Dias, pela pesquisa aturada, revisão final dos textos, selecção das ilustrações e contactos com o exterior, do Cabo-Adjunto David Teixeira, pelo apoio em fotografia e recursos informáticos, e da Civil Sónia Fonseca, pela pesquisa feita em centenas de livros e revistas da Biblioteca da Unidade e pela detecção de autênticos “achados” nas mais diversas publicações.

Por fim gostaria de relembrar as Instituições que apoiaram este projecto, permitindo-nos a passagem da teoria à prática, nomeadamente: os Governos Cívicos de Viseu e da Guarda, as Câmaras Municipais da Região e o Grupo Visabeira.

A todos um bem-hajam por terem apoiado este projecto cujo resultado foi este livro, que espero que tenha agradado ao leitor, sintetizando o historial do Regimento de Infantaria Nº14, “**cuja fama ninguém virá que dome**”.



BIBLIOGRAFIA

-
- ALEXANDRE, Paulo Morais, “O General Ribeiro Arthur – Militar e Artista”, Cadernos de História Militar Nº 3, Direcção do Serviço Histórico-Militar, Lisboa, 1989
- AZEVEDO, Gonçalo José Santos e CALMEIRO, Luís Miguel Afonso, “O Exército Português em Timor-Leste”, Secção de Cooperação Militar e Alianças do Gabinete do General Chefe do Estado-Maior do Exército, Lisboa, 2004
- CALMEIRO, Luís Miguel Afonso e MAGRO, José Manuel Tavares, “O Exército Português nos caminhos da Paz 1989-2005”, Secção de Cooperação Militar e Alianças do Gabinete do General Chefe do Estado-Maior do Exército, Lisboa, 2005
- CARVALHO, Francisco Augusto Martins, “Subsídios para a História dos Regimentos”, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1888
- CHABY, Cláudio, “Excerptos Históricos e Collecção de Documentos relativos à Guerra Denominada da Península”, Volume I, Imprensa Nacional, Lisboa 1863
- CHABY, Cláudio, “Excerptos Históricos e Collecção de Documentos relativos à Guerra Denominada da Península”, Volume V, Imprensa Nacional, Lisboa 1881
- CID, Balula, “O Nº 14 na Infantaria Portuguesa”, Tipografia Ocidental, Viseu, 1951
- CID, Balula, “Subsídios para a História Militar da Beira Alta – Unidades de 1ª Linha de Infantaria que tiveram Quartel na Cidade de Viseu”, Tipografia da L. C. G. Calçada dos Caetanos, 18, Lisboa, 1957
- CID, Balula, “Subsídios para a História Militar da Beira Alta – As Ordenanças da Beira”, in “Beira Alta – Arquivo Provincial”, Junta de Província, Volume XIV, Fascículo III, 3.º Trimestre, Viseu 1955
- CID, Balula, “Unidades de Infantaria – Sua Evolução desde 1640 até à actualidade”, Lisboa, 1956
- CENTENO, João, “O Exército Português na Guerra Peninsular – Vol.1 Do Rossilhão ao fim da Segunda Invasão Francesa”, Prefácio, Lisboa, 2008
- CORREIA, António Rodrigues, “Esboço Histórico da Banda Militar de Viseu”, Separata da Revista da Beira Alta, 1953
- COSTEIRA, Arnaldo, “Eu Capitão de Abril me confesso”, Lello Editores, Abril, 1999
- CRUZ, Júlio e COSTA, Jorge Braga, “Monumentalidade Visiense”, AVIS, Tipografia Beira Alta Lda., Viseu, 2007
- CRUZ, Júlio, “Toponímia Visiense”, Viseu, 2008
- CUNHA, Aristides Rafael, “Campanhas de África contra Alemães – NAULILA”, in “Livro de Ouro da Infantaria”, Tipografia Fernandes, Lisboa, 1922
- ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, “Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África (1961-1974) – Aspectos da Actividade Operacional”, Comissão para o Estudo das Campanhas de África, 6.º Volume, Tomo I, Angola – Livro 1, 1.ª Edição, Lisboa 1998
- ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, “Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África (1961-1974) – Mortos em Campanha”, Comissão para o Estudo das Campanhas em África, 8.º Volume, Tomo I, Angola – Livro 1, 1.ª Edição, Lisboa 2008
- GIL, Ferreira, “A Infantaria Portuguesa na Guerra da Península”, Primeira Parte, Tipografia da Cooperativa Militar, Lisboa 1912
- GIL, Ferreira, “A Infantaria Portuguesa na Guerra da Península”, Segunda Parte, Tipografia da Cooperativa Militar, Lisboa, 1913
- LAMAS, José, DUARTE, Carlos, “Plano de Reabilitação e Salvaguarda do Centro Histórico de Tavira”, Ldª, 1985



- MAGALHÃES, João, “*Memórias de Abril – O Regimento de Infantaria de Viseu na Revolução*”, Edição do Autor, Viseu, 1999
- MAGNO, David, “*Livro da Guerra de Portugal na Flandres*”, Volume I, Companhia Portuguesa Editora, Porto, 1921
- MARQUES, Fernando Pereira, “*Exército, mudança e modernização na primeira metade do século XIX*”, Edição Cosmos, Instituto da Defesa Nacional, Lisboa, 1999
- MARTINS, Ferreira, “*História do Exército Português*”, Editorial Inquérito, 1945
- NAPIER, W. F. P., “*History of the War in Peninsula and in the South of France, from the year 1807 to the year 1814*”, Vol IV, London, MDCCCLI
- SERRÃO, Joel, “*Dicionário de História de Portugal*”, Volume V, Livraria Figueirinhas, Porto, 1992
- SANTOS, Ernesto Moreira, “*Cobiça de Angola*”, Guimarães, 1959
- SORIANO, Simão José da Luz, “*História da Guerra Civil e do Estabelecimento do Governo Parlamentar em Portugal*”, Segunda Epocha, Guerra da Península, Tomo III – Parte I, Imprensa Nacional, Lisboa, 1874
- SORIANO, Simão José da Luz, “*História da Guerra Civil e do Estabelecimento do Governo Parlamentar em Portugal*”, Segunda Epocha, Guerra da Península, Tomo IV – Parte I, Imprensa Nacional, Lisboa, 1876
- SOUSA, Maria Leonor Machado, “*A Guerra Peninsular em Portugal, Relatos Britânicos*”, Caleidoscópio, Casal de Cambra, Outubro de 2007
- SOVERAL, Manuel Abranches, “*Sangue Real – As nossas ascendências à Casa Real Portuguesa*”, Porto, 1998
- TEIXEIRA, Nuno Severiano, “*Nova História Militar de Portugal*”, Coord. BARATA, Manuel Themudo, Vol III, Círculo de Leitores, 2004
- TEIXEIRA, Nuno Severiano, “*Nova História Militar de Portugal*”, Coord. BARATA, Manuel Themudo, Vol IV, Círculo de Leitores, 2004
- TEIXEIRA, Nuno Severiano, “*Nova História Militar de Portugal*”, Coord. BARATA, Manuel Themudo, Vol V, Círculo de Leitores, 2004
- “*Os Generais do Exército Português*”, II Volume, I Tomo – Biblioteca do Exército, Lisboa, 2005
- “*Os Generais do Exército Português*”, II Volume, II Tomo – Biblioteca do Exército, Lisboa, 2005

OUTRAS FONTES DE INFORMAÇÃO

- 1809, Ordem do Dia, de 11 de Maio
- 1809, Ordem do Dia, de 20 de Maio
- 1809, Ordem do Dia, de 29 de Setembro
- 1809, Ordem do Dia, de 13 de Dezembro
- 1810, Ordem do Dia, de 02 de Janeiro
- 1810, Ordem do Dia, de 18 de Março
- 1811, Ordem do Dia, de 31 de Maio
- 1813, Ordem do Dia, de 17 de Janeiro
- 1813, Ordem do Dia, de 11 de Agosto
- 1813, Ordem do Dia, de 9 de Setembro
- 1813, Ordem do Dia, de 28 de Novembro
- 1814, Ordem do Dia, de 26 de Março
- 1814, Ordem do Dia, de 20 de Abril
- 1820, Ordem do Dia, de 28 de Março
- 1820, Ordem do Dia, de 25 de Dezembro



1825, Ordem do Dia, de 21 de Junho

1825, Ordem do Dia, de 24 de Junho

1826, Ordem do Dia, de 27 de Setembro

1826, Ordem do Dia, de 28 de Setembro

1829, Ordem do Dia, de 22 de Agosto

1835, Ordem do Exército N°15, de 13 de Março

1836, Ordem do Exército N°54, de 15 de Dezembro

1837, Ordem do Exército N°19, de 9 de Abril

1837, Ordem do Exército, de 9 de Agosto

1840, Ordem do Exército N°55, de 31 de Outubro

1841, Ordem do Exército N°16, de 26 de Fevereiro

1844, Ordem do Exército N°20, de 3 de Maio

1877, Ordem do Exército N°11, de 16 de Abril

1892, Ordem do Exército N°30

1911, Ordem do Exército N°11, de 26 de Maio

1911, Ordem de Serviço N°297 do RI14, de 23 de Outubro

1911, Ordem de Serviço N°300 do RI14, de 26 de Outubro

1914, Ordem de Serviço N°40 do RI14, de 31 de Outubro

1914, Ordem de Serviço do RI14, de 31 de Dezembro

1919, Ordem do Exército N°25, de 22 de Novembro

1920, Ordem do Exército N°10, de 10 de Julho, 2.ª Série

1927, Ordem do Exército N° 9, de 26 de Novembro, 1.ª Série

1941, Ordem do Exército N°12, de 27 de Agosto

1941, Decreto-lei 31 272, de 17 de Maio

1961, Ordem de Serviço N°188 do RI14, de 10 de Agosto

1961, Ordem de Serviço N°199 do RI14, de 24 de Agosto

1961, Relatório Periódico de Comando n° 1/27 de Setembro a 11 de Novembro, do QG – 3ª RM (ANGOLA): Comando de Sector 2, NEGAGE

1961, Relatório Periódico de Comando n° 3/ 01 de Outubro a 15 de Outubro, do QG – 3ª RM (ANGOLA): Comando de Sector 1, SALAZAR

1961, Relatório Periódico de Comando n° 4/16 a 30 de Outubro, do QG: Comando de Sector 1

1962, Relatório Periódico de Comando n° 8/01 a 31 de Janeiro, do QG – 3ª RM (ANGOLA): Comando de Sector 1

1962, Relatório Periódico de Comando n° 11/01 a 30 de Abril, do QG – 3ª RM (ANGOLA): Comando de Sector 1

1962, Relatório Periódico de Comando n° 19/01 a 31 de Dezembro, do QG – 3ª RM (ANGOLA): Comando de Sector I

1965, Jornal VIRIATOS, Tipografia Guerra, Viseu, Novembro

1966, Jornal VIRIATOS, Tipografia Guerra, Viseu, Janeiro

1966, Jornal VIRIATOS, Tipografia Guerra, Viseu, Outubro

1969, Portaria n° 25 107, de 05 de Junho, “Normas de Heráldica do Exército e Regulamento de Simbologia do Exército”

1972, Jornal VIRIATOS, Tipografia Jornal da Beira, Março

1977, Decreto-Lei 181, de 4 de Maio

1979, Decreto n° 43/79, de 22 de Maio, “Novo Estandarte nacional para o Exército”



1980, Ordem do Exército N.º9, de 30 de Setembro

1987, Portaria n.º 213/87, de 24 de Março, “Regulamento de Heráldica do Exército”

1991, Ordem do Exército, 1.ª Série, de 31 de Março

2005, Relatório Final de Missão, 2.ºBI/BLI/SFOR

2006, Anuário, Regimento de Infantaria N.º14

2009, Despacho N.º26 do General CEME, de 11 de Fevereiro

2009, VIRIATOS, Revista do Regimento, Março

Folha de Matrícula do Capitão Artur Homem Ribeiro, AHM

Folha de Matrícula do Capitão Francisco António Almeida Moreira, AHM

Folha de Matrícula do Coronel Bartholomeu Sesinandro Ribeiro Arthur, AHM

Folha de Matrícula do Coronel José Maria Vale de Andrade, AHM

Folha de Matrícula do Major José Teles Loureiro Cardoso, AHM

Folha de Matrícula do Tenente Miguel António Ponces de Carvalho, AHM

AMARAL, Manuel, “Portal da História”, [<http://www.arqnet.pt/exercito/loison.html>]

CENTENO, João, “Medalhas Militares”, disponível em [<http://lagosmilitar.blogspot.com>]

NOGUEIRA, José Luís, “Coronel Luís de Albuquerque”, Apontamentos Coligidos

SOBRAL, José X., “Vexilologia, heráldica e história”, disponível em [<http://audaces.blogs.sapo.pt>]

VENTURA, António, “A Guerra de 1801 em Trás-os-Montes”, disponível em [<http://www.terrasquentes.com.pt>]

[<http://www.wargames.co.uk/RandomS/Pics/beresford.jpg>]

[<http://brases.home.sapo.pt/companhiasdecacadores.html>]

[http://ultramar.terraweb.biz/Efemerides_Angola_28JUL1961.htm]

[<http://www.ippar.pt>]

[<http://c.geneal.over-blog.com/article-25069941.html>]

[www.algarves.org/mmp/cruzguerra.htm]

[www.tioh.hqda.pentagon.mil]

[<http://british-cemetery-elvas.org/cemiterio.html>]



LISTA DE ABREVIATURAS

AHM	Arquivo Histórico Militar	FTX	Field Training Exercise
Alf	Alferes	Inf	Infantaria
Art	Artilharia	KFOR	Kosovo Force
Art.	Artigo	KTM	KFOR Tactical Reserve Manoeuvre Battalion
BAI	Brigada Aerotransportada Independente	Maj	Major
BC	Batalhão de Caçadores	MFA	Movimento das Forças Armadas
BCaç	Batalhão de Caçadores	MPLA	Movimento Popular de Libertação de Angola
BI	Batalhão de Infantaria	NATO	North Atlantic Treaty Organisation
BIG	Batalhão de Infantaria da Guarda	NSE	National Support Element
BLI	Brigada Ligeira de Intervenção	OE	Ordem do Exército
Brig	Brigada, Brigadeiro	OMLT	Operational Mentor and Liaison Team
BrigInt	Brigada de Intervenção	OS	Ordem de Serviço
BrigMec	Brigada Mecanizada	OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
BRR	Brigada de Reação Rápida	PC	Posto de Comando
Btr	Bateria	PelCaç	Pelotão de Caçadores
Cap	Capitão	QC	Quadro de Complemento
CArt	Companhia de Artilharia	QG	Quartel-General
CCaç	Companhia de Caçadores	QP	Quadro Permanente
CCS	Companhia de Comando e Serviços	RI	Regimento de Infantaria
Cmdt	Comandante	RIV	Regimento de Infantaria de Viseu
CMV	Câmara Municipal de Viseu	RMC	Região Militar Centro
COMKFOR	Comandante da KFOR	SFOR	Stabilisation Force in Bosnia and Herzegovina
Comp	Companhia	SHAPE	Supreme Headquarters Allied Powers Europe
COMSFOR	Comandante da SFOR	TCor	Tenente-Coronel
Cor	Coronel	Ten	Tenente
CRC	Crowd and Riot Control	TGen	Tenente-General
CTIG	Comando Territorial Independente da Guiné	TO	Teatro de Operações
DL	Decreto-Lei	TOA	Transfer of Authority
EUA	Estados Unidos da América	UE	União Europeia
FND	Força Nacional Destacada	VBR	Viatura Blindada de Rodas



Panhard M11 do 2ºBI, no Kosovo - Desenho do Major-General Amaral Vieira

PATROCINADORES



APOIOS



LOCALIZAÇÃO DAS PRINCIPAIS BATALHAS E DESTACAMENTOS DO R14 (1810-2009)



